

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

FLÁVIO ANTONIO DE SOUZA

**FUTEBOL, POLÍTICA E IDENTIDADE NACIONAL: UMA ANÁLISE DAS COPAS
DO MUNDO ENTRE 1950 e 1958**

**GUARULHOS
2019**

FLÁVIO ANTONIO DE SOUZA

**FUTEBOL, POLÍTICA E IDENTIDADE NACIONAL: UMA ANÁLISE DAS COPAS
DO MUNDO ENTRE 1950 e 1958**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo.
Área de concentração: História e Historiografia.
Linha de Pesquisa: Poder, Cultura e Saberes.

Orientação: Prof^a Dr^a Marcia Barbosa Mansor D'Alessio.

GUARULHOS
2019

SOUZA, Flávio Antonio de.

Futebol, política e identidade nacional: uma análise das Copas do Mundo entre 1950 e 1958 – Guarulhos, 2019. 175f.

Dissertação de Mestrado em História - Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Guarulhos, 2018.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Marcia Barbosa Mansor D'Aléssio.

Soccer, politics and national identity: an analysis of the World Cups between 1950 and 1958

1. Futebol. 2. Era Vargas. 3. Política. 4. Identidade Nacional. 5. Copa do Mundo. Futebol, política e identidade nacional: uma análise das Copas do Mundo entre 1950 e 1958

Flávio Antonio de Souza

**FUTEBOL, POLÍTICA E IDENTIDADE NACIONAL: UMA ANÁLISE DAS COPAS
DO MUNDO ENTRE 1950 e 1958**

Dissertação de mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em História da Escola de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo como requisito para obtenção do título de Mestre em História

Área de concentração: História e Historiografia.

Aprovação: 17/05/2019

Prof^a. Dr^a. Marcia Barbosa Mansor D'Alessio
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Profa. Dra. Ana Lúcia Lana Nemi
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Profa. Dra. Maria Helena Rolim Capelato
Universidade de São Paulo (USP)

Agradecimentos

Agradeço minha querida orientadora, professora Marcia D'Alessio, pelo grande apoio prestado durante a realização deste trabalho, sem sua erudição, disponibilidade e gentileza esta pesquisa não teria sido possível.

Agradeço às professoras Maria Helena Capelato, Ana Nemi e Samira Adel Osman que, ao aceitarem participar da banca, contribuíram de maneira inestimável para a melhoria do trabalho.

Aos professores da pós-graduação e da graduação por todas as inestimáveis contribuições que prestaram à minha formação como historiador, professor e cidadão.

A todos os colegas de pós-graduação que contribuíram, direta ou indiretamente, compartilhando momentos de alegria e de angústia durante o árduo percurso que trilhamos, especialmente aos amigos Cléber e Demetrio pelo apoio e pela parceria.

Aos meus colegas de trabalho da EMEF Irineu Marinho, especialmente à minha amiga Renata Guerra por sempre estar disposta a ouvir, aconselhar e dar boas risadas.

Aos meus queridos alunos da EMEF Irineu Marinho e do Colégio Saab, especialmente os do 2º e 3º anos do Ensino Médio que contribuíram ensinando enquanto aprendiam.

À minha mãe, Dona Dita, por ter superado muitos obstáculos para me educar, cumprindo as “tarefas” de mãe e pai desde os meus 10 anos. Muito obrigado, mãe! Te amo!

À minha irmã Márcia, meu cunhado Aduino e meu sobrinho Matheus, família muito especial que está sempre ao meu lado, nos melhores momentos e nos momentos não tão bons. Ao meu irmão Marcelo, obrigado por tudo.

Aos meus filhos Pedro Henrique, André e João, tão importantes em minha vida e principal motivação para meu esforço e dedicação. Ofereço este trabalho à vocês.

RESUMO

Este estudo analisa a relação entre o futebol e a política na sociedade brasileira. Após sua popularização nas primeiras décadas do século XX, o futebol no Brasil consolidava-se, na visão da imprensa esportiva, como um dos melhores do mundo. Diante disso, as disputas das Copas do Mundo de 1950, 1954 e 1958 inserem-se no contexto da Era Vargas, marcado, dentre outras coisas, por uma forte tensão entre o projeto nacionalista preconizado pelo grupo que governava e o projeto liberal, idealizado pelos grupos oposicionistas que, muitas vezes, utilizavam-se dos meios de comunicação de massa como instrumentos para protagonizarem a luta política. Dessa forma, o objetivo principal deste trabalho é identificar a ação dos veículos de comunicação vinculados aos partidos políticos na construção da ideia de “país do futebol”, bem como nas tensões e nos embates políticos, sociais, culturais e raciais que permeavam a sociedade brasileira no período.

Palavras-chave: Futebol; Política; Era Vargas; Identidade Nacional; Copas do Mundo.

ABSTRACT

This study analyzes the relationship between soccer and politics in Brazilian society. After its popularization in the first decades of the twentieth century, soccer in Brazil was consolidated, in the view of the sports press, as one of the best in the world. The disputes of the World Cups of 1950, 1954 and 1958 are part of the context of the "Era Vargas", characterized by, among other things, a strong tension between the nationalist project advocated by the ruling group and the liberal project, idealized by opposition groups that often used the mass media as instruments to carry out the political struggle. Therefore, the main objective of this work is to identify the action of communication vehicles linked to political parties in the construction of the idea of "soccer country", as well as in the tensions and political, social, cultural and racial conflicts that permeated Brazilian society at the time.

Keywords: Soccer; Politics; Era Vargas; National Identity; World Cups.

SUMÁRIO

Resumo.....	5
Abstract.....	6
Introdução.....	8
1. O futebol na política: concepção e gestação do país do futebol.....	17
1.1. Futebol no Brasil das origens à década de 1940.....	22
1.2. As tensões e os embates políticos nas décadas de 1940 e 1950.....	34
1.3. A imprensa entra em campo: quadro geral das tensões e embates entre os veículos de comunicação.....	39
2. A Copa do Mundo de 1950 fora dos gramados.....	46
2.1. As representações do estrangeiro na imprensa esportiva durante a Copa do Mundo de 1950.....	46
2.2. A Copa do Mundo de 1950 fora dos gramados: os preparativos.....	59
2.3. A Copa do Mundo de 1950: os jogos e a cobertura da imprensa.....	72
2.4. A derrota em 1950: produção e reprodução da memória sobre a “tragédia”.....	79
3. 1950 a 1954: dores e derrotas dentro e fora de campo.....	87
3.1. <i>Tribuna da Imprensa</i> X <i>A Última Hora</i> : o “jogo” da imprensa da eleição ao suicídio de Vargas.....	87
3.2. O futebol brasileiro entre 1950 e 1954.....	94
3.3. A Copa do Mundo de 1954.....	107
4. A Copa do Mundo de 1958 e o nascimento do “país do futebol”.....	127
4.1. De Vargas à Kubitschek: as tensões e os embates políticos entre 1954 e 1958.....	128
4.2. O futebol brasileiro entre 1955 e 1958.....	132
4.3. A Copa do Mundo de 1958: nasce o “país do futebol”.....	142
Considerações finais.....	173
Referência bibliográficas.....	175

INTRODUÇÃO

O futebol é o esporte mais popular do Brasil e sua influência pode ser percebida no cotidiano das pessoas há anos, especialmente em época de Copa do Mundo. As ruas são enfeitadas, as empresas e escolas viabilizam um jeito para que funcionários e alunos assistam às partidas, os meios de comunicação dão o máximo destaque ao assunto, enfim, como diriam muitos, o Brasil para. Podemos constatar que o futebol faz parte da vida do brasileiro de maneira intensa. É comum ouvirmos, desde o cidadão mais simples ao mais abastado, expressões carregadas de orgulho ao bater no peito e atestar que nesse esporte, o mais popular do mundo, somos os melhores.

Uma das formas pelas quais se manifesta esse sentimento de orgulho refere-se ao epíteto “país do futebol”.¹ Nos meios de comunicação de massa, quando são apresentados o futebol e a seleção brasileira, é frequente a utilização desse termo. Em nosso ponto de vista, ainda que possamos encontrar subsídios históricos que justifiquem a alcunha de “país do futebol” ao Brasil (única seleção a participar de todas as Copas do Mundo, única a ganhar cinco títulos, jogadores com reconhecimento internacional etc.), sua utilização é fruto de uma construção que pode ser, portanto, identificada no tempo e no espaço, na medida em que faz parte de um contexto maior, qual seja o de construir uma identidade nacional.

Esta construção identitária relativa ao futebol constitui objeto central do presente trabalho. Procuraremos analisar e compreender os significados que podem ir ao encontro de uma visão idealizada acerca deste esporte, bem como de uma autoafirmação identitária vinculada à seleção brasileira. Para que tal construção ocorresse, vários foram os agentes, os eventos e os períodos. Contudo, procuraremos nos deter em um recorte específico, tanto do ponto de vista temporal quanto no que concerne aos atores sociais analisados que, neste trabalho, são, respectivamente, a década de 1950 – especialmente as Copas do Mundo de 1950, 1954 e 1958 – e a imprensa esportiva brasileira.

¹ A expressão se tronou, ao longo do tempo, senso comum na imprensa esportiva brasileira e no próprio imaginário da sociedade. Na presente pesquisa, embasaremos as discussões acerca deste conceito a partir de algumas crônicas escritas pelo jornalista e dramaturgo Nelson Rodrigues, não obstante reconhecermos que a expressão “país do futebol” não é de autoria deste, sendo, inclusive, bem difícil identificarmos um autor.

No que se refere à nação, utilizamos como referencial Benedict Anderson, que a define como “uma comunidade política imaginada – e imaginada como implicitamente limitada e soberana”. (ANDERSON, p. 14, 1989) Entendemos, contudo, que “imaginada” é diferente de “imaginária”. Ou seja, a comunidade é imaginada porque é construída e não porque não exista. Ainda que possamos questionar o caráter ideológico do conceito de identidade nacional, este reverbera na sociedade, encontrando eco no discurso que se constrói acerca da pátria, de seus símbolos e de suas instituições e, em nosso ponto de vista, o esporte, sobretudo o futebol, pode ser entendido a partir desta perspectiva.

No que concerne ao conceito identidade, reconhecemos a complexidade e a polissemia que ele implica, bem como temos ciência das discussões teórico-metodológicas² concernentes ao tema e acreditamos que, de fato, as identidades são múltiplas, polissêmicas e fluidas, especialmente na contemporaneidade. Contudo, nosso intuito é não perder de vista que os conceitos possuem historicidade e, portanto, precisam ser compreendidos também a partir das fontes que os produziram e/ou abordaram. Tendo por base nosso corpus documental, trabalharemos com a noção de identidade nacional a partir da perspectiva dos sujeitos históricos que ora estudamos. Ou seja, não nos determos numa discussão teórico-metodológica sobre identidade, mas analisaremos o conceito a partir das nossas fontes e do contexto no qual estão inseridas, qual seja o nacionalismo no segundo governo Vargas. Além disso, nosso enfoque se concentra numa perspectiva sobre a identidade nacional a partir do futebol, especialmente no que tange à seleção brasileira e às representações que se constroem sobre ela na imprensa esportiva como símbolo do Brasil e dos brasileiros.

No tocante à imprensa, cabe ressaltarmos que esta ocupa importante papel na história do Brasil desde o período colonial, passando pelo Império e, principalmente, no período republicano. De acordo com Tânia de Lucca, “A nação

² Concebemos identidade nacional como o sentimento de pertencimento à uma “comunidade imaginada” em consonância com a definição apresentada por Benedict Anderson “A nação é imaginada como limitada, porque até mesmo a maior delas, que abarca talvez um bilhão de seres humanos, possui fronteiras finitas, ainda que elásticas, para além das quais encontram-se outras nações. Nenhuma nação se imagina coextensiva com a humanidade” (ANDERSON, 1989, p.15). Para a existência de um sentimento de pertencimento, é fundamental que haja a relação identidade X alteridade. Nenhuma nação pode identificar-se como tal sem que perceba na relação com outras nações o que a diferencia destas e, conseqüentemente, o que integra os indivíduos inseridos em dado limite territorial. Entendemos que a “comunidade imaginada” não “inventa nações onde elas não existem”, mas, ao contrário, “cria” e “imagina” nações na relação com outros povos.

brasileira nasce e cresce com a imprensa. Uma explica a outra. Amadurecem juntas (...) A imprensa é, a um só tempo, objeto e sujeito da história brasileira.” (LUCA; MARTINS, 2018, p.8)

São muitos os autores e autoras que tem se dedicado ao estudo da imprensa e de sua relação com a história do Brasil. Vários destes trabalhos constituem referencial basilar para a presente pesquisa.³ Entretanto, torna-se fundamental destacarmos que nosso trabalho não consiste em um estudo sobre a imprensa, muito embora recorramos a ela como fonte para analisarmos nosso objeto. Dessa forma, apresentaremos, um panorama sobre alguns estudos que tiveram como objeto a imprensa, com o intuito de nortear metodologicamente as reflexões que nos propomos a realizar nos capítulos seguintes.

Para analisarmos o papel que os meios de comunicação tiveram na construção do “país do futebol”, é fundamental, em nosso ponto de vista, identificarmos a inserção destes veículos na sociedade brasileira. Os jornais não são isentos de posicionamento, uma vez que, ainda que procurem difundir uma suposta imagem de neutralidade, estão inseridos em “lugares de fala”, possuem um “lugar social de produção do discurso” (CERTEAU, 1982). Ao historiador que se preocupa em estudar os meios de comunicação de massa – ou em utilizá-los como fontes de pesquisa –, cabe investigar tais lugares, procurando identificar “nas entrelinhas” (GINZBURG, 1979) quais são os interesses que podem estar por trás da construção discursiva. Assim, não há como escrever sobre a história da imprensa sem relacioná-la com a trajetória política, econômica, social e cultural do país. (LUCA; MARTINS, 2018, p.8) Ademais, se faz necessário considerarmos alguns aspectos teórico-metodológicos para a utilização da imprensa como fonte.

O primeiro deles refere-se ao que podemos entender por “grande imprensa”, tipo específico de fonte escolhida para nosso trabalho. Segundo Tânia de Luca,

A expressão grande imprensa (...) designa o conjunto de títulos que, num dado contexto, compõe a porção mais significativa dos periódicos em termos de circulação, perenidade, aparelhamento teórico, organizacional e financeiro.” (LUCA, 2018, p.149)

³ Sobre a imprensa ver: CAPELATO, Maria H. R. Multidões em Cena. Propaganda Política no Varguismo e no Peronismo. 2ª. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009; Os Arazos do Liberalismo. Imprensa Paulista. 1920-1945. São Paulo: Brasiliense, 1989; Imprensa e História do Brasil. São Paulo: Contexto (Coleção Repensando a História), 1988; LUCA, Tânia R. de. (org.); MARTINS, Ana L. (org.) História da Imprensa no Brasil. São Paulo: Editora Contexto, 2018; SODRÉ, Nelson W. História da Imprensa no Brasil. São Paulo: Mauad Editora, 1999.

O segundo aspecto a ser considerado refere-se à tensão entre quem representaria a referida imprensa. Seriam os proprietários de jornais? Os editores? Os redatores? Os repórteres? Os trabalhadores em geral? Ou seriam, ao mesmo tempo, todos eles? Como dar conta de analisar as matérias e o conteúdo do jornal indo além do que está escrito, perscrutando os interesses, a inserção social, os conflitos e as tensões? Para este problema de difícil solução, recorreremos a estudos que se preocuparam em construir um método de análise do discurso midiático.

A imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social. Partindo desse pressuposto, o historiador procura estudá-la como agente da história e captar o movimento vivo das idéias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais. A categoria abstrata *imprensa* se desmistifica quando se faz emergir a figura de seus produtores como sujeitos dotados de consciência determinada na prática social. (CAPELATO, 1988, p. 21)

No início do século XX, após a proclamação da República, a abolição da escravidão e os grandes fluxos migratórios, a sociedade brasileira passou por um processo de industrialização que, mesmo nos seus momentos iniciais, impactou a produção em diversas áreas, incluindo a imprensa. (LUCA, 2018, p.152)

Os periódicos incorporaram novos elementos em suas publicações, aumentando significativamente suas tiragens e os gêneros de matérias em suas páginas. Muitos destes jornais eram vinculados a partidos ou a grupos que, de alguma forma, inseriam-se nas tensões e nos embates políticos da sociedade brasileira.⁴

A posição dos representantes da imprensa era tão latente, do ponto de vista político, que os jornais ocuparam papel fundamental na Revolução de 1930, tanto no tocante ao apoio prestado aos grupos vinculados à Aliança Liberal quanto no que concerne ao posicionamento vinculado às oligarquias depostas com o processo revolucionário.

Entretanto, foi a partir do governo Vargas que a relação entre os órgãos de imprensa e o poder se tornou ainda mais perceptível, passando a impactar de

⁴ Em seus estudos sobre a imprensa, Tânia de Luca apresenta vários exemplos de vinculações entre os periódicos e os jornais; Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado, em “O Bravo Matutino: imprensa e ideologia no jornal “O Estado de S. Paulo”, demonstram as ações e as vinculações entre o jornal e os interesses liberais que este defendia; No clássico trabalho “História da Imprensa no Brasil”, Nelson Werneck Sodré também aponta inúmeras vinculações entre os órgãos de imprensa e os interesses político-partidários em variadas épocas da história brasileira.

maneira cada vez mais direta as tensões e os embates políticos. Os órgãos de imprensa foram protagonistas no processo que culminou com a chegada de Getúlio ao poder.

Posteriormente, alguns veículos de comunicação, especialmente os que faziam oposição ao governo Vargas, mas também aqueles que, em 1930, se posicionaram ao lado do processo revolucionário, passaram a sofrer rígido controle governamental. (LUCA, 2018)

Este controle acentuou-se com o advento do Estado Novo e a criação de órgãos incumbidos de fiscalizarem a atuação da imprensa, como, por exemplo, o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda).

Comprometia-se, portanto, a liberdade de expressão e dotavam-se os agentes do Estado de meios legais para punir os infratores. Tentava-se tanto cercear a divulgação daquilo que não fosse de interesse do poder quanto enfatizar as realizações do regime e sua adequação à realidade nacional, sem se descurar da promoção pessoal e política do chefe do governo.

Diante da nova ordenação jurídica, impressos periódicos foram obrigados a se registrar no DIP e as estimativas indicam que cerca de 30% não conseguiu obter a necessária autorização e deixou de circular (...)

Angela de Castro Gomes bem assinalou que “embora sob censura durante o Estado Novo, a imprensa, mesmo antes de 1937, nunca foi favorável ou mesmo simpática a Vargas, [...] Para dobrar a má vontade recorreu-se a ações bastante diversificadas e, além de lançar seus próprios diários e revistas, o governo também se valeu da força: expropriou o *Estado de S. Paulo* que, a partir de março de 1940, permaneceu sob intervenção do DIP, e no Rio de Janeiro encampou *A Noite* e a Rádio Nacional. Porém, não dispensou o expediente de facilitar verbas e empréstimos às empresas de comunicação que se mostravam sensíveis às necessidades do executivo e criou um ordenamento legal com vistas a controlar os impressos que permaneceram nas mãos de seus proprietários. (LUCA, 2018, p.172)

É importante destacarmos que as ações governamentais no intuito de promover uma imagem positiva do presidente não se restringiam à censura. Foram adotadas também inúmeras estratégias que objetivavam, através de investimentos governamentais, difundir noticiários e informações positivas acerca de Getúlio. (LUCA, 2018, p.170-171)

Não resta dúvida que, no esforço de construir uma imagem positiva de Getúlio Vargas e do regime, abusos de toda sorte conviveram com bem-urdidas tentativas de persuasão. Ainda que se possa questionar a capacidade do governo de silenciar completamente a imprensa, houve um esforço deliberado e, em larga medida bem-sucedido, de sufocar a oposição. O quadro alterou-se significativamente a partir de 1942, quando a batalha no interior do círculo governista foi ganha pelos defensores dos Aliados, o que implicou mudanças significativas, como exemplifica a saída

de Lourival Fontes do DIP. A contradição entre a luta a favor da democracia nos campos de batalha e as restrições à liberdade no âmbito interno não poderia persistir indefinidamente. E a imprensa tomou parte ativa no desgaste que acabou levando à deposição de Getúlio Vargas em 1945. (LUCA, 2018, p.173)

Podemos perceber, portanto, que a atuação dos órgãos de imprensa, bem como a inserção social de seus representantes é fundamental para a compreensão do contexto político da sociedade brasileira, em diversos períodos, sobretudo naquele que compreende a presente pesquisa.

Utilizaremos nesse trabalho, como fontes primárias principais, os jornais *Tribuna da Imprensa* e *Última Hora*, ambos do Rio de Janeiro. A escolha destas fontes refere-se ao fato de considerarmos que estes periódicos representam um aspecto importante da sociedade brasileira na década de 1950, pois se identificavam diretamente com as tensões políticas predominantes no período, uma vez que, enquanto *Tribuna da imprensa*, de propriedade de Carlos Lacerda, jornalista vinculado à UDN, perpetrou forte oposição ao presidente Vargas, *Última Hora*, dirigido por Samuel Wainer, era o principal órgão da imprensa escrita que atuava em prol do governo getulista. Se considerarmos que, mesmo após o suicídio de Getúlio, em 1954, as tensões e os embates políticos continuam a ocorrer e, de maneira geral, mantendo características similares ao período varguista, a escolha das fontes se justifica, pois nos permite identificar os discursos e a atuação dos periódicos na construção da identidade nacional e também nos embates político-partidários.

Outros periódicos serão utilizados como fonte complementar para o preenchimento de eventuais lacunas em decorrência do período de circulação, da temporalidade ou do recorte espacial.⁵ Diante disso, utilizamos também os seguintes periódicos: *A Gazeta* (posteriormente *A Gazeta Esportiva*) e *Folha da Manhã*, de São Paulo; *Jornal do Brasil* e *Jornal dos Sports*, do Rio de Janeiro.

A escolha do recorte espacial se deve ao fato de o Rio de Janeiro ser a capital da República e, conseqüentemente, importante centro difusor do discurso político, além de ser a segunda cidade mais populosa do país e importante centro cultural, artístico e econômico. Utilizamos também jornais paulistanos para podermos

⁵ *Tribuna da Imprensa* foi fundada no final de 1949 e *Última Hora* surgiu em 1951. Os demais periódicos que constituem o corpus documental complementar foram utilizados para a contextualização precedente à Copa de 1950 e, durante este mesmo evento para dar conta de apresentarmos a percepção da imprensa paulista no tocante à competição, uma vez que foram realizados jogos importantes na cidade bandeirante, como veremos adiante.

contemplar as representações midiáticas presentes na cidade mais populosa do país e principal centro econômico-financeiro na década de 1950, especialmente na Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil. Contudo, cabe ressaltarmos que a cidade de São Paulo não é nosso enfoque central.

Além das edições diárias dos jornais, utilizamos as narrações das partidas do Brasil durante as Copas do Mundo. Acreditamos que trata-se de uma fonte importante, pois dá conta de apresentar os elementos concernentes ao futebol no momento em que ocorreram, sem a interferência, pelo menos explícita, de linhas editoriais ou demais elementos presentes na imprensa escrita. Em 1950, foram seis jogos; em 1954, foram três jogos; e em 1958, foram seis jogos. A emissora de rádio escolhida foi a *Rádio Nacional*, que atuava no Rio de Janeiro, mas possuía abrangência em vários outros estados. Especificamente, na Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil, utilizamos também alguns trechos de narrações das partidas transmitidas pela *Rádio Panamericana*, de São Paulo, com o intuito de mensurar a repercussão que o evento teve na capital bandeirante.

Considerando sua importância e popularidade, escolhemos o rádio como fonte de pesquisa, procurando compreender como as pessoas trabalharam ou participaram do evento e de tudo o que ele envolvia, uma vez que as narrações demonstram como as Copas do Mundo foram vivenciadas no “calor da hora”, além do fato de ser o rádio o principal veículo de comunicação da época, que alcançava boa parte do território nacional, atingindo de forma mais igualitária, do ponto de vista do acesso, todas as classes sociais.

Criada em 1936, a *Rádio Nacional*, era inicialmente vinculada ao jornal *A Noite*, portanto, propriedade privada. (HAUSSEN, 2001) Já se colocando como uma das principais rádios do Rio de Janeiro, anos mais tarde a *Rádio Nacional* passaria a fazer parte de uma parceria entre a iniciativa privada e o governo federal (HAUSSEN, 2001, p.55), tornando-se porta-voz do governo.

Diante disso, estudar a *Rádio Nacional* nos permite compreender uma dimensão importante da relação entre os meios de comunicação e a construção do “país do futebol”, uma vez que, por ser o veículo mais popular, o rádio era companheiro cotidiano de boa parte da sociedade.

A escolha dessas fontes primárias (imprensa escrita e radiofônica) se justifica na medida em que nos possibilita compreender como eram transmitidos valores e

ideias pela imprensa e de que maneira tais valores eram apreendidos e assimilados pela sociedade.

O recorte temporal para análise dessas fontes será o período de 1950 à 1958, considerando especificamente os anos de ocorrência da Copa do Mundo (1950, 1954 e 1958) podendo, entretanto, ser analisadas também outras edições anteriores ou posteriores que julgarmos relevantes para a compreensão das hipóteses aqui elencadas.

Durante a análise das fontes e a realização da pesquisa, percebemos que, em alguns momentos, fica mais evidente a utilização política do futebol pelos meios de comunicação do que propriamente a tentativa de construção de uma identidade nacional. Destarte, procuraremos abordar esta temática sem, no entanto, nos afastarmos totalmente de nossa hipótese inicial, em decorrência, inclusive, da própria dinâmica e fluidez do texto. Os usos políticos e as questões concernentes ao preconceito racial e de classe evidenciados nas fontes poderão constituir objeto de atenção para eventuais pesquisas futuras.

Optamos por organizar o trabalho cronologicamente, o que implica a análise das Copas do Mundo na ordem em que ocorreram. Contudo, em alguns momentos, estabeleceremos as devidas relações entre os eventos e os conceitos aqui trabalhados nas suas respectivas historicidades.

No primeiro capítulo, intitulado “O futebol na política: concepção e gestação do “país do futebol”, realizaremos uma contextualização do futebol brasileiro desde suas origens até a década de 1940; em seguida nos propomos a apresentar, em linhas gerais, o contexto político da sociedade brasileira no período que precedeu a realização da Copa do Mundo de 1950; por fim, elaboramos um quadro das tensões e dos embates que envolveram os órgãos de imprensa aqui estudados, buscando situá-los ideologicamente em relação aos partidos políticos e aos interesses dos diversos grupos que compunham a sociedade brasileira na época.

No segundo capítulo, denominado “A Copa do Mundo de 1950 fora dos gramados” iniciamos com uma discussão concernente às representações construídas pela imprensa brasileira acerca dos estrangeiros durante a Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil; em seguida, analisaremos a Copa do Mundo de 1950 fora dos gramados, apresentando seus principais desdobramentos para a questão da identidade nacional; por fim, faremos uma reflexão sobre a memória em

relação à derrota brasileira em 1950, que invariavelmente é rememorada pela imprensa esportiva como uma tragédia.

No terceiro capítulo, “1950 a 1954: dores e derrotas dentro e fora de campo”, apresentaremos o contexto do segundo governo Vargas, suas tensões e interesses políticos que, como veremos, convergem de maneira concreta com os interesses dos periódicos e dos partidos; na sequência, apresentaremos, em linhas gerais, o futebol brasileiro no início da década de 1950, ou seja, logo após a derrota na Copa do Mundo, analisando sua popularização constante nos meios de comunicação e nos estádios de futebol; por fim, apresentaremos a participação brasileira na Copa do Mundo de 1954, competição pouco abordada em estudos concernentes ao futebol.

No quarto capítulo, intitulado “A Copa do Mundo de 1958 e o nascimento do país do futebol” apresentaremos o período que compreende o término do governo Vargas, com seu suicídio, em 1954, e os dois primeiros anos do governo JK, que coincide com a conquista da Copa de 1958 pela seleção brasileira, na Suécia; em seguida, apresentaremos a Copa do Mundo de 1958, considerando a preparação do selecionado, a participação no torneio e a conquista; por último, procuraremos realizar uma discussão atinente à repercussão da vitória brasileira na Copa do Mundo e a reverberação das notícias, dos editoriais e das crônicas produzidas pela imprensa brasileira para a construção da ideia de “país do futebol”.

1. O futebol na política: concepção e gestação do país do futebol

Manhã do dia 30 de junho de 1958. As capas dos principais jornais da capital da República estampavam, orgulhosamente, os detalhes da vitória brasileira na final da Copa do Mundo de futebol. Vitória esta que parecia transcender os aspectos esportivos, pois compreendia também, na visão dos correspondentes dos jornais, a máxima representação de um povo singular, detentor de características que sobrepunham-se como valorosas. A ginga, a magia futebolística, os gols incríveis, a extirpação dos “fantasmas” da derrota do Brasil em 1950 (na visão da imprensa, derrota de todos os brasileiros), tudo isso simbolizava o êxito de uma nação que se consolidava como detentora de elementos que a tornavam efetivamente uma das maiores do mundo.

“Com goleada e “baile”, brasileiros conquistaram a “Taça Jules Rimet” (*Tribuna da Imprensa*, 30/6/1958). Não bastava noticiar a vitória. Seria necessário também evidenciar que ela foi conseguida através de um “baile” que somente os brasileiros, com sua ginga e técnica ímpares, com sua capacidade de driblar os obstáculos cotidianos, seriam capazes de dar.

Mas, para a imprensa brasileira, não éramos apenas nós, brasileiros, que reconhecíamos isso. Boa parte da imprensa mundial também noticiava o êxito dos jogadores, em Estocolmo, a consagração do Brasil como o “país do futebol”.

Ora, a equipe que levantou a Taça Jules Rimet em 58 não é um conjunto qualquer. É um quadro que, segundo o testemunho dos críticos europeus, alcançou o nível mais alto do futebol, em qualquer tempo. Vejam bem: — não somos nós, jornalistas brasileiros, que escrevemos isso. Não. Os jornalistas brasileiros não queriam admitir que o Brasil tivesse o maior futebol do mundo. Vivíamos a admirar os húngaros, os ingleses, os tchecos, os russos. E só não admirávamos os gênios locais, que, todos os domingos, esfregavam a sua classe na nossa cara. Foi preciso que jornais alemães, franceses, húngaros, tchecos, ingleses berrassem para nós: — “Vocês são os maiores.” Então, a nossa imprensa começa a admitir, embora o medo, embora relutante, que não somos tão pernas de pau.
(Jornal dos Sports, 6/7/1958)

Nelson Rodrigues foi o autor desse artigo. Um dos principais difusores da ideia do “país do futebol” argumentou nesta e em diversas outras crônicas que, nós, brasileiros, abandonávamos de uma vez por todas o “complexo de vira-latas” com a conquista em 1958. Segundo ele, não enxergávamos o óbvio, não conseguíamos assumir nossa supremacia. Foi necessário que a imprensa esportiva estrangeira nos

“berrasse” que éramos os melhores para, enfim, assumirmos tal realidade. Nascia o “país do futebol”.

Contudo, não teria sido apenas nos gramados que o Brasil subvertera a ordem futebolística vigente. Também no relato da entrega do troféu fica latente a maneira como os jogadores brasileiros quebravam protocolos, rompiam formalidades, agiam com a “brasilidade” que deles se esperava.

Com o numeroso povo sueco de pé e aplaudindo delirantemente os brasileiros (...) Foi então que Belini recebeu a Copa do Mundo (...) Antes da entrega o presidente da FIFA elevou a “Jules Rimet” acima da cabeça, mostrando-a ao público, ao mesmo tempo que chamava Belini. Foi uma tremenda ovação.

Logo depois o Rei da Suécia foi ao gramado para cumprimentar o capitão Belini, fazendo o mesmo com todos os jogadores e integrantes da delegação do Brasil.

Houve um momento em que **o Rei cumprimentava Zito e esquecendo das normas protocolares, entusiasmado com os brasileiros, abraçou-o efusivamente e deu palmadinhas nas costas [grifo nosso].**

Os jogadores deram a volta olímpica (...) para a torcida sueca que os aplaudia longamente, de pé e com lenços que acenavam numa homenagem.

(Tribuna da Imprensa, 30/6/1958)

A efusiva e nada protocolar entrega da taça aos campeões, demonstraria, na visão do jornal, outra característica peculiar dos brasileiros, que transformavam as habituais e protocolares cerimônias de entrega de título em comemoração entusiasmante e “abrasileirada”, afinal de contas, o próprio rei da Suécia não se continha e, entusiasmado com os brasileiros, quebrava os protocolos.

Portanto, o momento de consagração do Brasil como “país do futebol” poderia ser observado nas atuações dos jogadores em campo, mas também nas consequências dessa conquista para a relação entre o futebol e as pessoas. O esporte, que já era na ocasião o mais popular do mundo, passava também a ser vivenciado de maneira apaixonada, emotiva, única. O relato da imprensa brasileira nos permite entrever que estava ocorrendo uma importante alteração na forma como o futebol passava a ser jogado, assistido, acompanhado e, especialmente, na maneira que ele passava a impactar a sociedade brasileira.

Entretanto, esse processo de nascimento do “país do futebol” não surge do nada. É, em nosso ponto de vista, construído e sua construção é anterior à conquista da Copa do Mundo. Ele é gestado em décadas anteriores e tem sua consolidação, seu auge na década de 1950. O epíteto orgulhoso atribuído aos jogadores do selecionado brasileiro perdurou na imprensa esportiva e no senso

comum durante o século XX e ainda permanece presente no imaginário da sociedade contemporânea.

Procuraremos, portanto, entender esse processo, reconstituir sua formação, os percalços presentes na formulação dessa ideia, os usos e (por que não dizer?) abusos dessa construção, bem como suas reverberações para a identidade nacional.⁶

A utilização do futebol, especialmente da Copa do Mundo, como sintetizador das características identitárias do brasileiro tem sido objeto de estudo em trabalhos historiográficos nos últimos anos⁷. Franzini⁸ procurou argumentar que a construção da identidade nacional brasileira, sob a perspectiva futebolística, remontaria ao período compreendido entre 1919 (conquista do campeonato sul-americano, primeiro grande triunfo do selecionado brasileiro) e 1950 (ano da realização da Copa do Mundo no Brasil). As interessantes análises apresentadas por Franzini constituem importante referencial para a nossa pesquisa. Entretanto, diferentemente do autor, acreditamos que, não obstante a inegável popularização do futebol brasileiro, no período que corresponde ao recorte temporal da referida pesquisa, somente na década de 1950 que encontramos subsídios capazes de possibilitar investigarmos de que maneira e através de quais meios o futebol brasileiro se “nacionaliza”. Argumentaremos que as tentativas de institucionalização de identidade nacional, através do futebol, que aparecem nas décadas de 1930 e 1940

⁶ Concebemos identidade nacional como sentimento de pertencimento à uma “comunidade imaginada” em consonância com a definição apresentada por Benedict Anderson “A nação é imaginada como limitada, porque até mesmo a maior delas, que abarca talvez um bilhão de seres humanos, possui fronteiras finitas, ainda que elásticas, para além das quais encontram-se outras nações. Nenhuma nação se imagina coextensiva com a humanidade” (ANDERSON, 1989, p.15). Para a existência de um sentimento de pertencimento, é fundamental que haja a relação identidade X alteridade. Nenhuma nação pode identificar-se como tal sem que perceba na relação com outras nações o que a diferencia destas e, conseqüentemente, o que integra os indivíduos inseridos em dado limite territorial. Entendemos que a “comunidade imaginada” não “inventa nações onde elas não existem”, mas, ao contrário, “cria” e “imagina” nações na relação com outros povos.

⁷ Dentre os principais trabalhos concernentes à relação entre o futebol e a sociedade brasileira, podemos citar: ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. “Com brasileiro não há quem possa!” Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues. Editora Unesp: São Paulo, 2004; CAMPOS, Flávio de. (org.) Futebol – Objeto das Ciências Humanas. São Paulo: Casa da Palavra, 2014; COSTA, Márcia Regina da. (et al) Futebol: o espetáculo do século. São Paulo: Musa Editora, 1999; FLORENZANO, José Paulo. Afonsinho & Edmundo – a rebeldia no futebol brasileiro. São Paulo: Musa, 1998; FRANCO JR, Hilário. A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007; FRANZINI, Fabio. Corações na ponta da chuteira. São Paulo: Dp&a, 2003; GUTERMAN, Marcos. O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Ed. Contexto, 2014.

⁸ FRANZINI, Fabio. As raízes do país do futebol: Estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950). Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História da FFLCH USP. São Paulo, 2000.

acabam se frustrando, especialmente após as derrotas (1930, 1934, 1938, 1950 e 1954), e que, com o êxito em 1958, o epíteto “país do futebol” passa a adquirir ressonância nos meios de comunicação e, conseqüentemente na sociedade brasileira.

Negreiros⁹ também procurou realizar uma discussão concernente à relação entre o futebol brasileiro e a identidade nacional, especialmente nas décadas de 1930 e 1940, tendo como enfoques principais a participação brasileira na Copa do Mundo de 1938 e a construção do estádio Paulo Machado de Carvalho, o Pacaembu, em São Paulo. Entretanto, divergimos do autor especialmente no que tange a desconsiderar em sua análise a Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil, que, por sua vez, contou com a construção do estádio Maracanã e com a latente tentativa de consolidação do futebol brasileiro como o melhor. Acreditamos que, após ver frustrada essa tentativa de consolidação, com a derrota na última partida da competição para a seleção uruguaia, o discurso midiático continuava buscando a concretização do Brasil como “país do futebol”, algo que só seria possível com a conquista de uma Copa do Mundo, o que ocorre em 1958. Consideramos, portanto, esse período entre 1950 e 1958 como central para compreendermos a tentativa de construção da identidade nacional enquanto uso político, através do futebol.¹⁰

O quadro acima descrito está intrinsecamente relacionado ao contexto político brasileiro na década de 1950 e, de maneira conjuntural, ao período denominado como Era Vargas. Acreditamos que o futebol, assim como quaisquer outros elementos integrantes da cultura popular, não pode ser compreendido fora da dinâmica social e, conseqüentemente, mesmo que não seja de maneira direta, entendemos que as relações entre o futebol e a sociedade são permeadas pela esfera política que, por sua vez, se desenvolve em constante interação com as esferas econômica, social e cultural.

⁹ NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. A Nação entra em campo: o futebol nos anos 30 e 40. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História da PUC. São Paulo, 1998.

¹⁰ ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. “Com brasileiro não há quem possa!” Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues. Editora Unesp: São Paulo, 2004. Nesse aspecto, a socióloga Fatima Antunes apresenta argumentação parecida com a nossa. Em sua tese de doutorado, Antunes analisa o papel dos cronistas na construção do “país do futebol” na década de 1950. Sua pesquisa se concentra na análise das crônicas de Nelson Rodrigues, José Lins do Rego e Mario Filho, autores que também serão importantes em nossa análise.

É importante ressaltarmos que não concebemos identidade como algo fixo e imutável. Pelo contrário, entendemos sua complexidade conceitual, sua fluidez e polissemia¹¹. Contudo, no contexto relativo ao nosso recorte temporal, o termo adquire significados e reverberações diferentes das nossas, uma vez que inserem-se numa dinâmica social específica. Acreditamos que os conceitos e categorias de análise possuem historicidade e precisam ser considerados em consonância com o período no qual foram produzidos. Destarte, embora reconheçamos a dificuldade e a imprecisão ao se falar em identidade (no singular), utilizaremos o conceito dessa maneira para fazermos referência ao que era utilizado na década de 1950, especialmente no que tange ao termo “país do futebol” que, ainda que na prática não homogeneizasse, buscava essa homogeneização. Assim, a ideia de identidade com a qual trabalhamos é aquela construída historicamente, naquele momento. Preferimos esse procedimento metodológico àquele que discute identidade em abstrato.

Diante disso, nesse primeiro capítulo nos deteremos em discutir de que maneira se constrói a perspectiva futebolística do nacional, entendendo-a como inerente à dinâmica política da sociedade. Ou seja, buscaremos compreender, através da análise das fontes e da discussão com outras pesquisas sobre a mesma temática, como o futebol se insere no contexto político brasileiro da época.

Para tanto, organizamos o capítulo da seguinte maneira: iniciaremos com uma contextualização do futebol brasileiro, desde suas origens até a década de 1950; em seguida, abordaremos o contexto político da sociedade brasileira nas décadas anteriores à 1950, com o intuito de, a partir da análise estrutural, compreendermos os aspectos conjunturais que estiveram presentes na realização das três Copas do Mundo analisadas; trataremos, na sequência, da apresentação dos veículos de comunicação utilizados em nosso trabalho, procurando identificar os agentes históricos que neles atuavam em seus respectivos grupos políticos.

Não podemos também deixar de considerar que os órgãos de imprensa estão inseridos na sociedade como quaisquer outras instituições e, portanto, possuem interesses e podem atuar de maneira a buscar que tais interesses sejam atingidos,

¹¹ Vários autores realizam a discussão concernente à polissemia que o conceito de identidade possui. Dentre tais obras destacamos: AZEVEDO, Cecília. Identidades compartilhadas: a identidade nacional em questão. In: Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia. Martha Abreu e Rachel Soihet (organização). Rio de Janeiro: FAPERJ e Casa da Palavra, 2003, p. 38-54; HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade.

através da veiculação das notícias. Acreditamos, portanto, ser fundamental identificarmos o “lugar social de produção do discurso” (CERTEAU, 1982) dos jornais ora escolhidos, pois estes lugares indicam, em nosso ponto de vista, os motivos de um fato ser noticiado de uma forma e não de outra, ou seja, a escolha das linhas editoriais precisam ser buscadas “nas entrelinhas”, no “não dito” para que possamos compreender os meandros do discurso ideológico dos jornais.

1.1. Futebol no Brasil das origens à década de 1940

O futebol chega ao Brasil no final do século XIX, trazido por ingleses que o praticavam nas fábricas. Sua institucionalização, entretanto, se dá através da elite da época, especialmente com o filho de industrial, Charles Miller¹², que organiza as primeiras competições oficiais no Brasil.

O futebol fora introduzido no Brasil e em boa parte da América do Sul no final do século XIX por homens de negócios e marinheiros britânicos. O jogo tornou-se popular, com clubes privados e fábricas patrocinando times brancos das classes altas. Por volta da década de 1920 uma democratização se iniciara, com afro-brasileiros começando a aparecer nos times. (SKIDMORE, 2000 p.167)

Rejeitado inicialmente por parte da intelectualidade¹³ da época por ser visto como estrangeirismo e, concomitantemente, não disponível, ao menos em âmbito oficial, às camadas populares, o futebol brasileiro nos anos iniciais era preponderantemente branco e elitista. Contudo, sua prática passa por um processo de popularização constante. Já nas décadas de 1910 e 1920, a prática futebolística

¹² “Charles William Miller é o 'pai do futebol brasileiro'. Filho de um inglês e de uma brasileira, nasceu perto da estação de trem do Brás, na época um bairro nobre de São Paulo. Aos 9 anos, foi estudar na Europa. Desembarcou em Southampton, no extremo sul das ilhas britânicas, e aprendeu a jogar futebol na Bannister Court School. Tinha um estilo de jogo alegre e malandro, características que marcariam o futebol brasileiro para sempre. Depois de 10 anos na Inglaterra, Charles Miller retornou ao Brasil, em 1894, trazendo na bagagem duas bolas da marca Shoot, fabricadas em Liverpool e que ele ganhou de presente de um companheiro no time de Southampton, que mais tarde se tornaria presidente da Liga Inglesa, a primeira associação de futebol do planeta. Também vieram com Miller uma bomba de ar, dois uniformes e um grosso livro de regras (...) Entre 1902 e 1904, jogando pela equipe do SPAC, Miller se tornou tricampeão paulista. Foi artilheiro do campeonato por duas vezes. Jogou no clube até 1910, quando encerrou a carreira. Depois disso, acredite, o pai do futebol brasileiro atuaria como árbitro.” (Disponível em: < <https://www.livrariacultura.com.br/p/livros/esportes-e-lazer/educacao-fisica/charles-miller-o-pai-do-futebol-brasileiro-1142796> > Acesso em: 10/2/2018)

¹³ Conforme nos aponta Franzini: “O mais famoso e obstinado de tais críticos talvez seja o escritor Lima Barreto, que via nos instintos de competitividade e agressividade despertados pelo “bolapé” um fator de desintegração social e degeneração cultural.” (FRANZINI, 2000, p. 12)

era comum entre as classes trabalhadoras da sociedade em competições não oficiais realizadas nos campos de várzea.¹⁴

A partir da década de 1920 e, especialmente de 1930, o futebol passa por dois processos simultâneos muito importantes: sua popularização e sua profissionalização. Conforme nos apontam diversos autores¹⁵, a década de 1930 foi crucial para que o futebol atingisse no Brasil o patamar de esporte popular e, até mesmo, a importância política que passou a ser dada à sua prática pelo governo de então, que percebeu seu potencial como agregador de massas e propagador da identidade nacional.

As Copas do Mundo de 1930, 1934 e 1938 demonstram bem a maneira como essa perspectiva popular e nacional se constrói. Em 1930 e 1934, por exemplo, o selecionado brasileiro de futebol apresentou importantes problemas, ao menos como um grupo considerado representante dos interesses nacionais.

Na primeira Copa do Mundo, em 1930, havia o conflito de interesses regionais, especialmente entre São Paulo e Rio de Janeiro, no tocante ao número de jogadores cedidos para o selecionado, mas também em relação à própria delegação que viajou ao Uruguai para representar o Brasil. Era interesse dos paulistas que houvesse membros da Comissão Técnica que fossem oriundos de seu estado, o que não ocorreu e acabou por gerar um boicote dos paulistas ao evento esportivo. Mesmo tendo 15 dos 26 jogadores convocados, a APEA (Associação Paulista de Esportes Atléticos) acabou não liberando esses jogadores para a disputa da competição em represália à atitude da CBD (Confederação Brasileira de Desportos) de não nomear paulistas para comporem a Comissão Técnica.

A diretoria da Associação Paulista de Esportes Athleticos, em reunião de hontem, a qual compareceram os presidentes dos clubes a que pertencem os jogadores requisitados para o Campeonato Mundial de Futebol, resolveu: "Officiar á Confederação Brasileira de Desportos, fazendo sentir as dificuldades em que se encontra esta Associação, para atender, com tanta rapidez, o officio sob n.º 883, no qual são externados os desejos dessa entidade de concentrar desde já os amadores que irão a Montevidéo [...] fazer sentir ainda ao sr. presidente da mesma Confederação que, não tendo até agora esta Associação um seu representante na Comissão Técnica, é desejo desta, seja convidado um representante official da APEA, afim de

¹⁴ ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. Futebol de fábrica em São Paulo. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Sociologia da FFLCH USP. São Paulo, 1992; FILHO, Mário. O Negro no futebol brasileiro. Mauad X: Rio de Janeiro, 2003; GUTERMAN, Marcos. O futebol explica o Brasil. São Paulo: Contexto, 2014.

¹⁵ Idem.

acompanhar os referidos jogadores e indicar as suas possibilidades técnicas”

(A Gazeta, 13/6/1930)

É possível observarmos que as dificuldades levantadas pela APEA para a cessão de seus jogadores à CBD estão intrinsecamente relacionadas à ausência de um membro paulista na comissão técnica da seleção, o que evidencia, em nosso ponto de vista, uma clara disputa de poder.

Durante a participação do Brasil na competição, as tensões entre paulistas e cariocas se manifestaram na atitude da torcida paulistana que, durante a partida de estreia, contra a Iugoslávia, no dia 14 de julho, se concentrou em frente ao prédio do jornal *A Gazeta* para torcer contra o Brasil, comemorando efusiva e animadamente a derrota brasileira por 2 a 1.

A multidão, que ontem, à tarde, acompanhou defronte dos nossos escriptorios, a partida internacional em que se empenharam cariocas e yugoslavos [sic]. A multidão que ahi se vê promoveu, na ocasião, o enterro da C. B. D....O caixão, como de costume, foi lançado do Viaduto do Chá” (A Gazeta, 14/7/1930)



(Multidão reunida em frente ao prédio do jornal para torcer contra o Brasil – A Gazeta, 15/7/1930)

Além da torcida paulistana contra o Brasil, outros dois elementos sobressaem do excerto acima: o primeiro se refere ao fato de o jornal definir o confronto futebolístico como sendo entre “cariocas e yugoslavos [sic]”, ou seja, não há a

identificação do selecionado como representante do Brasil, mas sim como representante da CBD, organização carioca que era identificada como oponente da APEA; o segundo elemento se refere ao “enterro” simbólico da CBD feito no “Viaduto do Chá”, indicativo de que a rivalidade não poupava exageros e ânimos inflamados. Na mesma edição, o jornal *A Gazeta* analisa a derrota brasileira da seguinte forma:

O desastre da Confederação Brasileira de Desportos, que se reflete infelizmente no nome do esporte brasileiro, vem a constituir o inevitável corollario [sic] da sórdida politicagem imperante na entidade mater nacional que, lamentavelmente, pensa que foi constituída apenas para defender os interesses da Amea, bem como dos desportistas residentes na capital do Paiz (A Gazeta, 15/7/1930)

A participação brasileira na Copa do Mundo de 1930 acabaria com mais uma partida, realizada no dia 20 de junho contra a Bolívia. Apesar da vitória por 4 a 0, o Brasil acabou sendo eliminado e *A Gazeta* noticiou da seguinte forma:

Hontem, os cariocas que representam o futebol pátrio no campeonato mundial, conseguiram uma bonita victoria [...]
Pena que nossos interessantes amigos da capital do paiz tivessem acordado tarde. Apenas conseguiram salvar-se da rabeira de sua série. Só isso (...) Agora, só resta aos nossos patrícios da seleção cebedense fazer algum brilhareco no Torneio de Consolação, ou, melhor, retornarem à pátria, debaixo do peso do duro fiasco.
(A Gazeta, 21/7/1930)

Podemos inferir do excerto que a seleção não era vista como brasileira, mas como “seleção cebedense” e que a “bonita vitória” foi atenuada, uma vez que não significou a classificação para a próxima fase, mas sim o “peso do duro fiasco”; além disso, a carga irônica e sarcástica do jornal permite-nos entrever que, se a eliminação brasileira não foi comemorada, também não foi sentida pelos paulistanos.

Esse quadro de tensões entre o poder regional, especialmente de São Paulo, e o poder nacional faz parte do contexto político brasileiro do período. O final da década de 1920 foi marcado pelo embate entre as oligarquias (especialmente a cafeeira, em São Paulo) e a Aliança Liberal, representante dos interesses da burguesia industrial, dos militares e de setores das classes médias urbanas, cujo “projeto político visava, acima de tudo, neutralizar poderes locais que impediam uma orientação unificada na condução do país” (D’ALESSIO, 2002, p. 161)

Conforme demonstrou D'Alessio, havia uma clara tensão entre os interesses do projeto político varguista (vencedor do embate de 1930) e do projeto político dos paulistas que pleiteavam o controle e a liderança e, até mesmo o separatismo, o que conflitava com as tentativas de unidade e de construção e consolidação de um poder centralizado que possibilitasse implementar o projeto nacional.

O embate entre os paulistas e os cariocas durante a Copa do Mundo de 1930 pode ser identificado, em nosso ponto de vista, como mais um elemento constituinte das tensões existentes, uma vez que o futebol constitui-se como forma de expressão tanto quanto qualquer outra manifestação cultural.

Além disso, ainda num contexto de predomínio das teorias eugênicas, a equipe brasileira era composta praticamente por jogadores brancos. Embora se iniciasse um processo de maior inserção do negro na prática futebolística oficial, era comum que muitos deles procurassem “se passar por brancos” para serem aceitos nos clubes e, conseqüentemente, no selecionado brasileiro.¹⁶

Na Copa do Mundo seguinte, em 1934, também é possível percebermos a ausência da integração pressuposta para a organização de uma equipe visando a prática de um esporte coletivo, especialmente no que concerne às contradições existentes na época entre o modelo profissional e o modelo amador, protagonistas nas tensões políticas que envolviam a prática futebolística de então.

No ano de 1933, foi criada, a partir de um acordo entre cariocas e paulistas, a Federação Brasileira de Futebol (FBF). Esta entidade reunia atletas profissionais, diferentemente da CBD, que ainda congregava atletas amadores. A participação brasileira na Copa do Mundo, prerrogativa da CBD, ocorreria, portanto, mediante amadorismo, ou seja, os jogadores (mesmo os que já haviam se profissionalizado) não receberiam nenhuma remuneração para a disputa da competição. Diante disso, houve um boicote dos atletas profissionais que se recusaram a servir a seleção brasileira.

De novo, a seleção brasileira formou-se com as restrições de seu tempo: a CBD decidira levar somente jogadores amadores. Àquela altura, porém,

¹⁶ O único jogador negro que fez parte do elenco brasileiro foi o atacante Fausto, que atuava pelo Club de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro. Os casos mais emblemáticos e até certo ponto folclóricos nesse aspecto evidenciam-se com os jogadores Carlos Alberto, do Fluminense, e Arthur Friedenreich, do Paulistano. O primeiro utilizava “pó-de-arroz” antes das partidas para tentar disfarçar a cor de sua pele e, assim, ser bem aceito pelo aristocrático Fluminense; Friedenreich, filho de alemão com negra, “disfarçava” o cabelo, utilizando tratamentos para alisamento ou até mesmo gorros. (FILHO, 2010, P.60-61)

uma outra entidade já reunia os atletas profissionais e não parava de crescer. Era a Federação Brasileira de Futebol (FBF), surgida em 1933 a partir de um acordo entre paulistas e cariocas, em franco desafio ao amadorismo defendido pela CBD. O boicote dos atletas profissionais, de sua federação e dos seus clubes em relação à seleção – o Palestra Itália chegou a esconder jogadores em uma fazenda para que a CBD não os encontrasse – funcionou. (GUTERMAN, 2014, p. 66)

Ao ver a competição se aproximando e a resistência dos jogadores profissionais crescendo, a CBD, através de seu presidente Luiz Aranha, ainda tentou resolver o atrito e demover a FBF da ideia de não ceder os jogadores profissionais para a seleção brasileira.

Exmo. Sr. Presidente da FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FOOTBALL.
 Attendendo á solicitação da LIGA CARIOCA DE FOOTBALL (...) ao propósito que estou de fazer participar do Campeonato de Roma um seleccionado que seja, o quanto possível, a mais alta expressão do football brasileiro, dirijo-me a V. Ex. apelando para que essa digna Federação concorra efficientemente no sentido de remover quaesquer [sic] dificuldades, habilitando aquella sua filiada com a necessária licença para ceder os jogadores já solicitados.
 Assim agindo, V. Ex. e a FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FOOTBALL terão contribuído patrioticamente para que o nome BRASIL – que temos o dever de collocar acima de quaesquer dissensões ou vaidades de ordem pessoal – seja mais uma vez engrandecido e glorificado no estrangeiro.
 (Jornal dos Sports, 6/4/1934)

Apesar do “esforço” tardio da CBD, o boicote dos jogadores profissionais acabou acontecendo e a seleção não pode levar o que possuía de melhor tecnicamente para a disputa da Copa do Mundo de 1934, na Itália.

Não obstante esse empecilho técnico, Getúlio Vargas já havia percebido a força que o esporte possuía como elemento agregador da sociedade e como difusor do projeto nacionalista. Foi nesse período que a CBD passou a contar com um membro do governo federal na delegação que partiu para a disputa da Copa do Mundo. Tratava-se de Lourival Fontes, então chefe do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), órgão fundado em 1933 e que, em 1939, passaria a se chamar Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Lourival permaneceu na chefia deste departamento até 1942.

Em meio à tensão ente amadorismo e profissionalismo às vésperas da Copa do Mundo de 1934:

O Dr. Lourival Fontes fala com grande vivacidade.
 – É preciso não esquecer que é o Brasil que se fará representar em Roma. Os clubs [sic], as entidades sportivas [sic] e os próprios “players”

desaparecem [sic] para sobrelevar apenas um nome: – Brasil, em torno do qual, a fremir de patriotismo, devemos vibrar uníssonos.
(Jornal dos Sports, 8/5/1934)

A seleção brasileira de futebol, nas palavras do chefe da delegação, transcenderia os aspectos esportivos, uma vez que, como representante da pátria, poderia sobrelevar o nome do Brasil alhures e, portanto, caberia aos brasileiros vibrar patrioticamente pelo selecionado. Vargas também deixara clara a ideia de tentar, através do esporte, construir uma nação forte e “saudável”:

(..) a paixão desportiva tem poder miraculoso para conciliar até o ânimo dos integralistas com o dos comunistas, ou pelo menos para amortecer transitoriamente suas incompatibilidades ideológicas [...] é preciso coordenar e disciplinar essas forças, que se avigoram a unidade da consciência nacional. (apud GUTERMAN, 2009, p.72.)

Podemos perceber, a partir das falas de Fontes e Vargas, a importância que se atribuía ao futebol como elemento difusor do patriotismo e, conseqüentemente, como uma eventual vitória brasileira poderia simbolizar o êxito do projeto de nação que se constituía e consolidava.

Em 1933, o governo federal havia criado uma legislação esportiva que buscava, entre outras coisas, efetivar o processo de profissionalização do esporte no país.

Getúlio, de fato, empreendeu esforços consideráveis para estatizar o controle do futebol no Brasil, e isso acelerou o processo de sua profissionalização [...] está claro que articular a recompensa financeira aos “trabalhadores da bola” era uma forma de atrair o apoio dos atletas e das classes pobres para as fileiras do governo. Isso tinha uma dupla função: ampliar a base social do regime, isolando as oligarquias, e fazer crer que havia uma espécie de “democracia racial” no Brasil. (GUTERMAN, 2009, p. 72.)

Entretanto, não obstante todos os esforços supracitados, a campanha da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1934 não atingiu o objetivo traçado. O Brasil disputou apenas uma partida, no dia 27 de maio, sendo eliminado da competição após a derrota por 3 a 1 para a Espanha.

Novamente, o intuito de ver o futebol como elemento sintetizador da identidade nacional brasileira e, sobretudo, a ideia de consolidação do Brasil como “país do futebol” havia se frustrado. Porém, a próxima Copa do Mundo, a realizar-se no ano de 1938, na França, poderia representar uma nova chance para a consecução do referido projeto. Foi ali, em pleno Estado Novo, que o futebol

brasileiro se aproximou, pela primeira vez, da realização do plano traçado anos antes. Toda a atmosfera criada em torno do selecionado brasileiro conspiraria para isso.

Outro aspecto que evidencia a importância dada por Getúlio ao futebol como instrumento político se refere à inserção de propagandas nas rádios, culminando com a massificação das transmissões esportivas, que se tornaram parte integrante do cerne da programação das principais emissoras de rádio da época.

O rádio brasileiro nasceu sob controle estatal, mas havia em torno dele projetos distintos. Houve forte polemica, nos anos 30, entre a perspectiva político-cultural e a perspectiva empresarial voltada para o consumo. Os ideólogos nacionalistas, artífices do Estado Novo, defendiam o projeto de radiodifusão com vistas à formação da consciência nacional considerada indispensável à integração da nacionalidade; no Estado Novo o veículo foi valorizado como instrumento de propaganda política do regime. O rádio firmou-se nessa década, adquirindo grande prestígio entre os ouvintes graças a programas humorísticos, musicais, transmissões esportivas, radiojornalismo e às primeiras radionovelas. Em 1937 havia 63 estações e em 1945, 111. O número de radiorreceptores aumentou, durante o Estado Novo, de 357.921 aparelhos para 659.762 em 1942. (CAPELATO, 2009, p. 88)

Também é latente na política de Vargas a utilização dos grandes estádios de futebol para a realização de discursos acalorados e de grande mobilização popular.¹⁷

Como nas experiências européias, todas as datas nacionais eram comemoradas em grande estilo; as festas eram realizadas nos estádios desportivos: Vasco da Gama, no Rio de Janeiro, Palestra Itália e Pacaembu, em São Paulo (este último foi uma realização do Estado Novo no estilo da arquitetura fascista). Elas aconteciam também nas praças (Praça da Sé, em São Paulo, por exemplo) e avenidas, local dos desfiles. (CAPELATO, 2009, p.69)

Nesse contexto, no auge do Estado Novo, a Copa de 1938, disputada na França, foi a primeira a ser transmitida ao vivo pelas emissoras de rádio. Além disso, a competição representou a terceira oportunidade de conquista de uma Copa do Mundo e foi, até então, a melhor participação brasileira no torneio mundial de futebol, terminando a competição com a terceira colocação.

¹⁷ Um exemplo dessa prática política se evidencia no discurso do Dia do Trabalho, em 1951, ano em que Vargas retorna ao poder. Esse discurso está disponível na internet no endereço: < <http://www.youtube.com/watch?v=LQCV1iFegZg> > (Acesso em: 20/11/2017).

Diferentemente das Copas do Mundo anteriores, a preparação brasileira ocorreu de maneira mais organizada. Findados os conflitos entre paulistanos e cariocas e consolidado o processo de profissionalização, o selecionado brasileiro contava com craques como Leônidas da Silva e Domingos da Guia, e com grande interesse da população, uma vez que milhares de pessoas se concentravam nas grandes cidades para acompanhar as partidas. Os jornais enviaram correspondentes à França para a cobertura do evento e, diariamente, havia matérias que procuravam relatar os detalhes dos jogos. Ademais, a participação brasileira no torneio era encarada como uma questão nacional, como uma oportunidade de propaganda do Brasil na Europa.

Há quem procure colocar a questão da participação do Brasil no Campeonato do Mundo em um terreno falso. Não seria patriotismo defender o scratch nacional em Paris e dahi não se julgarem escandalosas as exigências que porventura fossem feitas. Para esses o profissionalismo forçara a criação de uma mentalidade de ganancia. Tal argumento não encontraria defesa de espécie alguma. Ninguém pode negar que se apresenta ao Brasil uma possibilidade de levantar a “Copa do Mundo”. Se a Argentina não considerou o certamen de Paris como uma questão nacional, o Brasil considerou. A prova está no auxílio do governo, da Prefeitura, da industria, do commercio e da massa popular que apoiou com entusiasmo a campanha do sello. As entidades que organizam a seleção também encaram a participação do Brasil sob esse aspecto. Não são bancos e sem o auxílio que vêm recebendo não poderiam, com sucesso, emprender a disputa do Campeonato do Mundo. Quem ignora que os recursos das entidades vêm das percentagens que mal chegam para a realização dos programas normaes? Assim se comprehende que a ida do Brasil a Paris tem de ser considerada uma questão nacional, não só pelo sacrifício commun que se impõe, como também pela projecção que possam alcançar as “performances” da selecção brasileira em campos europeus. A conquista da “Copa do Mundo” – quem o negará? – constituiria um motivo de propaganda intensa do Brasil e quem se beneficiaria da repercussão dos triumphos brasileiros seria o Brasil.
(Jornal dos Sports, 9/4/1938)

O caráter missionário da participação brasileira na Copa do Mundo era patente. Representar o Brasil ia além de participar de uma competição esportiva, constituía elemento de sacrifício que deveria envolver atletas, dirigentes, jornalistas e torcedores, todos fazendo parte de uma “comunidade imaginada” que representaria muito mais que um time de futebol.

A imprensa nutria boas expectativas em relação à conquista da Copa do Mundo de 1938. Embora reconhecesse o alto grau de dificuldade em vencer um torneio de tal envergadura, o *Jornal dos Sports* não escondia seu otimismo em relação à possibilidade real de o time brasileiro sagrar-se campeão.

Se fosse fácil o triumpho no Campeonato do Mundo não se justificaria o trabalho insano desenvolvido. Justamente porque se trata de uma campanha árdua, exhaustiva, é que se iniciou um movimento nacional. Cada brasileiro é um soldado do movimento magnifico. Verifica-se a oportunidade offerecida ao Brasil e exige-se a collaboração de todos. O estímulo serve como um grito de alerta e não como uma antecipação da conquista almejada. Por isso mesmo os passos do scratch brasileiro serão acompanhados em camara lenta para offerecer o maximo de emoção. Não nos enganamos sobre os obstáculos que surgirão. Se é possível a victoria do Brasil na “Copa do Mundo” – mais possível que nunca – vamos realizar o maximo esforço para torna-la real.
(Jornal dos Sports, 14/4/1938)

Mesmo tendo sido derrotada, a participação de seleção brasileira na Copa do Mundo de 1938 evidencia o quão popularizado era o esporte em nossa sociedade, bem como demonstra o interesse em se utilizar o futebol como instrumento de propaganda e difusão do sentimento nacionalista, patriótico.

O que a nossa diplomacia mal pode realizar, o que as nossas missões de expansão no resto do mundo mal conseguem fazer, o futebol levou a cabo num abrir e fechar de olhos. A equipe de nossos patrícios tornou o nome do Brasil bastante conhecido entre os milhões de europeus que acompanharam, lá, o jogo, com o mesmo interesse com que o acompanhamos aqui.
(A Gazeta, 8/6/1938)

O projeto de afirmação do Brasil como “país do futebol” estava adiado, mas em nenhum momento abandonado. Ficaria para ser concluído na próxima Copa do Mundo.

Após sua popularização, o futebol brasileiro transformou-se em elemento constante no cotidiano da imprensa. A maioria dos jornais da capital federal dedicavam várias páginas aos esportes, principalmente ao futebol. Surgiram os primeiros jornais exclusivamente esportivos, o que demonstra o importante apelo que os esportes possuíam na sociedade brasileira. Os periódicos escolhidos para nossa pesquisa evidenciam bem esta questão, uma vez que publicavam diariamente entre duas e quatro páginas exclusivas sobre esporte e chegavam a publicar até seis páginas em ocasiões especiais como, por exemplo, após as partidas da Copa do Mundo. Havia jornais especializados em cobertura esportiva.¹⁸

¹⁸ O Jornal dos Sports foi fundado em 1931, através da associação entre Argemiro Bulcão, que dirigia o jornal Rio Sportivo, e Ozéas Mota, proprietário da gráfica onde o jornal era impresso. Em 1936, Mário Filho comprou o jornal, iniciando uma série de inovações e popularizando ainda mais o jornal; Em São Paulo, o jornal A Gazeta Esportiva será criado em 1947, por Cásper Líbero. Entretanto, na

No tocante à massificação de jornais impressos no século XX, é possível interpretarmos que tais jornais inserem-se no conceito de capitalismo editorial¹⁹, na medida em que, além de comercializarem seu produto (os periódicos, no caso), também são instituições que possuem inserção política, econômica e cultural na sociedade e, portanto, não são isentas de interesses. Em nosso ponto de vista, é possível estabelecermos uma relação direta entre o crescimento dos veículos de comunicação na sociedade brasileira e a fomentação e difusão do discurso nacionalista.

Conforme sugerimos anteriormente, na década de 1940, ocorreu a concretização do processo de profissionalização dos jogadores e, como consequência, ocorreu também a popularização do futebol e da figura do jogador. Os clubes passaram a ocupar papel de destaque nos periódicos da época com notícias diárias, com correspondentes dos jornais acompanhando os jogos e os treinos.

Entretanto, ao pensarmos especificamente na seleção brasileira de futebol, foram poucas as competições realizadas na década de 1940, em virtude, inclusive, da Segunda Guerra Mundial.

O principal evento esportivo que envolveu a seleção brasileira, na década de 1940, foi o Campeonato Sul-Americano de 1949, realizado no Brasil. Oito seleções participaram da competição: Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru e Uruguai. A Argentina não participou, o que acabou gerando significativo descontentamento nos meios de comunicação da época.

A vitória do Brasil no Campeonato Sul-Americano constituía-se como mais um elemento fomentador da esperança na conquista da Copa do Mundo e da consequente autoafirmação do futebol brasileiro como o melhor.

LEVANTARAM OS BRASILEIROS O SUL-AMERICANO DE FOOTBALL ATRAVÉS DE UM DESEMPENHO SENSACIONAL

década de 1930, o jornal A Gazeta, também dirigido por Cásper Líbero, já dedicava várias páginas aos esportes, especialmente ao futebol.

¹⁹ Esta ideia foi inspirada na reflexão de Benedict Anderson, na qual o autor discute a importância da impressão de livros em língua vernácula na Europa, a partir do século XVI, para a difusão das ideias nacionalistas. Se traçarmos um paralelo com a sociedade brasileira no tocante à massificação de jornais impressos no século XX, é possível interpretarmos que tais jornais inserem-se no conceito de capitalismo editorial, na medida em que difundiam ideias e interesses, dentre as quais destacamos as ideias nacionalistas. (ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Editora Ática, 1989.)

Estamos plenamente reabilitados (...) A contagem de 7x0 fala de uma conduta mais positiva. De uma supremacia que não deixa dúvida. [...]
(Jornal dos Sports, 12/5/1949)

Nesse contexto se inicia a preparação para a organização da Copa do Mundo de 1950. Preocupações com a construção do estádio do Maracanã e com a infraestrutura necessária para o recebimento dos turistas são as temáticas predominantes nos jornais.

No âmbito esportivo, antes de estreiar no campeonato mundial, a seleção brasileira ainda participou de alguns torneios preparatórios contra Uruguai e Paraguai. O Brasil enfrentou o Paraguai nos dias 6/5/1950, em São Januário, no Rio de Janeiro, e 14/5/1950, no Pacaembu, em São Paulo. Os jogos foram válidos pela “Taça Osvaldo Cruz”. Nas duas partidas, o Brasil atuou com a equipe considerada reserva, venceu por 2 a 0 e empatou em 3 a 3, respectivamente; As partidas contra o Uruguai ocorreram nos dias 7/5/1950, no Pacaembu, em São Paulo, e 14/5/1950, em São Januário, no Rio de Janeiro. Ambas as partidas foram em disputa da “Taça Rio Branco”. No primeiro jogo, o Brasil acabou derrotado pelos uruguaios pelo placar de 4 a 3 e na segunda partida, vitória brasileira por 3 a 2. Nos dois jogos o técnico Flávio Costa optou pela escalação dos jogadores considerados titulares.

A repercussão das partidas não era muito animadora. A *Tribuna da Imprensa*, por exemplo, noticiou a vitória brasileira sobre os paraguaios com a equipe reserva sem muita empolgação. E as partidas do Brasil contra o Uruguai foram objetos de crítica do jornal. Na data seguinte ao segundo jogo, o jornal publicava a seguinte matéria:

SEM BRILHO, A VITÓRIA DOS BRASILEIROS NA PELEJA DE ONTEM COM OS URUGUAIOS

Sem alcançar a desejada reabilitação, o selecionado nacional impôs-se, ontem, à representação uruguaia, no segundo jogo em disputa da “Copa Rio Branco”, pela contagem de 3X2.

Dissemos: sem alcançar a desejada reabilitação. Realmente. Fraco, foi o desempenho da equipe “A” da C.B.D., apresentando falta de coordenação em suas linhas, exibindo “players” sem o necessário apuro técnico, contribuindo para um espetáculo sem vida, descolorido.

(Tribuna da Imprensa, 15/5/1950)

Os dois torneios foram as últimas partidas oficiais disputadas pelo Brasil antes de sua estreia na Copa do Mundo. Podemos inferir pela análise das fontes citadas que não havia muita empolgação na imprensa esportiva, seja pelo fraco

desempenho do selecionado brasileiro, seja pelo alto nível de exigência dos críticos. Foi nesse contexto que a seleção ingressaria na disputa da Copa do Mundo.

1.2. As tensões e os embates políticos nas décadas de 1940 e 1950

Antes mesmo de 1948, quando ganha o direito de sediar a Copa do Mundo, até 1950 quando a competição se inicia, o Brasil enfrentou um processo de tensões políticas e sociais que, indubitavelmente, foram utilizadas para tentar atender a interesses partidários. É necessário lembrarmos que o presidente era o ex-ministro da guerra de Getúlio, Eurico Gaspar Dutra, que assumiu o poder após a queda de Vargas e do Estado Novo.

Os partidos políticos ocupavam importante papel na conjuntura da época e as tensões e embates existentes entre eles reverberavam na sociedade de maneira intensa.

Os principais partidos que atuaram no processo político de então foram: PSD (Partido Social Democrático), PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), e UDN (União Democrática Nacional). Para compreendermos melhor as tensões e embates, acreditamos ser fundamental procurarmos reconstituir, ainda que sucintamente, o processo de fundação e as características dos partidos supracitados, bem como as relações que estes possuíam com os veículos de comunicação ora estudados e que, em nosso ponto de vista, podem evidenciar que as notícias concernentes ao futebol inserem-se num contexto mais amplo, que precisa ser buscado e analisado ao nos propormos a estudar as relações entre o futebol e a sociedade brasileira.

Entre os referidos partidos, existem semelhanças no tocante ao período em que se formaram, mas, ao mesmo tempo, existem claras diferenças acerca do posicionamento ideológico e da própria composição classista de seus membros.

Todos os partidos em questão se formaram no contexto que culminou com o fim do Estado Novo, em 1945, e com a chamada “democratização” pela qual o país passou no mesmo período. É importante salientarmos que a dita “democratização” foi fruto de um golpe arquitetado pelos militares e pelas elites política e econômica brasileiras que, na ocasião, enxergavam em Getúlio um claro opositor aos seus interesses liberais.

Iniciavam-se, ainda na segunda metade do ano de 1944, os contactos políticos que acabariam por desembocar na formação da União Democrática Nacional (UDN). Vários setores oposicionistas estavam representados nessas reuniões, inclusive militares. A perspectiva da queda da ditadura abria espaço político para as tentativas de lançamento de uma candidatura antigetulista em eleições a serem realizadas em breve. O nome do Brigadeiro Eduardo Gomes surgiu como preferido nessas articulações. (ALMEIDA JUNIOR, p. 231, 1997)

Getúlio, por sua vez, participou da articulação política que culminou com a fundação do PSD e do PTB.

Esse aspecto evidencia uma semelhança entre os partidos, na medida em que todos eles se constituíram como agentes centrais nas tensões políticas de então. Contudo, existem diferenças que precisam ser evidenciadas para que possamos compreender sua própria origem e os anos subsequentes, anos estes que serão permeados pela constante ação política dos mesmos partidos.

A União Democrática Nacional se forma em 1945, através de uma aliança entre os militares e os setores conservadores da sociedade brasileira, com o objetivo de se beneficiar do processo que culminou com a deposição de Vargas. Alinhados aos interesses liberais estadunidenses, os partidários da UDN viam no governo Vargas um grande empecilho para a entrada do capital estrangeiro proveniente do bloco capitalista. Destarte, passaram a imputar à Getúlio uma suposta aproximação com os regimes totalitários que haviam sido derrotados na Segunda Guerra Mundial. (ALMEIDA JUNIOR, 1997; FERREIRA, 2011; SKIDMORE, 1982) Aproveitando-se de alianças construídas com os setores midiáticos mais influentes, os membros da UDN tornaram-se os principais interessados no golpe de 1945 e procuraram, por vários meios, ocupar o papel central na política brasileira na década de 1950.

O Partido Social Democrático, por sua vez, foi fundado com o intuito de conseguir o apoio de setores provenientes das oligarquias, ou seja, dos grupos conservadores pertencentes à elite política e econômica da época. Muitos membros do PSD foram interventores durante o Estado Novo e, inicialmente, o partido foi identificado com Vargas, uma vez que fazia parte da estratégia do presidente para evitar que o crescimento da UDN possibilitasse a perda de apoio nas fileiras elitistas da sociedade. (SKIDMORE, 1982)

Já o Partido Trabalhista Brasileiro, também fundado por iniciativa de Getúlio, era composto por operários e líderes sindicais e tinha como principal objetivo conseguir canalizar o apoio que Vargas já possuía entre as camadas populares para

a estrutura político-partidária vigente. O PTB acabou por representar os interesses e anseios da grande massa de trabalhadores e, portanto, nasceu como um partido extremamente importante dentro da conjuntura política de então. (FERREIRA, 2011; GOMES, 2005)

Um quarto partido que possuía considerável representatividade era o Partido Comunista Brasileiro (PCB). Fundado na década de 1920, desde então exercia importante papel nas tensões políticas. Contudo, no início do governo Dutra, após a Constituição de 1946, o PCB foi colocado na ilegalidade, o que acabou por levá-lo a se ausentar, pelo menos oficialmente, do cenário político. Muitos de seus membros continuaram a ação política na ilegalidade e outros passaram a compor as fileiras políticas do PTB. (CARONE, 1980; SKIDMORE, 1982)

De acordo com Skidmore, a tensão mais latente no período manifesta-se em três fórmulas principais: a liberal, a desenvolvimentista-nacionalista e a nacionalista radical.

A primeira, representada principalmente pela UDN e da qual fizeram parte o presidente Dutra e alguns membros do PSD, “baseava-se na suposição de que o mecanismo de preços deveria ser respeitado como a determinante principal da economia” (SKIDMORE, 1982, p. 118). Ou seja, nesta primeira fórmula estavam os chamados “entreguistas”, aqueles que queriam maior participação do capital estrangeiro na economia brasileira, através de uma política liberal.

A segunda fórmula, da qual faziam parte Vargas e parcela significativa do PSD e do PTB defendia que “o Brasil se defrontava com uma necessidade imperiosa de industrialização, mas argumentavam que as forças [sic] espontâneas que haviam conseguido a industrialização no Atlântico Norte seriam inadequadas no Brasil” (SKIDMORE, 1982, p.118). Diante disso, defendiam que houvesse um incentivo à industrialização, com aporte de capital estrangeiro, desde que tal aporte estivesse sob a tutela do Estado brasileiro. Ou seja, tratava-se de um grupo adepto de uma intervenção estatal na economia sem romper radicalmente com a liberdade do mercado.

A terceira fórmula, da qual faziam parte a ala mais radical do PTB, o PCB e grupos compostos por intelectuais de esquerda,

baseava-se na suposição de que a estrutura social e econômica vigente era “de exploração” e exigia mudança radical. Os nacionalistas radicais atribuíam o subdesenvolvimento brasileiro a uma aliança natural de

investidores particulares e governos capitalistas, dentro do mundo industrializado (SKIDMORE, 1982, p. 120)

Essas tensões entre as fórmulas e os seus respectivos grupos, especialmente entre os dois primeiros, fizeram parte da conjuntura política brasileira não apenas no período que antecedeu a realização da Copa do Mundo no Brasil, mas também durante toda a década de 1950.

Além disso, é importante salientarmos que, apesar de deposto, em 1945, Getúlio não se ausentou do cenário político de então e sua figura e envergadura políticas acabaram por protagonizar os embates durante o governo Dutra, na medida em que os partidos por ele fundados – PTB e PSD – eram, ao lado da UDN, os partidos políticos com maioria na Câmara e no Senado. (SKIDMORE, 1982)

A conjuntura econômica do governo Dutra é caracterizada por um período no qual o objetivo era equilibrar as finanças internas, consolidando uma suposta pujança vivenciada pelo país com a favorável condição fornecida pelo mercado externo.

No primeiro ano de governo, Dutra contou com o apoio da UDN, do PSD e de Vargas. Entretanto, a partir do segundo ano de mandato, a situação se alterou. “A UDN (...) fumegava com seu papel diminuto no novo governo (...) o partido entrou em oposição aberta ao governo de Dutra.” (SKIDMORE, p. 92)

Além da UDN, Getúlio, que no início recomendou ao seu eleitorado o sufrágio em Dutra, passou a se posicionar de maneira incisiva contra o governo. A crescente adesão dos trabalhadores ao PTB fortalecia ainda mais a figura de Vargas no contexto político vigente.

Também durante o governo Dutra foi criado o Plano SALTE que tinha como principal objetivo canalizar investimentos governamentais para as áreas de saúde, alimentação, transporte e energia, com o intuito de combater à inflação e à elevação do custo de vida que aumentavam consideravelmente. Entretanto, o Plano SALTE não obteve o êxito esperado por Dutra e acabou sendo abandonado em 1951, no primeiro ano do segundo governo Vargas.

É fundamental salientarmos que, além das questões concernentes aos embates político-partidários havia uma série de tensões relativas aos meios de comunicação que protagonizavam a divulgação das informações para a população brasileira. Alguns dos jornais analisados nessa pesquisa precisam ser considerados

dentro de tal perspectiva, uma vez que a veiculação de notícias pode se relacionar aos interesses partidários que elencamos acima.

O jornal *Tribuna da Imprensa*, por exemplo, era um veículo de comunicação de propriedade do jornalista e político carioca Carlos Lacerda. Membro da UDN, Lacerda se notabilizou, anos mais tarde, como um dos principais opositores ao governo Vargas, tendo sido, inclusive, peça fundamental no golpe de agosto de 1954. Contudo, mesmo antes do golpe de 1954, o periódico já fazia intensa campanha contra Getúlio em suas páginas. Em 1950, por exemplo, *A Tribuna da Imprensa* foi fervorosa defensora da impugnação da candidatura de Vargas à presidência.

A inelegibilidade de Getúlio Vargas deverá ser examinada novamente pelo Instituto da Ordem dos Advogados na próxima sexta-feira, as 20,30 horas, quando deverá ser tomada uma deliberação sobre a indicação apresentada pelo sr. José Thomaz Nabuco na sessão do dia 22.

Queremistas e comunistas se mobilizam para comparecer à próxima sessão, não só para perturbar os debates como para fazer pressão sobre o Conselho da Ordem, no sentido de ser a indicação rejeitada. Essa atitude dos totalitários deve ser respondida pelos elementos democráticos, que devem agrupar-se para evitar os tumultos que os inimigos da democracia planejam e evitar que o Conselho da Ordem decida sobre a pressão dos queremistas e comunistas.

A tática dos totalitários é a de comparecer bem cedo aos locais da reunião, de modo a ocupar todas as cadeiras e evitar que seus adversários, os democratas, possam permanecer no recinto. Dessa maneira, os advogados democratas deverão chegar mais cedo ainda, para que não seja impedida de assistir aos debates e enfrentar a gritaria dos totalitários.

(Tribuna da Imprensa, 26/6/1950)

Como podemos perceber, a tentativa do jornal era fomentar a construção de uma dualidade de tendências maniqueístas, na qual se colocavam como representantes da democracia, da liberdade e das instituições, em oposição aos queremistas e comunistas que, segundo o jornal, eram identificados como totalitários e, portanto, como contrários aos interesses da população e aos princípios democráticos.

Além de sua clara oposição à Vargas, o periódico não demonstrava nenhum constrangimento em apoiar abertamente a candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes, da UDN, organizando, inclusive, uma campanha de arrecadação de recursos para a propaganda de seu candidato.

(...) Esperamos que continuem enviando o que puderem para ajudar o brigadeiro na sua luta contra a frente totalitária. Um candidato pobre como

ele é, precisa de dinheiro para fazer a campanha. Só os “pais dos pobres” é que não precisam de contribuições populares.
Assim, leitor, envie seus niqueis, ou notas, (...) Ajudando o brigadeiro você estará defendendo a Liberdade e as instituições.
(Tribuna da Imprensa, 26/6/1950)

Claramente não havia a preocupação com neutralidade ou imparcialidade. Pelo contrário, o posicionamento político-ideológico do jornal é bem perceptível. Em seguida, apresentaremos a inserção dos veículos de comunicação de massa na sociedade brasileira de maneira mais detalhada, pois acreditamos, conforme já sugerimos, ser fundamental identificarmos o “lugar de fala” dos sujeitos históricos que nos propusemos a considerar nesta análise.

1.3. A imprensa entra em campo: quadro geral das tensões e embates entre os veículos de comunicação

A imprensa ocupa importante papel na história do Brasil desde o período colonial, passando pelo Império e, principalmente, no período republicano.

Na medida em que nosso objetivo principal consiste em analisar a construção da ideia de “país do futebol”, através da imprensa, torna-se fundamental que façamos uma reflexão de sua história e dos trabalhos acadêmicos relativos ao seu estudo, uma vez que concordamos com a ideia de que “(...) a história do Brasil e a história da imprensa caminham juntas, se autoexplicam, alimentam-se reciprocamente, integrando-se num imenso painel. (LUCA; MARTINS, 2018, p.8)

Os jornais não são isentos de posicionamento, uma vez que, ainda que procurem difundir uma suposta imagem de neutralidade, estão inseridos em “lugares de fala”, em “lugares de produção do discurso” (CERTEAU, 1982). Não há como escrever sobre a história da imprensa sem relacioná-la com a trajetória política, econômica, social e cultural do país. (LUCA; MARTINS, 2018, p.8)

Convergimos, por exemplo, com o posicionamento expresso por Maria Helena Capelato no que concerne à imprensa:

A imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social. Partindo desse pressuposto, o historiador procura estudá-lo como agente da história e captar o movimento vivo das idéias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais. A categoria *imprensa* se desmistifica quando se faz emergir a figura de seus

produtores como sujeitos dotados de consciência determinada na prática social. (CAPELATO, 1988, p. 21)

Continua a autora:

A leitura dos discursos expressos nos jornais permite acompanhar o movimento das idéias que circulam na época. A análise do ideário e da prática política dos representantes da imprensa revela a complexidade da luta social (...) Os conflitos desencadeados para a efetivação dos diferentes projetos se inserem numa luta mais ampla que perpassa a sociedade por inteiro. O confronto das falas, que exprimem idéias e práticas, permite ao pesquisador captar, com riqueza de detalhes o significado da atuação de diferentes grupos que se orientam por interesses específicos. (CAPELATO, 1988, p.34)

Para nossos recortes temático e temporal, sobressai a importância de três veículos de comunicação: os jornais *Tribuna da Imprensa* e *Última Hora* que, como veremos, protagonizaram acirrada disputa culminando com desdobramentos fundamentais para a sociedade brasileira no início da década de 1950; e a *Rádio Nacional*, que desde a década de 1940, sofria influência direta do governo. Diante disso, neste momento, procuraremos apresentar, em linhas gerais, a inserção destes órgãos de imprensa na sociedade, suas vinculações partidárias, seus vieses ideológicos e os conflitos que acabaram por travar na sociedade brasileira da época.

De acordo com Maria Helena Capelato,

A partir de 1946 a imprensa atuou livremente. Na década de cinquenta o ex-ditador voltou à cena política, desta vez através das urnas. Seu reaparecimento perante o público resultou de um ato jornalístico: Samuel Wainer, jornalista dos *Diários Associados* de Assis Chateaubriand, entrevistou o político e o resultado dessa entrevista foi o lançamento de sua candidatura. Wainer, opositor de Vargas na revista *Diretrizes*, publicada durante o Estado Novo, tornou-se fiel seguidor de Getúlio a partir daí. O candidato ganhou a eleição sem contar com o apoio da grande imprensa; nesse episódio demonstrou que sua habilidade para seduzir o público era maior que a da própria imprensa. (CAPELATO, 1988, p.50-51)

Neste contexto de liberdade de imprensa, surgem os jornais supracitados. *Tribuna da Imprensa* foi fundada em 27 de dezembro de 1949, por iniciativa de Carlos Lacerda, e *Última Hora* surgiu em 12 de junho de 1951, sob a fundação de Samuel Wainer. Os proprietários dos jornais protagonizaram intensos embates através das páginas de seus respectivos periódicos.

Carlos Lacerda nasceu no município de Vassouras, então estado da Guanabara, em 1914. Filho do político e escritor Maurício de Lacerda e neto de

Sebastião Lacerda (ministro do Supremo Tribunal Federal e ministro dos transportes no governo Prudente de Moraes), ingressou na política na década de 1930, tendo militado no PCB durante alguns anos, partido do qual foi “proscrito (...) acusado de denunciar alguns nomes do Partido numa matéria para O Observador Econômico e Financeiro n. 37, de 1939, intitulada “A Exposição anticomunista”. (LAURENZA, 2018, p.189)

Após o rompimento com o PCB, na década de 1940, Lacerda passa a ser um ácido crítico dos governos alinhados com a esquerda, figurando a partir de então entre os membros da conservadora UDN.

Nas eleições de 1945, Lacerda foi o vereador mais votado do Rio de Janeiro. Consta que renunciou quando a Câmara perdeu o poder de vetar os atos do prefeito. Depois da queda do Estado Novo, durante a Constituinte de 1946, Lacerda passou a assinar a coluna “Tribuna da Imprensa”, no próprio Correio da Manhã. Na coluna comentava os novos tempos democráticos vividos pelos Brasil. (LAURENZA, 2018, p.190)

Na maior parte do tempo, conciliava a carreira de político com a de jornalista. Escreveu no *Correio da Manhã* durante vários anos, destacando-se, especialmente, na confecção de uma coluna intitulada “Tribuna da Imprensa”.

Em 1949, Lacerda pede ao dono do Correio, Paulo Bittencourt, o título da sua coluna (“Tribuna da Imprensa”) para lançar um jornal e apoio do governador de Minas, Milton Campos, um dos fundadores da União Democrática Nacional (UDN) para cobrir as despesas. (LAURENZA, 2018, p.190)

Mais uma vez percebemos a estreita relação entre os meios de comunicação e os partidos políticos que, muitas vezes, financiavam os jornais.

Como não poderia deixar de ser, além dos opositores à Vargas, havia também os que se alinhavam às ideias do ex-presidente e que, procurariam, através da imprensa, fazer a defesa de Getúlio.

Entre estes jornalistas, destaca-se a figura de Samuel Wainer, “judeu da Bessarábia, Leste Europeu, atual Romênia.” (LAURENZA, 2018, p.192)

De acordo com Ana Maria de Abreu Laurenza, Samuel Wainer e sua família instalaram-se na região do Bom Retiro, em São Paulo. Ainda muito jovem, Wainer mudou-se para o Rio de Janeiro com o intuito de estudar. Lá, teria conhecido

Lacerda quando trabalharam para os *Diários Associados*, tendo, inclusive, morado juntos no Rio de Janeiro, na década de 1940. (LAURENZA, 2018, p.192-193)

No final da década de 1940, Wainer, trabalhando em *O Jornal*, dos *Diários Associados*, foi fundamental na articulação política que culminaria no retorno de Vargas ao Palácio do Catete. “Trazer Getúlio de volta à cena foi uma articulação política (...) Em 3 de março de 1949 (...) Wainer, futuro criador da *Última Hora* (1951), entrevistara Getúlio Vargas na fazenda dos Santos Reis, em São Borja, Rio Grande do Sul. (LUARENZA, 2018, p.183)

Para o repórter Samuel Wainer, (...) Getúlio comentara que não precisaria da grande imprensa para ganhar. Wainer, em suas *Memórias*, relembra que argumentou: a imprensa pode não ajudar a ganhar, mas ajuda a perder. É possível que tenha sido nesse momento que começou a nascer a *Última Hora*. (LUARENZA, 2018, p.188)

Neste contexto, após ser eleito, em 1950, Vargas decide investir na fundação do jornal *Última Hora*, veículo que ocupou importante papel nas tensões que se desenvolveram no início da década.

Getúlio sabia que a *Tribuna* era um jornal a serviço da “maçaroca de tendências” da UDN, e que Lacerda tinha boas relações com os Mesquita d’O Estado e os Bittencourt do *Correio da Manhã*. Nessa conjuntura, tratou de financiar diretamente um jornal que se comprometesse a divulgar uma política intervencionista do Estado na economia e levasse a plataforma sindicalista do PTB aos leitores. De preferência para aqueles leitores que iriam preencher as vagas de trabalho abertas pelo Programa de Reaparelhamento Econômico (novembro de 1951) que iria anunciar. (LUARENZA, 2018, p.190)

Como procuramos demonstrar, enquanto a *Tribuna da Imprensa* se caracterizou por ser um jornal financiado e alinhado à ideologia política da UDN, coube à *Última Hora* o alinhamento ideológico com a ideologia política defendida pelo PTB.

Havia inúmeros colunistas afinados com as ideias do PTB. O partido sindicalista dos anos 1950, cuja figura máxima era o presidente da República, ajudava a dar um charme de esquerda na *UH*. Na confusão conceitual dos trópicos, a nova fase do desenvolvimento capitalista no Terceiro Mundo, na qual o Estado nacionalista desempenhava um papel forte e concentrado na economia, era taxado de “comunista”. (LUARENZA, 2018, p.191)

Assim, identificarmos imprensa e partidos políticos como protagonistas, permite-nos situar melhor os interesses que estiveram por trás das notícias veiculadas pela imprensa na década de 1950.

O documento é resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da sociedade que o produziu e também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver esquecido ou manipulado. Esse produto resulta de relações de forças conflitantes e do empenho de seus produtores para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem da sociedade.

(...)

A imprensa, ao invés de espelho da realidade passou a ser concebida como espaço de representação do real, ou melhor, de momentos particulares da realidade. Sua existência é fruto de determinadas práticas sociais de uma época. A produção desse documento pressupõe um ato de poder no qual estão implícitas relações a serem desvendadas. (CAPELATO, 1988, p.24-25)

Um aspecto fundamental que precisamos tomar como elemento da nossa reflexão refere-se ao alcance que os periódicos possuíam na sociedade brasileira de então. Não obstante o significativo aumento nas tiragens²⁰ dos principais jornais, é possível fazermos a ressalva de que a maior parte da população brasileira não lia jornais frequentemente. Isso se dava por dois motivos principais: o primeiro, pelo número de alfabetizados da época que, segundo estimativas, girava em torno de 50 por cento; o segundo refere-se a algo mais subjetivo e, conseqüentemente, impossível de mensurar, a saber, o número de pessoas alfabetizadas que se interessavam em ler jornais. “Nos anos 1950, não havia no país institutos sérios para averiguar o número da tiragem dos meios de comunicação impressos. A criação do Instituto de Verificação de Circulação (IVC) data de 1961.” (LUARENZA, 2018, p.180)

Porém, a dificuldade em aferir, com precisão, o número de leitores dos periódicos não impede, em nosso ponto de vista, que reconheçamos sua importância como meio propagador de interesses próprios, bem como também não nos impede de identificá-los no caminho inverso, qual seja, compreender que escrevem de acordo com o contexto no qual estão inseridos e, ainda que com

²⁰ Segundo o Anuário brasileiro da imprensa, editado pela Revista Publicidade e Negócios de 1953/54, a Tribuna da Imprensa não rodava mais do que 40 mil exemplares diários, quase sete vezes a sua tiragem inicial. O próprio Lacerda afirmara que em 1949 o jornal rodava 6 mil exemplares. Seus concorrentes que poderiam desequilibrar o jogo político, como os jornais dos Associados, o Correio da Manhã, O Estado de S. Paulo, O Globo, exibiam tiragens entre 70 e 140 mil exemplares. (LUARENZA, 2018, p.190)

interesses comerciais, podem procurar ressignificar elementos que estejam presentes na cultura popular, como, por exemplo, o futebol. Entendemos a prática desse esporte na sociedade brasileira de maneira dúbia, na medida em que, apesar de ter sido inicialmente um instrumento nas mãos das elites, como demonstramos anteriormente, sua popularização e massificação, bem como a mobilidade social experimentada por jogadores negros e mulatos oriundos das classes trabalhadoras nas seleções e nos principais clubes, demonstra que, ao se falar de futebol, os periódicos precisam dar conta de apresentar, ainda que de maneira enviesada, os elementos dos mais variados grupos sociais.

Diante da dificuldade supracitada em mensurarmos o real alcance dos periódicos, acreditamos que o rádio é outro veículo de comunicação de massa importante que, por não exigir letramento mínimo, atingia um número bem maior de pessoas.

A história do rádio no Brasil remonta à década de 1920. As primeiras transmissões radiofônicas de que se tem registro ocorreram nesse período nas chamadas Rádio Clube ou Rádio Sociedade, modelo não comercial de rádio que funcionava e era custeado a partir da contribuição de abastados sócios. Mesmo os ouvintes nesse primeiro momento eram provenientes de grupos com melhores condições econômicas, na medida em que os rádios transmissores eram caros e, na maioria das vezes, importados.

A partir da década de 1930, entretanto, ocorre importante transformação nessa situação. Começam a surgir as primeiras rádios comerciais, é criada uma legislação durante o governo Vargas permitindo a presença de anúncios comerciais nas transmissões. Concomitantemente, ocorre o processo de popularização do rádio nas casas de um maior número de pessoas, incluindo as classes trabalhadoras urbanas.

A legislação de 1932 permitiu ao rádio a utilização de 10% de sua programação para a publicidade, oportunizando uma fonte de financiamento constante e a estruturação de programação mais duradoura, diferentemente do período anterior em que era necessário sobreviver de doações. O número de emissoras aumentava no país: das 19 existente na década de 20, passaram a existir 78 em 1940; 106 em 1944; (...) 253 em 1949, chegando a 300 em 1950. O sistema continuava prioritariamente privado, sendo os canais concessões do governo. (HAUSSEN, 2001, p.55)

Nesse contexto, surge a *Rádio Nacional*, em 1936, inicialmente vinculada ao jornal *A Noite*, portanto, propriedade privada.

No Brasil, a 12 de setembro de 1936 nascia a PRE-8, a rádio Nacional, do Rio de Janeiro, que viria a ser a emissora mais importante da radiodifusão brasileira. Sitada no 22º andar do prédio da praça Mauá, número 7, fazia parte do grupo proprietário do jornal *A Noite*. (HAUSSEN, 2001, p.53)

Já se colocando como uma das principais rádios do Rio de Janeiro, anos mais tarde a *Rádio Nacional* passaria a fazer parte de uma parceria entre a iniciativa privada e o governo federal.

Em 1940, quando foi encampada pela União, já era uma emissora bem estruturada. A 8 de março daquele ano, Getúlio Vargas instituiu o decreto-lei nº 2073, criando as Empresas Incorporadas ao Patrimônio da União, entre elas, a Nacional, e para sua direção foi nomeado Gilberto de Andrade. O novo diretor era promotor do Tribunal de Segurança, ex-diretor das revistas *Sintonia* e *Voz do Rádio*, organizador da censura teatral (...) No início, a notícia gerou inquietação entre o pessoal da emissora, mas as primeiras medidas adotadas pelo novo administrador tranquilizaram o ambiente e direcionaram a emissora no rumo do sucesso que viria a ter por mais de vinte anos. (HAUSSEN, 2001, p.55)

Diante disso, estudar a *Rádio Nacional* nos permite compreender uma dimensão importante da relação entre os meios de comunicação e a construção do “país do futebol”, uma vez que, por ser o veículo mais popular, o rádio era companheiro cotidiano de boa parte da sociedade.

Neste trabalho, nos deteremos especificamente nas narrações das partidas transmitidas pela *Rádio Nacional* durante as Copas do Mundo estudadas. Acreditamos que trata-se de uma fonte importante, pois dá conta de apresentar os elementos concernentes ao futebol no momento em que ocorreram, sem a interferência, pelo menos explícita, de linhas editoriais ou demais elementos presentes na imprensa escrita.

No próximo capítulo, discutiremos a Copa do Mundo de 1950, evento que era considerado importante para a consolidação da ideia de “país do futebol” e que acabou por imprimir uma marca indelével no imaginário da imprensa esportiva no Brasil. Analisaremos de que maneira, as fontes escolhidas para a presente pesquisa se inseriram nesse contexto, quais representações procuraram formular e reforçar e de que maneira tais elementos acabaram por reverberar na sociedade brasileira.

2. A Copa do Mundo de 1950 fora dos gramados

A realização da Copa do Mundo de 1950, no Brasil, se mostrava importante do ponto de vista político e cultural, na medida em que a identidade nacional que se tentava construir poderia se expressar também no futebol, elemento já extremamente popularizado e potencial canalizador do sentimento de pertencimento do brasileiro ao “país do futebol”.

Diante disso, neste capítulo procuraremos apresentar a Copa do Mundo de 1950 fora dos gramados, analisando as tensões e os interesses políticos que permearam sua organização, realização e repercussão na sociedade brasileira, tendo como pano de fundo os embates midiáticos que, por sua vez, inseriam-se em tensões político-partidárias e de classe, conforme procuramos demonstrar.

Para tanto, dividimos o presente capítulo da seguinte maneira: iniciaremos com uma discussão acerca da questão identitária e de sua relação com o conceito de alteridade, analisando as representações construídas pela imprensa brasileira no tocante ao estrangeiro; em seguida, discutiremos o evento, mensurando suas reverberações na imprensa esportiva; e, por fim, apresentaremos uma reflexão acerca da memória construída sobre a derrota em 1950, memória esta que permaneceu no imaginário da imprensa esportiva e dos envolvidos, direta ou indiretamente, na competição por vários anos.

2.1 As representações do estrangeiro na imprensa esportiva durante a Copa do Mundo de 1950

Ao pensarmos em identidade²¹ e na sua conseqüente complexidade conceitual, é fundamental refletirmos sobre sua relação dicotômica com o conceito de alteridade. Antes mesmo de nos identificarmos como “nós”, é na relação com o “outro” que construímos nossa identidade. É a partir da consciência do que não somos que podemos formar a consciência do que somos.

A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a

²¹ Sobre identidade ver: HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Guarareia Lopes Louro. – 11 ed. – Rio de Janeiro, DP&A, 2006;. BALAKRISHNAN, Gopal. (org.) **Um Mapa da Questão Nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000; ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL, 2006, p. 39)

Durante a preparação e a realização da Copa do Mundo de 1950, existem inúmeras representações, explícitas e implícitas, acerca do estrangeiro, do outro. Tais representações além de retratarem o outro, servem como elemento identitário, pois, como dito acima, não partem de uma visão construída pelo outro, mas sim de uma visão construída pelo “nós” para representar aquilo que idealizamos sobre o outro e sobre nós mesmos.

Neste momento de nosso trabalho procuraremos apresentar essa perspectiva da imprensa brasileira. É nosso interesse discutir as representações sobre o estrangeiro para empreendermos uma análise atinente à identidade nacional do brasileiro, aos elementos que constituíam, de acordo com a imprensa esportiva brasileira da época, o “país do futebol” em anteposição aos outros que, embora praticassem o esporte, não eram retratados com tal epíteto.

Cotidianamente, os jornais apresentavam notícias acerca dos selecionados estrangeiros que viriam ao Brasil para a disputa do campeonato. Dentre os elementos que mais se destacam nesses noticiários é possível encontrarmos a preocupação patente dos brasileiros com as eminentes e iminentes desistências de algumas seleções.

Algumas delas, de fato, acabaram optando por não participarem do torneio. Outras, contudo, se fizeram presentes. No entanto, para nosso estudo, o que mais importa é identificarmos de que maneira essas seleções eram representadas pela imprensa.

Questão importante é percebermos que a desistência não seria tratada como tal, mas sim como deserção. Muito embora possam parecer a princípio sinônimos, os dois verbos diferem-se no tocante à carga de significados que podem representar. Enquanto desistir faz parte do cotidiano (mesmo quando considerado uma fraqueza), o verbo desertar é empregado, com maior frequência, em momentos de grande importância, como, por exemplo, em uma guerra ou batalha. Desistir e desertar são sinônimos de renunciar, abdicar. Porém, desistir pode ser um ato voluntário, necessário e até nobre dependendo da situação, enquanto desertar necessariamente representa fraqueza, covardia.

Os “desertores” eram vistos pela imprensa esportiva como fracos. A responsabilidade por sua deserção não era associada à CBD, à FIFA ou à falta de organização do evento, mas sim à própria fraqueza de sua escolha.

AFIGURA-SE IMINENTE A DESERÇÃO DO URUGUAI

Parece estar iminente a deserção do Uruguai do Campeonato Mundial de Futebol. Nesta data foram dados a conhecer os textos dos últimos telegramas trocados nos quais a Associação Uruguaia de Futebol insiste em impugnar a resolução da FIFA sobre a realização de partidas eliminatórias da série Uruguaia por considera-la violatória do artigo 6º da própria Federação Mundial. Hoje, o presidente da Confederação Sul-Americana de Futebol, sr. Valensuela, comunicou à entidade uruguaia que sua oposição à resolução da FIFA leva a Confederação Sul-Americana a lhe dar ciência da dita decisão.

A manutenção da atitude uruguaia provavelmente é um sinal de deserção definitiva do selecionado uruguaio do Campeonato Mundial.

(Tribuna da Imprensa, 5/4/1950)

O risco de ausência dos uruguaio era retratado pelo jornal *Tribuna da Imprensa* como insistência da federação uruguaia em não aceitar as resoluções estabelecidas pela FIFA. É possível inferirmos que, na visão do jornal, os uruguaio se posicionavam de maneira insubordinada, não acatando as ordens de uma instância superior e não há subsídios no trecho acima que possam indicar que tal insubordinação fosse enxergada de maneira positiva pelo órgão de imprensa em questão.

Outro exemplo de desistência refere-se à seleção escocesa que, apesar de classificada, acabou não embarcando para o Brasil para a disputa do torneio, o que foi retratado pela *Tribuna da Imprensa* da seguinte forma:

A Associação Escocesa de Futebol decidirá hoje sobre se dará ou não caráter irrevogável à sua decisão de não participar dos jogos finais do Campeonato do Mundo, sendo improvável uma retratação de sua atitude atual, de vez que ela não obedece a razões particulares, mas, a um convenio firmado com o País de Gales e a Irlanda, em sinal de protesto contra intenções protecionistas que atribuem à FIFA em relação à Liga Inglesa.

(...)

O sr. Ugo Fracarolli, representante do Brasil no Bureau da Copa do Mundo confirmou dever-se o afastamento da Escócia a motivos políticos, acrescentando detalhes que a seguir reproduzimos.

A HISTÓRIA

O ponto em que escoceses, irlandeses e galenses encontram tendência protecionista no regulamento da FIFA é a determinação de que dois países britânicos se fariam representar nas finais, sendo um o vencedor do campeonato da Grã Bretanha e outro de livre escolha da entidade internacional. Admitiram os três países que este dispositivo tinha por fim colocar em qualquer hipótese o selecionado inglês, fosse como campeão britânico, fosse pela livre escolha, critério considerado injustificável.

O CONVÊNIO

Em consequência, firmaram o País de Gales, a Irlanda do Norte e a Escócia um convênio cujos termos foram anunciados há bastante tempo e são do conhecimento público: qualquer dos três só participaria das finais se classificado em razão do posto conquistado no campeonato inglês, recusando-se a aceitar um direito concedido por simples graça da FIFA.

Ontem o sr. Rivadavia Corrêa Meier enviou novo telegrama à Associação Escocesa reiterando seu apelo no sentido de uma reconsideração. Sábado último, informa a United Press, os representantes de entidade britânicas renovaram também o seu pedido para que o selecionado escocês venha ao Rio, lembrando entre outras coisas a escassa vantagem que no jogo decisivo alcançaram os ingleses. O secretário da Associação Inglesa, sir. Stanley Rouse, considerado uma das mais influentes personalidades do futebol britânico, também juntou a sua voz às demais que instam pelo comparecimento da Escócia. O capitão do quadro inglês Billy Wright, foi aplaudido ao expressar a sua esperança em que os escoceses se deixariam finalmente demover.

O MAIS SINCERO

De todas essas manifestações, sem dúvida a mais sincera é a da CBD, não só porque assim interpreta o sentimento de todos os brasileiros como porque a ausência da Escócia é um desfalque muito considerável do ponto de vista técnico e principalmente mais um concorrente capaz de produzir boas rendas que se afasta.

VIRIA PORTUGAL

Confirmando-se a deserção dos escoceses, os galenses e irlandeses não aceitarão preencher a sua vaga, que provavelmente será ocupada pelos portugueses.

O CASO DA FRANÇA

Outro candidato às finais, embora desclassificado nas eliminatórias, é a França, que viria na vaga da Turquia.
(Tribuna da Imprensa, 19/4/1950)

A matéria acima, apesar de longa, é bem elucidativa em nosso ponto de vista. É possível, através dela, inferirmos alguns aspectos importantes. O primeiro deles refere-se à diferença na representação entre a desistência uruguaia e a escocesa. Enquanto a primeira é tratada como deserção e em nenhum momento lamentada, a segunda é tida como “desfalque considerável” no “sentimento de todos os brasileiros” e a busca por um acordo com a federação escocesa se daria através de várias instâncias.

O caso das seleções supracitadas acabou com a seguinte definição: os uruguaios não só vieram ao Brasil como se tornaram os campeões mundiais e os escoceses efetivamente desistiram, mesmo após várias missões de convencimento organizadas por representantes da CBD.

A indefinição com a vinda de seleções envolveu outros países. Ao todo 13 seleções participaram da competição quando o número inicial previsto era de 16. Ao ver o alto risco de não ter o número mínimo de participantes no torneio, a CBD se mobilizou no sentido de estender a possibilidade de participação, através de

convites às seleções que não haviam conseguido sua classificação. O caso que merece maior destaque refere-se aos recorrentes convites feitos para Portugal.

Houve, durante vários dias, intenso debate acerca da possível vinda da equipe lusitana ao Brasil, mesmo após sua desclassificação nas eliminatórias para a Copa do Mundo.

A *Tribuna da Imprensa* se mostrava claramente favorável à vinda dos portugueses ao Brasil, chegando, inclusive, a fazer campanha contra os que divergiam de sua posição. Em 26 de maio de 1950, publicou matéria ironizando enquete apresentada pelo jornal *Vanguarda*, na reportagem intitulada “Contra a vinda de Portugal para a Copa do Mundo”. Segundo a referida matéria, dos cinco portugueses entrevistados, apenas um era favorável à vinda da seleção lusitana ao Brasil.

(...) Por maioria da Colônia entende o exato e minucioso vespertino os 5 portugueses entrevistados dos quais um, para dar um perfume de verdade à “enquete”, manifestou opinião contrária aos 4, isto é, pela vinda do onze português.

Foram portanto avistados 5. Segundo rumores das estatísticas há no Distrito Federal meio milhão de portugueses. Mas no intuito de informar, com minúcia e verdade, “Vanguarda”, apanhou 5 e concluiu que a maioria da Colônia era contra a vinda da seleção portuguesa. Para dar moldura, de atração e defesa, ao trabalho o minucioso vespertino lembrou-se de um recurso que oscila entre a desonestidade e a inocência profissional ao interpelar pequenas expressões fugidas como essas: “considerável número de portugueses”, inúmeros são de opinião, etc.

O considerável, o inúmero número exato de portugueses foi de 5. E daí concluiu o ágil e minucioso jornal que meio milhão tinha opinado no sentido de os portugueses ficarem por lá. Como se vê – é de dar pena.

(Tribuna da Imprensa, 26/5/1950)

Como podemos perceber, através da irônica e provocativa matéria acima, a campanha para a vinda dos portugueses ao Brasil era muito clara, indicando os interesses em participar das decisões concernentes à competição, mas também de influenciar a opinião pública mediante argumentação. Continua o jornal:

Mas não queremos furtar-nos a dizer o nosso palpite, sobre o assunto da vinda dos portugueses e ao mesmo tempo ajudar, pela nossa colaboração – a distância – um tão ilustre e minucioso vespertino, atualmente preocupado, visceralmente palpitando na Copa do Mundo – não no mundo da Copa, como dizem os cariocas incorrigíveis, sempre a brincar com coisa séria.

Somos partidários da vinda dos portugueses, e não julgamos que disso possa resultar qualquer incidente capaz de pôr em causa uma amizade tão longa e fraterna.

(Tribuna da Imprensa, 26/5/1950)

Contudo, apesar de defender abertamente seu ponto de vista sobre esta questão, o mesmo jornal não se mostrava tão otimista quanto à vinda dos lusitanos ao Brasil.

(...) fontes bem informadas declararam que a Federação decidirá, por várias razões, não enviar sua representação ao Brasil. Entre essas razões aponta-se o fato de que muitos portugueses influentes domiciliados no Brasil têm escrito ao Ministério das Relações Exteriores ponderando que seria sumamente inconveniente mandar uma equipe portuguesa para concorrer à “Copa do Mundo”, no Rio de Janeiro.
(Tribuna da Imprensa, 15/5/1950)

Além da oposição de parte da colônia portuguesa radicada no Brasil, havia também a oposição e o descontentamento dos espanhóis, que venceram os portugueses nas eliminatórias para a Copa do Mundo e, após rumores sobre o convite, não aceitavam a possibilidade de ter que enfrentar novamente a equipe lusitana.

Pergunta-se: como espanhóis que nos alegramos com a presença de nossos irmãos na aludida competição, teríamos de disputar novamente uma eliminatória, que já vencemos? Diz-se que já é tempo de esclarecer, de modo definitivo, essa questão. A Espanha já eliminou Portugal e, por conseguinte, não terá que disputar nova eliminatória com ele.
(...)
A opinião geral é que a Espanha se negará a jogar novamente com Portugal, sobretudo pela dureza, que sem dúvida seria empregada no jogo, principalmente por parte dos portugueses e que, desse modo não restaria à Espanha jogadores para outros encontros. Se esse jogo tiver que ser disputado, o será fora da competição mundial e depois de terminado o campeonato. Não acreditamos que chegue a ser realizada esta partida, porque, além da paixão do jogo, existe outro motivo de orgulho para os espanhóis, qual seja o de não submeter a julgamento uma superioridade que atualmente tem sobre o futebol português (...)
(Tribuna da Imprensa, 8/5/1950)

Não obstante as posições contrárias e até mesmo a mudança de regras com o jogo em andamento, pleiteada pela *Tribuna da Imprensa*, a campanha pela vinda dos portugueses continuou presente no jornal carioca e envolveu supostamente o próprio governo português.

Intervém oficialmente o Ministério das Relações Exteriores
Assume caráter oficial a intervenção do Ministério das Relações Exteriores junto ao governo português para a vinda do selecionado lusitano ao nosso país, participar das peijas do Campeonato Mundial.
(...)
Assim é que, ontem, foi passado um telegrama ao govêrno português solicitando a sua intervenção junto aos dirigentes da Federação Portuguesa

de Futebol, a fim de conseguir da mesma a presença do “scratch” luso nos jogos a serem realizados no Brasil.

Desta forma, as gestões que vinham sendo extra-oficiais, com a intervenção apenas do embaixador Gracie, assumem feição oficial, com a intervenção direta do Ministério das Relações Exteriores.

(Tribuna da Imprensa, 24/5/1950)

Apesar da referida intervenção do governo que contou, inclusive, com o “primeiro ministro Oliveira Salazar [que] ordenou que a Federação Portuguesa de Futebol re-exame [sic] sua decisão de não participar da Copa do Mundo, a realizar-se no Brasil em junho próximo” (Tribuna da Imprensa, 29/5/1950), os portugueses acabaram não enviando equipe para a disputa do torneio o que foi encarado da seguinte maneira:

O selecionado português não participará do Campeonato Mundial de Futebol a ser realizado no Rio de Janeiro (...) A nação portuguesa ignora os esforços diplomáticos do Brasil para conseguir que Portugal tome parte no Campeonato do Mundo. A censura não permite a publicação de notícias sobre as gestões que estão sendo levadas a cabo.

(Tribuna da Imprensa, 26/5/1950)

A ausência da seleção portuguesa acabou sendo lamentada pelos órgãos de imprensa, uma vez que prejudicava não somente a realização do evento como também questões relativas aos “esforços diplomáticos”. O que poderia levar a ausência portuguesa a ser tão lamentada? A grande presença de lusitanos e descendentes na capital da república, o que, por sua vez, poderia representar maiores rendas nas partidas? A ascendência portuguesa²² relativamente longínqua de Carlos Lacerda? O interesse político-partidário já aludido e que poderia constituir uma forma de criticar o governo, do qual Lacerda era franco opositor? Estas são algumas hipóteses possíveis. Entretanto, o que nos parece evidente é que não receber a seleção portuguesa sugeriria o fracasso brasileiro na organização do evento e, conseqüentemente, na imagem que o país gostaria de transmitir ao mundo.

Outra seleção convidada foi a francesa. Contudo, no caso da França, a situação foi um pouco diferente. Classificados, eles acabaram desistindo de enviar uma equipe ao Brasil e, diferentemente do ocorrido com os lusitanos, no caso da

²² Carlos Lacerda era filho do político e escritor Maurício de Lacerda, preso político durante o Estado Novo e bisneto de João Augusto Pereira de Lacerda, membro de família aristocrática açoriana, os Lacerdas de Faial.

Federação Francesa, a repercussão dada pelo periódico apontava para uma situação ruim e delicada, uma vez que os franceses acenaram com a vinda até o último instante e acabaram por não concorrerem ao Campeonato Mundial, sob a alegação de que a tabela de jogos os desfavoreceria, na medida em que jogariam “no Recife com a equipe boliviana, a 29 de junho, apenas 4 dias depois do encontro com a equipe uruguaia, em Porto Alegre” (*Tribuna da Imprensa*, 3/6/1950)

Desconsiderando a justificativa logística dos franceses, o presidente da CBD na ocasião, Mario Pollo, deu entrevista à *Tribuna da Imprensa* nos seguintes termos:

Antes de qualquer outra consideração, o presidente, em exercício, da CBD, disse ignorar [...] qualquer comunicação oficial da Federação Francesa. Apesar disso, porém, não descreia da veracidade do telegrama, lamentando – e muito – o procedimento da França.

[...]

“É deplorável – insistiu o sr. Mário Pollo – porque a França não tem motivos para assumir esta atitude. Quero admitir mesmo que êsse não seja o motivo. Apenas uma saída, um recurso. Os franceses devem estar lembrados, como nós estamos, de 1938. [Copa do Mundo, realizada na França] Nessa ocasião, o Brasil e a Itália, em 12 dias, foram obrigados a viajar ininterruptamente doze horas, por via férrea, após cada partida ganha”

[...]

Informou o substituto do sr. Rivadavia Correa Meyer [presidente da CBD] que já respondera a uma consulta da FIFA mostrando a impossibilidade de alteração da tabela. Primeiro porque fôra tãda feita conscientemente, por homens escrupulosos. Com critério e justiça, portanto. Não podia também agradar a ‘gregos e troianos’. Segundo, porque o precedente aberto para a França seria perigoso e desaconselhável.

(*Tribuna da Imprensa*, 6/6/1950)

O que se pode perceber pela entrevista do presidente da CBD é que a referida entidade esperava da França a mesma postura adotada pelos brasileiros quando da disputa da Copa do Mundo de 1938, na qual os jogadores “foram obrigados” a enfrentar longas viagens. Além disso, a atitude francesa ofenderia os “homens escrupulosos” que fizeram a tabela com “critério e justiça” e, portanto, o gesto francês seria “perigoso e desaconselhável”.

Em nenhum momento, como se pode perceber, houve, por parte da entidade responsável pelo futebol brasileiro, qualquer sinal de contemporização no tocante à alteração da tabela. Entretanto, vale lembrar que a seleção brasileira disputou seis partidas na Copa do Mundo (cinco no Rio de Janeiro e uma em São Paulo), não tendo, portanto, que enfrentar longas viagens, num claro favorecimento logístico. Importante notar, ainda, que não houve nem por parte da CBD e nem da *Tribuna da*

Imprensa a mesma pré-disposição em alterar a tabela para os franceses como haveria numa eventual vinda dos portugueses.

Apesar disso, a CBD tentou demover a Federação Francesa de Futebol de sua resolução:

Diante das razões expostas pelos franceses, a CBD, em resposta à FIFA, prontificou-se a oferecer, no Rio, com despesas pagas, um repouso e uma recuperação de dois dias.

“E, em 48 horas, frisou o sr. Mário Pollo, uma equipe pode perfeitamente restabelecer-se de uma viagem aérea de 3 horas – tempo que separa o Rio da capital gaúcha. Com 48 horas de intervalo, e descansando, uma equipe pode também suportar outra viagem aérea (do Rio a Recife) de 4 horas. Estes [sic] são os fatos e estes [sic] são os nossos argumentos. A França, positivamente, não pode justificar-se com o sacrifício e o prejuízo que lhe impuzeram [sic] os organizadores da tabela. Só não virá porque não se acha à altura, capaz de lograr êxito na “Copa do Mundo”. Esta é a verdade” – foi como o sr. Mario Pollo concluiu a entrevista.

(Tribuna da Imprensa, 6/6/1950)

Fica patente no excerto acima que a CBD se posiciona de modo a responsabilizar unicamente a Federação Francesa pela desistência, uma vez que se prontificou a pagar despesas de deslocamento e estadia no Rio de Janeiro, algo que não foi aceito pelos franceses, pois “a verdade” não poderia ser outra além de o selecionado francês não se achar “à altura, capaz de lograr êxito na Copa do Mundo”. Percebe-se no discurso do dirigente da CBD uma postura arrogante no que concerne à suposta superioridade do selecionado brasileiro em relação ao francês, uma vez que, diferentemente deles, os brasileiros viajaram muitas horas quando jogaram na França, enquanto os franceses, mesmo com o “repouso necessário” sendo garantido pela CBD, não aceitaram por não terem condições de vencer a competição.

A França, como dissemos anteriormente, acabou de fato não participando da Copa do Mundo e o “presidente da Federação Francesa de Futebol, M. Gambardella, telegrafou [...] ao sr. Jules Rimet para explicar a atitude da França” (Tribuna da Imprensa, 7/6/1950)

No dia seguinte o periódico publicava o posicionamento do presidente da FIFA acerca da desistência francesa conforme segue:

[...]

Com firmeza e discernimento falou o presidente honorário da FIFA. Expos e justificou com clareza o seu ponto de vista. Principiou fazendo notório o

sentido de seu constrangimento ao receber a notícia da recusa de seu país de origem em participar da Copa do Mundo no Rio de Janeiro.

[...]

Tudo foi consequência de um mal entendido. Os seus concidadãos não estavam bem informados. Assustaram-se, em demasia, com a extensão territorial do Brasil. M. Gambardella não pôde inteirar-se da geografia e do progresso da aviação brasileira [...] Se houvesse oportunidade para uma troca de correspondência mais extensa – não há dúvida que as precauções dos dirigentes do futebol francês não teriam razão de ser.

(Tribuna da Imprensa, 8/6/1950)

As declarações de Jules Rimet podem ser analisadas por pelo menos dois vieses: de um lado a fala contemporizava a desistência francesa, atribuindo-a a uma falha de comunicação; por outro lado, é possível entrever pelo discurso que a visão que existia sobre a infraestrutura brasileira não era positiva, o que, de certa forma, frustra as pretensões brasileiras de utilizar a Copa do Mundo como meio de propagandear seu crescimento enquanto Estado-nação.

Sem embargo, o caso mais emblemático de tensão concernente à ausência na Copa do Mundo refere-se à Argentina. Tradicional rival do futebol brasileiro, o selecionado portenho já havia se recusado a participar do Campeonato Sul-Americano, realizado no Brasil, no ano de 1949.

Porém, no caso da ausência na Copa do Mundo, o embate ganhou proporções que extrapolaram os aspectos desportivos e acabaram por reverberar em questões políticas.

Causou verdadeira indignação em todos os nossos meios esportivos, a insolita atitude da Federação Argentina de Football, agravada com a desfaçatez com que pretende fazer-se de vítima [sic] atirando sobre a Confederação Brasileira de Desportos a culpa da sua propria [sic] falta.

(...)

Mas a Associação Argentina pode ficar bem certa de que ela não enganou a Fifa e muito menos as Federações sul-americanas, que conhecem de sobra e foram testemunhas de sua incorreção e descortesia para com a C. B. D. que sempre a prestigiou mesmo com sacrifício técnico [sic] e financeiro, justamente para manter sempre e cada vez mais estreitos esses laços de amizade que a propria [sic] Associação Argentina acaba rompendo de modo tão grosseiro.

Pode, ainda, ficar certa a Associação Argentina que a sua ausencia [sic] na “Coupe Jules Rimet” não faz com que esta perca o menor brilho.

A Itália que responda se os 2 campeonatos mundiais que ganhou foi menos brilhante ou se os argentinos fizeram alguma falta.

No fim de tudo isso o que há é uma empáfia o claro receio de uma derrota muito provável que, entretanto, nada teria de deshonrosa [sic], fosse para que nação fosse

(Jornal do Brasil, 19/1/1950)

A clara insatisfação do *Jornal do Brasil* demonstra que a rivalidade entre as confederações do Brasil e da Argentina realmente era intensa. A utilização de termos como “insólita atitude”, “incorreção”, “descortesia”, entre outros, demonstra bem a postura do periódico em relação à AFA e, conseqüentemente, projeta, ainda que seja negada pela matéria, a importância que era à presença dos argentinos no Brasil.

Entretanto, tal rivalidade não impedia que houvesse, por parte do presidente da CBD, a tentativa de convencer a AFA a concorrer no Campeonato Mundial desde que, obviamente, isso se fizesse com a ciência de que o Brasil ocuparia um papel de liderança perante seus vizinhos sul-americanos. Em discurso pronunciado na Agência Nacional, no programa radiofônico “Chamando a América”, dirigido aos demais países do continente, o presidente da CDB, Rivadavia Correia Meyer disse:

Na qualidade de presidente da Confederação Brasileira de Desportos, eu me dirijo, não apenas aos dirigentes desportivos da America do Sul, senão que também desejo que minhas palavras encontrem eco e ressonância nos corações de todos os americanos.

O Brasil, em 1950, quer-se constituir como ponto central de todas as relações americanas, porque, e mais de uma vez temos isso asseverado, os desportos exercem uma função educativa [grifo nosso], e como conseqüência, um mister de agremiação.

(...)

Fazemos disso o empenho mais rigoroso, fazemos disso a questão mais absoluta (...) queremos lhes dar uma prova do quanto lhes somos amigos, do quanto a alma brasileira é sincera, emotiva, cordial e fraterna.

(Jornal do Brasil, 16/2/1950.)

Os adjetivos atribuídos aos brasileiros são claramente opostos aos que foram atribuídos aos dirigentes argentinos. A cordialidade, a alma sincera e a amizade eram os requisitos indispensáveis para que o Brasil se constituísse como ponto central de todas as relações latino-americanas. Tais características evidenciam a identidade que se procurava difundir em relação ao Brasil e aos brasileiros não apenas no tocante ao futebol, mas no que concerne ao “grupo-nação”.

Para a *Tribuna da Imprensa*, a desistência argentina não se devia apenas a fatores esportivos, mas era fruto do governo peronista e de sua suposta estratégia de propaganda e manipulação. Fábio Carneiro de Mendonça, presidente do Fluminense F.C. assim se expressou:

Não virão os argentinos para não comprometer os efeitos que a propaganda peronista requer.

Não se deve a uma desinteligência esportiva, mas, a um fator político a ausência da Argentina ao Campeonato do Mundo de 1950 (...) É característico das ditaduras a influência psicológica do “não pode perder”, quer no esporte, quer nas competições de outras espécies, pois um dos processos usados para sua permanência é a hipnose da propaganda, usada sob todas as formas.

(Tribuna da Imprensa, 19/1/1950)

Considerando em nossa análise o “lugar de produção do discurso” é importante lembrarmos que *Tribuna da Imprensa* era de propriedade do jornalista e político Carlos Lacerda. Vinculado à UDN (União Democrática Nacional), principal partido de oposição ao governo Vargas, Lacerda sempre encontrava oportunidades para atribuir ao governo de Getúlio o caráter fascista, populista e manipulador. Dentro dessa perspectiva a visão de Lacerda se estendia ao governo peronista, tanto que, anos mais tarde, quando Getúlio nomeou João Goulart como ministro do trabalho uma das principais críticas feitas pelo proprietário da *Tribuna da Imprensa* era exatamente sobre a suposta ligação e proximidade de Jango com Perón.²³

João Goulart tenta criar no Brasil uma nova CGT, do tipo Perón. Ele prepara um golpe peronista, no estilo boliviano. Não se trata do fechamento do Congresso como foi feito em 1937, e, sim, da sua dominação pela massa de manobra de um sindicalismo dirigido por ‘pelegos’, visando reformar a Constituição e estabelecer uma ditadura no país.

(Tribuna da Imprensa, 8/7/1953)

A crítica do jornal lacerdista não se restringia apenas aos governos de Vargas e Peron, mas também a outros governos que tivessem qualquer vinculação com políticas voltadas aos interesses dos trabalhadores.

Temos um exemplo dessa obsessão de Lacerda na representação feita por seu jornal concernente ao selecionado iugoslavo.

O futebol iugoslavo também sofre influência da ditadura do marechal Tito. Como discípulo de Stalin, Tito preocupou-se com o “statu quo” [sic] do esporte [sic] em sua pátria, expelindo toda a ínfima parcela de democracia que existisse, porventura, nos clubes da Iugoslávia. Revoltou-se contra a tradição. Assinou a pena de morte para as mais idosas agremiações do país [...]

(Tribuna da Imprensa, 14/6/1950)

²³ Sobre o papel da imprensa carioca na vinculação de Jango à Peron ver: SANTOS, Rodolpho Gautier Cardoso. A construção da ameaça justicialista antiperonismo, política e imprensa no Brasil (1945 -1955). Tese de doutorado em História (USP), 2015.

Como podemos perceber acontecia “demonização” parecida com aquela realizada contra os governos de Getúlio e de Perón, uma vez que, não exemplificando quais seriam efetivamente as ações de Tito no tocante a expelir a democracia na Iugoslávia, o periódico, com sua postura claramente liberal, tentava demonstrar os males decorrentes de um governo de esquerda.

Contudo, na mesma edição, o referido jornal reconhece os méritos desportivos do governo iugoslavo, se dizendo obrigado a “silenciar e respeitá-lo como um dos mais categorizados da Copa do Mundo”. (*Tribuna da Imprensa*, 14/6/1950)

As representações feitas pelos periódicos não se restringiam aos dirigentes das confederações. Também houve uma série de artigos que procuravam apresentar, na perspectiva da relação “nós X outros”, os jogadores e os torcedores. Tais representações também evidenciam o “lugar de fala” dos meios de comunicação analisados.

A *Tribuna da Imprensa*, por exemplo, publicava matérias que descreviam os jogadores de alguns selecionados e ficava evidente a parcialidade com que o jornal diferenciava, de um lado, os jogadores oriundos das democracias burguesas europeias e, de outro, os atletas vinculados aos países socialistas ou latino-americanos.

Um exemplo dessa diferenciação pode ser evidenciado na representação dos atletas suíços em oposição aos atletas iugoslavos. Recorremos a esses dois países, pois ambos foram adversários brasileiros na primeira fase da competição. Entretanto, enquanto acerca dos suíços o periódico realizou e publicou uma série de matérias sobre a cultura, os costumes e o estilo de jogo, no que concerne aos iugoslavos foram publicadas três matérias apenas na véspera, no dia do jogo e na data posterior à derrota iugoslava.

Nossa preocupação, hoje, será o estudo dos principais traços característicos do futebol suíço [...] Tecnicamente é inferior ao brasileiro, não podendo mesmo rivalizar-se com o da nossa seleção. Fisicamente, entretanto, os helvéticos estão situados num lugar privilegiado.[...]

Para conhecer a Suíça faz-se mister vê-la de perto. Ver a sua gente. Sentir a sua organização. Olhar e analisar o suíço. Aprender que o suíço é um militar perfeito, um comerciante experiente e positivo, um homem culto ou um exímio musicista. Vê-lo também artista na fabricação de um relógio; e, finalmente, surpreendê-lo como desportista. Um artista magnífico – leal e combativo.

(*Tribuna da Imprensa*, 2/6/1950)

O futebol suíço poderia até ser inferior tecnicamente. Porém, em todos os outros aspectos o suíço era representado como bem-sucedido: “privilegiados fisicamente”, “organizados”, “militares perfeitos”, “artistas magníficos” entre tantos outros adjetivos. Todos esses elementos evidenciam uma representação a partir de um “lugar de fala”, de um interesse e de um modelo que é considerado adequado e que, ao ser projetado no “outro”, revela um pouco do que o jornal esperava ser projetado no “nós”.

Todos os integrantes da delegação iugoslava mostram-se reservadíssimos, falando pouco e, o que é mais interessante, só fazendo comentários acerca [sic] da luta de logo mais, quando interrogados com muita insistência. (Tribuna da Imprensa, 1-2/7/1950)

É nítida a diferença na representação concernente a suíços e iugoslavos feita pela *Tribuna da Imprensa*. Enquanto se enaltece e valoriza a extensa gama de qualidades existentes nos primeiros, resta aos outros uma nota direta e seca, atribuindo-lhes características no mínimo pouco simpáticas.

Tais representações evidenciam, ainda, certo deslumbramento dos órgãos de imprensa, especialmente os vinculados à UDN, em relação aos países ricos em oposição ao desprezo por países latino-americanos e por países comunistas.

Se a identidade se constrói a partir de sua relação com a alteridade como tentamos sugerir acima, podemos perceber qual o tipo de idealização a imprensa esportiva construía acerca do Brasil e, conseqüentemente, quais elementos seriam descartados ou até mesmo rechaçados nessa construção.

No caso de *Tribuna da Imprensa*, percebemos certo deslumbramento ante os países ricos e um desprezo pelos países latino-americanos e pelos países alinhados ao bloco socialista, o que, por sua vez, evidencia a projeção que o jornal fazia em relação às características que considerava importantes e gostaria de atribuir aos jogadores e ao futebol brasileiro.

2.2. A Copa do Mundo de 1950 fora dos gramados: os preparativos

[...] em 1938, no Congresso da FIFA (...) o Brasil, de forma atrevida, candidatou-se a organizar a Copa de 1942, porém os congressistas acenaram com a disputa de 1946, já que a de 1942 estava comprometida com a Alemanha. (HEIZER, 1997, p. 25)

Podemos perceber que a ideia de sediar a Copa do Mundo já tinha sido manifestada em 1938, durante o Estado Novo, o que corrobora a informação de que era conveniente, do ponto de vista político, realizar o evento no país, pois o interesse da população pelo futebol crescia cada vez mais conforme sugerimos anteriormente.

Contudo, a eclosão da Guerra frustrou as pretensões de Brasil e Alemanha, uma vez que não aconteceram as Copas do Mundo que estavam previstas para 1942 e 1946. Finalizada a Guerra, entretanto, o Brasil conseguiu alcançar seu objetivo “após missões de convencimento, durante o congresso da FIFA, realizado em Londres, em 1948, paralelamente às Olimpíadas.” (HEIZER, 1997, p. 26)

Ao ser eleito sede da Copa do Mundo, o Brasil passa então a correr contra o tempo para organizar a realização do evento. A construção do estádio Ângelo Mendes de Moraes (atual estádio Mário Filho), o Maracanã, com capacidade para 155 mil torcedores, que no período é considerado o maior estádio de futebol do mundo, demonstra nitidamente a impressão que o governo brasileiro gostaria de passar a respeito do futuro promissor da nação.

Para que se coteje a sua grandeza em relação a outros centros esportivos, basta que se diga que o Hampden Park, na Escócia, tinha capacidade de 140 mil torcedores, contra 100 mil de Wembley, o majestoso estádio de Londres. (HEIZER, 1997, p. 26)

Apesar de problemas com a rede hoteleira e o cumprimento de prazos, o Brasil consegue concluir o projeto e todas as partidas realizadas no estádio tiveram um número de espectadores gigantesco, chegando a receber na final da Copa do Mundo um público pagante de 173850²⁴ (tradicionalmente se diz que, considerando todos os presentes no estádio, havia mais de duzentas mil pessoas), o que demonstra bem a importância do futebol para a vida do brasileiro.

A Copa do Mundo de 1950 teve seu início oficial no dia 24 de junho com a partida entre Brasil e México. Entretanto, podemos afirmar que, para o país sede, o evento não começou nessa data, mas muito antes, uma vez que houve a necessidade de uma preparação que pudesse ser considerada adequada para que a

²⁴ Disponível em:

< <http://pt.fifa.com/worldcup/archive/edition=7/results/matches/match=1190/report.html> > Acesso em: 25/08/2017.

competição transcorresse sem problemas, tanto para os brasileiros quanto para os turistas que vieram ao país acompanhar suas respectivas seleções.

Obviamente essa preparação envolveu as preocupações do treinador com a formação da equipe, com amistosos que serviriam como laboratório para analisar as mudanças que, eventualmente, se fariam necessárias, mas também envolveu aspectos econômicos como a construção ou reforma de estádios, a melhoria da rede hoteleira, a preparação com a segurança dos turistas etc., e também interesses políticos, uma vez que 1950 foi ano de eleições, momento propício para promoção das figuras públicas dos políticos da época. A *Tribuna da Imprensa* retrata o que entende ser o futebol brasileiro. Mas, ao mesmo tempo que acredita retratar, parece expressar um desejo de que o futebol desse ao brasileiro uma característica daquilo que ele é.

O futebol brasileiro não é, como à primeira vista parece, um simples esporte. É antes um mundo à parte, de intrigas, de acontecimentos, de personagens, de vitórias e derrotas, com que o mais melancólico dos povos se consola da falta de interesse que sente por êsse outro mundo mais confuso da política e da cultura.

Basta tomar um bonde de manhã para observar que nosso povo, lendo os jornais, só toma conhecimento, praticamente, da página dos esportes. O resto é como se se tratasse de notícias remotas de outros sistemas planetários. E basta prestar atenção nos cafés, nos salões de barbeiro, nas oficinas, para descobrir que o futebol é mais assunto do que jogo, mais vida do que esporte.

(Tribuna da imprensa, 20/1/1950)

E, a partir de uma análise das falas sobre o futebol, aparece um possível sentimento, visto pelo autor, de pertencimento, chegando à um perfil cultural do brasileiro. Além disso, este esporte preencheria uma espécie de vácuo político em nosso país.

Linguagem, também, de iniciados. Cheia de metáforas, de subentendidos, de complicada sinonímia, ela serve para incutir nos leitores um vago sentimento de iniciação. Serve para lembrar que é preciso um hábito, uma prévia preparação, uma escola, para ter ingresso nêsse drama ou nesta cultura inventada em torno de uma partida dominical. O desembaraçado leitor dessas páginas sente-se inserido (...)

O futebol é uma espécie de cultura e uma espécie de política. Um chute de Orlando ou de Esquerdinha não é um gesto simplesmente atlético; é um acontecimento nacional mais ou menos equivalente à candidatura do senhor Bias Fortes.

(...) apesar de suas impurezas, apesar de certos juízes e de certos tumultos, e algo de mais simples, de mais compreensível, com que uma grande parte de nosso povo se esquivava de acompanhar os feitos da política (...) se assim

é, se de fato o futebol é uma espécie de política e de cultura, já não nos admiraremos que a nossa cultura e a nossa política sejam também uma espécie de futebol.
(Tribuna da Imprensa, 20/1/1950)

Muito embora possamos fazer algumas ressalvas ao eventual exagero do cronista Gustavo Corção, escritor e pensador católico vinculado à UDN, a valorização que se dava ao futebol como elemento integrante e influenciador da cultura política brasileira é algo que acreditamos ser importante para a compreensão das discussões que aqui nos propomos a realizar, uma vez que, da mesma forma que o referido cronista, outros mais também tratavam o futebol com a mesma importância e, conseqüentemente, acabaram por contribuir para impulsionar a construção da ideia de “país do futebol”. Mais adiante, nos deteremos na discussão atinente aos cronistas esportivos. Por ora, o que nos interessa é percebermos que havia uma série de elementos não esportivos que influenciavam os preparativos para a realização da Copa do Mundo de 1950.

A competição é retratada pelos meios de comunicação praticamente todos os dias durante o ano de 1950. A primeira informação que é apresentada no *Jornal do Brasil* referente à Copa do Mundo data de 02 de janeiro e pode nos dar uma ideia de como era considerada uma boa oportunidade para o Brasil realizar o torneio, tanto do ponto de vista futebolístico quanto no tocante às questões políticas e econômicas.

No primeiro dia de 1950, o *Jornal do Brasil*, celebrando, diz:

Não se torna mister encarecer a grande significação que representa para o esporte do Brasil essa importante competição que vai reunir as mais destacadas forças do popularíssimo foot-ball no mundo inteiro. Esse acontecimento que, normalmente, os brasileiros só poderão ver, de novo, em sua terra, após o decurso de mais de um século, reveste-se de tal importância que basta a sua simples enunciação para que o Brasil fique focalizado nas cinco partes do mundo. Bendita pois, a [...] candidatura do Brasil para sede do Campeonato Mundial de Foot-ball [...] Nada menos que 15 delegações estrangeiras aqui aportarão para a disputa do cobiçado título [...] e bem tratadas que sejam elas, com o acolhimento a que fazem jus, por certo se tornarão, como conseqüência lógica de sua estada no Brasil, magníficos grupos de propagandistas de nossa terra. Agora mesmo, meses antes da arrancada final, nas 32 nações inscritas nesse magnificante prélio internacional, o Brasil está sendo focalizado por milhões de pessoas que indagam sobre seus usos e costumes, clima, meios de vida, locomoção, etc.
(*Jornal do Brasil*, 2/1/1950.)

Podemos inferir na matéria acima que era transmitido, através da imprensa, um discurso de que a realização da Copa do Mundo era, de fato, um acontecimento único e importantíssimo não apenas para a seleção de futebol, mas também para todos os brasileiros. Frases como “para que o Brasil fique focalizado nas cinco partes do mundo”, as delegações que vierem disputar o torneio poderão se tornar “magníficos propagandistas de nossa terra” deixam clara a ideia de utilizar o futebol e a Copa do Mundo como meio de enaltecer o Brasil.

Tal era a preocupação em propagandear a nação que os jornais deixam patentes algumas iniciativas que foram tomadas pela C. B. D. objetivando cumprir sua incumbência.

“A C. B. D. já providenciou a remessa de 10 cartazes da Copa do Mundo para cada entidade filiada a F. I. F. A., e para a Entidade Internacional.” (Jornal do Brasil, 3/1/1950) Ou seja, a propaganda política estava presente na preparação para o torneio e o futebol, mais uma vez, passa a ser elemento difusor de interesses que não são meramente esportivos.

Havia também veículos de comunicação que criticavam a falta de habilidade propagandística dos brasileiros.

O Departamento de Turismo da Prefeitura do Distrito Federal só tem demonstrado completa inoperância. Em primeiro lugar, poucos – ou nenhum – dos que ali exercem atividade entendem de turismo...Por êsse motivo, estamos na iminência de perder a grande oportunidade que oferece a próxima realização dos jogos da Copa do Mundo, como chamariz de turistas. Pouca, ou nenhuma, propaganda tem sido feita nesse sentido, a não ser a confecção dêsses cartazes de tão mau gosto, que levam o nome da Confederação Brasileira de Desportos.

Convenhamos, entretanto, que já foram dados alguns passos visando mostrar o Rio aí por fora. Em fins do ano passado e princípio dêste, o Departamento em apreço deu à luz as bases de um concurso de cartazes. Na data fixada, cartazes choveram de todos os cantos, alguns, mesmo, com rubrica de artistas consagrados. Nada feito. A Comissão de Julgamento não gostou de nenhum deles e nova data foi marcada. Outro tanto de cartazes chegaram às mãos dos ilustres julgadores, sendo novamente rejeitados em massa. E agora? Sem cartaz não há propaganda, e não havendo propaganda, quem irá interessar-se por êste Rio sacrificado, espoliado e estadificado?

(Tribuna da Imprensa, 19/5/1950)

O que pode ser inferido das matérias supracitadas é que havia um interesse em utilizar a Copa do Mundo como “chamariz de turistas”. Não obstante o artigo da *Tribuna da Imprensa* tecer críticas à “completa inoperância” do Departamento de

Turismo e Difusão Cultural da Prefeitura fica claro que o jornal via na Copa do Mundo importante instrumento de propaganda do Brasil.

Esta propaganda incluía não somente os veículos de comunicação supracitados, mas também o cinema.

Está sendo aguardado amanhã, na Capital da Republica, em um Constellation da Frota Transoceanica da Panair do Brasil, o sr. Sandro Palavicini, diretor da Incom Filmes de Roma. O referido dirigente vem tratar das providencias necessárias à filmagem dos jogos pela Copa do Mundo, providenciando a vinda e as acomodações para a volumosa bagagem que representa o material tecnico, assim como o pessoal especializado que trará ao Rio para esse fim.
(Jornal do Brasil, 29/3/1950.)

O referido filme foi realizado, entretanto, restam apenas raros fragmentos a seu respeito, uma vez que o filme completo “sumiu misteriosamente”. (Perdigão, 1986)

Na parte administrativa e organizacional o futebol brasileiro ainda apresentava algumas deficiências que eram consideradas empecilhos para a realização de um bom torneio. O estádio do Pacaembu, em São Paulo, por exemplo, apresentava condições inadequadas no gramado meses antes da realização da competição, quando o selecionado se preparava para uma partida amistosa contra a seleção chilena.

O sr. Irineu Chaves, superintendente da Confederação Brasileira de Desportos, que veio a esta capital para vistoriar o gramado do Pacaembu, já tem o seu parecer formado. Aquele mentor da C.B.D. considerou o Pacaembu impraticavel, principalmente para uma partida de responsabilidade, como a que reunirá as seleções do Brasil e do Chile, na noite da próxima quarta-feira, nesta capital.
(Folha da Manhã, 2/2/1950.)

O Pacaembu acabou sendo fechado para reforma, só voltando a ser utilizado quando o início da Copa do Mundo estava mais próximo, conforme matéria veiculada pelo *Jornal do Brasil*, em 29 de março de 1950.

A reforma do Pacaembu ocorreu antes do início da competição e o estádio acabou não apenas sendo utilizado, mas também cumprindo importante papel na realização do torneio, pois além de receber um jogo da seleção brasileira, “visando naturalmente os interesses econômicos da C. B. D., a Itália só disputaria partidas em São Paulo, onde a colônia é bem mais numerosa.” (Tribuna da Imprensa, 31/5/1950)

Em relação ao Maracanã, a inauguração aconteceu em uma data relativamente tardia, uma vez que o evento político que envolveu sua inauguração foi em 16 de junho de 1950, ou seja, a menos de 10 dias do início da competição. A *Folha da Manhã* anunciava: “Amanhã, às 9 horas, com a presença do presidente da República, de autoridades oficiais e figuras destacadas do esporte, será inaugurado o Estádio Municipal.” (Folha da Manhã, 15/6/1950.)

Na imprensa carioca a inauguração do estádio foi apresentada com muito mais destaque, conforme podemos inferir na matéria do *Jornal do Brasil*:

Finalmente realiza-se hoje a inauguração do monumental Estadio Municipal onde serão disputadas as provas do Campeonato Mundial de Foot-ball. Todo o mundo esportivo se rejubila com esse acontecimento que assinala um marco sobremodo glorioso na historia do Sport brasileiro. O estadio municipal não constitue somente um verdadeiro e belo monumento de que tanto pode se orgulhar o povo da nossa terra, mas, também, uma belíssima prova documental da capacidade dos nossos engenheiros. Aproveitando a oportunidade do 3º aniversario da administração do prefeito general Angelo Mendes de Moraes será feita a inauguração oficial do Gigante do Maracanã [...]
(Jornal do Brasil, 16/6/1950.)

Enquanto no *Jornal do Brasil* não se percebe crítica ácida à figura do prefeito do Rio de Janeiro, o cronista Araújo Neto, da *Tribuna da Imprensa*, escreve o seguinte em sua coluna:

A inauguração do Estádio Municipal transformada em pantomima de dois atos. O primeiro, hoje, com o sr. Dutra cortando a fita simbólica, qual um Aladim moderno repetindo o lendário “abre-te Sésamo”... E ainda com o sr. De Moraes discursando e celebrando-se. Fazendo festejado e importante o dia de mais um aniversário de sua gestão. O segundo ato, marcado para amanhã, com revoadas, desfile, busto do sr. Moraes, cantorias e futebol de novos. Ninguém contesta, o acontecimento é de extraordinária repercussão [sic]. Mas dentro do esporte, para a Copa do Mundo. Desejemos, porém, que a terceira inauguração se faça mais urgente: que a entrega das “chaves” à seleção nacional seja procedida imediatamente. Flávio Costa, naturalmente, já deve estar apreensivo e lamuriando o tempo perdido e a vantagem que desprezamos não conhecendo, a esta altura, o gramado do Estádio Municipal.
(Tribuna da Imprensa, 16/6/1950)

A ideia do cronista do jornal lacerdista era tornar clara a separação entre o evento que, para ele, deveria ser esportivo, e a utilização política que era feita, especialmente pelo prefeito do Rio de Janeiro. O cronista, por motivos desportivos ou posicionamento político, não concebia que o técnico da seleção brasileira, Flávio Costa, ainda não estivesse utilizando o estádio para preparar os jogadores em

virtude do uso político dos eventos de inauguração, bem como em decorrência do atraso na conclusão das obras. Entretanto, a fala do referido cronista também é política, na medida em que se posiciona ideologicamente de acordo com a linha editorial de seu jornal e seus próprios posicionamentos que, como sugerimos anteriormente, inserem-se numa linha convergente à UDN e aos seus respectivos interesses político-partidários.

Para a prefeitura e também para o *Jornal do Brasil*, pelo contrário, o êxito da construção, o orgulho que o povo poderia sentir de tão “belo monumento”, que consistia em um “marco glorioso” para a história brasileira, estavam diretamente associados à figura política do então prefeito carioca, e não eram poupados os discursos de engrandecimento político pela “brilhante realização” que significava a construção do estádio do Maracanã.

O general Ângelo Mendes de Moraes recebeu do sr. Herbert Moses, presidente da A. B. I., após a sua visita ao Estádio Municipal, o seguinte telegrama: - “No momento em que regresso de nova visita às obras, agora em fase final, de construção do Estádio Municipal (...) quero manifestar à v. exa. meus aplausos mais sinceros por tão esplendida realização que há-de assinalar, com louvor, a sua gestão à frente da Prefeitura do Distrito Federal. Para nós, cariocas, que acompanhamos, dia a dia, o desdobramento das obras o Estádio Municipal, a atuação de v. exa. ha-de ser sempre um exemplo de dinamismo, da decisão administrativa e da vontade realizadora, sem os quais não se tornam possíveis empreendimentos desse porte. O proximo Campeonato do Mundo há de encontrar no Estádio Municipal o cenário privilegiado que cooperará de forma excepcional para o desenvolvimento do esporte no Brasil. Saudações cordiais (ass.) – Herbert Moses, presidente”.
(Jornal do Brasil, 14/3/1950.)

Apesar do otimismo do presidente da Associação Brasileira de Imprensa e da tentativa de enaltecimento do prefeito do Distrito Federal, a realidade a respeito do estádio era bem diferente. O Maracanã impressionava por seu tamanho e por sua arquitetura. Porém, ainda não estava terminado e a Copa do Mundo aconteceu em um estádio inacabado, o que poderia colocar em risco os torcedores que compareciam para acompanhar as partidas.

46 pessoas acidentadas no Estádio Municipal
Por ocasião da inauguração do Estádio Municipal, no último sábado (...) Os referidos ferimentos foram devidos a pregos expostos em tabuas e por pedaços de andaimes e tijolos caídos sobre os espectadores, em razão de não se encontrarem totalmente acabadas as obras do estádio.
(Tribuna da Imprensa, 19/6/1950)

Segundo o jornal *Folha da Manhã*, não haveria motivos para tamanho discurso a respeito do estádio.

O estadio municipal carioca não é tão belo quanto o do Pacaembu. Inauguraram-no ainda cheio de tabuas. Metade do publico saiu de lá esfarrapado, em consequência dos pregos, e mais ou menos cento e cinqüenta pessoas foram socorridas pela Assistencia.
(Folha da Manhã, 2/7/1950.)

Apesar da divergência quanto ao número de feridos na inauguração do estádio, o que fica claro para nós é que a realização da obra ocorreu às pressas e, mesmo com o estádio inacabado, o interesse político por trás de sua inauguração é patente. Também evidencia-se a oposição entre a imprensa paulista e a imprensa carioca acerca da beleza e qualidade de seus respectivos estádios e, conseqüentemente, remete-nos aos embates políticos regionalistas já aludidos anteriormente.

A própria realização do torneio chegou a ser questionada pelos meios de comunicação da época, demonstrando certa insegurança e até mesmo o receio de que o momento considerado propício para consolidar a imagem positiva do Brasil perante outras nações do mundo viesse a se perder.

O Jornal "Dailly Graphic" declara hoje que talvez não seja realizado no Rio de Janeiro, este ano, o campeonato mundial de football.
Os principais impecilhos [sic] seriam as dificuldades cambiais e a questão do arrendamento do superestadio [sic] ali construído.
Diz o "Dailly Graphic" que, em principios do mês, a Federação Internacional de Associações de Football, entidade responsavel pelo torneio, pediu à Confederação Brasileira de Desportos que desse garantias, até 9 de fevereiro, no sentido de que seria autorizada a transferência do dinheiro devido aos países competidores. Os brasileiros – diz o jornal – ignoram a carta.
Prosseguindo [...] a informação do "Dailly Graphic" que outra carta foi enviada por via aérea. Declarava que se as garantias solicitadas não fossem recebidas até a data de hoje, o campeonato não mais seria disputado no Brasil. Até ontem à noite os brasileiros não haviam enviado qualquer resposta.
Diz ainda o jornal que o Brasil recebera com frieza um pedido no sentido de que o estadio que está sendo construído para a competição fosse colocado ao serviço exclusivo da Federação Internacional enquanto durasse o torneio. [...]
Apesar de tudo isso, o sr. A. Brook-Hirst, presidente da Associação de Football, ouvido ontem à noite pelo "Dailly Graphic", disse que, tanto quanto sabia, consta ainda de pé a ideia de ter a Copa Mundial disputada no Rio de Janeiro.
(Jornal do Brasil, 1/3/1950.)

A despeito desta informação veiculada no jornal inglês, na mesma edição e na mesma página o *Jornal do Brasil* se pronuncia da seguinte forma:

O Campeonato Mundial de Foot-ball será realizado no Rio de Janeiro, apesar de todas as dificuldades alegadas ou que possam ainda surgir – segundo afirmou hoje o filho do doador da Taça do Mundo mr. Jules Rimet, que é também o presidente da FIFA.

Assim, falando em nome de seu pai – que se encontra acamado – Rimet Filho declarou a “Reuters” que, de fato, existe certa dificuldade relativa à transferência de cambiais. Entretanto, tal dificuldade foi sanada pela atitude dos organizadores do Campeonato do Rio, que se ofereceram para resolver o problema. Além disso, a FIFA recebeu as necessárias garantias de que o Estádio Municipal do Rio, ficará à sua disposição exclusiva durante toda a duração do torneio.

(*Jornal do Brasil*, 1/3/1950.)

As duas matérias acima demonstram a importância que era dada pelos meios de comunicação à opinião dos países visitantes acerca da organização e recepção dos brasileiros às delegações e aos turistas estrangeiros que viriam ao Brasil para acompanhar as partidas.

No dia 11 de fevereiro, por exemplo, o *Jornal do Brasil* apresenta a seguinte manifestação:

Sejam os turistas esperados nesta Capital daqui a quatro meses, por ocasião da disputa da “Copa do Mundo”, cinquenta mil, como ora se propala ou quarenta mil, como foi calculado pela comissão encarregada pela Municipalidade de programar os festejos comemorativos dessa competição desportiva internacional, a triste e vergonhosa realidade, já verificada e confessada pela referida comissão, é que a Prefeitura não dispõe de acomodações para mais de sete mil de tais visitantes.

Revelando pasmosa ingenuidade ou inacreditável desconhecimento da exata e torturante situação de absoluta carência, já não diremos de casas, mas de simples lugares para morar, sabe Deus como, com que sacrifícios e em que humilhantes condições de desconforto, que atormenta a população carioca, dita comissão apelou para quem porventura possa dispor de dependências não ocupadas em suas residências, para cedê-las por aluguel aos quarenta e três ou trinta e três mil daqueles turistas, que não lograrem ser alojados durante a realização dos torneios futebolísticos, em junho próximo.

Absorvida totalmente pela construção da parte do Estádio, em que a “Copa do Mundo” será disputada, a administração municipal se descuidou da acomodação dos que esse prelio atrairá a esta cidade, só tarde demais reconhecendo que os poucos hotéis do Rio não bastam para alojamento senão de pequena parte da multidão de forasteiros que aqui aportará dentro em breve.

[...]

Em vez, porém, de procurar a acomodação da maior parte dos estrangeiros que proximamente visitarão a Capital do Brasil e de lhes proporcionar acolhimento e permanência capazes de bem impressioná-los ou de lhes assegurar a realidade do desenvolvimento material da metrópole e do

avanço da cultura e da civilização de seu povo, o governo municipal preferiu expo-los ao, para nós tão degradante e para eles tão enojante, espetáculo da miséria, do abandono e do desasseio permanente dos logradouros públicos e ao perigo dos assaltos à mão armada dos que nele se arriscarem a transitar.

(Jornal do Brasil, 11/2/1950.)

Podemos inferir que a infraestrutura da capital brasileira não era considerada adequada para receber os turistas e isso era uma preocupação da opinião pública e também dos organizadores do torneio. Tal preocupação refere-se, em nosso ponto de vista, à busca por demonstrar aos outros países as qualidades da nação e da infraestrutura brasileiras e a ausência de elementos positivos poderia colocar em xeque os ideais propagandísticos brasileiros.

Ver frustrada a realização da competição poderia simbolizar também a frustração em relação ao desejo de corroborar a suposta imagem de um Brasil em crescimento, de um país organizado, de um país que poderia, como vimos acima, ser responsável por liderar e conduzir os demais países da América do Sul. Sentimentos como “amizade, fraternidade, companheirismo” caracterizariam o Brasil, e principalmente os brasileiros, em relação aos seus “irmãos” do continente. (p. 35)

Dias depois, de Paris, vem a confirmação de que o Campeonato do Mundo seria, de fato, realizado no Brasil.

O Campeonato Mundial de Foot-ball será realizado no Rio de Janeiro, apesar de todas as dificuldades alegadas ou que possam ainda surgir – segundo afirmou hoje o filho do doador da Taça do Mundo mr. Jules Rimet, que é também o presidente da FIFA.

[...]

Declarou ainda o filho do presidente da FIFA que com exceção da Escócia [sic], cuja presença ainda é incerta, nenhum dos dezesseis países inscritos no Campeonato Mundial demonstrou até [sic] agora a sua intenção de não comparecer ao certame da Capital brasileira. Todavia, somente em fins de abril vindouro, quando as delegações estrangeiras deverão seguir para o Rio é que será possível conhecer qualquer defecção – se houver alguma.

Alias [sic], qualquer vaga aberta pela retirada de um país será imediatamente preenchida por um convite endereçado a outra nação interessada, ou uma nova prova disputada entre os conjuntos que não conseguiram classificação nas primeiras provas.

(Jornal do Brasil, 1/3/1950.)

Além dessa questão atinente à realização da Copa do Mundo e às desistências de algumas equipes, outro aspecto que protagonizou as tensões e embates políticos refere-se à escolha das sedes para a realização das partidas mais importantes. Ao todo, foram seis cidades-sede durante a competição: Rio de

Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba e Recife. Contudo, as únicas cidades que receberam jogos da seleção brasileira foram o Rio de Janeiro (5 jogos) e São Paulo (1 jogo).

Diante disso, as outras cidades procuraram se posicionar para tentar garantir que jogos de seleções importantes fossem realizados em seus respectivos estádios.

Dentre essas sedes o caso mais tenso ocorreu em relação à Belo Horizonte. De acordo com a Federação Mineira de Futebol, havia sido garantido pela CBD que a cidade mineira, apesar de não receber partidas da seleção brasileira, receberia jogos de seleções importantes, consideradas favoritas ao título, como, por exemplo, a Inglaterra. Dias antes do início da competição, com a possibilidade do não cumprimento da suposta promessa, a Federação Mineira e a própria prefeitura de Belo Horizonte acabaram por posicionar-se contra o pagamento da cota que cada cidade-sede deveria repassar à CBD.

A Federação Mineira de Futebol mostra disposta a recusar-se a efetuar o depósito de um milhão e quinhentos mil cruzeiros exigidos pela C. B. D., para a realização, em Belo Horizonte, de jogos em disputa do Campeonato Mundial.

(...)

não sendo realizados, em Minas, jogos de importancia para a disputa do Campeonato Mundial, a entidade local não poderia arcar com as responsabilidades decorrentes de um depósito de soma tão elevada, porquanto não encontraria compensações na arrecadação dos “matches”.

(Tribuna da Imprensa, 25/5/1950)

Dias mais tarde, Mario Pollo, presidente em exercício da CBD, posicionou-se nos seguintes termos:

CBD tem um compromisso com a Federação e os desportistas de Minas – promover jogos da Copa do Mundo, em Belo Horizonte. Nada mais. Mesmo porque êsse pacto de que falam os diários montanheseiros foi lavrado muito antes de se pensar em tabela, e, até mesmo, de se conhecer os “cabeças de chave(...)” à CBD cabe a penas a apresentação e indicação dos locais para as disputas das partidas. A programação e fixação dos prêmios são privilégios da FIFA, que delibera – é verdade – em acordo com a CBD, entidade patrocinadora”.

(Tribuna da Imprensa, 27/5/1950)

Como se pode perceber, a fala do presidente em exercício da CBD mostra-se um tanto evasiva, responsabilizando a FIFA pela organização da tabela e a definição das cidades dos jogos. Argumenta o referido dirigente, inclusive, que não seria permitido pelo regulamento que uma seleção atuasse mais de duas vezes numa

mesma cidade. Tal argumento, entretanto, não prevaleceu no caso da Itália que fez três jogos em São Paulo e nem do Brasil que realizou cinco partidas no Rio de Janeiro.

Entendemos a escolha das sedes como tensão política, uma vez que envolve interesses que transcendem a mera realização das partidas. Receber jogos de maior importância constituiria maior interesse popular e, conseqüentemente, maior lucro com bilheteria e maior exposição política. Ao mesmo tempo, a escolha de São Paulo e Rio de Janeiro como principais sedes da competição também evidencia a influência das esferas dos poderes político e econômico como norteadoras das decisões desportivas.

O embate acabou sendo parcialmente solucionado, na medida em que Belo Horizonte continuou como sede da competição, recebendo ao todo três jogos. Contudo, houve por parte da Federação Mineira, a decisão de não garantir à CBD o pagamento integral da cota exigida.

A solução com a pacificação obtida em Belo Horizonte pelos srs. Hugo Fracarolli e Otorino Barassi não foi inteiramente favorável à C.B.D. Os mineiros mantiveram-se irredutíveis, durante quase toda a reunião.

[...]

O sr. Otacilio Negrão de Lima, prefeito de Belo Horizonte, esteve ausente da reunião. No entanto, delegou amplos poderes ao senhor Mario Gomes para representa-lo e defender os interesses da municipalidade.

(Tribuna da Imprensa, 7/6/1950)

As outras sedes da Copa do Mundo (Porto Alegre, Curitiba e Recife) quase não são citadas pelos periódicos paulistas e cariocas. As alusões feitas a estas cidades restringem-se aos resultados das partidas ali realizadas. Porto Alegre e Curitiba receberam dois jogos e Recife recebeu somente uma partida. Apenas para que se tenha uma ideia, o Maracanã, no Rio de Janeiro, recebeu ao todo 8 partidas, sendo 5 do Brasil; e o Pacaembu, em São Paulo, foi sede de 6 jogos, sendo 1 da seleção brasileira).

Podemos inferir, a partir da análise dos periódicos cariocas e paulistas e através da própria distribuição das partidas entre as cidades-sede que, não obstante a existência de um discurso fomentador da ideia de a seleção brasileira de futebol representar a identidade e o patriotismo brasileiros, o envolvimento efetivo da população brasileira se deu nas grandes cidades e, de certa forma, acabou por restringir-se aos principais centros políticos e econômicos do período.

2.3. A Copa do Mundo de 1950 fora dos gramados: os jogos e a cobertura da imprensa

Com algumas desistências e com as obras inacabadas, a competição se iniciou, no dia 24 de junho, com o jogo entre Brasil e México, no estádio do Maracanã. Ainda sendo tratada com certa cautela pela imprensa esportiva a seleção brasileira venceu a partida por 4 a 0.

Depois de mais duas partidas na primeira fase (Brasil 2 x 2 Suíça, em São Paulo, e Brasil 2 x 0 Iugoslávia, novamente no Rio de Janeiro), a seleção brasileira se classificou para a fase final que foi disputada, pela primeira e única vez, em um quadrangular no qual o campeão seria a equipe que fizesse mais pontos.

A expectativa após a vitória contra a Iugoslávia passou a ser de uma campanha vitoriosa da seleção brasileira. Os meios de comunicação encaravam a equipe como potencial campeã mundial, o que só aumentou quando se iniciaram as partidas da fase final. No primeiro jogo um estrondoso 7x1 contra a Suécia enalteceu os ânimos da imprensa carioca que, três dias após a vitória e um dia antes da partida seguinte, contra a Espanha, dizia:

É indescritível a animação que se nota em nossos meios esportivos com a realização do jogo Brasil X Espanha, amanhã no Estádio Municipal, o colosso do Maracanã.

A vitória conseguida pela equipe brasileira de forma tão categórica sobre o selecionado sueco maior entusiasmo deu à enorme torcida nacional que lobrigou nesse triunfo, o 1º da serie final de três, um sinal sobremodo promissor para a grande conquista do Campeonato e a "Coupe Jules Rimet".

(Jornal do Brasil, 12/7/1950.)

O otimismo que já se mostrava exagerado por parte da imprensa demonstra claramente o discurso de convocar a "enorme torcida nacional" para a "grande conquista" que estaria por vir. Mesmo faltando duas partidas a serem disputadas para que a seleção conquistasse o sonhado título, a euforia perceptível poderia fazer com que as atenções da população se voltassem para os jogos a serem disputados e, conseqüentemente, aumentaria a presença de torcedores no estádio (o que de fato ocorreu) e a maior vendagem de jornais.

Isso se comprova, por exemplo, mediante a cobertura dada pelo jornal *Folha da Manhã* no dia seguinte à partida com a Espanha, pois, além de enaltecer a nova

vitória brasileira, dessa vez por 6 a 1, o jornal paulistano também destacou que foi “superado novamente o recorde mundial de renda” (Folha da Manhã, 14/7/1950).

A vitória contra a seleção espanhola demonstrava toda a força do selecionado brasileiro que, pela primeira vez em sua história, chegava à “final”²⁵ de uma Copa do Mundo. Se a euforia após a vitória contra os suecos já era grande, após o triunfo frente aos espanhóis passou a ser algo descomunal.

O futebol nacional cumpriu essa tarde uma das suas maiores façanhas. Apresentou a uma assistência de quase 200.000 pessoas uma exibição notável, impressionante pela beleza técnica e pela eficiência prática [...] o onze nacional mostrava-se irresistível [...] Era impossível lançar contra ele uma vanguarda capaz de vencê-lo [...]

O Maracanã mostrava-se imponente, apresentando-se pela primeira vez superlotado. Quando às 14 h 40, a equipe nacional deu entrada em campo, presenciou-se uma recepção extraordinária. O vozerio tomou conta de tudo. Estouraram rojões e foguetes, num pandemônio impressionante [...]

A partida desta tarde estabeleceu novo recorde mundial de renda, com a arrecadação de Cr\$ 5.682.642,00, de bilhetes controlados. Como faltassem ingressos, foi necessário que, à última hora, as pessoas colocassem as importâncias de suas entradas nas urnas [...]

(Folha da Manhã, 14/7/1950.)

Na mesma edição o jornal *Folha da Manhã* já tratava a seleção brasileira como campeã:

Com a vitória obtida, pode-se dizer que o Brasil é o virtual campeão do certame, devendo caber-lhe pois, a Taça Jules Rimet. O seu último compromisso será domingo, contra o Uruguai. Bastará um empate para que o título máximo do futebol mundial fique de posse da Confederação Brasileira de Desportos [...]

(Folha da Manhã, 14/7/1950.)

Podemos perceber pelas matérias acima que não havia mais dúvida quanto ao título, uma vez que, para enfrentar o selecionado brasileiro, “era impossível lançar contra ele uma vanguarda capaz de vencê-lo”, principalmente se considerássemos que o “Maracanã mostrava-se imponente” e a união de todos os brasileiros (jogadores, políticos, imprensa e torcedores) fazia do Brasil o “virtual campeão do certame, devendo caber-lhe, pois, a Taça Jules Rimet”.

Acreditamos que nenhuma narrativa é isenta de subjetividade e que dificilmente um órgão de imprensa deixa de atender a interesses diversos,

²⁵ Lembramos que no ano de 1950 pela primeira e única vez a fase final da Copa do Mundo foi disputada em um quadrangular, não havendo, portanto, uma partida final oficial. Apesar disso, Brasil e Uruguai chegariam na última rodada como os únicos com condições de se tornarem campeões.

especialmente aos interesses de classe que determinam muitas das relações sociais, ou pelo menos, as influenciam.

Portanto, ao considerarmos a tentativa de construção do “país do futebol”, o discurso midiático vai ao encontro desse interesse, uma vez que as características que são enaltecidas fazem alusão às qualidades tidas como patrióticas e identitárias. Mesmo sendo o futebol uma prática esportiva, o discurso que se constrói a respeito dele e a própria atmosfera que se cria em torno da realização de um jogo, nos permite entrever mais do que o jogo, evidenciando também relações políticas, culturais, sociais e de classe.

Nos dias que antecederam a final, a expectativa dos meios de comunicação em relação ao título brasileiro era grande:

Empolga o mundo esportivo o prélio de amanhã à tarde, no Maracanã, entre o Brasil e o Uruguai, para a decisão do IV Campeonato Mundial de futebol (...). Para que o Brasil seja o detentor da Taça Jules Rimet em 1950, bastar-lhe-á um empate. Mas se o Uruguai vencer, o título lhe pertencerá. É difícil admitir-se a possibilidade de um revés dos nossos, em face de seus retumbantes feitos contra a Suécia e a Espanha. Há ainda a acrescentar que o quadro do Brasil, técnica e fisicamente, vem-se mostrando superior ao do Uruguai.
(Folha da Manhã, 16/7/1950.)

O interesse das pessoas e o otimismo eram tão grandes a ponto de a procura por ingressos para assistir ao jogo final ter sido considerada descomunal, mas não desproporcional ao momento histórico que se desenhava.

A questão dos ingressos no Maracanã atingiu hoje seu clímax [...] O Rio amanheceu com enormes filas. Antes das 6 horas já era grande o número de populares que procurava os postos de vendas de ingressos numerados [...] Logo os guichês eram fechados por se terem esgotado os ingressos. A sede da C. B. D. estava guardada de polícia. E bem a vista aparecia o seguinte letrero: “A C. B. D. está fechada” [...] (Folha da Manhã, 15/7/1950.)

Enfim, após toda preparação, com tantos momentos de euforia e confusão, chegava o dia 16 de julho de 1950 e a partida entre Brasil e Uruguai. Mais de 200 mil pessoas compareceram ao estádio municipal²⁶ e muitas outras acompanharam o evento através das transmissões radiofônicas realizadas por várias emissoras.

²⁶ O número oficial de pagantes é de 173.850 de acordo com a FIFA. Disponível em: < <http://pt.fifa.com/worldcup/archive/edition=7/results/matches/match=1190/report.html> > Acesso em 21/04/2017

O otimismo que tomava conta dos brasileiros se fazia presente na voz do prefeito Mendes de Moraes que proferiu um discurso extremamente ufanista momentos antes do início da partida.

Vós, brasileiros, a quem eu considero os vencedores do Campeonato Mundial. Vós, jogadores, que a menos de poucas horas sereis aclamados campeões por milhões de compatriotas. Vós que não possuís rivais em todo o hemisfério. Vós que superais qualquer outro competidor. Vós que eu já saúdo como vencedores [...] Cumpri minha promessa construindo esse estádio. Agora, façam o seu dever ganhando a Copa do Mundo.
(PERDIGÃO, 1986, p. 82)

Também o narrador Antonio Cordeiro, da *Rádio Nacional*, demonstrava a euforia antes da partida:

Acaba de ser cantado pela multidão o hino nacional brasileiro, repetindo o magnífico espetáculo de civismo que já tivéramos a oportunidade de presenciar também na última quinta-feira aqui no estádio Mendes de Moraes, por ocasião da peleja entre o Brasil e a Espanha
(Rádio Nacional, 16/7/1950.)

O narrador Pedro Luiz Paoliello, da *Rádio Panamericana* de São Paulo, adiantava no início de sua transmissão: “Não há dúvida vai ter carnaval no Rio de Janeiro, não somente no Rio de Janeiro. Em todo Brasil terá carnaval” (Rádio Panamericana, 16/7/1950.)

Entretanto, após o início da partida o que se viu foi um jogo tenso no qual o Brasil não conseguia repetir o futebol espetacular das partidas anteriores. Após um primeiro tempo truncado, o arbitro inglês, George Reader, apitou e iniciou-se o intervalo. Faltavam apenas 45 minutos para a consolidação do título, uma vez que o Brasil jogava pelo empate para se tornar campeão mundial de futebol pela primeira vez.

A vantagem brasileira, que já era grande, se torna ainda maior quando aos 2 minutos do segundo tempo a seleção nacional abriu o placar com gol de Friaça. Tudo parecia se encaminhar para a glória. O que não se esperava era que a seleção uruguaia tivesse força para virar o placar da partida, com um gol de Schiafino e outro de Ghiggia.

A maior parte dos escritores da Copa de 1950 refere que o segundo gol uruguaio representou um grande golpe para o Brasil e os brasileiros a ponto de ocorrer um silêncio absoluto no estádio do Maracanã.

É uma pena que tal silêncio não possa aqui ser reproduzido, mas, sem dúvida, a multidão que estava no Maracanã para acompanhar o jogo sentiu o duro golpe que os uruguaios lhes deferiram e tanto na narração da *Rádio Nacional* quanto na *Rádio Panamericana* é perceptível tal silêncio.

Isto não significa, contudo, que a seleção brasileira não continuou tentando o gol que lhe daria o empate e que a própria torcida não tenha esboçado reações durante tais tentativas. Portanto, a ideia repetida várias vezes pela imprensa, pelos jogadores e por alguns cronistas da Copa do Mundo de 1950 a respeito do silêncio que tomou conta do Maracanã após o gol uruguaio procede sem, no entanto, representar que esse silêncio tenha permanecido até o final da partida como referem alguns.²⁷

As tentativas brasileiras de empatar o jogo não surtiram efeito e o Uruguai se sagrou campeão pela segunda vez. Antonio Cordeiro descreveu assim o término da partida:

Marcou o juiz apitando o final da peleja. Terminou o jogo com a vitória do Uruguai. Uruguaios campeões mundiais de futebol de 1950, reconquistando o título que haviam obtido em 1930 e perdido depois para a Itália. Desolação natural da torcida aqui no estádio do Maracanã.
(Rádio Nacional, 16/7/1950.)

Já Pedro Luiz, faz um verdadeiro desabafo após o apito final e a derrota brasileira:

Quando nosso time acertou, quando exibiu futebol, quando chutou para todo mundo em Maracanã, quando ninguém no mundo tinha dúvidas do campeonato vencido pela equipe brasileira, eis que o Uruguai, lutando com fibra, lutando com denodo, lutando com confiança, levanta o título e tira na última hora do Brasil o título de campeão do mundo de 1950. Depois dessa festa grandiosa e espetacular que chamou a atenção de todos os brasileiros para o Maracanã, a nossa equipe não acerta sua partida, não acerta o ritmo do seu jogo, vence a meta do Uruguai. Parecia aberto o caminho da vitória. Cede o empate e depois pressiona o Uruguai que desempata a partida. Nós pressionamos, pressionamos, lutamos, caímos em campo e não

²⁷ PERDIGÃO, Paulo. **Anatomia de uma derrota**. São Paulo: L&PM Editores Ltda, 1986; MORAES NETO, Geneton. **Dossiê 50**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

conseguimos. São coisas do futebol. Os uruguaiois mereceram a vitória na tarde de hoje. Sejam justos para com eles. É verdade que eles ocasionam para nós, para nós que vivemos dentro do futebol, para aqueles que vivem fora do futebol, a maior dor que um desportista brasileiro poderia sentir nesse instante de amargura quando esperávamos a festa, quando nos preparávamos para a alegria. Não chegamos para as lágrimas e para as emoções doídas que nos tomam conta da alma, que nos colocam em desespero porque aquele prêmio a que o Brasil fez jus fuge das mãos na última hora e seus adversários o conquistam num desafio a tudo e a todos, vencendo todos os obstáculos e agora se transformando em lágrimas, desesperados dentro da emoção da vitória, num contentamento transbordante e que não era esperado, mas que foi traduzido por noventa minutos de futebol onde se ganha uma partida, onde se fazem os gols. Os gols foram feitos por eles em número de dois e nós que liderávamos o campeonato com favoritismo absoluto tão poucas vezes igualado às vésperas de um encontro final do campeonato do mundo. Nós que construímos esse gigante de cimento armado, nós que promovemos para todos os povos uma festa futebolista, nós que apresentamos o melhor futebol ao cenário internacional, nós que fizemos jus ao título, o vemos fugir por um excesso de confiança, por uma certeza que antecedeu a vitória e pela certeza nossa que não fugia e não escapava a ninguém. Não eram só os jogadores que a tinham, mas todo o público brasileiro. Embora o futebol seja cheio de surpresas e a gente deva esperar por uma delas, embora mais amarga, embora mais doída, embora mais triste, embora aquela que envolve o maior sacrifício e maior quantidade de lágrimas. Perdemos, mas perdemos lealmente para o Uruguai. Vamos festejar para o Uruguai o campeonato mundial de 1950 porque ele conquistou um campeonato que já estava quase conquistado por seu adversário.
(Rádio Panamericana, 16/7/1950.)

O trecho narrado por Pedro Luiz Paoliello resume bem o que representou para o Brasil e para os brasileiros a perda da final. Após ter construído o “gigante de cimento armado” e promovido para “todos os povos uma festa futebolista”, os brasileiros viram o título fugir “das mãos na última hora e seus adversários o conquistam num desafio a tudo e a todos” ocasionando “a maior dor que um desportista brasileiro poderia sentir nesse instante de amargura quando esperávamos a festa”. Verificamos, através dessa narração, que o título era esperado pelos brasileiros e que não ganhá-lo representou, de fato, um momento de tristeza e ganhou, inclusive, ares de tragédia.

Contudo, na mesma narração, um pouco mais adiante, Paoliello enalteceu a seleção uruguaia, reconhecendo que houve merecimento na conquista e mandando uma mensagem para os ouvintes da rádio, mensagem esta que ganharia tons proféticos, especialmente, se considerarmos que oito anos mais tarde o Brasil se tornaria campeão mundial, na Suécia.

Vamos ver se aproveitamos a derrota para o futuro e que um dia, aqui onde estamos, poderemos sentir mesmo de longe, as emoções de uma equipe

representativa do Brasil que esteja fazendo voltas por estádio qualquer no mundo, comemorando a conquista de um certame mundial de futebol. Vamos esperar até lá. A esperança é a última que morre. Nós temos recursos técnicos e materiais para isso. Precisamos apenas se completar esse fatores de fato tão decisivos com outra mentalidade. Assim nós teremos tudo para conquistar um campeonato aqui ou fora do Brasil (Rádio Panamericana, 16/7/1950.)

No dia 18 de julho²⁸, ou seja, dois dias após a partida final, o jornal *Folha da Manhã* fazia menção a vitória uruguaia e ao desastre esportivo que se abatera sobre o futebol brasileiro.

Foi, enfim, em terreno esportivo, um desastre o que ocorreu domingo em Maracanã. E que não se procure encobrir sua gravidade com desculpas esfarrapadas e de última hora [...] os orientais [uruguaios] se apresentaram despretenciosamente [sic], reconhecendo que não lhes pertencia a melhor equipe [...] Na ultima partida, puseram em campo todo o coração, todo o entusiasmo e a famosa “mística da celeste olímpica”. E os nossos se quedaram desfibrados, sem ardor, sem entusiasmo, com uma apatia que bem merece ser qualificada de falta de brio esportivo (Folha da Manhã, 17/7/1950.)

A crítica do jornal à “falta de brio dos brasileiros” se constitui em uma demonstração de que para o referido órgão de imprensa, não haveria outro motivo que justificasse a derrota. De acordo com o periódico, a equipe brasileira não poderia perder para uma seleção como a uruguaia que se apresentou “despretenciosamente” durante a competição.

Na mesma edição o jornal *Folha da Manhã* refere que:

Mais uma vez, a falta de sadio entusiasmo, do entusiasmo que nasce espontaneamente, e não das circunstâncias e dos proventos materiais, golpeou profundamente o futebol de nossa terra, decepcionando de maneira total a opinião pública e acarretando prejuízos morais e materiais irreparáveis (Folha da Manhã, 17/7/1950.)

“Prejuízos morais e materiais irreparáveis” para quem? Sem dúvida, devem ter ocorrido prejuízos materiais e morais para jogadores, comissão técnica, para o próprio jornal e até para torcedores que compraram o ingresso. Mas esses prejuízos foram irreparáveis? O jornal transforma a derrota esportiva em tragédia. Esse discurso está presente em outras derrotas na história esportiva do Brasil, especialmente no que se refere ao futebol.

²⁸ Os jornais da época não tinham edições às segundas, portanto, não houve edição da *Folha da Manhã* no dia 17/07.

A proporção que a derrota na Copa do Mundo de 1950 adquire a faz ser lembrada ainda hoje como uma grande tragédia. Para o antropólogo Roberto da Matta, por exemplo, “é, talvez, a maior tragédia da história contemporânea do Brasil” (MORAES NETO, 2000, p. 126.)

Para o jornalista e escritor Nelson Rodrigues “cada povo tem a sua irremediável catástrofe nacional, algo assim como uma Hiroshima. A nossa catástrofe, a nossa Hiroshima, foi a derrota frente ao Uruguai, em 1950” (Revista Realidade, junho de 1966.)²⁹

Podemos perceber que o discurso a respeito da Copa do Mundo de 1950, assim como quaisquer outros discursos, se enquadra em um processo histórico com surgimento e consolidação e que ainda são recorrentes nos meios de comunicação e também em alguns estudos acadêmicos. A representação que é dada pela imprensa é diferente da maneira como os jogadores e comissão técnica encaram a derrota e falam sobre ela e também é diferente da maneira como os torcedores que acompanharam às partidas no estádio se referem ao mesmo evento. Entretanto, a versão midiática é considerada oficial e repetida diversas vezes nas emissoras de televisão, rádio e nos jornais, especialmente quando estamos em época de Copa do Mundo ou em períodos que antecedam confrontos entre brasileiros e uruguaios.

A consolidação do “país do futebol” era adiada, mas não abandonada. Tal ideia permaneceria no imaginário da imprensa esportiva brasileira durante a década de 1950 e as representações atinentes ao futebol acabavam por reverberar em diversas outras instâncias e ocasiões, permanecendo presente na memória que se construiu, ao longo do tempo, a respeito da Copa do Mundo de 1950 como veremos adiante.

2.4. A derrota em 1950: produção e reprodução da memória sobre a “tragédia”

A derrota na Copa do Mundo de 1950, conforme sugerimos anteriormente, permaneceu no imaginário da imprensa e da sociedade brasileira durante décadas e, ainda hoje, mesmo após cinco títulos conquistados pela seleção brasileira, reverbera em matérias jornalísticas e na memória coletiva que se constrói acerca do

²⁹ GILARDI, Juan José Torres. 1950: o olhar da imprensa. Revista Contemporânea, nº10, 2008. Disponível em: < http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_10/contemporanea_n10_juan_gilardi.pdf > Acesso em: 15/07/2017

futebol. Alguns dos elementos mais visíveis desta memória, presentes em livros, crônicas e depoimentos que se constituíram ao longo de vários anos, testemunham como se reproduziu, pela memória, a experiência da derrota brasileira.

A exposição desta memória reproduzida confirma o sentimento de pertença a um grupo – o “grupo-nação” – ao qual os brasileiros se sentem inseridos, através do futebol.

(...) situações vividas só se transformam em memória se aquele que se lembra sentir afetivamente ligado ao grupo ao qual pertenceu. Aliás, ao qual pertence, pois só se faz parte de um grupo no passado se se continua afetivamente a fazer parte dele no presente. Se, no presente, alguém não se recorda de uma vivência coletiva do passado é porque não pertencia àquele grupo – ainda que pertencesse fisicamente –, já que é o afetivo que indica o pertencimento. A partir daí, é possível supor que é tecida uma espécie de cadeia de pertencimento afetivo que mantém a vida e/ou o vivido da memória. (D’ALESSIO, p.98-99, 1998)

Várias foram as obras, em âmbito jornalístico, escritas no calor do momento – ou anos mais tarde – acerca dos desdobramentos da derrota brasileira para os uruguaios.

Dentre tais obras, optamos por destacar três que consideramos fundamentais para mensurarmos de que maneira a memória sobre a derrota se construiu, se consolidou e quais reverberações ainda pode apresentar no imaginário da sociedade brasileira na contemporaneidade.

“O negro no futebol brasileiro”, por exemplo, publicado inicialmente em 1949, apresentou nova edição, acrescida de dois capítulos, em 1964. Escrita por um dos mais importantes cronistas esportivos brasileiros, Mario Filho, a segunda edição incluiu os capítulos “A provação do preto” e “A vez do preto”, o primeiro abordando especialmente a derrota, em 1950, e o segundo apresentando o êxito do Brasil na Copa de 1958, personificado no negro Pelé, então com apenas 17 anos de idade.

“Anatomia de uma derrota”, de autoria do jornalista e crítico de cinema Paulo Perdigão, também consiste em um livro de memórias, publicado em 1986. Nele, o autor relembra que, não obstante seu desinteresse pelo futebol, a derrota em 1950 foi traumática em sua infância, tanto que, anos mais tarde, já jornalista, decidiu escrever sobre o tema, tendo, inclusive contribuído com a recuperação do material que continha a narração completa do jogo final, material este que foi transcrito por Perdigão em seu livro, mas que, no entanto, não consistiu objeto de análise do referido autor, restringindo-se apenas a uma transcrição da narrativa do jogo.

A última obra que elencamos é o livro “Dossiê 50”, de autoria do jornalista Geneton de Moraes Neto. Neste livro o que mais nos interessa são as entrevistas realizadas pelo autor com o técnico e os onze jogadores titulares que participaram do jogo final e, conseqüentemente, da Copa do Mundo, em 1950.

Nos relatos é comum o tratamento da derrota se não como uma tragédia, ao menos como algo que impactou a sociedade brasileira, especialmente porque se teria se construído na época um otimismo que apontava o Brasil como campeão antes mesmo da partida final ser iniciada.

Isaias Ambrósio, funcionário do Maracanã desde a Copa do Mundo de 1950, em entrevista concedida a Geneton de Moraes Neto, relata da seguinte maneira a derrota para o Uruguai, em 16 de julho.

Quando o jogo acabou, o Maracanã ficou parecendo um cemitério à meia-noite: um silêncio tremendo. Gente morrendo de enfarte. Não cheguei a ver, mas tomei conhecimento de gente que se matou. Algo terrível, terrível, terrível tinha acontecido. Isto não é “saudososa memória”: é uma triste memória (...) Em situações normais, quando um jogo acaba, a gente sai do estádio ou vibrando de alegria ou danado da vida. Mas ficamos sentados, sem força para nos levantarmos. Se todos os torcedores procurarem as saídas do Maracanã assim que um jogo acabar, em vinte minutos não fica uma só pessoa no estádio. Nesse dia, à meia-noite ainda tinha gente sentada com a cabeça entre as mãos. (MORAES NETO, 2013, p. 8)

Podemos inferir pelo depoimento de Isaias que a sensação da derrota foi extremamente dolorosa para os que estiveram no estádio naquela tarde e que o sentimento permaneceu no imaginário do depoente anos mais tarde, uma vez que a referida entrevista foi realizada na década de 1990. Ainda que possamos perceber certo exagero na narrativa, a memória afetiva construída por Isaias denota que o futebol e a Copa do Mundo continuaram presentes no seu cotidiano, seja por ter trabalhado no Maracanã durante tanto tempo, seja por ter torcido pela vitória brasileira, mas, de qualquer maneira e nas duas situações possíveis, o envolvimento afetivo ou emocional é o principal fomentador da construção da memória da maneira como é descrita.

Moraes Neto colheu ainda depoimentos dos jornalistas Carlos Heitor Cony e Mino Carta. De acordo com Cony,

Continuei imóvel, sentado no degrau de cimento ainda fresco, olhava o sol que batia obliquamente no gramado, ouvia o silêncio da multidão, um silêncio não quebrado nem mesmo pelo pranto de homens que soluçavam

alto, em arrancos brutais, na orfandade coletiva. Sobreviventes daquela tarde cruel acreditaram que nunca mais poderiam ser felizes (...) Quem passou pelo 16 de julho de 1950 merece um monumento coletivo, como o do Túmulo do Soldado Desconhecido. São essas coisas que formam uma pátria, um povo encharcado em sua dor. (MORAES NETO, 2013, p. 9)

Mino Carta descreve o episódio da seguinte maneira:

Eu estava no Maracanã naquele dia fatídico que tanto pesa ainda sobre a consciência nativa. O silêncio foi tão grandioso quanto se diz. A derrota me chamou a atenção para o que significa torcer no Brasil – algo que, a meu ver, é uma coisa única. Em outros países, o futebol é importantíssimo. Mas torcer é um estado de espírito muito típico e muito característico do brasileiro: é a eterna crença no milagre, a crença no transcendente – uma espécie de fé levada às últimas consequências. Não é o ato de torcer gritando para que o time ganhe. É algo mais. O Brasil joga sempre contra si próprio. Os adversários não tem a menor importância. Se o Brasil ganha, é normal. Se perde, é porque os fados gregos se juntaram no alto do Olimpo para fazer com que o Brasil perdesse. (MORAES NETO, 2013, p. 9-10)

Podemos perceber que, não obstante posicionamentos diferentes em relação ao evento, ambos os jornalistas assinalam que a derrota foi efetivamente sentida pelas pessoas como algo maior do que um mero revés esportivo. Também é possível inferirmos o caráter identitário atribuído ao futebol, na medida em que expressões sobre “como se forma a pátria, encharcada em sua dor” ou “torcer é um estado de espírito muito típico e muito característico do que é o brasileiro” demonstram muito bem a imagem que projetada acerca do futebol. Construiu-se uma memória coletiva que procura reforçar a peculiaridade brasileira ao torcer, ao jogar, ao lembrar dos jogos e ao se autodenominar “país do futebol”.

Entre os jogadores, também houve uma série de depoimentos que convergem com a visão supracitada. O que chama atenção, além do referido acima, é a maneira como alguns atletas encaravam a participação na Copa do Mundo, ou seja, como um dever cívico e patriótico. Exemplo disso pode ser percebido na declaração do zagueiro da seleção brasileira, Juvenal.

Ao jogar pela seleção, eu sentia assim: se você é soldado, tem que honrar o nome da pátria. Você vai para honrar. Depois, se alguém quiser dar um prêmio pela vitória na guerra, tudo bem. Mas não se deve exigir nada antes da disputa, como aconteceu, depois, em outras Seleções. Eu me sentia um soldado defendendo o país. Não é só numa guerra que se defende o país: é nas disputas esportivas também. Então, perder aquele jogo para o Uruguai foi como perder uma guerra. A gente não falava em dinheiro. Os jogadores não pediram prêmio, nada, nada, nada. Nós, ali, éramos como militares. Ninguém sabia de nada. Quanto ia ganhar, quanto ia deixar de ganhar. Quem vai para a Seleção Brasileira tem que defender a pátria. Defender já é um orgulho. (MORAES NETO, 2013, p. 37)

Comparar a participação esportiva ao dever patriótico do soldado demonstra a supervalorização atribuída ao futebol no Brasil, especialmente à Copa de 1950, bem como denota a maneira como o futebol era encarado na perspectiva da identidade nacional e a carga de significados que a derrota adquiriu.

Mas, por que se constrói tal memória acerca do futebol? Quais elementos se pretendem fazer lembrar e a partir de quais perspectivas e interesses? Segundo Márcia D'Aléssio:

(...) o lugar da reconstrução da lembrança não é o acontecimento único, isolado, mas o tempo de um determinado grupo. É o grupo e não o indivíduo que garante a permanência do passado no presente, configura o tempo longo. Indivíduos desaparecem, mas não desaparece a possibilidade de reconstrução da memória, pois ela tem o grupo como suporte. Fica sugerida, também, a idéia de estrutura, à medida que o tempo longo é visto como o lugar do conjunto e não se confunde com a sucessão dos acontecimentos que ocorrem no interior desse conjunto. (D'ALESSIO, p.100)

Ou seja, em nosso ponto de vista, a construção da memória a respeito da derrota em 1950 está intrinsecamente relacionada ao anseio que havia de vencer a competição para demonstrar, através do futebol, o êxito do Brasil enquanto nação. A vitória representaria mais que o resultado esportivo e a derrota acabou por se consolidar como um trauma vivenciado também fora dos gramados, na medida em que passou a fazer parte constante do imaginário da sociedade brasileira e, mesmo com as vitórias subsequentes que, inclusive, abordaremos nos capítulos seguintes, ainda reverbera nos meios de comunicação.

A repercussão da derrota, no entanto, não foi interpretada a partir de um único viés, mas, ao contrário, houve perspectivas diferentes para se referir ao evento e às suas reverberações. Luís Fernando Veríssimo, por exemplo, refere-se ao evento da seguinte maneira:

O Brasil não podia perder, não tinha como perder, seria uma aberração perder... e perdeu. O trauma, de tão grande e inesperado, ficou como uma espécie de castigo exemplar, valendo para todas as nossas presunções e vaidades, e não apenas a do futebol (...). Curioso como ficaram poucos registros da Copa de 50. Já existiam meios, o futebol ocupava um grande espaço dos jornais, do cinema, mas quase não sobraram imagens de 50. Talvez tenha havido uma tentativa deliberada de apagar o desastre da memória nacional. (MORAES NETO, 2013, p. 11)

O antropólogo Roberto Da Matta, por sua vez, faz a seguinte reflexão:

A derrota trouxe uma visão solidária da perda de uma oportunidade histórica (...) Ocorreu no início de uma década na qual o Brasil buscava marcar o seu lugar como nação que tinha um grande destino a cumprir. O resultado foi uma busca incansável de explicações e reponsabilidades para essa vergonhosa derrota. (MORAES NETO, 2013, p. 13)

Seja como trauma, que se tentou deliberadamente esquecer, como defende Veríssimo, seja como visão solidária da perda de uma oportunidade histórica, o que se pode inferir é que a derrota trouxe consequências e, mais do que isso, o desejo de vitória se manifestava como algo patente no imaginário coletivo, fazendo parte da tentativa de consolidação da imagem positiva do Brasil enquanto nação.

Entretanto, as declarações mais interessantes, em nosso ponto de vista, no tocante à Copa de 1950 partem dos próprios jogadores e da comissão técnica da seleção. Barbosa, goleiro da seleção brasileira, considerado o principal culpado pela derrota, referia-se a ela nos seguintes termos:

O que houve realmente é que, até o jogo contra a Espanha, nós estávamos num céu – a concentração da Seleção, no Joá. Era tranquilo. A gente só se lembrava de que tinha o jogo quando alguém falava: ‘É hoje. Vamos descer la embaixo para liquidar os gringos. Depois, a gente volta para soltar nossos balões, fazer nossa fogueira e fim de papo.’ Acontece que, após o jogo contra a Espanha, botaram a gente já como campeões do mundo: tiraram a gente do céu – a concentração no Joá – e botaram no inferno, em São Januário. Então, em São Januário, passamos a ser bonecos e garotos-propaganda de políticos. Era candidato a presidente da República, a deputado, a vereador, a delegado, uma porção de coisas (...) Isso tirou o sossego que a gente tinha.

(...)

Quando a bola entrou, não sei o que passou pela minha cabeça: numa hora dessas, a gente pensa em tudo – menos, talvez, no futebol.

O silêncio do Maracanã, sem dúvida, repercutiu em nós, jogadores. Mas pior foi depois. Dá aquele trauma de tudo, chega a hora de encontrar a família, também triste. Quem é que não ficaria triste numa hora dessas? Então, o trauma da família juntou-se ao trauma dos jogadores. (MORAES NETO, 2013, p. 19-22)

A utilização política, a dificuldade em encontrar a família triste, o trauma do gol sofrido, nada disso se comparava, na visão do goleiro, à perseguição sofrida por ele vários anos após a competição ter terminado: “(...) no meu país eu não sou nada, porque lá no Brasil dizem que sou covarde porque perdi uma Copa do Mundo! Já me chamaram até de traidor da pátria! (MORAES NETO, 2013, p. 21)

Alguns autores relacionam a perseguição sofrida por Barbosa à questão racial, uma vez que, juntamente com Bigode e Juvenal, foram os jogadores considerados culpados pela imprensa esportiva brasileira, todos negros. Conforme

relata, por exemplo, Fátima Antunes, “atribuiu-se a derrota frente aos uruguaiois à falta de “garra”, de espírito de luta e de combatividade dos jogadores brasileiros, sobretudo do goleiro Barbosa e dos zagueiros Juvenal e Bigode, coincidentemente ou não, todos negros.” (ANTUNES, 1999, p.193.)

Considerando o racismo estrutural enraizado e ainda presente na sociedade brasileira, fica claro que a culpa atribuída aos atletas negros é ideológica, permitindo mensurar, na conjuntura futebolística, o reflexo das atitudes discriminatórias e preconceituosas presentes na sociedade brasileira. As temáticas concernentes ao racismo, bem como ao preconceito de classe estão implicitamente presentes em nosso trabalho, na medida em que as fontes aqui analisadas, em vários momentos, posicionam-se desta maneira.

Entre os depoimentos dos que participaram da competição, o que mais destoa é o do técnico Flávio Costa. Para ele, a derrota foi apenas no campo esportivo e toda a repercussão relacionada a ela foi criada posteriormente. Além disso, segundo ele, a derrota teria servido para que o futebol brasileiro, anos mais tarde, colhesse os frutos que haviam sido plantados em 1950.

Não se deve ver uma derrota esportiva como uma tragédia nacional. Há quadros terríveis em nossa História. Fui uma vez a um programa na TV Educativa. Eu era, quase, a estrela do programa, porque o Brasil ia jogar no dia seguinte contra a Espanha, na Copa do México, em 86. De repente, começou a falar, no programa, uma senhora que era mãe de um padre assassinado no Bico do Papagaio, em conflito de terra. A mulher contou histórias tão dramáticas que todo o apogeu do futebol desapareceu. De estrela, passei à condição de um medíocre ouvinte. Porque a senhora tomou conta de tudo. Cito esta passagem para dizer que o futebol não chegou a ser uma tragédia em 1950. O que aconteceu foi a tristeza depois de uma festa antecipada. O povo participou porque o futebol empolga. Não pudemos levantar a taça, mas colhemos benefícios na Copa de 50. Não chego, então, a considera-la uma tragédia tão profunda. O 16 de julho de 1950 foi um dia de luto esportivo que não atingiu, no entanto, o âmago de coisa alguma no Brasil.

Pelo contrário: o Brasil deu ao mundo uma demonstração de que era um povo civilizado, capaz de cultivar o futebol com um carinho enorme. Um país que praticava um futebol elegante e alegre. Pela primeira vez no mundo, viu-se um estádio com 200 mil pessoas, o que era uma novidade. Os antropólogos nem sempre entendem da parte esportiva. O que eles dizem, nesse caso, para mim, não tem a menor importância. (MORAES NETO, 2013, p. 89)

Portanto, para o treinador da seleção brasileira, a derrota restringia-se ao terreno esportivo, não devendo impactar em outras áreas da sociedade. Contudo, no mesmo depoimento, percebe-se que a derrota transcendia para outros aspectos, na

medida em que, anos mais tarde, o treinador continuava tendo que justificar os motivos que levaram a seleção brasileira a perder a competição.

Procuramos demonstrar como a memória é tensionada e pode ser representada de várias maneiras. Entretanto, no que concerne ao futebol, a memória tida como oficial apresenta as versões quase unânimes, seja em relação à derrota ou à vitória.

A entrada em cena das “memórias subterrâneas” faz aflorar conflitos entre memórias emergentes e memórias estabelecidas, estas organizadoras da ordem social. A memória nacional foi construída com a finalidade de ser dita, explicitada, propagandeada e imposta à população e elaborada a partir do estabelecimento de um tempo progressivo, linear, finalista, tempo esses desconstruído por lembranças descontínuas de indivíduos e grupos cujos interesses não coincidem necessariamente com os interesses do poder. Pode surgir, assim, uma conjuntura política de reivindicações grupais ancoradas em um passado real ou inventado, mas sempre legitimador dessas novas demandas.

A uniformização da memória feita pelo poder tem a função, dentre outras, de construir e manter a identidade nacional. O significado da criação desse tipo de “comunidade de destino” revela-se à medida que a nação torna-se a referência grupal fundamental de pessoas que vivem num mesmo território, sob a mesma organização social. No entanto, a fragmentação provocada pela emergência de memórias paralelas, desorganiza esse referencial maior, criando novas identidades e questionando a estabilidade do poder estabelecido. (D’ALESSIO, 1998, p.277)

Voltaremos a essa temática nos capítulos posteriores, com o intuito de analisar de que maneira os elementos aqui apresentados se manifestaram na década de 1950, especialmente após a conquista da Copa do Mundo, em 1958, pelo Brasil.

3. 1950 a 1954: dores e derrotas dentro e fora de campo

A década de 1950, no Brasil, foi marcada por inúmeras tensões do ponto de vista político, bem como pela consolidação da imprensa como determinante nas relações estabelecidas entre o poder público e a sociedade. No âmbito esportivo, foi caracterizada pela afirmação cada vez mais concreta do futebol como elemento de “brasilidade”. Os clubes brasileiros disputavam – e muitas vezes ganhavam – torneios internacionais, o interesse das pessoas pelo futebol crescia cada vez mais e a seleção brasileira conquistaria, pela primeira vez, uma Copa do Mundo.

Neste momento, analisaremos a década de 50, no Brasil, tendo como recorte o período que sucedeu a derrota, em 1950, e antecedeu a vitória, em 1958, passando pela análise da Copa de 1954, pouco mencionada pela imprensa esportiva e pelos estudos acadêmicos concernentes ao futebol.

Para tanto, dividimos o capítulo da seguinte maneira: iniciaremos com uma contextualização da política brasileira entre 1950 e 1954, perscrutando as tensões e os embates que culminaram com o retorno de Vargas ao Palácio do Catete, suas medidas nacionalistas direcionadas aos trabalhadores e o golpe que acabou culminando com seu suicídio, em 24 de agosto de 1954; posteriormente, elaboraremos um quadro geral das principais competições futebolísticas que ocorreram no Brasil e/ou envolveram a seleção e os clubes brasileiros, com ênfase para a Copa do Mundo de 1954 a repercussão dada pelos meios de comunicação de massa à derrota brasileira, na Suíça.

3.1. *Tribuna da Imprensa X A Última Hora*: o “jogo” da imprensa da eleição ao suicídio de Vargas.

A política brasileira em 1950 se manifestava como elemento central na sociedade. Era ano de eleições pela segunda vez desde o fim do Estado Novo, em 1945. Os partidos políticos, apresentados anteriormente, protagonizavam embates e procuravam angariar o maior número possível de sufrágios, especialmente para a eleição presidencial. Disputaram o cargo máximo do poder Executivo os candidatos brigadeiro Eduardo Gomes, pela UDN, Getúlio Vargas, pelo PTB, e Cristiano Machado, pelo PSD.

Em seu alinhamento político com a UDN, *Tribuna da Imprensa* não hesitou em fazer campanha aberta em favor do candidato udenista, Eduardo Gomes.

Você que deseja ver o país governado por homens de bem e ao mesmo tempo capazes e realizadores, dê o seu voto ao Brigadeiro Eduardo Gomes para Presidente da República. Ele merece o seu voto. Ele é o homem que melhor poderá representar o povo no governo do povo, porque ele encarna o que o povo tem de melhor. Ele provem de um ambiente modesto, de trabalho e dignidade. Seu único compromisso é o bem do Brasil. Sua vida até aqui tem revelado indiscutível habilidade para dirigir, firmeza inabalável, segurança nas decisões, dedicação aos humildes. E ele conhece perfeitamente a sua terra, pelo contato contínuo com os mais longínquos recantos do nosso território, através do Correio Aéreo Nacional, que ele organizou. E você sabe que ele é um democrata sincero, pois que por seus ideais já arriscou a vida mais de uma vez, sendo gravemente ferido. Se você quer dias melhores para si, para os seus e para a sua terra, faça de Eduardo Gomes Presidente da República.
(Tribuna da Imprensa, 15/6/1950)

As inúmeras características atribuídas pelo periódico ao candidato udenista procuram enaltecê-lo em anteposição aos seus adversários. Características como “homem de bem”, “merecedor”, “democrata” entre outras, além de convergirem com a visão moralmente conservadora e economicamente liberal da UDN, se antepõem aos elementos que o jornal gostaria de demonstrar serem os que mais sobressaíam em seus adversários. Ao mesmo tempo em que enaltecia de maneira efusiva a figura do brigadeiro, *Tribuna da Imprensa* não poupava críticas à Vargas. Podemos observar, por exemplo, editorial do dia 28 de abril de 1950, assinado pelo proprietário do jornal, Carlos Lacerda.

O sr. Getúlio Vargas tem o gosto das coisas fáceis. A dificuldade não foi feita para o seu temperamento, ao qual sorriem as amenidades da vida. Do poder, ele quer o lado da fruição (...) Getúlio, como Ademar, Mendes de Moraes e outros assim, pertencem à categoria dos políticos condenados a nunca poderem perder sob pena de desaparecerem, a nunca renunciarem para não perder o lugar, a não abrirem mão de uma só vantagem, a estarem sempre presentes na distribuição dos prêmios (...)
A volta do sr. Getúlio Vargas como fator decisivo na sucessão é um presente que lhe fez o general Dutra, como retribuição à cadeira presidencial que a este coube pela traição do sr. Getúlio Vargas ao povo que acreditou nele.
(Tribuna da imprensa, 28/4/1950)

Fica patente no excerto acima a parcialidade da *Tribuna da Imprensa*, na medida em que criticava, por tabela, quatro oposicionistas: Vargas (PTB), Dutra e Mendes de Moraes (PSD) e Ademar de Barros (PSP). A entrada da imprensa em campo para o jogo político se materializava cada vez mais.

Era comum, nas edições diárias do periódico, a campanha em favor da candidatura de Eduardo Gomes, inclusive com matérias pedindo auxílio financeiro para o udenista. “Assim, leitor, envie seus niqueis, ou notas, ou pratas para a TRIBUNA (...) Ajudando o Brigadeiro você estará defendendo a Liberdade e as instituições.” (Tribuna da Imprensa, 26/6/1950)

O jornal lacerdista chegou até mesmo a liderar campanha contra a candidatura, a eleição e a posse de Getúlio. “O Sr. Getúlio Vargas, senador, não deve ser candidato à presidência. Candidato, não deve ser eleito. Eleito, não deve tomar posse. Empossado, devemos recorrer à revolução para impedi-lo de governar.” (Tribuna da Imprensa, 1/6/1950)

Não obstante as diversas tentativas de enfraquecer a candidatura de Getúlio, o jornal e a oposição não impediram que Vargas fosse eleito com “quase metade dos votos (48,70%) contra 29,70% dados a Eduardo Gomes e 21,50% a Christiano Machado” (ALMEIDA JUNIOR, 2004, p. 247)

Entretanto, a UDN tentou, ainda, mais uma cartada objetivando impedir que Vargas fosse empossado, sob a alegação de que os 48,7% dos votos recebidos por ele não legitimavam sua eleição sendo necessária maioria absoluta dos votos. (SKIDMORE, 1982, p. 143)

O pedido udenista foi levado ao Tribunal Superior Eleitoral sem sucesso e a posse de Vargas ocorreu normalmente em 31 de janeiro de 1951.

De acordo com Skidmore (1982, p.118-119), a conjuntura política precedente à eleição e que continuaria constituindo o panorama geral durante o segundo governo Vargas, caracterizava-se, sobretudo, pela existência de três fórmulas no tocante aos aspectos econômicos e, conseqüentemente, político-partidários: a liberal, a nacional-desenvolvimentista e a nacional radical, as quais já expusemos anteriormente no presente trabalho. (p. 22-23)

A eleição de Getúlio possibilitou o êxito dos nacionalistas em oposição aos liberais. Contudo, ao montar seu primeiro ministério, em 1951, Vargas deu “uma verdadeira aula de política” (ALMEIDA JUNIOR, 2004, p. 24), na medida em que havia ministros de vários partidos, inclusive da UDN, principal partido oposicionista. Foram destinados ao PSD os ministérios da Fazenda, Relações Exteriores, Justiça, Educação e Saúde; o PSP, de Ademar de Barros, recebeu o Ministério de Viação e

Obras Públicas; ao PTB coube a pasta do Ministério do Trabalho e a UDN passou a controlar o Ministério da Agricultura. (SKIDMORE, 1982, p. 110-111)

Contudo, a estratégia política de Getúlio, com a tentativa de construir um governo de coalizão, não atenuou os ânimos udenistas, que continuariam organizando forte oposição ao governo eleito nos anos subsequentes.

Essa oposição, manifestada especialmente através da imprensa, continuou após a eleição e a posse, o que acabou por requerer de Vargas ações objetivando conter os ânimos, desencadeando uma tentativa getulista de aproximação com a UDN. (SKIDMORE, 1982, p. 135)

Entretanto, ao mesmo tempo em que Getúlio procurava uma aliança estratégica com a UDN, visando à governabilidade, corria o risco iminente da perda de apoio do PSD e do PTB, na medida em que a formação da aliança que o conduziu ao poder antepunha-se aos udenistas e, além disso, a configuração ministerial descontentava lideranças pesedistas e petebistas.

Êsses movimentos conciliatórios em direção à UDN, nunca tornados públicos pelo próprio Getúlio, fracassaram em seus propósitos. Conseguiram, contudo, levantar a oposição de alguns líderes do PTB, cuja insatisfação contra Vargas se havia tornado óbvia em setembro de 1951, com a renúncia do único membro do PTB no Ministério – o Ministro do Trabalho, Danton Coelho. Os esforços dos “coordenadores” mobilizaram também a zanga do PSD, que temia uma perda de prestígio e influência caso a UDN ingressasse no govêrno. Em meados de 1952, a tática de conciliação com a UDN ruiu. Daí em diante, Vargas perdeu as esperanças de ganhar o apoio do partido que havia sido criado como veículo do antigetulismo. (SKIDMORE, 1982, p. 135)

No âmbito da imprensa, Vargas aproximava-se de Samuel Wainer antes mesmo da eleição em 1950, como demonstra entrevista veiculada, em *O Jornal*, periódico dos *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand, na qual Getúlio anunciava seu desejo de concorrer à eleição presidencial. (LAURENZA, 2018, p. 183-184)

Em 1951, o mesmo Wainer funda o jornal *A Última Hora* que acabou por constituir-se no principal veículo de comunicação alinhado ao governo Vargas e, em vários momentos, defensor de sua política governamental. (LAURENZA, 2018, p. 190-191)

A vinculação entre a estrutura política brasileira e a imprensa era patente. Muitos membros da Câmara ou do Senado possuíam, de alguma forma, ligação com

os órgãos de imprensa, na medida em que, como procuramos demonstrar anteriormente, os partidos políticos alinhavam-se aos veículos de comunicação e os embates que ocorressem no Legislativo reverberariam nos periódicos, e vice-versa.

Em 1951, a Câmara Federal era composta por 112 deputados do PSD, bancada rural que compunha junto com o PTB, com 51 deputados a base governista. A UDN, a oposição, mantinha 81 deputados. Entre eles, Aluizio Alves, potiguar, redator-chefe da Tribuna. Havia ainda o Partido Social Progressista (PSP), cuja maior figura era o governador paulista, Ademar de Barros, com 24 cadeiras e mais 36 deputados divididos entre 8 partidos menores. (LAURENZA, 2018, p. 194)

Mesmo com uma base aliada considerável, a pressão da imprensa oposicionista não cessou e foi crucial no intuito de desestabilizar o governo. Nesse aspecto, as críticas à *Última Hora* nas páginas de *Tribuna da Imprensa* serviram como instrumento para, desestabilizando a figura de Wainer e de seu jornal, atingir Vargas e seu governo.

Um exemplo disso são as acusações de que *Última Hora* mantinha relações comerciais ilícitas com o Banco do Brasil, recebendo deste auxílio financeiro que teria gerado uma dívida que, apesar de paga pelo jornal, caracterizaria, na visão da oposição, uma utilização indevida dos recursos governamentais para, através da imprensa, defender as ações de Getúlio. Outra acusação que recaía sobre *Última Hora* era a de que Wainer não era brasileiro e, portanto, não poderia, pela Constituição da época, possuir um órgão de comunicação. Tais acusações acabaram provocando a realização de uma CPI contra Wainer e seu jornal, o que culminou com sua prisão por 10 dias em 1953 e que, no auge da crise de governabilidade de Vargas também contribuiu para o golpe que ocasionou seu suicídio, em 1954. (LAURENZA, 2018)

No aspecto econômico, as principais medidas de Vargas convergiam com a já aludida vertente nacional-desenvolvimentista.

Uma vez no poder [Vargas] resolveu concentrar-se na aceleração da industrialização do Brasil, e na diversificação da economia. Ao mesmo tempo, Vargas procurou, em 1951, tranquilizar os setores econômicos tradicionais, para que não embaçassem o aceleração da industrialização. Nessa estratégia, foi ajudado na conjuntura internacional, com a melhoria em relações de trocas, que começou em 1949 e continuou durante 1951. (SKIDMORE, 1982, p. 116)

Alguns elementos sobressaem dentro desta política, quais sejam a criação da Petrobrás, a criação do BNDE (Banco Nacional de Desenvolvimento) e a proposta de criação da Eletrobrás. Os grupos que compunham a base governamental de Vargas, inicialmente, posicionaram-se de maneira favorável às medidas interventoras do Estado. Mesmo entre os militares, havia certa condescendência com tal política.

Entretanto, alguns fatores foram decisivos para a alteração desse quadro geral. A vitória de uma ala mais conservadora no Exército brasileiro e a gradativa perda de apoio à Vargas entre os membros deste grupo; a crise econômica desencadeada especialmente a partir de 1953; a já mencionada forte oposição midiática perpetrada pelos veículos de comunicação alinhados à UDN; e as nomeações de Osvaldo Aranha e João Goulart para, respectivamente, os ministérios da Fazenda e do Trabalho.

A conjuntura política brasileira e o embate entre nacionalistas e liberais precisam ser considerados num contexto mais amplo que predominava na geopolítica mundial: a Guerra Fria. Tendo sido o único país da América Latina a enviar tropas para lutarem na Segunda Guerra Mundial, o Brasil possuía há alguns anos uma política econômica alinhada aos Estados Unidos da América e a eclosão da Guerra Fria, bem como dos conflitos indiretos decorrentes dela, como, por exemplo, a Guerra da Coreia, acabaram por requerer um posicionamento brasileiro em relação à política externa o que, por sua vez, acabou por impactar significativamente na política interna, especialmente ao considerarmos as divergências existentes no Exército brasileiro entre a ala nacionalista e a ala anticomunista. O Exército, como vimos, era um dos maiores influenciadores da política brasileira desde o início da República e que, de certa forma, garantiu a própria posse de Vargas, em 1951, o que, acabou por se constituir, após a deflagração da divisão entre nacionalistas e anticomunistas, num dos principais braços que atuaram na crise de governabilidade que Getúlio enfrentou entre os anos de 1953 e 1954.

Os fatores supracitados somados acabaram por se constituir em grandes empecilhos para a governabilidade de Getúlio. Crescimento da oposição, perda de apoio de setores anteriormente aliados, crise econômica, embate contra as medidas

nacionalistas, entre outros elementos, geraram uma situação extremamente delicada para que Vargas governasse.

A proposta de reajuste do salário mínimo, em 1953, também se constituiu elemento importante para o acirramento das tensões entre o governo e a oposição. Somando-se a isso a já mencionada rejeição à figura do ministro do Trabalho, João Goulart, a situação acabou por adquirir proporções gigantescas, a ponto de os jornais oposicionistas exigirem a saída de Getúlio do Palácio do Catete e a demissão de João Goulart do ministério do Trabalho.

Diariamente os veículos de comunicação apresentavam notícias, editoriais e crônicas se posicionando contra o presidente e tentando convencer a maior parte da opinião pública de que o governo de Getúlio era corrupto e contrários aos interesses da nação. Os órgãos de comunicação vinculados ao governo eram os principais alvos do ataque oposicionista, perpetrado especialmente pela *Tribuna da Imprensa*.

A RÁDIO Nacional, estação do Govêrno, sustentada com o dinheiro dos contribuintes, participou, no programa “Repórter Esso”, da manobra feita pelo grupo da “Última Hora”. Assim, irradiou com estardalhaço, para todo o Brasil, a notícia mentirosa de que o processo contra Samuel Wainer havia sido anulado.

Não esperamos que a Rádio Nacional desminta a mentira que contou. Apenas noticiamos o fato para que se veja a real posição oficial em relação ao caso Wainer.

(Tribuna da Imprensa, 29/1/1954)

O estopim para a crise, no entanto, foi o atentado do dia 5 de agosto na Rua Toneleiros, no Rio de Janeiro. Tendo como alvo Carlos Lacerda e planejado por Gregório Fortunato, chefe de segurança de Vargas, o atentado acabou por ferir Lacerda e matar o Major da Aeronáutica, Rubem Vaz, que fazia a segurança pessoal do jornalista udenista. A imprensa antigetulista, incluindo Lacerda, não demorou em responsabilizar Getúlio pelo ocorrido. Cresceram as manifestações contra a continuidade do governo, especialmente entre os militares e o empresariado, mas também acabou atingindo significativa parcela da população brasileira.

Diante de todos os acontecimentos e já com a situação praticamente insustentável, Getúlio comete suicídio no dia 24 de agosto de 1954. Ao contrário do que ocorria até então, a opinião pública, em sua maioria contra Vargas, se voltou

contra seus opositores e a figura de Getúlio acabou saindo ilesa e até mesmo enaltecida pelas pessoas após o suicídio.

Dentro do contexto político supracitado, o futebol estava inserido, novamente, como um elemento que refletia os embates e as tensões políticas. Apresentaremos, na sequência, os principais elementos presentes no futebol brasileiro entre os anos de 1950 e 1954, com especial atenção para a Copa do Mundo, realizada na Suíça, em 1954. Como veremos, os embates que ocorriam na esfera política e na imprensa também reverberavam no futebol, o que nos permite considerá-lo como mais um elemento de manifestação da luta política.

3.2. O futebol brasileiro entre 1950 e 1954

Apesar da derrota na Copa do Mundo de 1950, o futebol não perdeu seu protagonismo como esporte preferido dos brasileiros. Pelo contrário. As páginas dos jornais continuaram cobrindo diariamente os campeonatos, as notícias dos clubes e todas as demais informações que interessassem aos aficionados pelo esporte. Entretanto, ainda havia “marcas” no imaginário da imprensa esportiva. Invariavelmente, voltava-se ao tema para ouvir os que participaram – como jogadores ou espectadores – do evento. Também houve tentativas de recuperar a imagem do futebol brasileiro, arranhada com a derrota, através da realização de torneios de futebol, tanto de clubes como de seleções, com o intuito de demonstrar, mediante vitórias, que o Brasil era o “país do futebol” e que a derrota não passava de um acidente de percurso.

Um exemplo dessa tentativa refere-se à Copa Rio de 1951. Organizada pela CBD e com anuência da FIFA, a competição reuniu os principais clubes de alguns países europeus e sul-americanos e acabou gerando tamanha repercussão na imprensa esportiva que ganhou status de campeonato mundial, apesar de nominalmente não ser reconhecida assim. “A idéia de Mario Filho, de promover um campeonato mundial de clubes, está prestes a tornar-se realidade. O objetivo do jornalista foi fazer reviver, no estádio do Maracanã, as emoções da Copa do Mundo”. (Última Hora, 19/6/1951) É sintomático a *Última Hora* apoiar o futebol, o que revela a vinculação esporte-política.

Qual seria o objetivo em “fazer reviver as emoções da Copa do Mundo”? Se o resultado final foi a derrota e se, como vimos, a repercussão desta foi grande e, no âmbito esportivo, traumática, a hipótese mais plausível seria a de tentar recuperar a imagem positiva do futebol brasileiro, supostamente abalada com a derrota no ano anterior.

A competição ocorreu entre 30 de junho e 22 de julho de 1951, contando com a participação de oito equipes, divididas em duas cidades-sedes: Vasco da Gama, do Brasil; Sporting, de Portugal; Áustria Viena; e Nacional, do Uruguai jogaram no Rio de Janeiro; e Palmeiras, do Brasil; Juventus, da Itália; Estrela Vermelha, da Iugoslávia; e Nice, da França compuseram a chave que realizou as partidas em São Paulo.

Antes do início da competição, havia na imprensa esportiva a clara expectativa de que a disputa representasse uma forma de recuperar a imagem do futebol brasileiro, arranhada com a derrota na Copa do Mundo.

Será oferecida ao futebol brasileiro a partir de 30 de junho, outra grande chance. Para a consagração definitiva e ratificação de que o futebol brasileiro é, incontestavelmente, o primeiro do mundo. Num dia dessa semana o “coach” Ondino Viera fazia uma advertência dramática [...] implorou: “Que ninguém se lembre de fazer discursos, antes de terminar o certame, antes da vitória consumada. (Última Hora, 23/6/51)

Podemos considerar o excerto acima sob duas perspectivas: a primeira refere-se à chance de “consagração definitiva” do futebol brasileiro como “o primeiro do mundo”, ou seja, implicitamente, percebemos materializada a ideia de “país do futebol”; a segunda se relaciona à presença do “trauma” de 1950, na medida em que a advertência era para que se evitasse a repetição do erro cometido no ano anterior que havia, segundo essa interpretação, ocasionado a derrota para os uruguaiois.

Além disso, permanecia a crítica de *Tribuna da Imprensa* acerca da possível utilização do futebol como instrumento de manipulação. Segundo o periódico, as tentativas de tornar similar a participação do Palmeiras, na final da Copa Rio, ao que havia acontecido no ano anterior com a seleção brasileira, deveriam ser criticadas, pois consistiam na utilização indevida do futebol que, pelo menos no discurso de *Tribuna da Imprensa*, deveria se restringir a um evento esportivo, não contemplando, portanto, aspectos políticos e, principalmente, “patrióticos”.

Novamente as patriotadas...Sempre os patrioteiros.

Êles, agora, voltam a conspirar contra a Sociedade Esportiva Palmeiras, de São Paulo.

Apêlos dramáticos, brasileiríssimos, eloquentes, profissões de fé, promessas de tudo fazer pela grandeza e prosperidade do Brasil. O pavilhão nacional no vestiário dos esmeraldinos, sôbre o peito dos futuros heróis, dêsses sucessores dos 18 do Forte. “O Brasil precisa de você no Maracanã. O Palmeiras espera que cada um cumpra o seu dever. Brasil, Brasil, pátria amada, idolatrada, salve, salve...”

Mais uma vez jogadores de futebol, bons atletas, desportistas – são elevados à categoria de senadores da República. Tudo, tudinho como na “Copa do Mundo”. No 16 de julho, os jogadores da C. B. D. eram soldados. Entraram no Maracanã para guerrear, para esmagar, semi-deuses. O hino nacional e um perfeito momesco abrilhantaram a pantomima.

(Tribuna da Imprensa, 20/7/1951)

A crítica da *Tribuna da Imprensa* à *Última Hora*, no que concerne ao futebol, expressa a luta do jornal lacerdista contra Vargas, portanto, o esporte e a política se entrelaçando. Por outro lado, a posição da *Última Hora* sobre o futebol é, claramente, a luta a favor de Vargas. Em relação à identidade brasileira, ou ao brasilianismo, construídos pelo futebol, esta construção segue, ou melhor, integra o projeto varguista de nacionalização do Brasil.

Podemos perceber claramente a crítica de *Tribuna da Imprensa* ao uso do futebol como elemento identitário ao menos no que concerne aos aspectos políticos dessa utilização. Para o periódico a suposta supervalorização dos jogadores e do próprio evento futebolístico confundiria ou desvirtuaria o sentido de patriotismo, transformando-o no que o periódico chama, pejorativamente, de patriotada. Na sequência da matéria, o jornal faz alusão, novamente, à derrota para a seleção uruguaia, na Copa do Mundo, lembrando que, enquanto os brasileiros jogaram sob a “pressão dos usos políticos”, os uruguaio vieram “apenas para jogar futebol” e, dessa forma “Deixaram-nos murchos, arrazados [sic], mutilados do coração, envergonhados como se tivéssemos perdido uma importantíssima e decisiva guerra” (Tribuna da Imprensa, 20/7/1951)

O periódico encerra a matéria da seguinte maneira:

Hoje, as mesmas manchetes de “Avante Brasil” voltam aos jornais, idênticas àquelas que nos derrotaram às vésperas da “Copa do Mundo”.

O Palmeiras não deve aceitar esta responsabilidade. Não deve participar desse “show” ridículo e injustificável. Não deve se prestar a estas palhaçadas. O Palmeiras é apenas, como diz o seu nome, uma sociedade esportiva brasileira. Não deve aceitar êsse nacionalismo exagerado e barato para evitar dissabores.

Lembrem-se da “Copa do Mundo”, senhores! Vamos “torcer” e jogar futebol – e deixar a Pátria sossegada.

(Tribuna da Imprensa, 20/7/1951)

Torna-se necessário retomarmos a discussão atinente à tentativa de despolitizar algo que não tem como se desvincular do político. Ao propor a suposta neutralidade, paradoxalmente, o periódico se posiciona, na medida em que assume um “lugar de fala” que se propõe oposto ao “lugar de fala” do grupo político que governava o país e que também atuava na imprensa esportiva da época, ou seja, a *Última Hora*. O posicionamento político evidencia-se mesmo quando o periódico se declara neutro, uma vez que a neutralidade, nesse caso, não existe, ela está em função da oposição da UDN ao governo.

A competição teve como campeão o Palmeiras, de São Paulo, o que, na ocasião, representou o êxito do futebol brasileiro, almejado e frustrado no ano anterior, mas que se concretizava em 1951, através de “um delírio, uma nova manifestação da “torcida”, empolgada e profundamente orgulhosa com a conquista da “Copa Rio”, uma outra “Copa do Mundo”. (*Última Hora*, 23/7/51)

Percebemos que o destaque dado por *Última Hora* à vitória diverge, substancialmente, da perspectiva de *Tribuna da Imprensa*, na medida em que não há a mesma desvalorização da conquista, mas sim um enaltecimento do sentimento de orgulho que atingiria a “comunidade imaginada” do “país do futebol”.

Contudo, não era a conquista da Copa Rio o único motivo para a imprensa se sentir “vingada” em relação à derrota, em 1950. Não obstante a importância do torneio, algumas partidas amistosas também foram utilizadas como meio de demonstrar que o futebol brasileiro se recuperava do “vexame” no ano anterior, assim considerado por estar diretamente ligado ao desejo de ver o Brasil grande. Em partida amistosa realizada entre o Vasco da Gama e a equipe uruguaia do Peñarol, em abril de 1951, vencida pelo time brasileiro por 3 a 0, o periódico lacerdista se expressa da seguinte maneira:

Depois da derrota na Copa do Mundo, contra a expectativa geral do mundo esportivo, o futebol brasileiro necessitava muito de uma vitória como aquela alcançada na tarde de ontem pelo Clube de Regatas Vasco da Gama, em Montevideu, no Estádio Centenário. Uma vitória em um jogo que pelo menos encarando-se as duas formações, era uma segunda edição daquele inesquecível 2x1 no Maracanã (...) Uma revanche, sem disputa de título, mas um encontro que para os brasileiros tinha um significado figurado e para os uruguaiois era a grande oportunidade para a “confirmação” (*Tribuna da Imprensa*, 9/4/1951)

A identidade, através do futebol, é construída no interior da luta política. O nacionalismo da época é produto do projeto varguista, logo repudiado pelos liberais udenistas. Contudo, em determinadas circunstâncias percebemos a política entremeada ao futebol e a identidade se construindo, às vezes acima dos partidos.

Em outro jogo festivo, também realizado em Montevideu, entre o América, do Rio de Janeiro, e o Peñarol, do Uruguai, a ênfase da imprensa foi ainda maior, na medida em que a partida marcava as comemorações uruguaias pelo aniversário de um ano da conquista da Copa do Mundo.

No dia 16 de julho tiveram início, em Montevideu, com uma pompa indescritível, os festejos comemorativos da conquista da “Copa do Mundo”, pelos jogadores uruguaios. Era o primeiro aniversário do grande feito, e povo e governo, com intenso júbilo nacional, confraternizavam na apoteose sem precedentes. A data gloriosa foi convertida em feriado. Todavia, um feriado só parecia pouco. Criou-se mais um; e como, por coincidência, o dia 18 já era feriado, estabeleceu-se, em Montevideu, em função do Campeonato do Mundo – um ciclo de três feriados. Parecia muito, mas era, na verdade, pouco. O fato de durar a festa exatamente três dias, como que lhe dava um colorido carnavalesco. Mas era preciso um detalhe, que coroasse o baile: a participação de um representante do futebol brasileiro. (Última Hora, 23/7/1951)

Observe-se que a descrição feita por *Última Hora* apresenta uma atmosfera bem semelhante à que ocorrera um ano antes, no Brasil. Da mesma forma que os torcedores brasileiros realizaram um carnaval fora de época, antes da última partida da Copa do Mundo de 1950, os uruguaios, inclusive mediante intervenção governamental com a emenda de feriados, organizaram uma verdadeira festa carnavalesca, esperando derrotar, mais uma vez, os brasileiros e, com isso, comemorarem o aniversário da conquista da Copa do Mundo. Entretanto, assim como havia ocorrido com os brasileiros, os uruguaios sentiram a dor derrota. Era a “primeira vingança”.

E é aqui que surge o América. Qual o papel dos rubros no carnaval uruaio? (...) Houve a premeditação completa com o objetivo de dar maior e mais feérico realce ao baile de aniversário. O Peñarol era, bem comparando, o próprio “scratch” uruaio da Copa Mundial. E pareceu, aos espertos paredros de Montevideu que era de ótimo gosto celebrar uma vitória com outra vitória. Assim, o papel que cabia ao América era o mais melancólico possível: ele serviria de bode expiatório, para que o futebol uruaio pudesse brilhar à sua custa e, mais uma vez, demonstrasse que era melhor que o nosso. Para assistir o novo feito, o Estádio Centenário encheu-se de uma multidão em plena e prévia euforia do triunfo. Nunca se viu tal espetáculo de embriaguez coletiva. Quando o América entrou em

campo era de dar pena. Parecia um touro inocente que ia ser miseravelmente sangrado na arena.

(...)

Tudo premeditado nos mínimos detalhes, armazenados os confetes e os foguetes para uso oportuno – começou o baile (...) Desde os primeiros momentos, sentiu-se que tudo estava acontecendo, de uma maneira geral, como fôra previsto. Apenas se observava uma circunstância nova: os uruguaios estavam dando o baile, mas quem dançava era o América. Nas arquibancadas, gerais, cadeiras e tribunas de honra e especiais, os espectadores se entreolhavam. Ora, os jornais de Montevideu vinham dizendo, nas manchetes, nas reportagens retrospectivas e nos artigos inflamados – que os uruguaios eram os melhores do mundo (...) E, no entanto, o quadro brasileiro estava se portando, em campo, de uma maneira insólita.

(...)

Se o público de Montevideu e de todo o país irmão, conhecesse o tico-tico americano, estaria menos espantado. Porque os rubros não faziam outra coisa senão isso mesmo, ou seja, o seu prodigioso, irresistível e clássico tico-tico. Dir-se-ia que a bola procurava os pés brasileiros. As nossas jogadas armavam-se dentro de uma harmonia, de uma elegância, de uma agilidade de “ballet”. De “ballet” para baile, a distância era nenhuma. Acreditassem ou não os espectadores do Estádio Centenário, estavam assistindo à dança dos jogadores brasileiros. E não havia dúvida: cada jogador brasileiro estava numa tarde de grande inspiração. Nunca a malícia, a improvisação, a plasticidade dos nossos jogadores atingiram um nível tão alto (...) o América era senhor do campo. Comandava as ações, fazia o jogo à sua feição. Tudo fizeram, em desespero, os locais no sentido de resistir à derrota que se esboçou, desde os primeiros momentos. Mas o tico-tico se desencadeara de uma forma inapelável. E assim, perante o público atônito e a decepção crudelíssima do Peñarol, o América esmagava a força máxima do futebol uruguaio e, no último dia das comemorações nacionais da “Copa do Mundo”.

(Última Hora, 23/7/1951)

Apesar de longo, o excerto acima diz muito sobre a identidade construída acerca do estilo de jogo brasileiro. As expressões utilizadas para se referir ao América, aos jogadores brasileiros, carregam orgulho por afirmar que a “elegância”, a “agilidade”, a “malícia”, a “improvisação”, a “plasticidade”, entre outros adjetivos, deixaram atônitos os jornalistas e torcedores uruguaios que queriam confirmar serem os melhores, mas eram surpreendidos pelos brasileiros, implicitamente, caracterizados como os melhores de fato.

Apesar do esforço do periódico, cabe lembrarmos que as situações são bem distintas. Enquanto em 1950 o jogo valia um troféu, em 1951 tratava-se de um festivo amistoso o que, por si só, já não envolvia a mesma intensidade e o mesmo interesse. Além disso, não eram as seleções que se enfrentavam, mas dois clubes, com jogadores diferentes dos que haviam disputado a final, em 1950, e com outro envolvimento. Entretanto, a tentativa do jornal em comparar os dois jogos demonstra o quão patente era a necessidade de autoafirmar o futebol brasileiro como o melhor.

Os aspectos que são enaltecidos procuram evidenciar as características peculiares do estilo de jogo brasileiro, dentro desta perspectiva, possuidor do melhor futebol do mundo.

O futebol brasileiro está enriquecido de mais dois grandes feitos. O primeiro refere-se com a façanha do Palmeiras com a conquista da “Copa Rio”. Um título que honra todos nós já que foi conquistado ao curso de um magnífico certame em que interviam autênticas expressões do futebol mundial. E a outra façanha pertence ao América. De fato, a sua vitória e Montevideu sobre o Peñarol, ganha maior expressão quando se sabe, que o triunfo foi colhido sobre a base da seleção uruguaia que no dia inclusive festejava o primeiro aniversário da conquista da “Copa do Mundo”. Aumentamos, pois o nosso cartel de gloriosos feitos enchendo a todos nós de júbilo.
(Última Hora, 24/7/51)

E não seria apenas a imprensa brasileira que reconhecia nosso desempenho futebolístico. Também na imprensa estrangeira, o Brasil era reverenciado.

A crônica do popular semanário italiano, cujos tópicos principais aqui focalizamos, diz bem do interesse e da popularidade que já desfruta na Europa o futebol brasileiro. A realização no Brasil da “Copa do Mundo”, a “Copa Rio” – idéia magnífica de Mário Filho, que se concretizou empolgando o Brasil esportivo – bem como as excursões ao Velho Mundo realizadas com êxito pelo Atlético Mineiro, Bangu, Flamengo, Portuguesa de Desportos e São Paulo, serviram para mostrar tôda a escola futebolística brasileira com suas riquezas e filigramas em gramados europeus, despertando a atenção de outros povos para nosso esporte favorito. Já não somos ignorados no terreno do bom futebol (...)
(Última Hora, 28/12/1951)

Além das vitórias dentro de campo, outros elementos adquiriam destaque importante na consolidação do Brasil como o “país do futebol”. Exemplo disto seria a existência do estádio Maracanã, no Rio de Janeiro, considerado o maior estádio do mundo e exemplo máximo de orgulho da imprensa em relação ao futebol brasileiro.

A cidade do Rio de Janeiro e seu Maracanã gigante já foram chamados merecidamente de nova Meca do futebol mundial. A primeira “Copa Rio”, depois da Taça Jules Rimet de 1950, acaba de justificar o título brilhante. E há desportistas desta terra que já querem tratar do futuro a fim de que este corresponda perfeitamente ao passado e ao presente. Parece indiscutível que teremos novas edições da “Copa Rio”, a primeira devendo ser daqui a dois anos, isto é em 1953, pois foi combinado não organizar esta grande competição nos anos de número par, estes ficando reservados à “Copa do Mundo”, o oficial Campeonato do Mundo da F.I.F.A. (1954, 1958, 1962, etc.) e do torneio de futebol dos Jogos Olímpicos reservados aos só “amadores” (1952, 1956, 1960, etc.).
(Última Hora, 24/7/51)

A Copa Rio era não somente celebrada como colocada em nível de importância similar aos principais torneios futebolísticos do período, o que indica a crença da imprensa esportiva brasileira na concretização da inserção do Brasil como um dos centros do futebol mundial. A competição, no entanto, foi realizada apenas mais uma vez, em 1952. Na ocasião, novamente, oito equipes competiram, em duas sedes: Fluminense, do Brasil; Grasshopper Club, da Suíça; Peñarol, do Uruguai; e Sporting, de Portugal jogaram no Rio de Janeiro; enquanto Corinthians, do Brasil; Saarbrücken, da Alemanha; Libertad, do Paraguai; e Áustria Viena formaram o grupo de São Paulo.

O campeão foi o Fluminense Football Club, que conquistou o título após final realizada no dia 2 de agosto de 1952, contra o Sport Club Corinthians Paulista.

Mais uma conquista internacional do futebol brasileiro reforçaria a imagem positiva do Brasil como detentor de um estilo de jogo que se posicionava entre os melhores do mundo. Contudo, faltava ainda um título da seleção nacional para consolidar o êxito do “país do futebol”. Um evento esportivo que representaria importante oportunidade para tal consolidação seria o torneio de futebol dos *Jogos Pan-Americanos*, realizado em 1951, na cidade argentina de Buenos Aires. Entretanto, ao menos na visão do colunista Araújo Neto, da *Tribuna da Imprensa*, nem todos estavam confiantes na conquista brasileira.

Hoje os brasileiros, os primeiros brasileiros já seguiram para o Galeão, subiram o avião – e rumaram ao rumaram ao “Pan-Americano”, de Buenos Aires.

(...)

Há quem não queira, nem de leve, pensar em boa figura, em êxito, em esperanças para os brasileiros neste certame. E êsses, tal é o número dêles, constituem a maioria.

(...)

Não que queiramos, esperemos, contemos com Áfricas fabulosas. Não. Nós acompanhamos todos os passos de jabuti dêsse Pan-Americano no Brasil. Vimo-lo com as mãos abanando, sem vintém, teimando nos treinos por uma esperança, apegando-se a uma negação de otimismo. Um otimismo inconsistente, um otimismo excessivamente otimista. Vimo-los mendigando às portas dos palácios governamentais. Até a última hora, ganhando tostões pela insistência, pela constância.

Mas não descremos, em absoluto, da flama que os conduzirá em tôdas as jornadas do Pan-Americano, que, infelizmente, está sendo explorado, desvirtuado, esbandalhado por um ditadorzinho de opereta, como é o sr. Peron. Um Pan-Americano que será pretexto para propaganda das “oitavas maravilhas” realizadas pelo governante argentino.

(Tribuna da Imprensa, 22/2/1951)

Podemos perceber que, além da referida confiança em oposição ao pessimismo criticado pelo periódico, havia também, novamente, críticas dirigidas ao governo argentino de Juan Domingos Perón, evidenciando claramente o posicionamento político do jornal.

Em relação à participação brasileira na primeira edição dos Jogos Pan-Americanos, foram conquistadas cinco medalhas de ouro, quinze de prata e doze de bronze e a delegação brasileira terminou na quinta colocação geral do quadro de medalhas. Porém, não participou do torneio de futebol – conquistado pela Argentina – adiando, assim, mais uma vez, a conquista internacional da seleção brasileira que pudesse “recuperar” a imagem positiva do futebol brasileiro, após a derrota em 1950.

No ano seguinte, realizou-se, no Chile, o Campeonato Pan-Americano de Futebol. Era a primeira competição oficial que a seleção brasileira disputava depois da Copa do Mundo de 1950. Participaram do campeonato seis equipes: Brasil, Chile, México, Panamá, Peru e Uruguai. Após cinco jogos – com quatro vitórias e um empate – o Brasil sagrou-se campeão do torneio. Durante a competição, o Brasil enfrentou – e venceu – a seleção uruguaia, pelo placar de 4 a 2. O jogo foi considerado por parte da imprensa a oportunidade concreta de revanche contra os algozes brasileiros.

Estamos em outro dia 16, à poucas horas de enfrentarmos mais uma vez a “celeste olímpica”, quatro vezes campeã do mundo. Há dois anos atrás, em outro 16 (de julho), estávamos no Maracanã: daqui a pouco perderíamos a “Copa do Mundo”. O Brasil de norte a sul, ficaria todo soturno, cabisbaixo, vivendo um dia de “prostração nacional”. Sofreríamos a maior derrota esportiva de toda nossa história. Hoje, estamos em Santiago. Sem a empáfia, sem a presunção, sem aquela paranóia fascista, sem aquele aparato, sem ilusões e jactâncias. Pensando e voltados para uma competição esportiva. Menos preocupados com a “honra, a soberania, a pujança da pátria, da raça, do Brasil”. Não teremos toques marciais antes do jogo. Os Hitleres mirins (Mendes de Moraes & Cia.) não estão por lá. Talvez estejam, inclusive, dormindo à hora das transmissões radiofônicas. O “Hino Nacional” não será tão conspurcado. Não haverá um côro de duzentas mil vozes – atoleimando, superlotando de responsabilidades, deveres, ameaças e perigos uma equipe de gente que fala como nós, da mesma cor, que tem um coração como o nosso, com as mesmas fraquezas e complicações. Os nossos jogadores não estarão em posição prussiana, com as fisionomias crispadas de receios, tormentos e responsabilidades. Os seus semblantes não serão como aqueles, do outro dia 16, de julho de 1950 (...). Esportivamente. Democraticamente. Preocupados somente com uma vitória, com a oportunidade de “revanche” que o Pan-Americano nos oferece em Santiago. Mais humildes, menos soberbos. Com mais fé e menos temor. Estaremos mais pertos da vitória, em suma.
(Tribuna da Imprensa, 16/4/1952.)

Novamente a lembrança de 1950. Para o cronista, não obstante encarar a partida como uma revanche, a supervalorização e a utilização política da competição esportiva voltavam à tona como meio para, através do periódico udenista, criticar os adversários. O emprego de termos depreciativos, a acusação de vinculação aos regimes fascistas, a acusação de subversão dos elementos pátrios mais importantes em nome de interesses políticos escusos, são demonstrações que, embora procurando diminuir ou relativizar a importância política do evento futebolístico, paradoxalmente, o periódico enaltecia sua importância, na medida em que se utilizava do próprio futebol como instrumento para defender sua argumentação e ideologia.

Se considerarmos, como acreditamos, que a política é inerente ao sujeito, especialmente no tocante àqueles que, através dos meios de comunicação de massa, atingem um grande número de pessoas, a fala do cronista, que se arroga neutra politicamente, assume posição político-partidária convergente com a ideologia do jornal *Tribuna da Imprensa* e da UDN e, conseqüentemente, divergente ao PSD, representado na figura do ex-prefeito do Rio de Janeiro, Mendes de Moraes.

Enquanto *Tribuna da Imprensa* tentava difundir uma suposta imagem de neutralidade, argumentando que o futebol não deveria ser nada além de uma prática esportiva e, portanto, sem envolver aspectos políticos, a *Última Hora*, no mesmo dia, apresentava reportagem de capa nos seguintes termos:

Notável repercussão teve o movimento promovido por ULTIMA HORA para incentivo do “scratch” brasileiro que hoje disputará, em Santiago do Chile, o “match-revanche” com os campeões do mundo. Entre os milhares e milhares de assinaturas já firmadas no telegrama-monstro que ULTIMA HORA endereçará aos atletas, temos a destacar nomes ilustres como o sr. Lourival Fontes, chefe da Casa Civil do presidente Vargas, os governadores Juscelino Kubitschek e Lucas Nogueira Garcez, senadores e deputados. (Última Hora, 16/4/1952)

O que menos nos interessa aqui é analisarmos se o telegrama fez ou não efeito, se o fato de a competição ter sido disputada no Chile – supostamente longe dos interesses políticos – favoreceu ou não a seleção brasileira e mais a forma como os jornais, detentores de ideologias distintas, se posicionavam politicamente em relação ao mesmo assunto e como, em nosso ponto de vista, não obstante as divergentes interpretações, o futebol e a seleção brasileira eram elementos

constantes para a noção de identidade e o sentimento de pertencimento à uma “comunidade imaginada”.

Todos sabiam que o jogo Brasil x Uruguai começaria bem tarde, às 23 horas, e que só acabaria às primeiras horas da madrugada de hoje. Mas todos, também faziam questão fechada de sacrificar um pouco do sono, do conforto, do repouso – para ouvir e sofrer a “revanche da Copa do Mundo”. A desforra que, ontem, se concretizou em Santiago.

Os que tinham rádio ficaram em casa, com as luzes tôdas acêsas, a família completa em volta do aparelho. Os que não tinham rádio não voltaram à casa. Mantiveram-se na rua. Desde cedo, com muita antecedência, sentados nas calçadas, perto dos alto-falantes colocados em vários pontos da cidade.

E desta vez o sacrifício não foi em vão. A cidade ficou acordada, dormiu muito pouco, como há dois anos atrás naqueles dias de “Copa do Mundo”, – mas não se lamentou. O “scraatch” venceu (...) Ninguém chorou, ninguém sentiu vontade de se suicidar. Todos deliraram com uma grande vitória do futebol brasileiro.

(Tribuna da Imprensa, 17/4/1952)

A vitória foi muito comemorada, como podemos perceber. A esperada revanche acontecia. Não obstante as eventuais generalizações que o excerto acima possa conter, fica claro como o futebol brasileiro mexia com grandes contingentes. Espalhar alto-falantes nas ruas para que mais pessoas pudessem acompanhar os jogos, famílias reunidas em torno dos aparelhos de rádio para torcerem pela seleção brasileira são alguns dos elementos que evidenciam o quanto o futebol brasileiro fazia parte do cotidiano das pessoas e o quanto poderia ser utilizado como elemento construtor e difusor da identidade nacional.

Alguns dias após a partida contra o Uruguai, a equipe brasileira venceria a seleção do Chile, tornando-se, assim, campeã do Torneio Pan-Americano de Futebol, primeira competição oficial de seleções disputada após a realização da Copa do Mundo. A expectativa para a recepção dos jogadores brasileiros manifestava-se seguinte maneira:

Os jogadores brasileiros, campeões invictos das três Américas, deverão estar no Rio, hoje, cêrca das 15 horas.

Do aeroporto do Galeão até o instante em que serão recebidos pelo prefeito João Carlos Vital, no Palácio Guanabara, os rapazes da seleção nacional serão alvo de grandes manifestações, prestadas, expontaneamente [sic], pelo povo, clubes e autoridades governamentais.

Será essa a recompensa moral, a consagração, pela boa campanha cumprida em campo chileno.

(Tribuna da Imprensa, 25/4/1952)

Os jogadores desembarcaram no aeroporto do Galeão, conforme previsto, no dia 25 de abril e a recepção foi descrita por *Tribuna da Imprensa* conforme segue:

O Galeão parecia mais um tapete humano. Não havia espaço nem para uma simples mosca...Nunca, em toda a história do futebol brasileiro, houve uma recepção como a de ontem. Nem mesmo a da “Copa do Mundo” de 1938 suplantou-a. Foi uma festa inteiramente do povo. Todas as tentativas de oficialização, todo o programa pré-estabelecido nos gabinetes do ministro e do prefeito ruíram, fracassaram. A festa foi só, toda ela do povo para seus campeões. Ninguém queria ouvir discursos, ninguém consentiu que houvesse oradores no aeroporto do Galeão.
(*Tribuna da Imprensa*, 26-27/4/1952)

O jornal *Última Hora* concordava com o relato do periódico udenista no tocante à grande mobilização popular, mas divergia no que concerne à restrição da festa aos que se encontravam nas ruas, afirmando que, além das manifestações populares, ocorreram não só atos na Câmara Municipal como também em frente à redação do próprio jornal.

Carnaval na chegada dos campeões invictos das Três Américas – Alvorço no Galeão, orgia nas ruas, festas cívicas na Câmara Municipal e no Palácio Guanabara – O grande espetáculo pirotécnico em frente à redação de *ULTIMA HORA*, cujos carros encabeçaram o cortejo – Até as Escolas de Samba desceram dos morros, fazendo o povo cantar e bailar no maior delírio coletivo de todos os tempos.
(*Última Hora*, 26/4/1952)

A divergência na visão dos jornais transcende os aspectos concernentes ao fato em si, na medida em que, conforme nos propusemos a demonstrar anteriormente, a veiculação das informações se relaciona ao posicionamento político de cada periódico. Nesse caso, especificamente, tanto o presidente Vargas quanto o prefeito do Distrito Federal, João Carlos Vital, integravam o grupo político ao qual os udenistas faziam ferrenha oposição.

Apesar disso, torna-se fundamental salientarmos que, independentemente do eventual uso político da comemoração, o futebol era um elemento muito forte na cultura popular como podemos perceber a partir da proporção que a recepção aos jogadores ganhou. Cabe ressaltarmos, também, que, ainda que houvesse interesse político partidário, o futebol – como qualquer outro elemento da cultura popular – insere-se numa perspectiva que deve ser analisada por, no mínimo, dois vieses, uma vez que ainda que as pessoas pudessem, eventualmente, ser influenciadas pelos interesses políticos, o contrário também ocorre, na medida em que uma

manifestação popular, quando apropriada e ressignificada pelas classes trabalhadoras, pode influenciar os elementos pertencentes aos estratos dominantes, construindo identidades polissêmicas e partilhadas.

Nos anos subsequentes, a seleção brasileira iniciou seu processo de preparação para a participação na Copa do Mundo de 1954, na Suíça. Durante esse período, foram realizados jogos e torneios amistosos, objetivando selecionar os jogadores que seriam convocados para a disputa do torneio oficial da F.I.F.A.

A cobertura desses eventos pela imprensa brasileira era constante. A expectativa acerca da participação da seleção também se mostrava grande. Contudo, novamente, os “traumas” em relação a 1950 voltariam. Um exemplo disso pode ser percebido na troca das cores do uniforme da seleção brasileira. Desde a primeira Copa do Mundo de futebol, realizada no Uruguai, em 1930, os jogadores utilizavam uniforme todo branco. A primeira competição na qual o Brasil usou seu conhecido e tradicional uniforme (camisa amarela com detalhes verdes, calção azul e meias brancas) foi a Copa do Mundo de 1954. Segundo alguns cronistas esportivos essa escolha decorreria do “azar” que o uniforme branco dava ao selecionado brasileiro.³⁰

No ano de 1953 realizou-se a última competição oficial antes da Copa do Mundo: o Campeonato Sul-Americano de Futebol. Participaram do torneio sete seleções: Peru (anfitrião), Bolívia, Brasil, Chile, Equador, Paraguai e Uruguai. O regulamento da competição previa turno único, com todas as equipes se enfrentando uma vez. Ao final desses jogos, a equipe que somasse mais pontos seria a campeã. Contudo, após a realização das partidas, Brasil e Paraguai terminaram empatados em número de pontos e, como não havia critérios de desempate, se fez necessária a realização de um jogo desempate, ocorrido no dia 1 de abril de 1953 tendo como resultado a vitória paraguaia por 3 a 2. Apesar de não ser campeão, o Brasil mais uma vez disputava um torneio em condições de conquistá-lo, o que poderia representar mais um indício da evolução do futebol no Brasil e da expectativa que se consolidava em relação à conquista almejada de uma Copa do Mundo. A oportunidade viria no ano seguinte com a quinta edição da Taça Jules Rimet, que analisaremos na sequência.

³⁰ Diante do suposto azar, foi organizado, pelo jornal *Correio da Manhã*, um concurso para a escolha do novo uniforme brasileiro. O referido concurso, lançado em 1953, contou com a participação de vários concorrentes que tiveram que apresentar seus modelos e aguardar a análise de um júri competente.

3.3. A Copa do Mundo de 1954

Do ponto de vista futebolístico, o ano de 1954 se iniciou com a expectativa pela realização dos jogos eliminatórios que definiriam quais seriam as seleções de cada continente que participariam da Copa do Mundo. Já no mês de janeiro, *Tribuna da Imprensa* apresentava preocupação com a realização dos jogos eliminatórios, defendendo que houvesse prudência e cautela.

É cedo para se pensar na Suíça. Antes de mais nada, devemos pensar nas eliminatórias, com os paraguaios e chilenos. Depois de perder uma Copa do Mundo e um Campeonato Sul-Americano como perdemos, acho que já é tempo de botar nossas barbas de molho. Aguardar com muita cautela os resultados de cada partida que disputarmos.
(Tribuna da Imprensa, 7/1/1954.)

O discurso prudente e cauteloso destoa da comum confiança apresentada anteriormente. Não obstante, a expectativa em ver o Brasil campeão da Taça Jules Rimet era grande.

A reportagem da TRIBUNA DA IMPRENSA palestrou com vários jogadores no saguão do Aeroporto do Galeão, tendo oportunidade de observar que todos eles estão bastante otimistas quanto ao resultado dos dois jogos que cumprirão contra chilenos e paraguaios.
(...)
Os craques brasileiros tiveram uma grande despedida. Embora o embarque se desse pela madrugada, o Galeão apresentava um grande movimento. Além dos parentes dos jogadores, jornalistas e radialistas, também os dirigentes da C.B.D., dos clubes cariocas e os fãs compareceram para apresentar a sua despedida aos componentes da seleção nacional.
(Tribuna da Imprensa, 16/2/1954)

Contudo, o periódico realizava, diariamente, uma crítica contundente em relação aos que consideravam o futebol brasileiro o “melhor do mundo”. Para o referido jornal tal visão, além de errônea, era prejudicial, pois interferiria na postura dos jogadores, que entravam em campo prejudicados, do ponto de vista psicológico.

A REPORTAGEM que se segue é um grito de alerta àqueles que julgam o futebol brasileiro senhor absoluto da situação, “maior do mundo” e outras adjetivações impróprias e desaconselháveis.
Futebol, como qualquer outro esporte, não tem maior nem menor.
As épocas passam. Hoje é um país em evidência, amanhã será outro.
Estamos em preparativos para a Copa do Mundo. Um campeão do mundo nunca deve subestimar os adversários, do contrário de nada valerá seu título. Somos candidatos fortes. Candidatos apenas. O resto é bobagem. Os números não comportam “máscara”.
(Tribuna da Imprensa, 17/2/1954)

Além de relativizar a qualidade do futebol brasileiro, *Tribuna da Imprensa* também procurava enaltecer, sempre que possível, a qualidade do futebol e da sociedade europeia, enxergados, novamente, como sinônimo de civilidade e força física. Os brasileiros, arrogantes em termos futebolísticos, não percebiam, ou fingiam não perceber, que a qualidade futebolística europeia era brilhante, tão brilhante quanto sua gente.

A EUROPA tem um excelente futebol; poderoso, compenetrado, sisudo como sua gente e, por isso mesmo, digno do maior respeito. Os mascarados desta terra não vêem isso. Quando se fala em futebol europeu o anelzinho volta logo pro dedão, e o doutor mascarado dá logo a sua opinião “abalizada”: – “Nada disso. A Europa tem futebol caduco. Não jogam nada!”
(Tribuna da Imprensa, 20-21/2/1954)

Continua o jornal:

O futebol forte da Europa é jogado na Inglaterra, Hungria, Itália, Iugoslávia e Espanha. Há outros centros importantes como Suécia, Suíça e Tchecoslováquia. Na América do Sul, como vimos, os principais são, em primeiro lugar, Argentina e a seguir Uruguai e Brasil, êste com superioridade em vitórias sobre os uruguaios que aparecem, entretanto, com uma série de títulos e campeonatos mundiais, o que os coloca em plano superior no conceito internacional.
(...) Os argentinos se consideram os reis da América. E são mesmo. Agora, se se consideram reis no mundo são mascarados também. Azar o dêles. É bom sinal para os adversários.
O Brasil ainda não enfrentou os dois maiores da Europa, incontestavelmente Hungria e Inglaterra.
(Tribuna da Imprensa, 20-21/2/1954)

Podemos perceber que, na visão do periódico, não só não éramos os melhores do mundo, como também não éramos os melhores da América do Sul. Além disso, um grande erro do futebol brasileiro era exatamente se considerar melhor, o que, na visão do periódico, impedia o êxito da seleção.

Os passadistas dizem que o futebol brasileiro já foi o tal quando não adotava sistemas. Quando era improvisado. Isso entretanto, não tem fundamento. Nunca foi e ainda não é o tal. Atualmente a seleção adota a marcação por zona e, há menos de dois anos, adotava a “diagonal”. A formação dos homens em campo, entretanto, em pouco ou nada difere do futebol europeu (...) Quando não adotava sistemas dizem que vencia mais. Não confere. É opinião dos mascarados do passado. Na opinião dos mascarados do presente, agora é que somos os tais. Também não confere (...)
O momento é, portanto, oportuno para fazer um “cartazinho”. Campeonato do Mundo projeta os grandes centros futebolísticos, inegavelmente. Acontece, apenas, que é muito difícil vencer. Muito mais do que pensam os mascarados. Tão difícil que duzentas mil pessoas viram certa vez uma tragédia que acabou ficando cômica.
(Tribuna da Imprensa, 20-21/2/1954)

Novamente a referência é a Europa. Enxergar no outro aquilo que gostaria de enxergar em seu próprio grupo denota a visão política e ideológica do jornal udenista, alinhado aos interesses liberais e do capital estrangeiro.

No intuito de legitimar sua argumentação, o periódico apresenta números que justificariam a não aceitação da ideia do Brasil como detentor do melhor futebol do mundo.

DEPOIS da última Copa do Mundo, quando a crítica estrangeira (e a nossa também, com aquê exagero) considerou o futebol brasileiro o melhor exibido dentre todos os disputantes, nossas seleções decaíram de produção.

No quadro de concorrentes mais prováveis da Copa do Mundo dêste ano, o Brasil ocupa a oitava colocação na média de vitórias alcançadas depois da Copa do Mundo de 1950.

Conseguiu apenas seis vitórias e um empate nas dez partidas que realizou (...)

Enquanto isso a Hungria jogando trinta e sete vezes venceu trinta e duas, teve quatro empates e apenas uma derrota. Consagrou-se definitivamente quando venceu a Inglaterra em Londres por 6x3 impondo aos britânicos a primeira derrota em seus domínios depois de noventa anos de futebol.

A Iugoslávia em vinte e oito jogos conseguiu dezenove vitórias sendo derrotada cinco vezes e empatando quatro vezes; a Inglaterra em vinte e sete jogos venceu quatorze vezes, perdeu cinco e empatou oito; o Paraguai completou ontem um total de sete vitórias em nove jogos, empatando dois.

A Alemanha em dezesseis jogos tem dez vitórias, três derrotas e três empates, e o Uruguai mesmo perdendo o Pan-americano e o Sul-americano tem média superior aos brasileiros com oito vitórias, três derrotas e um empate.

Assim, quando os brasileiros deveriam justificar e confirmar o prestígio conquistado na Copa do Mundo onde conseguiu um brilhante vice-campeonato, exibindo magnífico futebol, suas seleções decaíram de produção.

(...)

(Tribuna da Imprensa, 23/2/1954)

Diferentemente, para *Última Hora*, a suposta superioridade europeia é que deveria ser relativizada. O periódico procurava apresentar uma visão mais otimista em relação ao futebol brasileiro e denunciava o “negativismo” dos críticos da imprensa esportiva que, na visão do jornal, enxergavam com pessimismo o futebol brasileiro.

Daqui a uma semana, estaremos mesmo na véspera dos primeiros jogos do V Campeonato Mundial de futebol e, em particular, da estréia do “scratch” da C.B.D. frente ao Selecionado do México. E a medida que se aproxima a data fatídica parece que a torcida brasileira está temendo um pouco mais, cada dia, que o esquadrão dirigido por Zezé Moreira não tenha capacidade para resistir a outro esquadrão temível: o da Hungria.

(...)

A verdade é que o selecionado húngaro conseguiu uma série de façanhas que não deixa dúvida alguma sobre sua “classe” e eficiência.

(...)

Será, por isso mesmo, uma conclusão indiscutível, no momento, que o futebol húngaro é superior ao futebol brasileiro?

(...) convém reconhecer que ainda não houve confronto direto plenamente válido entre os dois países.

(...)

E a verdade é que não existe e nunca existirá um quadro invencível.

Pois, afinal de contas, o problema num Campeonato Mundial, não é demonstrar que seu futebol é o melhor do mundo. É de ganhar cinco jogos seguidos em uns vinte dias. E as circunstâncias, favoráveis ou desfavoráveis, e a sorte representam sempre num certame desses, um papel essencial.

Não vale a pena, portanto, espantar-se de modo exagerado antecipadamente. O “scratch” brasileiro é muito forte. Digno da nossa confiança inteira. As coisas nunca acontecem em futebol como se previa unânimemente. Vamos esperar portanto os acontecimentos com toda a calma. E, se for possível, que vença mesmo o melhor.

(Última Hora, 8/6/1954)

Outro aspecto importante evidenciado nas páginas de *Tribuna da Imprensa* refere-se à comparação realizada pelo jornal entre duas paixões do brasileiro, especialmente dos cariocas: carnaval e futebol. Como a primeira partida da seleção brasileira nas eliminatórias aconteceu no domingo de Carnaval, o jornal se propôs a realizar uma pesquisa de opinião, com o intuito de aferir qual das duas manifestações populares seria preferida pelas pessoas.

De acordo com o levantamento do jornal,

A maioria dos cariocas prefere entrar no cordão carnavalesco a escutar o jogo de futebol, domingo, no Chile, para as eliminatórias da Copa do Mundo.

Esta demonstração de espírito cem por cento folião, foi comprovada pela TRIBUNA DA IMPRENSA, na manhã de hoje.

(...)

Cinco pessoas preferem o Carnaval; um dá atenção às duas coisas e apenas acha o jogo no Chile mais importante.

(Tribuna da Imprensa, 20-21/2/1954)

Podemos inferir que a mesma crítica feita outrora em relação ao número de portugueses (5 na ocasião) entrevistados para se aferir a opinião destes acerca da vinda de sua seleção para a disputa da Copa do Mundo de 1950, não ocorre agora. A partir da entrevista realizada com 7 pessoas, *Tribuna da Imprensa* afirma que a maioria dos cariocas preferiria o Carnaval em detrimento do futebol. Não é nossa intenção aqui discutir qual dos dois elementos possui maior apelo. O que gostaríamos de destacar é a intencionalidade do periódico em demonstrar que o futebol brasileiro não poderia e não deveria ser encarado como o melhor, na medida

em que, além de não possuir números que legitimassem isso quando comparado aos outros países, a própria população supostamente não demonstrava interesse tão grande assim pelos jogos da seleção.

Um dos principais problemas apontados por *Tribuna da Imprensa* para que o futebol brasileiro não tivesse atingido o auge que almejava residia no fato de boa parte da imprensa esportiva defender uma visão soberba em relação à seleção,

Um diploma que o futebol brasileiro está precisando para substituir o anel que usa sem direito

No próximo domingo, mais uma seleção do Brasil iniciará a tentativa da conquista do título de campeã mundial de futebol. Temos dito que a “máscara” não só tem levado o Brasil a numerosas derrotas como também conspirado contra o reparo dos erros dentro de cada uma dessas derrotas.

(...)

Que é que nos autoriza chamar o futebol brasileiro de “maioral”? Suas jornadas? Não é o que diz o histórico de suas partidas. Temos sim um bom futebol. Temos uma organização futebolística. Quase uma indústria, mas afinal, uma organização. Temos até um número de reveses com qualidade suficiente para nos ensinar a perder e nos ensinar a vencer também.

O Brasil não deve usar anel de grau, enquanto não conseguir o diploma. As disputas da seleção brasileira se resumem em Olimpíadas, Copa do Mundo, Copa Roca, Copa Rio Branco, Copa Osvaldo Cruz e Copa Rodrigues Alves. Dessas a mais importante é a que começará domingo.

A seleção brasileira fará sua estréia e não há dúvida de que será pelas circunstâncias, uma peleja de igual para igual. Vamos torcer pela vitória que será apenas um primeiro degrau. Desta feita parece que muitas deficiências foram suplantadas, muitos erros reparados. Essa é a hora de fazer uma frente única contra a “máscara”. De dar a cada adversário o mesmo conceito de atribuir a cada um deles qualidade para nos vencer e assim lutar sempre contra um “grande”, por menor que seja ele.

O Brasil precisa dêsse título para então recomeçar a sua história. A história de um país que tem um diploma mas que por modéstia não usa anel de grau.

(Tribuna da Imprensa, 24/2/1954)

Estamos diante de uma análise feita pelo cronista Araújo Júnior³¹ que, quando comparada à conhecida expressão “complexo de vira-latas”, cunhada por Nelson Rodrigues para se referir à maneira como imprensa e torcida enxergavam o futebol brasileiro antes da conquista da Copa do Mundo de 1958, denota dois aspectos: o primeiro diz respeito à crítica que Araújo Júnior fazia à postura contrária, qual seja, a soberba que tanto atrapalhava o futebol brasileiro e que destoaria, claramente, do “complexo de vira-latas”; contudo, se analisarmos o mesmo excerto sob outra perspectiva, é possível identificarmos nas “entrelinhas” do discurso do cronista de *Tribuna da Imprensa* elementos convergentes ao sentimento de inferioridade do

³¹ José Martins de Araújo Junior, que também utilizava o pseudônimo de Don Rossé Cavaca, foi um jornalista, radialista e humorista carioca. Casado com a prima de Carlos Lacerda, contribuiu com o processo de fundação do jornal Tribuna da Imprensa, no qual redigia artigos sobre esporte.

futebol e do brasileiro em relação a outros povos, especialmente aos europeus, corroborando, assim, a expressão cunhada Rodrigues. De uma forma ou de outra, estamos diante de elementos que procuram definir a identidade futebolística do Brasil, o que, por sua vez, denota também uma maneira de enxergar a identidade brasileira numa perspectiva mais ampla.

Continuando sua crítica, para *Tribuna da Imprensa* a “máscara” atribuída aos brasileiros em relação ao futebol, transcendia este aspecto, pois constituía-se também como um elemento que explorava a imagem das seleções brasileiras, gerando, assim, uma espécie de “indústria de futebol” que tinha como finalidade principal deturpar a real importância do esporte na sociedade, “endeusando-o” e, conseqüentemente, produzindo uma soberba que impediria, supostamente, o Brasil de conquistar os campeonatos que disputava.

Mantém-se o endeusamento para as rendas não caírem – Fábrica de ídolos misturada com patriotismo e dinheiro para as entidades

DENTRO de quarenta e oito horas o Brasil estará sendo representado no Campeonato Mundial de Futebol por mais uma de suas muitas seleções. Faremos hoje um retrospecto da série de reportagens que vimos publicando, que alguns leitores consideraram contra a seleção brasileira mas que felizmente uma grande maioria considerou a favor. É uma alegria saber que muita gente se entusiasma e se empolga com todas as campanhas de profilaxia do esporte, principalmente do futebol brasileiro, uma das grandes indústrias do momento, muito bem montada no sentido das vantagens pessoais, todavia uma calamidade no que diz respeito ao esporte. Dia a dia o futebol desta terra fica sendo mais futebol e menos esporte, desde que os leitores concordem em chamar-se de futebol a isto que existe por si.

(...)

Todas as considerações foram acompanhadas de números. Números expressivos, por sinal. Sabemos o quanto é desagradável ao torcedor de futebol ludibriado pelos “donos do esporte” chegar a essa realidade. Mas a verdade é essa: É tudo uma farsa bem urdida. Os maus desportistas precisam manter esse “statu-quo” [sic]. É esse endeusamento que leva público aos estádios. Que enriquece clubes e gentes. Mais gentes do que clubes. É esse estado de coisas que faz dinheiro entrar às escancaras pelas portas ou janelas das entidades. Que já levou toda uma diretoria da C.B.D. a uma Delegacia de Polícia, naquela vergonha do câmbio negro de entradas durante o último campeonato do mundo.

O Brasil não é doutor em futebol coisa nenhuma. Fabricam-se ídolos. Mandam-se seleções para os campeonatos mas as desculpas para os fracassos estão sempre prontas no verso da própria bandeira que receberá nossos atletas gloriosos em caso de vitória. Eles, somente eles, dignificam o futebol brasileiro. Vencem ou perdem e recebem vitória ou derrota como contingência natural do esporte. Não têm culpa de que por trás de tudo isso uma grande fábrica de deuses não lhes permita viver a condição de homens apenas, de simples jogadores de futebol.

(Tribuna da Imprensa, 26/2/1954)

Mais uma vez o excerto, apesar de longo, é bem elucidativo no que concerne ao “lugar de fala” do jornal. A referida elevação indevida do status do futebol brasileiro consistia, na visão do periódico, uma clara demonstração de um patriotismo falso, apelidado de “patriotada”. No contexto que se apresentava, de anteposição entre o modelo nacionalista e o modelo entreguista, acusar os que eram favoráveis à maior intervenção do Estado na economia de “patrioteiros”, de “falsos patriotas” era, em nosso ponto de vista, uma maneira de demonstrar também a crítica que *Tribuna da Imprensa* fazia aos seus adversários políticos.

Repetem-se cenas velhas e prejudiciais aos atletas da seleção – Começam os dirigentes a incutir no espírito dos jogadores obrigações patrióticas, em vez de futebol apenas

ANTES da peleja Brasil X Chile, o candidato a vereador Luiz Vinhais, que faz parte da delegação da CBD como assessor administrativo mandou que os jogadores beijassem a bandeira brasileira, iniciando dessa forma a “patriotada” na seleção. Como se sabe, gesto semelhante foi feito pelo mesmo sr. Luiz Vinhais em 1932. O selecionado venceu, e o sr. Luiz Vinhais fez nome no esporte. Hoje, ocupa alto posto na Administração do Estádio Municipal.

(...)

Embora sejam respeitáveis as intenções do sr. Vinhais, que dizem ser um grande patriota, o que se sabe é que essas atitudes são prejudiciais aos atletas no que diz respeito à parte psicológica. Os jogadores que tomaram parte na última “Copa do Mundo”, atribuíram a derrota do Brasil frente ao Uruguai, ao encargo demasiado que receberam quando o prefeito Mendes de Moraes disse-lhes pelo alto-falante, que cumprira seu dever dando ao povo um estádio, e que era a hora dos jogadores cumprirem o seu dever, uma vez que quarenta milhões de brasileiros estavam esperando a vitória. Ninguém desconhece o precário estado de nervos com que entraram em campo os atletas brasileiros depois daquele aparato. – Daquela “patriotada”. A psicologia aplicada ao esporte condena êsses recursos, pois as emoções daí derivadas, podem inclusive prejudicar o estado atlético do jogador.

(Tribuna da Imprensa, 4/3/1954)

Não obstante suas constantes críticas e as acusações de “patriotada”, *Tribuna da Imprensa*, paradoxalmente, apoiava a participação da equipe brasileira nas eliminatórias, relatando a importância que a conquista representaria e indicando os caminhos que os atletas brasileiros deveriam seguir para o êxito. Para realizar seu objetivo, o periódico chegou a redigir uma carta aberta ao “scratch brasileiro”.

A V Copa do Mundo só amanhã começará, a rigor, para o Brasil. Só amanhã, em Assunção do Paraguai, uma cidade pobre de 250 mil habitantes também pobres, que tem uma terra muito vermelha, onde se pratica, atualmente, o futebol campeão da América do Sul

Até agora andamos em ensaios e experiências. Só amanhã saberemos, de fato, como estamos, com o que contamos e o que podemos fazer (...) E para um bom começo, pelo menos e felizmente, temos a nosso favor muitas lições e recordações amargas – e principalmente muitas advertências oportunas.

Não entraremos amanhã (...) com nenhum título pomposo de superioridade. Nem mesmo o de vice campeões do mundo e êsse muito distinto e mentiroso também de “Donos do futebol mais lindo e técnico do mundo” poderemos usar. Ambos já estão obsoletos e fartamente desmoralizados. Muito ao contrário, o que devemos e não podemos deixar de fazer é (...) encarar o futebol paraguaio como realmente êle é, pensando e considerando o que êle, na verdade, honestamente, com tôda lisura e justiça, tem e ostenta no momento: a comenda de Campeão de Futebol da América do Sul.
(Tribuna da Imprensa, 6/3/1954)

Diferentemente da perspectiva apresentada pelo jornal udenista, para *Última Hora* a partida representava não só uma oportunidade de consolidação do futebol brasileiro como o melhor, mas também se constituía como elemento difusor da identidade brasileira, na medida em que, mais uma vez enxergava-se a seleção como uma “comunidade imaginada” representante de todos os brasileiros.

Notícias procedentes de Assunção sôbre a expectativa do jôgo Brasil X Paraguai, são de molde a causar sérias apreensões. Segundo essas fontes, a imprensa guarani estaria criando um ambiente de “Vitória ou Morte” (...) Está-se promovendo uma exacerbação de ânimos que cheira à coação. Os paraguaios contam como certa a vitória sôbre o Brasil e já incluem em seus cálculos – ausente qualquer senso de medida ou mesmo de autocritica – a conquista do campeonato do mundo. Nós, brasileiros, somos os primeiros a admirar e a respeitar a fibra dos jogadores paraguaios (...) Mas não podemos ver com bons olhos esse espírito de luta transformar-se num estado de espírito prejudicial às boas relações esportivas entre os dois países.
(Última Hora, 5/3/1954)

Continua o periódico:

(...) no próximo domingo a cidade ficará deserta: todos estarão em casa, junto ao rádio, torcendo por mais uma vitória do Brasil. Até mesmo duas jovens portuguesas, que ouvimos na rua se mostraram entusiasmadas com o jôgo e declararam que vão torcer com todo seu ardor, pela vitória das côres brasileiras. Não há distinção nem de classes, nem de profissão, nem de côres na nossa torcida: o rico, o pobre, o preto, o branco, o engraxate, o condutor, todos são pela desforra do Brasil frente ao Paraguai. À luta, portanto.
(Última Hora, 6/3/1954)

Dois elementos nos chamam mais atenção na análise dos excertos acima: o primeiro refere-se à exacerbação de ânimos, apresentada pelo jornal, acerca da realização da partida eliminatória; o segundo refere-se ao envolvimento das pessoas no acompanhamento do jogo, entendido pelo periódico como transcendente a aspectos étnicos, de classe e de outras diferenças que, supostamente, seriam suplantadas em nome da “comunidade imaginada” do “país do futebol”.

O Brasil conseguiu passar pelas eliminatórias com certa tranquilidade, vencendo os quatro jogos que disputou (dois contra o Chile e dois contra o Paraguai). Faltavam pouco mais de dois meses para o início da Copa do Mundo e a expectativa, tanto da imprensa quanto da torcida, crescia. Novamente, a seleção brasileira de futebol teria a chance de consolidar-se como a melhor do mundo, atuando em uma competição oficial da FIFA.

A Copa do Mundo de 1954, realizada na Suíça, foi a quinta da história. Contou com a participação de 16 equipes, sendo 11 europeias (Suíça, Inglaterra, Itália, Bélgica, Áustria, Tchecoslováquia, Escócia, Hungria, Alemanha Ocidental, França e Iugoslávia), 2 sul-americanas (Brasil e Uruguai), 2 asiáticas (Coreia do Sul e Turquia) e 1 norte-americana (México). A competição ocorreu entre os dias 16 de junho e 4 de julho de 1954. Foram realizadas ao todo 26 partidas e a campeã foi a Alemanha Ocidental.

A participação brasileira na competição foi relativamente tímida, especialmente se considerarmos que, na Copa do Mundo anterior, o Brasil terminou como vice-campeão e a expectativa que cercava a evolução técnica e tática da equipe e dos jogadores brasileiros era grande.

Quatro anos levamos esperando por esta noite. Quatro anos. Bem contados e que não andaram muito ligeiros. Que foram, realmente, quatro anos. E não será agora, precisamente nesta noite, que iríamos confessar que toda essa longa espera foi inútil e perdida. A seleção pode não ser a ideal, mas continua e continuará sendo o nosso ideal, a nossa gente, um pouco de nós mesmos enfim.
(...)
(Tribuna da Imprensa 25/5/1954)

Podemos perceber a expectativa que cercava a ida da seleção brasileira para a Suíça às vésperas do embarque, conforme o excerto acima. Da mesma maneira, a identificação da seleção como “o nosso ideal, a nossa gente, um pouco de nós mesmos” demonstra, mais uma vez, a vinculação entre o futebol e a concepção de identidade vigente.

O embarque da equipe brasileira foi retratado da seguinte maneira por *Tribuna da Imprensa*:

Com o adeus de milhares de pessoas e ao som de hinos e dobrados pela Banda de Música da Polícia Militar, os jogadores da Seleção do Brasil deixaram, aos primeiros minutos da madrugada de hoje, o Rio, rumo à Suíça.

Os craques (...) mostravam-se bastante otimistas, distribuindo, entre frases de esperanças e estímulo, autógrafos para uma enorme legião de colecionadores.

(Tribuna da Imprensa, 26/5/1954)

A popularidade do futebol fica evidente no embarque da equipe brasileira. Além disso, é possível inferirmos mais uma vez a presença do sentimento de “comunidade imaginada”, na medida em que o grande número de pessoas que afluiu ao aeroporto o fez, provavelmente, por se sentir representado pela seleção de alguma forma.

Também é possível inferirmos a presença deste sentimento na maneira como são retratados os jogadores da seleção brasileira antes do embarque e durante toda a competição, como veremos.

Todos os craques muito nervosos e preocupados com o êxito da primeira partida. Embora todos procurem aparentar tranquilidade e confiança (...)

Esse nervosismo vem se verificando, principalmente, nos últimos treinos da seleção (...)

Inexplicavelmente, os jogadores brasileiros logo que percebiam e sentiam a qualidade dos seus adversários, perturbavam-se e inquietavam- [sic]

(Tribuna da Imprensa, 15/6/1954)

Conforme demonstramos anteriormente, a maior parte dos jogadores sentia-se responsável por representar o país numa perspectiva que transcendia o aspecto desportivo, encarando a atuação nas Copas do Mundo praticamente como um dever cívico.

Contudo, não foi apenas no embarque que houve grande contingente de pessoas para acompanhar os jogadores da seleção. Também no desembarque, na Suíça, a presença dos torcedores e a mobilização provocadas pela equipe brasileira demonstram bem a importância e a representatividade do futebol para essas pessoas.

(...) chegaram hoje a Genebra os craques e dirigentes da delegação brasileira. À sua espera já estavam cerca de 4 mil patrícios que, hoje à tarde também, estarão no Estádio de Servette [clube incentivando-os calorosamente.

(Tribuna da Imprensa, 16/6/1954)

Última Hora retratou o desembarque brasileiro na Suíça nos seguintes termos:

Antes, pouco se falava em “Copa do Mundo” nas ruas e mesmo nos bares, ponto de concentração dos desportistas. Agora, ou melhor, depois da

chegada dos brasileiros – considerados um dos favoritos do certame – “Copa do Mundo” é assunto obrigatório

(...)

Causou certa surpresa a presença de verdadeira multidão ao Aeroporto local, quando do desembarque da delegação brasileira. Estranheza não muito grande, pois, embora os poucos comentários sobre a “Copa do Mundo”, sabia-se ser o suíço um povo hospitaleiro.

(Última Hora, 28/5/1954)

Implicitamente, podemos perceber nos dois excertos acima que o futebol brasileiro, na visão da imprensa, despertava forte mobilização popular, indício de que a qualidade dos jogadores era reconhecida dentro e fora do país.

A seleção brasileira disputou três partidas na Copa do Mundo de 1954. A primeira contra o México, vencida pelo Brasil por 5 a 0; a segunda foi o empate em 1 a 1 contra a seleção iugoslava; e a última foi a derrota para a Hungria, por 4 a 2, partida que eliminou a equipe brasileira da competição.

Antes do primeiro jogo, contra o México, a expectativa era muito grande conforme podemos observar pelo que segue:

(...) Nunca uma véspera de jogo foi tão prolongada e angustiosa. Três anos, onze meses e 27 dias precisamente, ela durou, cheia de expectativa [sic], angústia e alguns dissabores.

Aquela época, por este mesmo jornal, éramos obrigados a escrever e a reconhecer que “perdemos, sofrendo demasiadamente”. Que éramos ainda muito crianças no esporte. Que pretendêramos ser guerreiros, e por isso não pudemos ser desportistas. Que precisávamos envelhecer mais – para ter as Copas e fazer as lendas que tanto desejávamos. Que o nosso ganhador – o time uruguaio – foi e fez tudo isso.

Depois de todos esses anos, de toda essa espera, chega hoje o dia, a hora, o momento preciso e tão desejado em que saberemos se, realmente, aprendemos e já estamos em condições de ser Campeões do Mundo. Se tiramos, de fato, algum proveito daquela “tragédia grega”, vivida em pleno Maracanã, no dia 16 de julho de 1950.

Classe, técnica, material humano, esperanças, apoio e estímulo, hoje como ontem, não faltam. Sobram. São, sem exagero, as nossas maiores virtudes. Resta saber, a verificar, se não as desperdiçaremos desta feita. Se teremos o mínimo de inteligência – para transformá-las em grandes armas; e da experiência amarga de 50, fazer o grande trampolim para a vitória que é o sonho mais agradável dos brasileiros, neste momento.

(Tribuna da Imprensa, 16/6/1954)

A lembrança da tragédia de 1950 voltava à tona novamente. Contudo, desta vez, cercada de uma expectativa de que o amadurecimento do futebol brasileiro pudesse extirpar os fantasmas e conquistar, definitivamente, o título que há tempos era merecido e que, na visão do jornal, havia sido adiado em decorrência dos erros de imaturidade cometidos na Copa do Mundo anterior. Além disso, pode-se perceber o enaltecimento das características positivas do futebol brasileiro, detentor de

qualidades que o colocavam em clara condição de se consolidar como o melhor futebol do mundo.

Nas páginas de *Última Hora*, a perspectiva era semelhante. Havia ainda o “trauma” de 1950, mas também estava explícito o reconhecimento das qualidades futebolísticas dos brasileiros que precisavam se equilibrar com as dificuldades emocionais, os maiores obstáculos para o êxito da seleção, segundo o periódico.

Está na hora, afinal de contas, de pôr as cartas na mesa. Acabou o tempo das goleadas em treinos de conjunto contra adversários de categoria inferior (...) serão disputados os primeiros “matches” desse V Campeonato do Mundo (...) do qual o Brasil inteiro quer esperar que lhe traga finalmente as alegrias do triunfo (...)

A disputa de um Campeonato do Mundo de Futebol (...) exige, além de grandes qualidades técnicas, é claro, uma vontade de vencer inquebrantável, mas também um domínio nervoso, um equilíbrio moral e psicológico, uma constância tranquila (...)

O jogador brasileiro sempre foi irresistível para qualquer adversário quando “as coisas saem bem”. Mas quando a sorte parece não querer ajudar, o mesmo jogador perturba-se facilmente, afoba-se, e perde automaticamente uma grande parte das suas possibilidades.

(...)

Mas o futebol é a imagem da vida, na qual não se pode conseguir sucesso sem a combinação de três fatores essenciais: talento, trabalho e sorte.

Talento os brasileiros tem, e muito. E não há dúvida de que trabalharam com toda a seriedade desejável para apresentar-se em perfeita forma técnica, física e moral. Mas a parte da “chance” é imensa em futebol, particularmente num Torneio desse, com uma série de cinco jogos em vinte dias e dois sorteios importantíssimos antes dos jogos quartos de final e semifinais.

O mundo inteiro concordaria conosco se fôssemos proclamar por cima dos oceanos e das fronteiras que o futebol do Brasil merece ser Campeão do Mundo, mas os propósitos do destino são impenetráveis e só podemos repetir mais uma vez que o resultado final será o que Deus quiser.

(Última Hora, 15/6/1954)

Segundo relato de *Tribuna da Imprensa*, a cidade do Rio de Janeiro parou para acompanhar a partida entre Brasil e México pela abertura da Copa do Mundo.

EXCEÇÃO dos velhos bondes da Light (decididamente vazios naquela hora), toda a cidade parou ontem durante noventa minutos, para acompanhar a partida Brasil X México. Onde houvesse um rádio ou um alto-falante havia gente agrupada. Havia também guichês fechados. O Rio todo era Brasil e México.

(...)

Nos pontos de automóvel, cada carro tinha cerca de trinta radiouvintes. O mais difícil era arranjar passageiro (esse se houvesse, que procurasse o velho bonde da Light). Depois, quem se atreveria a tomar um carro, deixando sem rádio vinte irmãos da mesma causa? Quem seria passageiro naquele momento quando tudo estava parado e era Brasil X México? Passageiro, se houvesse, estaria decididamente no velho bonde da Light.

Nas barbearias o movimento era pequeno. Só havia mesmo fregueses que chegaram antes do início do jogo. Pasmem, mas o fígaro não queria

conversa. Não queria conversa nem fregueses. De vez em quando sussurrava um “Quase!” conjugado com mais um corte no rosto do freguês. Era um “quase” que nada tinha a ver com o corte (êste já estava dado) mas com o chute que Baltazar desperdiçou, conforme anunciava o rádio, ao lado barbearia.

(Tribuna da Imprensa, 17/6/1954)

A representação construída acerca do futebol e da mobilização popular que uma partida da seleção brasileira produzia, demonstra, concomitantemente, a perspectiva que o jornal construía sobre o futebol e a efetiva mobilização que ele despertava. Muito embora possamos considerar eventuais exageros na representação construída acerca do futebol como paixão, é inegável sua popularidade, especialmente quando os referenciais são a seleção e a Copa do Mundo.

Até mesmo os políticos, segundo o periódico – e para sua insatisfação já que a partida coincidiu com a votação do processo de impeachment proposto pela UDN em relação ao presidente Vargas, – pararam para acompanhar o jogo, relegando a UDN ao papel do México, conforme depoimento de um deputado udenista.

No Catete, na Câmara dos Deputados e dos Vereadores, nos hospitais, na Penitenciária, no Foro, nas ruas – em tôda a cidade enfim, o jogo Brasil X México, ontem, à tarde, foi o assunto dominante e a grande preocupação do povo.

(...) o presidente da República só atendeu o ministro do Trabalho, Hugo Faria, para despacho, depois do jogo. Estava sorridente e disse ao ministro que estava satisfeito com os dois jogos: o do Brasil e o dêle na Câmara dos Deputados.

(...)

O sr. Gustavo Capanema na tribuna, defendia o govêrno das acusações e do “impeachment”. Mas no plenário as atenções estavam voltadas para uma das portas laterais, por onde de vez em quando entrava o contínuo (“pombo-correio”) com a notícia de mais um “goal”.

O próprio líder da maioria ficava muito encabulado. E prosseguia. Terminado o seu discurso, estavam já nas redes aqueles 5x0. Seguiu-se a votação da denúncia contra o sr. Getúlio Vargas: 136 x 35 votos.

O deputado Alberto Deodato comentou: “Não há a menor dúvida: nós, da UDN, fomos os mexicanos do “impeachment”.

(Tribuna da Imprensa, 17/6/1954)

A politização do futebol novamente retorna às páginas de *Tribuna da Imprensa* que retrata, ao mesmo tempo, a mobilização das pessoas em relação ao jogo e a crítica que costumava fazer aos seus adversários políticos. A comparação entre a derrota do México e a derrota da UDN, ainda que de maneira irônica, denotam a perspectiva do jornal em relação ao futebol, entendendo-o como um instrumento de manipulação.

Como sugerimos anteriormente, entendemos o futebol como elemento da cultura popular e, portanto, ainda que possa ocorrer utilização político-ideológica de um evento esportivo, tal utilização não pode ser entendida de maneira estanque e livre de tensões, na medida em que existe fluidez nas relações e perspectivas diversas acerca do mesmo fenômeno. Ou seja, enxergar os torcedores como passivos e alienados é, a nosso ver, um equívoco, pois esta perspectiva desconsidera que os sujeitos podem escolher, resistir e ressignificar práticas, valores, percepções e sentimentos.

O segundo jogo do Brasil na Copa do Mundo ocorreu no dia 19 de junho. O resultado foi um empate em 1 a 1 contra a seleção da Iugoslávia. Após a primeira vitória de goleada contra o México, a expectativa era de uma nova vitória brasileira. Como era comum nas páginas de *Tribuna da Imprensa*, novamente a “soberba” foi a culpada pelo empate.

Houve (e ainda há) muita gente espantada e surpresa com o resultado (empate 1x1) do segundo jogo dos brasileiros na V Copa do Mundo.

(...)

Mas a verdade é que não houve nenhuma surpresa naquele empate de sábado. Ao contrário, ele foi um resultado muito lógico e muito compreensível em jogos de uma Copa do Mundo, em que o espantoso e surpreendente é precisamente a vitória fácil e larga.

Copa do Mundo, creiam, é (...) jogo entre seleções que representam o que há de melhor no mundo, em matéria de futebol. Não é brinquedo para menores de 18 anos, não.

Não é à-toa que, de quatro em quatro anos, ela desperta os olhos compridos do mundo inteiro (...) que tem despertado tantas paixões, desesperado e martirizado tanta gente, tantos povos (...)

(Tribuna da Imprensa, 21/6/1954)

Da mesma forma em que se repetiu a soberba prejudicial, também houve, na visão do periódico, a falta de preparo dos dirigentes da C.B.D. que se aproveitavam para explorar o futebol brasileiro em benefício próprio, mas que desconheciam as próprias regras da competição que a seleção estava disputando.

A ÚNICA derrota que, realmente, sofremos, sábado, foi com a demonstração de incompetência, desleixo e ignorância dada pelos dirigentes da delegação brasileira que não conhecem o regulamento da Copa do Mundo, ao ponto de não saber informar com precisão o que aconteceria o que aconteceria (...) depois do empate.

Esse o resultado verdadeiramente humilhante e ridículo. O da falta de comando (...) O da farra que a C.B.D. promoveu e patrocinou com o nosso dinheiro (...) levando uma troupe [sic] numerosa de bobocas, inúteis para fazer turismo na Europa.

(Tribuna da Imprensa, 21/6/1954)

Entretanto, a partida que gerou maior expectativa e também maior repercussão foi a terceira, realizada no dia 27 de junho, na cidade de Berna. Considerados os grandes favoritos ao título antes mesmo do início da competição, Brasil e Hungria se enfrentaram pela fase quartas de final da Copa do Mundo.

Eis porque temos que encarar o prélio de domingo próximo em si, isolado, como um magistral confronto entre dois grandes futebolis de verdade, sem querer tentar deduzir das contagens do passado o que nos promete o porvir.

(...)

Trata-se aliás de saber se a Hungria é realmente um quadro-fenômeno, uma formação prodigiosa, um “super-scratch” contra o qual qualquer adversário, até o selecionado brasileiro, não tem outra alternativa a não ser a de curvar-se.

(...)

Temos certeza que não sonhamos acordado quando vemos no grande futebol do Brasil uma das maiores forças atuais do “soccer” mundial. Confiamos nas qualidades também extraordinárias dos jogadores desta terra. Confiamos na competência e na força de vontade do técnico nacional. O futebol húngaro de 1954 é grande, não há dúvida. Mas o futebol do Brasil também.

A imensa torcida brasileira deve portanto ter fé, uma fé também imensa nos seus campeões, e esperar o jogo de domingo, sem nervosismo excessivo.

(Última Hora, 22/6/1954)

A confiança era a tônica dos discursos apresentados pela *Última Hora* nos dias que antecederam o jogo. A crença na “comunidade imaginada” que integrava jogadores e torcedores voltava a ser o argumento mais utilizado pelo jornal. A vitória, apesar de difícil, não era impossível. Pelo contrário, haveria motivos de sobra para o torcedor acreditar.

O técnico da seleção brasileira que, durante o torneio, escreveu diversos artigos publicados no jornal dirigido por Wainer, intitulados “Diário de Zezé”, demonstrou em um destes artigos grande confiança na vitória e na possibilidade que os brasileiros tinham de mostrar ao mundo suas qualidades.

Veremos, domingo, se os húngaros são fantasmas ou são de carne e osso.

(...)

Poucos acreditam no nosso “scratch”. Claro que é bem melhor assim. Mostraremos à imprensa européia o valor do futebol brasileiro. Mostraremos que o brasileiro tem fibra, tem raça, tem sangue ou mais moral que eles. E, pode crer, será esta a maior vitória do futebol brasileiro.

(Última Hora, 24/6/1954)

Os jogadores e os dirigentes também se mostravam muito otimistas em relação à vitória do Brasil, conforme podemos inferir, por exemplo, na carta escrita pelo goleiro Castilho para sua filha, publicada na *Última Hora*, na qual o goleiro dizia:

“O jogador brasileiro mostrará ao mundo que seu sangue é do bom e supera todos os obstáculos.” (Última Hora, 26/6/1954)

Ainda de acordo com as páginas de *Última Hora*, vários torcedores enviaram aos jogadores brasileiros mensagens de apoio que chegaram por telegrama e que foram lidas por dirigentes da C.B.D., especialmente por João Lyra Filho.

Está preparado o ambiente para a sensacional vitória do Brasil. Primeiro, com o magnífico treino realizado pelos nossos craques, ontem, pela manhã. Depois, com a leitura dos inúmeros telegramas de solidariedade à toda a delegação.

(...)

Palavras pronunciadas com entusiasmo e emoção e que tocaram o coração dos nossos jogadores. Podíamos observar, pela fisionomia [sic] de cada um, o desejo enorme de corresponder à confiança de milhões de torcedores, representados, na ocasião, pelo Ministro Lira Filho.

(...)

Façam tudo; façam milagre, mas derrotem os húngaros.

(Última Hora, 26/6/1954)

O sentimento era parecido com o da Copa do Mundo de 1950. A expectativa, como não poderia deixar de ser, era de vitória e a consolidação do Brasil como “país do futebol” dependeria, na visão dos periódicos desse êxito.

Pela *Rádio Nacional*, a transmissão da partida, também contemplava a expectativa de vitória e a sensação de pertencimento à “comunidade imaginada”. Ou seja, esperava-se, na fala dos narradores, que as energias transmitidas pelos torcedores atingissem os atletas, possibilitando, assim, que a vitória fosse alcançada. Durante a partida, o que mais chama a atenção são as reclamações dos narradores em relação a três dos quatro gols marcados pela Hungria. Segundo o relato de Antônio Cordeiro e Jorge Curi, dois gols foram irregulares (os jogadores húngaros estavam impedidos) e o gol de pênalti foi marcado após uma infração inexistente anotada pelo juiz da partida, o inglês Arthur Ellis.

Ao final do jogo, o narrador Antônio Cordeiro se expressou da seguinte maneira:

Nós saímos daqui, amigos ouvintes, desapontados e tristes com a falta de seriedade dos homens em quem mais confiávamos, que eram exatamente os juízes ingleses. Hoje, nesse campeonato, tivemos dois cemitérios: o cemitério do time inglês de futebol e o cemitério dos juízes ingleses, porque na realidade esta arbitragem de Mr. Ellis foi alguma coisa de cortar o coração e de irritar.

(Rádio Nacional, 27/6/1954)

Como podemos perceber a responsabilidade da derrota foi atribuída aos erros da arbitragem. Diferentemente do que ocorrera na Copa do Mundo anterior, não era

a falta de brio ou a soberba dos jogadores brasileiros a responsável pela derrota. Os jogadores, na visão dos narradores, haviam cumprido bem os seus papéis e o futebol brasileiro saiu desapontado e triste pela falta de seriedade dos árbitros.

Contudo, a repercussão dos supostos erros da arbitragem gerou novo embate entre os jornais *Tribuna da Imprensa* e *Última Hora*. Defendendo, novamente, os erros dos jogadores e dirigentes brasileiros, o jornal lacerdista dizia:

PERDEMOS mais uma vez, pela quinta vez: eis tudo; a triste e irrecusável verdade. Perdemos quatro anos de espera e sonhos, quatro meses de treinamento intensivo, batalhas duras, muito suor e sofrimento.

(...)

Mas neste momento, e a esta distância, não pretendemos alimentar polêmicas, acusando ou defendendo o juiz Ellis – desde domingo considerado o maior inimigo do Brasil e de toda a América do Sul.

Muito mais importante do que responsabilizá-lo, hoje única e exclusivamente, pelo revés da seleção brasileira – deve ser, antes, estudar e dissecar, com serenidade e coragem, as suas origens e causas.

(...)

Tivemos outra derrota, nem maior nem menor que a de 1938 e a de 50. Porque foi derrota também – e privou-nos igualmente, mais uma vez, da Copa do Mundo.

(...)

Antes de discutir os méritos da vitória húngara, melhor seria investigar por que, ainda, os nossos excelentes e experientes craques se deixam dominar pelos nervos em inícios de competições tão importantes como aquela?

(...)

Para que, a título de que levamos uma delegação com 11 dirigentes tão inúteis, tão turistas e tão incompetentes, que perdem, sucessivamente, todas as “batalhas dos bastidores” que jamais conseguem fazer-se respeitados e ouvidos, mesmo representando um futebol que já atingiu e chegou à era do Maracanã?

Esses e muitos outros aspectos é que precisam ser analisados e encarados, com seriedade e urgência – e continuam a ser os verdadeiros motivos dos nossos repetidos fiascos.

(Tribuna da Imprensa, 29/6/1954)

Como podemos observar, a matéria de *Tribuna da Imprensa* responsabiliza menos o árbitro e mais os erros de planejamento da C.B.D., especialmente dos seus “incompetentes dirigentes” que, supostamente, não teriam viajado à Suíça para representar os interesses do futebol brasileiro, mas para “turismo”, constituindo-se como “inúteis” espectadores da derrota.

Nas páginas de *Última Hora*, também encontramos críticas aos dirigentes brasileiros que estiveram na Suíça e foram permissivos em relação aos “truques” perpetrados contra o time brasileiro.

Antes de perder contra os húngaros no campo de futebol, o Brasil já tinha perdido o Campeonato do Mundo no campo da política (...) Com efeito as

hesitações, fraquezas e recuos da delegação que chefiou os heroicos jogadores (...) desmoralizaram desde logo a nossa representação esportiva, animando assim contra eles todos os truques e golpes que a maioria européia da FIFA sabe aplicar sempre contra os ingênuos sul-americanos. Com o retorno da delegação os “cartolas” vão passar um mau bocado entre nós.

(Última Hora, 28/6/1954)

Na mesma edição o jornal explicita a quais “truques” estava se referindo:

Viveu o futebol brasileiro, ontem, um dos seus dias mais dramáticos. Primeiro, pela atuação desonesta e irritante de Mr. Ellis (...) Segundo, pelo esforço, pela fibra, pela raça dos nossos craques, ante um adversário difícil – não impossível de ser vencido; o que poderia, aliás, acontecer – e ante as dificuldades naturais (encontradas no clima frio, no estado escorregadio do gramado) além da parcialíssima conduta do juiz do “match”

Tudo contrário às nossas pretensões, mas que, em nenhum momento quebrou o ímpeto dos nossos craques. Ao contrário. Feridos, frontalmente, prosseguiram a luta com espírito de sacrifício, com mais entusiasmo, com mais sangue, procurando desmanchar, com a “garra”, a diferença de tentos que o árbitro queria impor.

(Última Hora, 28/6/1954)

Para *Última Hora* a responsabilidade pela derrota era do árbitro da partida, uma vez que não faltaram aos jogadores brasileiros as atitudes que deles se esperava: luta, garra, sacrifício, entusiasmo.

Dias mais tarde, o periódico de Wainer publicou um artigo com uma crítica direta ao jornal *Tribuna da Imprensa*, especialmente à coluna escrita por Araújo Neto, intitulada 1ª Coluna. Chamando-a, ironicamente, de “quinta-coluna”, *Última Hora* relembra que os críticos da seleção brasileira – entre eles o colunista do jornal lacerdista – comportavam-se como “hienas da derrota”, satisfazendo-se com os insucessos da seleção e do futebol brasileiros.

(...) funciona no Brasil, com o mais impressionante descaro, uma ativa, obstinada, intransigente quinta-coluna esportiva. São confrades nossos que reduzem a sua função jornalística em achincalhe e desmoralização de qualquer seleção brasileira que se organize. E fazem o seguinte: põem-se a envenenar, a intrigar, atirando jogadores contra o técnico, o público contra os jogadores, o técnico contra o público (...) Na verdade eles não ganham nada senão a alegria idiota, a satisfação bestialíssima de ridicularizar os brasileiros que representam o futebol do Brasil.

O caso da derrota do Brasil, frente à Hungria, é típico. Antes do jogo, a quinta-coluna, assanhadíssima, vivia rosnando os piores preságios [sic]. Apostava contra o “scratch” e punha nas nuvens os nossos adversários. O “match” seria uma autêntica, uma irremediável barbada húngara. Muito bem. Há o jogo e, segundo o testemunho de jornalistas e técnicos neutros, fomos roubados da maneira mais deslavada, mais indecorosa pelo juiz inglês. Roubados, apenas, em três “goals” (...) Que faz a nossa eficiente

quinta-coluna? Em vez de uma indignação, ineficaz, mas legítima, pode-se aclamar, com um cinismo patético, que “não sabemos perder”. Não sabemos perder como? Aqui, em casa, na presença de 200 mil brasileiros, perdemos um campeonato do mundo. E, ainda por cima, aplaudimos os uruguaio. (...) Mas uma coisa é perder tecnicamente e outra é ser miseravelmente assaltado. A quinta-coluna, porém, não aceita depoimentos ultra-autorizados e neutros. E mais: longe ficar revoltada com o juiz ladrão, descarrega a culpa em cima de Zezé Moreira, do sistema dêste ou atribui aos nossos jogadores uma inferioridade técnica e moral, que não existe. Como se não bastasse, nega-nos o direito de protestar ou simplesmente constatar a infâmia do árbitro britânico. Um mínimo de brio nacional exige, de cada um de nós, um relativo sentimento. Poderão objetar que não se mistura pátria com futebol, o que nos parece um raciocínio perfeitamente falso e imbecil. Não se mistura como, se os nossos jogadores atuaram com o nome, as cores e uma representação oficial do Brasil? Desde quando a vítima de um roubo não tem o direito, sequer, de pôr a boca no mundo? Querem o que? Que aceitemos com uma passividade de débeis mentais, de cretinos convictos a desonestidade do juiz?

Enquanto isso, acontece o seguinte: os jornalistas ingleses nos chamam de “históricos pistoleiros”. E a nossa abjeta quinta-coluna não se dói ao menos, com o insulto. Pelo contrário. Confirma que nós não sabemos perder, e há os jornais que chamam os nossos jogadores de moleques. A conclusão deve ser a seguinte: “moleques” porque temos pretos no time. Para a quinta-coluna, preto não é gente. Ela jamais compreenderá que tanto faz o negro como o branco, que um é tão brasileiro e tão homem quanto o outro. Talvez a quinta-coluna tenha razão. Talvez o juiz gatuno não seja tão culpado. Afinal de contas, ele não é brasileiro e apenas roubou o time de uma pátria que não era a sua. Pior, mil vezes pior, fazem os brasileiros que achincalham o Brasil, que nos negam o direito de ter brio nacional (...) Êsses quinta-colunas, essas hienas da derrota é que merecem a execração do povo.

(Última Hora, 1/7/1954)

Vários aspectos se evidenciam no excerto acima. De acordo com *Última Hora*, as críticas presentes na *Tribuna da Imprensa* reforçavam que os porta-vozes do jornal não agiam com brio nacional, satisfazendo-se com a derrota dos jogadores brasileiros, derrota esta que não era apenas dos jogadores, mas do Brasil, na medida em que estes ali estavam como representantes oficiais do país e, portanto, deveriam, supostamente, contar com o apoio de todos e não com as críticas que dividiam e envenenavam a “comunidade imaginada” da qual faziam parte. Fica evidente, ainda, que para *Última Hora*, futebol e pátria não apenas se misturavam como eram a própria continuidade um do outro. Por fim, percebemos a referência à questão racial, na medida em que a atribuição de “molecagem” aos jogadores brasileiros decorria da presença dos “pretos” na seleção, elemento que já havia sido objeto de crítica, como vimos, na Copa do Mundo de 1950.

Para corroborar seu pensamento em relação à necessidade de todos os brasileiros se solidarizarem com a seleção, o jornal *Última Hora* publicou inúmeras

matérias convocando os torcedores para recepcionarem os jogadores no desembarque de retorno ao Brasil.

Vários leitores, verdadeiros brasileiros, telefonaram avisando de que pretendem organizar um comitê para recepcionar o selecionado brasileiro por ocasião do seu regresso no Galeão. Os rapazes de Zezé Moreira cumpriram seu dever.

(...)

Deve o “torcedor” brasileiro comparecer, sábado, então, ao Aeroporto do Galeão, hipotecando-lhes a solidariedade que merecem, solidariedade que não lhes foi negada, inclusive por jogadores e dirigentes de outras delegações.

(Última Hora, 28-29/6/1954)

Procuramos, até aqui, demonstrar as perspectivas que se construíam acerca do “país do futebol”, o sentimento de pertencimento a uma “comunidade imaginada” e a utilização do futebol como elemento difusor e sintetizador da identidade nacional. Também procuramos demonstrar as tensões e os embates que ocorreram nos veículos de comunicação que protagonizavam as disputas políticas no período.

A concretização do Brasil como melhor futebol do mundo estava mais uma vez adiada. Porém, assim como em outras ocasiões, não havia sido abandonada. Pelo contrário. Continuava sendo almejada nos anos que sucederam a Copa de 1954 e antecederam a de 1958, momento no qual, como veremos adiante, o objetivo foi finalmente concretizado.

4. A Copa do Mundo de 1958 e o nascimento do “país do futebol”

O período que sucedeu o segundo governo Vargas continuou marcado pelas tensões político-partidárias e pela vinculação da estrutura política aos veículos de comunicação de massa. Após os governos provisórios de Café Filho, Carlos Luz e Nereu Ramos, realizaram-se, em 1955, as eleições presidenciais que tiveram como vitoriosos Juscelino Kubitschek, para presidente, e João Goulart, para vice-presidente, chapa composta mediante nova aliança entre PTB e PSD.

O governo Kubitschek, norteado por uma política desenvolvimentista e tendo como lema desenvolver o Brasil o equivalente a “50 anos em 5 anos de mandato”, foi marcado pela abertura da economia brasileira à entrada do capital estrangeiro, incentivada principalmente pela indústria automobilística. Também foi durante o governo JK que pudemos observar o desenvolvimento de boa parte da malha rodoviária brasileira e a construção de uma nova capital, no Planalto central do Brasil. Todas estas ações foram utilizadas como símbolos de um Brasil que crescia e que queria, portanto, assumir um papel de protagonista no cenário econômico mundial.

Tal sentimento também se fez presente no futebol brasileiro. Como procuraremos demonstrar na sequência, foi no governo Kubitschek que a seleção brasileira de futebol finalmente alcançou o tão sonhado título da Copa do Mundo, feito que concretizaria a imagem, já há bastante tempo presente na imprensa esportiva, de “país do futebol”.

Neste momento, procuraremos discutir, portanto, a conjuntura política brasileira no período compreendido entre 1954 e 1958, com ênfase para a eleição e os primeiros anos do governo Kubitschek, procurando mensurar as tensões, as permanências e as mudanças quando comparamos este período com a Era Vargas; também analisaremos de que maneira tais tensões impactaram o futebol brasileiro e, concomitantemente, de que forma o futebol se manifestou como elemento importante da cultura popular brasileira.

Para isso, dividimos o capítulo da seguinte maneira: iniciaremos com a contextualização do governo JK; em seguida realizaremos a contextualização do futebol brasileiro no período, apresentando as principais competições que envolveram os clubes e a seleção brasileira; por fim, discutiremos a Copa do Mundo

de 1958, realizada na Suécia, e que representou o primeiro título mundial do futebol brasileiro, apresentando a discussão concernente aos cronistas esportivos e à temática que constitui problema central do nosso trabalho, qual seja a expressão “país do futebol”.

4.1. De Vargas à Kubitschek: as tensões e os embates políticos entre 1954 e 1958.

Após o golpe que culminou com o suicídio de Vargas, em 1954, o Poder Executivo esteve sob a responsabilidade de Café Filho, político nordestino filiado ao PSD, mas que, durante o golpe, esteve alinhado à UDN. Ao assumir a presidência, Café Filho tinha como tarefa principal conter os ânimos e as tensões entre os grupos representados pela UDN, PSD e PTB, até que fossem realizadas novas eleições presidenciais, em 1955.

As eleições para os cargos do Poder Legislativo ocorreram em outubro de 1954, apresentando resultado que nos permite inferir relativo declínio da UDN, na medida em que foi o partido que apresentou maior diminuição no número de cadeiras na Câmara dos deputados. Até 1954 os udenistas possuíam 84 cadeiras e passaram a contar com 74, enquanto o PSD subiu de 112 para 114 deputados e o PTB caiu de 56 para 51 cadeiras. (SKIDMORE, 1982, p. 183)

Podemos perceber, portanto, através dos números supracitados, que a tentativa udenista de assumir o poder, derrubando Vargas, acabou por se frustrar após o suicídio e que, além disso, o declínio no número de cadeiras no Legislativo também evidencia o insucesso do partido, resultando em seu enfraquecimento.

Outro aspecto que gerou enfraquecimento e, conseqüentemente, insatisfação por parte dos udenistas foi a o lançamento da chapa única PSD-PTB para concorrer às eleições presidenciais de 1955. Estes dois fatores – diminuição de influência no legislativo e a aliança entre os partidos que protagonizavam a cena política –, associados à instabilidade que o país vivia, representaram para a UDN momento oportuno para, novamente, arquitetar um golpe, contando com o apoio da ala conservadora do Exército.

Ainda em 1955, antes mesmo das eleições presidenciais, os udenistas tentaram impedir a candidatura de Juscelino Kubitschek (PSD) à presidência e de

João Goulart (PTB) à vice-presidência. Através das páginas de *Tribuna da Imprensa*, Lacerda colaborava com esta tentativa, se posicionando contra a chapa PSD-PTB sob a alegação de que os candidatos representavam risco à democracia brasileira, especialmente em virtude da presença de Jango na chapa, herdeiro político de Getúlio e que, como vimos anteriormente, há algum tempo era associado ao peronismo e acusado de planejar implantar no Brasil uma “república sindicalista”.

Já temos provas capazes de expor a inteira verdade sôbre o conluio de Jango Goulart com o peronismo. A carta atribuída ao deputado peronista Brandi (...) é verdadeira.

(...)

Mais algumas horas e o povo brasileiro conhecerá tôda a verdade.

(Tribuna da Imprensa, 26/9/1955)

A “carta Brandi”, como ficou conhecida, era, no entanto, um documento falso conforme comprovou-se em outubro de 1955. Apesar das pressões, JK e Jango saíram vitoriosos da eleição, levando os udenistas a tentarem impedir que os vencedores assumissem seus cargos, sob a alegação de que deveriam atingir a maioria absoluta dos votos – expediente que já havia sido utilizado (sem sucesso) cinco anos antes durante a eleição de Vargas. Contudo, a tentativa de impedimento por meios legais parecia improvável, o que levou os udenistas a procurarem outra alternativa.

Poucos dias após as eleições, em 8 de novembro de 1955, o presidente em exercício, Café Filho, alegando motivos de saúde, licenciou-se do cargo passando-o ao presidente da Câmara dos Deputados, Carlos Luz. Este, por sua vez, ao assumir a presidência, se indispôs com o general Teixeira Lott, ministro da Guerra, conhecido por seu apego à legalidade. O atrito ocorreu após uma manifestação pública proferida pelo coronel Jurandir Mamede posicionando-se contra a posse de Kubitschek. O então Ministro da Guerra, Teixeira Lott, exigiu punição ao coronel, o que não foi acatado pelo Poder Executivo. Diante da recusa e do alinhamento de Carlos Luz à UDN para tentar impedir a posse de JK e Jango, Lott, juntamente com outros generais, sob a alegação de respeito à Constituição depôs o presidente Carlos Luz em 11 de novembro de 1955, convocando rapidamente a Câmara dos Deputados para a eleição do vice-presidente do Senado, Nereu Ramos.

Contudo, apesar de conseguir eleger Nereu Ramos, a Câmara não pôs fim ao mandato de Carlos Luz que, conseqüentemente, poderia retornar à função de

presidente da Câmara a qualquer momento. Objetivando garantir a posse e conter as tensões, Lott propôs que o país fosse mantido em estado de sítio até 31 de janeiro de 1956, data da posse de JK. Era, portanto, realizado um “golpe preventivo” visando assegurar a legalidade do processo eleitoral e evitar a concretização do golpe contrário, arquitetado por udenistas e apoiado por setores conservadores da sociedade. (FERREIRA, 2011; SKIDMORE, 1982)

Podemos observar que as tensões e os embates que ocorreram durante a Era Vargas não cessaram após o suicídio do líder trabalhista. Os partidos políticos que atuaram como protagonistas desde o fim do Estado Novo continuaram a ocupar importante papel na sociedade brasileira durante toda a década de 1950.

Contudo, ao considerarmos o governo JK, é comum a perspectiva de atribuir ao período compreendido entre 1956 e 1961 a estabilidade política que não existiu nos governos anteriores. (BENEVIDES, 1979) O fato de ter sido Kubitschek o único presidente civil a concluir o mandato no período democrático (1945-1964) é um elemento importante a ser considerado acerca desta referida estabilidade.

Mesmo em meio às inúmeras tensões e aos mais variados interesses, a habilidade política de Juscelino, ao colocar em prática seu projeto nacional-desenvolvimentista e, concomitantemente, não descontentar os diversos setores sociais e grupos políticos foi um fator importantíssimo durante seu mandato. (SKIFMORE, 1982) O Brasil experimentou um período de desenvolvimento industrial, com a entrada de capital privado estrangeiro e a participação do Estado intervindo em várias áreas econômicas e de infraestrutura.

Ainda que possamos caracterizar o projeto político de JK como distinto do projeto varguista no tocante à intervenção do Estado na economia e, principalmente, no que tange ao viés ideológico de cada um dos dois projetos nacionalistas, para os oposicionistas da UDN o governo de Juscelino representava uma continuidade do projeto de Vargas, o que levou este partido a se posicionar durante todo o governo como o principal opositor à Kubitschek.

Um dos principais aspectos que evidenciam e caracterizam a política econômica de JK está presente no chamado “Plano de Metas”. Cerne do programa de governo e carro-chefe da campanha eleitoral de Kubitschek, o “Plano de Metas” tinha como principal objetivo estimular a economia do Brasil e caracterizava-se como

um conjunto de medidas que atingiria o desenvolvimento econômico de vários setores, priorizando a dinamização do processo de industrialização.

O projeto nacional-desenvolvimentista preconizado por JK priorizava o investimento nos setores de transportes e energia, na indústria de base e na substituição de importações. Entretanto, diferentemente de Vargas, Kubitschek considerava indispensável a utilização de capital estrangeiro para o progresso econômico e, portanto, para atingir os objetivos do Plano de Metas promoveu intervenção do Estado para facilitar, através de incentivos fiscais, a implantação de empresas oriundas de outros países, priorizando, então, a entrada de capitais estrangeiros no Brasil, direcionados especialmente para a indústria automobilística.

Os setores de energia e transporte foram considerados fundamentais para o desenvolvimentismo econômico. Diante disso, cabe ressaltarmos a importância neste processo da criação da Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda, no ano de 1946 e da Petrobras no ano de 1953, esta última, como demonstramos anteriormente, parte importante do projeto de nacionalista intervencionista de Vargas. Outros setores que ganharam relevância foram: o agropecuário e o energético (com destaque para a construção das usinas hidrelétricas de Paulo Afonso, no rio São Francisco, e as barragens de Furnas e Três Marias, ambas em Minas Gerais). Também no governo Kubitschek houve importante ênfase na ampliação do sistema rodoviário, com a construção de estradas, especialmente no interior do país.

Contudo, apesar de ocasionarem a acentuação da industrialização no Brasil, com aumento do PIB anual em 7%, as mudanças empreendidas por Kubitschek não superaram a inflação e a dívida externa. Além disso, a industrialização do país se efetivou basicamente na região Sudeste.

Outro elemento de destaque durante o governo Juscelino refere-se à construção da cidade de Brasília e a consequente transferência da capital para o interior do território brasileiro. No final de 1956, depois da aprovação do projeto no Congresso Nacional, iniciaram-se as obras da construção de Brasília, através de um moderno e arrojado conjunto arquitetônico idealizado por Oscar Niemeyer e por Lúcio Costa.

Na perspectiva nacional-desenvolvimentista, a construção da nova capital, o desenvolvimento econômico-industrial e a integração do território brasileiro, através

da junção destes elementos, denotam o interesse de mostrar um Brasil grande, próspero e promissor.

Como sugerimos anteriormente, os elementos concernentes à cultura popular inserem-se na perspectiva política e acabam, na maioria das vezes, se constituindo também como símbolos de difusão dos sentimentos nacionalistas. Dentre tais elementos, procuramos destacar o futebol. Foi durante esse período que o Brasil conquistou seu primeiro campeonato mundial e, portanto, a seleção brasileira acabou por se constituir como mais um símbolo identitário, na medida em que a grandeza do Brasil enquanto nação também se evidenciava através da grandeza de seu futebol, como veremos adiante.

4.2. O futebol brasileiro entre 1955 e 1958

Futebolisticamente, o ano de 1955 inicia-se permeado pelos resquícios da derrota da seleção brasileira na Copa do Mundo, realizada no ano anterior, na Suíça. Em sua primeira edição no ano, *Tribuna da Imprensa* comenta as decepções vivenciadas pelo esporte mais popular do país, em 1954.

Foi mais um ano de grandes decepções – o 1954 – para o esporte brasileiro, particularmente para o esporte mais popular do Brasil: o senhor futebol.

Mais um ano de muitos vice-campeonatos, de muitas viagens perdidas – e ainda de muito dinheiro do governo esbanjado – irresponsável e criminosamente. Exemplo: os Cr\$ 5 milhões na aventura suíça.

(...)

Para a geografia do torcedor, a Suíça foi a capital do mundo (com a V Copa). Bienne, Lausanne, Berna e Genebra, em todo o mês de junho, foram mais populares e conhecidas do que qualquer subúrbio carioca.

(Tribuna da Imprensa, 3/1/1955)

Como de praxe, o jornal udenista atribui os “fracassos” no campo esportivo à má administração governamental, baseada na “irresponsabilidade”. O mesmo periódico que acusa seus adversários de misturar esporte e política, demonstra claramente como enxerga tais elementos, ou seja, como diretamente relacionados. Evidencia-se, novamente, a relação entre o futebol e a política brasileira na perspectiva dos jornais.

Sob outro viés também se pode inferir, a partir do excerto acima, que a Copa do Mundo mobilizou, como nas edições anteriormente realizadas, a atenção de grande parte da população brasileira e que os desdobramentos da competição ainda

reverberavam nas páginas dos jornais, o que reforça a hipótese por nós defendida de que o futebol popularizava-se, mas a seleção brasileira ainda necessitava da vitória na Copa do Mundo para se concretizar como o “país do futebol”.

Nos anos que se seguiram, o que pode ser percebido acerca do futebol brasileiro é o aumento constante de sua popularidade não obstante as derrotas seguidas em Copas do Mundo realizadas pela FIFA. As transmissões radiofônicas demonstravam bem esse aspecto, na medida em que boa parte da programação destinava-se ao esporte. Além disso, o maior sinal desse grande interesse pode ser inferido através da presença de público no principal estádio brasileiro, o Maracanã.

No dia de hoje, 16 de junho, está o Maracanã completando 6 anos de existência.

Novo ainda, mas com cifras de público e de renda que atingem a alturas enormes e obrigam a Seção de Contadoria da ADEM a trabalhar com olhos vivos para que não surjam enganos.

(...)

Como é habitualmente chamado, o maior estádio do mundo, o Maracanã abriga em suas dependências grande número de torcedores, e conseqüentemente as rendas também são muito elevadas.

(Tribuna da Imprensa 16-17/6/1956)

Os números apresentados pelo periódico demonstram bem essa elevação, tanto no tocante à renda auferida como no que se refere ao público presente no estádio durante os anos que se seguiram à sua construção.

Assim, é que desde o dia 16 de junho de 1950, dia de sua inauguração, até hoje, rendeu Cr\$ 309.841.395,20, divididos:

Em 1950 – Cr\$ 38.449.810,50

Em 1951 – Cr\$ 54.669.794,70

Em 1952 – Cr\$ 46.553.593,10

Em 1953 – Cr\$ 50.460.860,60

Em 1954 – Cr\$ 47.106.193,00

Em 1955 – Cr\$ 52.915.991,70

Em 1956 – Cr\$ 19.685.151,60

(...)

Como dissemos, as grandes rendas são logicamente fornecidas por grandes públicos e assim a sua inauguração, até a presente data, as borboletas do Maracanã já viram passar 16.341.053 pessoas pagantes divididas do seguinte modo:

Em 1950 – 1.619.537

Em 1951 – 2.950.636

Em 1952 – 2.486.184

Em 1953 – 2.898.554

Em 1954 – 2.514.618

Em 1955 – 2.721.530

Em 1956 – 1.301.025

(Tribuna da Imprensa 16-17/6/1956)

Percebemos, portanto, que em todos os anos pode-se falar em crescimento, tanto no número de pagantes quanto na renda obtida pelo estádio, algo que atesta a popularidade do futebol. Apesar de ainda não ter ocorrido a conquista que ratificaria o epíteto “país do futebol”, pode-se afirmar que este já se aplicaria na medida em que o esporte ocupava papel central na sociedade brasileira, manifestando-se como parte integrante de sua identidade. O que faltava era o orgulho de um título mundial, o reconhecimento da qualidade futebolística dos brasileiros em outros lugares do mundo. E a seleção brasileira continuaria em busca da concretização desse objetivo.

Entre os anos de 1955 e 1958, ocorreram algumas oportunidades de afirmação da seleção brasileira como uma das principais do mundo. No ano de 1956, o Brasil disputou duas competições oficiais: o Campeonato Sul-Americano e o Campeonato Pan-americano. Além disso, também em 1956, a seleção brasileira de futebol excursionou pela Europa para a realização de partidas amistosas contra seleções europeias. Todas essas partidas e competições eram oportunidades para ratificar as qualidades futebolísticas brasileiras.

O Campeonato Sul-Americano, realizado entre 21 de janeiro e 15 de fevereiro de 1956, foi a primeira competição oficial depois da Copa do Mundo. Aconteceu no Uruguai e o time brasileiro terminou em quarto lugar entre seis seleções disputantes, o que pode ser considerado uma campanha ruim.

O segundo torneio, o Campeonato Pan-Americano, realizou-se no México entre 26 de fevereiro e 18 de março de 1956, e acabou com o título da seleção brasileira. Porém, tratava-se de uma competição de menor importância, na medida em que todas as seleções participantes usaram jogadores mais jovens e não suas equipes principais.

Também em 1956 e, curiosamente, pela primeira vez em sua história, a seleção brasileira excursionou pela Europa. Até então, todas as vezes que as equipes brasileiras estiveram no velho continente foram para a disputa de competições oficiais (Copas do Mundo).

Ao todo foram disputados sete jogos, com três vitórias, dois empates e duas derrotas (com maior destaque porque foram contra Itália e Inglaterra, ambas pelo placar de 4 a 2). Entretanto, a partida que recebeu maior atenção da imprensa esportiva foi o jogo entre Brasil e Inglaterra, realizado na cidade de Londres. Para os periódicos tratava-se de um grande embate entre os “inventores do futebol” e os que

“melhor praticavam o esporte”. As duas seleções jamais haviam se enfrentado até então e a expectativa em relação ao jogo ganhou proporções importantes pelo que representava e por seu ineditismo.

É certo que uma vitória sobre os britânicos realçaria o prestígio do futebol brasileiro

(...)

Hoje, o prestígio de duas nações em que o futebol é rei, estará em jogo e o “match” terá grande repercussão internacional, mais importante que o disputado pelo Brasil contra a Itália, pois por mais paradoxal que tal pareça, a Inglaterra e o Brasil representam ainda no espírito de muita gente o futebol típico de dois Continentes distintos (...)

Mas, bater os britânicos em sua própria casa é, há muito tempo, e será sempre, a esperança de toda equipe nacional; até hoje somente a Hungria conseguiu isto; se o Brasil também conseguir, – coisa que é, já agora, uma proeza algo exagerada – que “Carnaval” haverá no Rio de Janeiro, como dizem os aficionados.

(Tribuna da Imprensa, 9/5/1956)

A derrota para Inglaterra foi motivo de incertezas e dúvidas em relação ao potencial do futebol brasileiro e também às possibilidades de a seleção vir a conquistar a Copa do Mundo que se aproximava.

Em sua coluna no jornal *Última Hora*, Nelson Rodrigues escreveu o seguinte sobre o jogo:

(...) E ontem, no jogo Brasil X Inglaterra faltou em cada emissora, em cada redação do Brasil, alguém que chorasse a tremenda humilhação que se infringia ao futebol brasileiro. Digo “chorasse” e específico: – lágrimas de esguicho.

Perdemos de 4 a 2. (...) Mas o selecionado perdeu ontem com um plácido fatalismo, uma sujeição alvar, uma naturalidade obtusa, que clamavam aos céus.

(...)

A meu ver, o elogio exagerado, descabido do inimigo traduzia uma incontrolável e generalizada humildade (...)

Eis o nosso grande mal: a humildade. (...)

Terminado o jogo ontem, o sr. Oduvaldo Cozzi jurou no microfone: “Não somos os melhores do mundo!” Era o coroamento, a culminância, a apoteose da humildade. Mas engana-se o locutor: somos os melhores sim. Mas não ganharemos jamais de ninguém, se o presidente da CBD, com todo pêsso de sua autoridade hierárquica, continuar derrotando o selecionado com dois anos de antecedência; se o técnico escolhido insistir em preparar a seleção para o fracasso; se certos locutores e cronistas continuarem subestimando o maravilhoso talento natural dos nossos jogadores.

(Última Hora, 10/5/1956)

Tribuna da Imprensa, também relatou o pessimismo, expresso na fala do presidente da CBD, evidenciando a desconfiança no êxito brasileiro.

POBRE, presidente! O passeio que deveria ser tão agradável – pelo visto – transformou-se em coisa amarga, sumamente desagradável.

As notícias chegam de Londres trazendo as palavras amargas do pobre presidente da C.B.D. O nosso Silvio Pacheco, nem depois do papo real que bateu com a rainha da Inglaterra, consegue ânimo e otimismo.

Para quem conhece bem o presidente da C.B.D., suas palavras não são apenas amargas. Quando um homem, sempre muito esperançoso, muito otimista, de uma boa fé e uma boa vontade exageradíssimas, chega a proclamar que a equipe brasileira não tem a mínima possibilidade de conquistar a Copa do Mundo, em 1958, daqui a dois anos portanto – francamente não deve estar exagerando.

Muito mais do que amargas, suas palavras devem ser e são – certamente – terrivelmente inquietadoras.

(Tribuna da Imprensa, 8/5/1956)

Pode-se perceber que, não obstante a crítica presente em ambos os jornais acerca da postura do presidente da CBD, o discurso de *Última Hora* é pautado por certo otimismo enquanto a visão de *Tribuna da Imprensa* denota se não uma concordância, ao menos uma omissão em relação à desconfiança no desempenho do futebol brasileiro. Essa diferença de interpretação alude antes mesmo da vitória brasileira na Copa de 1958 ao “complexo de vira-latas”, termo cunhado e difundido por Nelson Rodrigues, sentimento que o cronista indicou como principal obstáculo para a concretização do futebol brasileiro – e da nação brasileira – como melhores do mundo, uma vez que Néelson também atribuiu à imprensa um papel de destaque na difusão de uma estima negativa em relação ao futebol brasileiro, inclusive, subestimando o maravilhoso talento natural que os jogadores possuíam, talento este que, por sua vez, se relacionaria às características do próprio povo brasileiro.

Em relação à seleção brasileira, outro evento que ganhou destaque na imprensa esportiva, antes da realização da Copa do Mundo, foi a disputa das eliminatórias que, no caso do Brasil, ocorreu em dois jogos contra a seleção do Peru, ambos realizados no ano de 1957. O primeiro no dia 13 de abril, em Lima, terminou com o placar de 1 a 1 e o segundo, realizado no Maracanã, acabou com a vitória brasileira por 1 a 0, no dia 21 de abril de 1957. Estava, portanto, ratificada a classificação do Brasil para a disputa de mais uma Copa do Mundo.

Contudo, o futebol alcançava importante repercussão na sociedade não apenas em jogos da seleção brasileira, mas também nos campeonatos que envolviam os clubes. Um aspecto de relevância no tocante às tensões políticas que reverberavam no futebol pode ser verificado na realização de uma temporada de jogos amistosos, no Brasil, pela equipe húngara do Honved. Proibido pela Federação Húngara de Futebol e pela FIFA de disputar partidas fora de seu território

e obrigado a retornar ao seu país pelo governo local, o time do Honved desobedeceu às recomendações, realizando excursões em diversos países.

Cabe lembrarmos que a proibição imposta ao clube húngaro relaciona-se a um contexto mais amplo, qual seja o da chamada Revolução Húngara de 1956. Entre outubro e novembro de 1956, operários e estudantes organizaram um movimento revolucionário contra a influência do governo stalinista na Hungria. Em reação aos revoltosos, a URSS enviou tropas ao território húngaro realizando sua ocupação e reestabelecendo a influência soviética mediante repressão e algumas concessões. Os conflitos inseridos no contexto da Guerra Fria, portanto, também reverberaram no esporte.

Como entidade filiada à FIFA, a CBD se posicionou contra a vinda da equipe húngara ao Brasil, sob a justificativa de temer uma sanção por parte da entidade responsável pela organização da Copa do Mundo.

A CBD proibirá a temporada do Honved no Brasil, pois não pode correr o risco de ser suspensa pela FIFA, perdendo o direito de disputar as eliminatórias da Copa do Mundo de 58 (...)

Na opinião do primeiro mandatário cebedense [Silvio Pacheco], sua entidade só poderia tomar uma atitude, após receber comunicação oficial – como ocorreu agora. Antes, nada se fez, porquanto o noticiário era apenas oficioso, dado a conhecer pelas agências telegráficas.

Nenhuma consulta também cabia por parte da CBD, que resolveu não tomar conhecimento do assunto, até que houvesse um pronunciamento por parte da FIFA.

(Tribuna da Imprensa, 10/1/1957)

Alinhados ao bloco capitalista, os cronistas de *Tribuna da Imprensa* posicionavam-se diariamente contra a proibição da vinda dos jogadores do Honved ao Brasil, chegando, inclusive, a liderar uma campanha para que o Flamengo, clube de maior torcida do Rio de Janeiro, não cedesse às pressões da FIFA e realizasse os jogos conforme acordado.

Carlos Lacerda debaterá, hoje, no programa da TRIBUNA DA IMPRENSA, às 18 horas, na TV-Rio, a situação dos jogadores húngaros, do Honved, que transformaram o seu futebol em veículo de assistência aos que lutam por uma Hungria livre.

Com Carlos Lacerda estará Fadel Fadel, vice-presidente de futebol do Flamengo, um dos principais responsáveis pela vinda dos campeões húngaros ao Brasil e à América do Sul.

Porque o caso ultrapassou os limites do esporte, para se tornar um legítimo caso de política internacional, é que convido você a acompanhar o programa (...)

(Tribuna da Imprensa, 11/1/1957)

Como se pode perceber o proprietário do jornal, Carlos Lacerda, mais uma vez se envolve em questões relativas ao futebol. Ainda que seu periódico defendesse exaustivamente que futebol e política não deveriam se misturar sob o risco de promover as “patriotadas”, o udenista intervinha sempre que considerava a possibilidade de um evento futebolístico ir contra a ideologia defendida por seu jornal e por seu partido.

No editorial intitulado “O Flamengo é o Brasil” do dia 11 de janeiro de 1957, Lacerda procura traçar um paralelo entre a importância da realização do jogo Flamengo X Honved e o “dever patriótico” de todo brasileiro em concordar com a realização da partida como uma necessidade inegociável e como sinônimo de “ser brasileiro”.

Não é preciso ser Flamengo, basta ser brasileiro para compreender e aplaudir a atitude do nosso clube ao manter a sua corajosa decisão quanto ao jogo com o time húngaro, Honved.

(...) Estava contratada uma temporada de jogos do time húngaro, no Rio, com o Flamengo. Entretanto, ocorreu a revolta do povo húngaro contra a dominação russa e seus “quislings” comunistas. O Honved, em excursão fora de seu país, resolveu não voltar.

(...)

Eis que a Federação Húngara de Futebol declara anulado o compromisso e comunica essa resolução à FIFA, a federação internacional de futebol. A FIFA, por sua vez, comunica à sua filiada brasileira a resolução da Federação húngara (..)

Apesar disto, o Flamengo decide manter o seu compromisso com o time húngaro e realizar os jogos.

Surgiram, então, as dificuldades.

(1) O Maracanã não poderá ser cedido – dizem. O Prefeito assume, porém, o compromisso de ceder o estádio; nem outro é o seu dever, uma vez que o estádio municipal, que ainda tem mais de três centenas de milhões de cruzeiros a pagar, não tem porque dobrar-se aos caprichos e conveniências da Federação Húngara de Futebol. Pois se é só de futebol, é pouco para a Prefeitura do Rio. Se é decisão de órgão oficial, há que convir que o seu oficialismo lhe vem de um governo com o qual o Brasil não tem relações.

(2) Se o Brasil, isto é, se o Flamengo se insurgir contra a FIFA, talvez não possa disputar, daqui a dois anos, a Copa do Mundo.

(Tribuna da Imprensa, 12-13/1/1957)

Lacerda continua:

Se o Brasil perder o direito de competir pela Copa do Mundo mas houver dado uma lição de esportividade e de respeito ao heroísmo, ao mundo tão carente de lições dessa natureza, terá ganho a mais bela das taças, terá disputado, com vantagem o mais renhido dos campeonatos.

Não faltará solidariedade internacional à posição brasileira, se esta for corajosa e digna como deve ser.

(Tribuna da Imprensa, 12-13/1/1957)

Percebe-se, portanto, a partir fala de Lacerda o claro posicionamento político em relação ao futebol, na medida em que imputa ao Flamengo e aos torcedores uma missão de assumir um papel perante o mundo de se posicionar contra o que ele, Lacerda, considera totalitário e antidemocrático.

Esperamos que a CBD decida de acôrdo com a dignidade nacional, com os sentimentos de humanidade e com o senso elementar de esportividade necessário para bem avaliar a monstruosidade da pretensão do governo fantoche da Hungria.

Se assim não fôr, o Brasil terá sofrido, também no esporte, a mais abjeta das humilhações.

Sendo órgão estatal o Conselho, como de fato é, não tem cabimento curvar-se a uma imposição do governo “quisling” da Hungria, com o qual não tem o brasileiro sequer relações diplomáticas.

(Tribuna da Imprensa, 12-13/1/1957)

De acordo com a tese de Lacerda, o posicionamento da CBD em relação ao ocorrido seria, no mínimo, de omissão, na medida em que não há a indicação de qual atitude tomaria o órgão responsável pelo futebol brasileiro acerca da vinda do Honved. Contudo, podemos inferir também que, para Lacerda, a tendência seria a CBD se submeter, não à FIFA, mas ao governo “quisling” da Hungria, o que ele considerava sem cabimento.

Nas páginas de *Última Hora*, por sua vez, a situação é descrita numa outra perspectiva, advertindo que a FIFA não proibía apenas recomendava e que a atitude da CBD se caracterizava como diplomática e não como omissa ou covarde como defendia o periódico udenista.

Não há dúvidas que a C.B.D. encontra-se moralmente ao lado do Flamengo. Tanto que, a pedido do clube da Gávea, enviou um telegrama à FIFA e outro à Federação Húngara, solicitando reconsideração para o ato, invocando mesmo que o contrato assinado com o Flamengo foi (...) quando o Honved tinha ainda liberdade de sua Federação para o fazer.

(Última Hora, 10/1/1957)

Novamente evidencia-se uma clara divergência entre os órgãos de comunicação no tocante ao mesmo tema, divergência diretamente relacionada aos aspectos político-partidários que já referimos.

Ainda no seu editorial do dia 11 de janeiro, Carlos Lacerda concluía seu clamor nos seguintes termos:

Os jogadores húngaros hão de vir, hão de ser recebidos, hão de jogar no Maracanã, (...) esperemos que o Flamengo possa vencê-los, em peleja leal, no gramado. Mas já o Flamengo venceu, ao dar as chancelarias uma lição

de compreensão política a que não estão habituados os comunistas – pois contam apenas com a sua firmeza e não com a dos desportistas, que supõem ingênuos demais para compreender seu jogo.

A Hungria russificada não quer que os jogadores que o Flamengo vai trazer ao Brasil aqui representem a outra Hungria, a verdadeira, a do futuro, redimida pelo heroico sacrifício de seu povo – entre o qual se encontram os irmãos desses jogadores.

O DEVER dos brasileiros, seja qual fôr o time de sua preferência, é apelar para que a CBD não traia, por amor à FIFA, o seu dever esportivo. E o Conselho Nacional de Desportos, ainda menos, o seu dever nacional. Este não pode ser menos patriota do que o Flamengo.

O Flamengo deu, não há dúvida, um grande exemplo de coerência, de firmeza, de decisão e de consonância com o sentimento popular autêntico.

(Tribuna da Imprensa, 12-13/1/1957)

A visão maniqueísta acima apresentada fazia parte da tônica do discurso da imprensa udenista, sempre procurando opor o “bem” (seus aliados políticos) e o “mal” (seus opositores) e “exigindo” dos leitores um posicionamento convergente com a sua linha político-ideológica.

Os jogos contra o Honved acabaram acontecendo conforme previsto. E *Tribuna da Imprensa* repetiu o discurso anticomunista e de utilização política indevida do futebol. Não obstante, enalteceu também o poder de mobilização do esporte, ao concentrar grandioso número de aficionados por futebol e despertar o interesse da opinião pública como um todo.

COROANDO a luta do Flamengo contra a FIFA e o desassombro do Honved diante das ordens do governo comunista da Hungria, o Estádio do Maracanã vai luminar-se [sic] na noite de hoje para acolher os famosos craques húngaros que terão como adversários os homens que pertencem à agremiação que mais brigou para trazê-los à América do Sul.

Parece não haver dúvida que um público pagante de mais de cem mil pessoas comparecerá ao Maracanã, calculando-se que o futebol carioca (e brasileiro) registrará um dos maiores acontecimentos de sua história, quer em matéria de assistência como em valor técnico do espetáculo.

Como se não fosse suficiente o cartaz do próprio Honved, capaz de garantir um grande público, a proibição imposta pela Federação Húngara de Futebol e divulgada pela FIFA criou tremenda tensão no plano internacional, sendo os nomes Flamengo e Honved citados em tôdas as partes do mundo.

Resultou disso tudo, que nos principais centros esportivos da Europa, a realização do jogo de hoje está tomando grande interesse, não apenas pelo resultado, como pelo reflexo das ações que poderão ser impetradas pela Federação Húngara de Futebol e pela própria FIFA, contra o Flamengo e até mesmo contra clubes brasileiros.(...)

Numa terra em que o futebol ofusca até os interesses principais da Nação, pode-se compreender o que deverá ser a acorrência [sic] dos torcedores, esta noite, ao Estádio Municipal do Maracanã.

(Tribuna da Imprensa, 19-20/1/1957)

Após a realização da primeira partida, o periódico comemorou a vitória do Flamengo, obtida mediante um verdadeiro “show” dos jogadores brasileiros.

DANDO um “show” de bom futebol – como talvez não tenha jogado uma só vez em todo o Campeonato de 56 – o Flamengo venceu no sábado, à famosa equipe do Honved, pelo “placard” extravagante de meia dúzia de tentos a quatro e atraiu para si as atenções de cerca de cem mil pessoas que tinham ido ao Maracanã para ver os húngaros.
(Tribuna da Imprensa, 21/1/1957)

O Honved realizaria, ainda, mais cinco jogos no Brasil, contra o próprio Flamengo e contra o Botafogo. Ao término desse período o saldo para os brasileiros foi positivo: foram quatro vitórias e duas derrotas, além da demonstração do poderio e da qualidade do futebol brasileiro mediante uma das principais forças futebolísticas mundiais da época.

Além dos aspectos supracitados, outro elemento que se destacou às vésperas da Copa do Mundo refere-se à visão que, supostamente, os europeus possuíam a respeito do futebol brasileiro. Em vários momentos, foram apresentadas matérias que divulgavam a percepção da imprensa europeia em relação ao Brasil.

“Os jogadores brasileiros são realmente uns artistas do futebol, mas se não exagerarem no individualismo e chegarem à necessária maturidade” – disse Blinkov, observador soviético, um dos técnicos que integram a delegação, apoiado em suas observações por Iakusin, que responde pela direção técnica do Dínamo.
(Tribuna da Imprensa, 5/12/1957)

Nos jornais, contudo, também era comum a perspectiva de que, na própria Europa, o êxito dos jogadores sul-americanos demonstrava a evolução técnica e tática do futebol na América, especialmente no Brasil e na Argentina.

Há já alguns anos, de todos os jogadores de futebol que se destacam na Europa, Di Stefano ocupa o primeiro lugar. Na Espanha, êsse italiano-sul-americano tem enorme popularidade. Quando se descola para o estrangeiro com o seu clube, geralmente o estádio no qual êle se apresenta fica com a lotação completa. Êsse sul-americano-italiano é incontestavelmente a grande “vedette” do futebol europeu e poderia, mesmo, ser classificado (mas isso é questão de gosto) na frente do famoso Matthews, da Inglaterra, e dos famosos húngaros Puskas e Kocsis.

Mas, um outro sul-americano e também sul-americano-italiano, o brasileiro Julinho, parece querer ameaçar, no plano do prestígio, o famoso argentino.
(Tribuna da Imprensa, 9/5/1957)

Essa preocupação em relação à opinião pública europeia, bem como a tentativa de demonstrar o êxito e a evolução do futebol brasileiro quando comparado ao europeu, denotam, em nosso ponto de vista que, ainda que pudessem enxergar o Brasil como “país do futebol” em decorrência da popularidade do esporte, da

peculiaridade do estilo de jogo e do relativo sucesso de alguns jogadores brasileiros no “Velho Continente”, havia na imprensa esportiva uma busca constante por aprovação, por reconhecimento. Ganhar a Copa do Mundo de futebol seria, a partir desta perspectiva, o degrau que faltava para o Brasil se consolidar como “país do futebol.”

Novamente, a seleção brasileira teria a oportunidade de atingir tal objetivo. A realização da sexta Copa do Mundo, na Suécia, se aproximava e resultaria, como veremos, na concretização do projeto almejado.

4.3. A Copa do Mundo de 1958: nasce o “país do futebol”

Assim como havia ocorrido nas edições anteriores, a expectativa para a realização da Copa do Mundo de 1958, na Suécia, era bem grande na imprensa esportiva brasileira. Na última edição de 1957, *Tribuna da Imprensa* apresentava uma reflexão atinente ao ano que se encerrava e também acerca das expectativas em torno do ano que se iniciava, sob a ótica futebolística.

Amigos desportistas, vivemos as últimas horas destes 1957, cheio de amarguras para uns, e cheio de felicidades para outros (...)

Para nós que vivemos o esporte 24 horas de cada dia, que sonhamos com o esporte melhor, que criticamos sempre julgando estar certo, que elogiamos pensando que há merecimento, que buscamos os campos e as quadras, os salões e as piscinas, as sedes e os ginásios para cumprir um dever profissional, mas que nos empolgamos como se fôssemos parte do todo – e talvez realmente sejamos (...)

Não queremos apenas desejar felicidade e saúde para 1958, não queremos apenas enviar o nosso abraço na data máxima da confraternização mundial. Queremos fazer votos para que sejamos sempre justos em nossas críticas, para que sejamos sempre corretos em nossos comentários, para que sejamos sempre independentes ao falar dos homens e das coisas dos esportes.

E que êsses homens que dirigem o nosso esporte, possam em 1958 dar mais ainda em seus cargos, lutando por um profissionalismo mais inteligente e racional, por um amadorismo puro ou menos marrom. Que a política mesquinha que tantas vezes acoberta vaidades de uma minoria em detrimento dos interesses da maioria, possa fugir dos campos de competição e das sedes das entidades e clubes.

Que os bons dirigentes possam continuar em seus postos, prestigiados, e que os novos que pretendam seguir o mesmo caminho desponham apoiados pelos bem intencionados. Que os homens que fazem do esporte plataforma para popularidade e negócios, possam ser alijados pelo bom-senso de todos que querem o esporte como esporte.

Que os atletas profissionais possam pôr alma na profissão que abraçaram, não fugindo a seus deveres por questões de dinheiro, ou não fazendo do dinheiro a meta para as boas performances.

Que os atletas amadores possam justificar o título que ostentam, não fazendo as exigências que tornam o esporte marrom, tirando a beleza das

grandes conquistas e empobrecendo a qualidade dos espetáculos porque vale mais o dinheiro que o esforço e a preparação para um bom nível técnico.

Que os clubes e as entidades possam fugir da mendicância, levando o pires esportivo a esmolar de porta em porta, nos gabinetes dos governos, sempre que o esporte precisa competir, precisa viajar, precisa viver.

Que possamos viver, senhores desportistas, com mais dignidade, com mais independência sem sujeitar aos políticos de profissão êsse esporte que é propaganda gratuita, que é popularidade certa em troca de verbas irrisórias, de esmolas que remedeiam, mas não solucionam.

Que também nós, os cronistas esportivos, tenhamos um pouco mais de amor próprio, de independência, terminando com o ridículo de duas entidades de classe, para satisfazer a um, dois ou três pseudo senhores donos da crônica esportiva. Que saibamos, unidos e dispostos, congregar a maioria em torno de uma bandeira de paz e harmonia, deixando à minoria, doente de poder, o dilema de aderir ao bom caminho ou isolar-se nas teias de intriga.

Desportista do Rio e do Brasil: nas horas finais dêste 1957 aqui nos penitenciamos de algum erro cometido. Nas grandes campanhas, nas reações mais fortes, estamos tranquilos com a nossa consciência. Desejamos ardentemente não precisar em 58, das reações mais fortes. Esperamos continuar nosso trabalho bem profissional, mas também muito de idealismo e entusiasmo, contando com o apoio de todos Vocês.

(Tribuna da Imprensa, 31/12/1957)

Apesar de longa, a quase oração publicada pela equipe de esportes da *Tribuna da Imprensa* evidencia, novamente, o “lugar de fala” do periódico. Ao mesmo tempo em que tece críticas que considerava devidas ao uso político do esporte e à supervalorização do dinheiro em detrimento do dever, o jornal se mostra defensor da profissionalização e da regulamentação do esporte em geral.

O desejo de boas-vindas ao ano de 1958 vem acompanhado da expectativa em ver a seleção brasileira desempenhar um bom futebol em gramados suecos, o que, por sua vez, denota que a imprensa esportiva ansiava por vitórias para que o Brasil se consolidasse como detentor do melhor futebol do mundo.

A Copa do Mundo de 1958 foi a sexta da história. Realizada na Suécia, entre os dias 8 e 29 de junho, contou com a participação de 16 equipes, sendo 12 europeias e 4 americanas (3 da América do Sul – Brasil, Argentina e Paraguai – e o México da América do Norte).

Como já havia ocorrido em edições anteriores, a cobertura jornalística, começou bem antes do início oficial da competição com as partidas preparatórias e as definições concernentes aos jogadores e à comissão técnica. A expectativa dos meios de comunicação era grande e um dos elementos que mais se destacou nos meses que precederam o início da Copa do Mundo refere-se à escolha do técnico da seleção brasileira. Foram alguns meses de questionamentos e embates acerca

desta temática. Somente às vésperas da competição é que a CBD anunciou Vicente Feola como escolhido.

Está tumultuado o ambiente esportivo do país por causa da escolha do técnico. Repetem-se neste 1958 as mesmas cenas observadas em anos anteriores, quando a simples indicação do homem que vai orientar a equipe brasileira, provocou atritos, discussões e campanhas. Já agora fala-se em possível crise na CBD, surgem possibilidades de renúncias e demissões, abrem-se campanhas violentas contra nomes ou a favor deles, forma-se uma agitação tremenda.

Fica a impressão de que a simples indicação do técnico garantirá para o Brasil o título de campeão do mundo, tão almejado – pela mania de que somos os reis do futebol – e até hoje não alcançado.

(Tribuna da Imprensa, 22/1/1958)

A simples escolha do técnico, no entanto, colocava novamente em lados opostos os dois periódicos. Havia por parte de *Última Hora* uma clara defesa para a indicação de Feola como técnico do Brasil, enquanto que, para *Tribuna da Imprensa*, a escolha do treinador deveria ser encarada como um assunto de menor importância.

Dois grupos de dirigentes e dois grupos de cronistas continuam brigando por causa da escolha do técnico do Brasil a “Copa do Mundo”. Os dirigentes, muito mais interessados em demonstrar força, deitam falação diariamente, não dizendo quase nada, mas deixando, propositadamente, nas entrelinhas, tudo que eles gostariam de ter coragem para dizer. Os cronistas, divididos em dois grupos bem definidos, lutam para conseguir as rédeas da CBD e manobrar aqueles a quem estejam dando apoio. Um terceiro grupo de cronistas, bastante pequeno, infelizmente, está afastado das campanhas que refletem vaidades pessoais ou recalques de temporadas passadas.

Sente-se perfeitamente que está faltando sinceridade de ambos os lados. Nem a presidência da CBD, com João Havelange, tem a coragem de reconhecer que o problema existe, que a ameaça de cisão é um fato, como também a vice-presidência, com Paulo Machado de Carvalho, não quer admitir que possa haver qualquer choque. E os tais grupos de cronistas, tendo como estandarte o flavismo ou o anti-flavismo, vão explorando a situação. Quando essa gente tôda acordar e a realidade que se está escondendo vier à tona, talvez seja muito tarde para que tudo se harmonize. (...) Esse, portanto, é o panorama, em síntese, desses dias tumultuados que estão precedendo a escolha do técnico. Poucos, quase ninguém, pensando na Seleção do Brasil, cujos trabalhos há muito deveriam ter sido iniciados. Muitos, a maioria, brigando por causa do técnico, entrando em conchavos de classes, fazendo questão de lutar por causa da indicação do “homem de campo”.

(Tribuna da Imprensa, 23/1/1958)

A posição do jornal udenista era bem clara. De acordo com o periódico a celeuma entre dirigentes e cronistas (entre os quais os de *Última Hora*) prejudicaria a preparação da seleção brasileira para a disputa da Copa do Mundo.

Contudo, apesar de discordar da posição de *Última Hora* acerca da escolha do técnico da seleção, *Tribuna da Imprensa* cogitava apoiar a ideia encampada pelo referido jornal sobre a realização do Torneio Rio-São Paulo, principal campeonato de clubes da época, com a participação da seleção brasileira, entendendo que esta medida auxiliaria na preparação dos jogadores brasileiros para a disputa da Copa do Mundo.

Por que não se briga para que o “Rio-São Paulo” de 58 seja cancelado em benefício da seleção? Não poderiam os clubes, mesmo com o desfalque de dois ou três jogadores, realizar boas excursões ou promoverem grandes amistosos internacionais? Porque não se pensa nisso e que se briga tanto por causa do técnico, o homem que leva 95% de possibilidade de não tirar o título num país onde futebol também é improvisado no seu planejamento e organização.

Mas se não quiserem parar o “Rio-São Paulo”, por que não tomar conhecimento de idéias que podem compensar a mania de fazer tudo em cima das pernas? Por que não aproveitar a idéia do confrade Albert Laurence, de “Última Hora” e “Manchete Esportiva”, que sugeriu o “Rio-São Paulo” com onze equipes, sendo uma a seleção do Brasil?

(...)

E para aqueles que possam alegar que da mesma forma os jogadores estariam estourados de tanto jogar, vale lembrar que êsse período provocaria dez bons jogos para a seleção (...)

Mas nesse aspecto ninguém, ou quase ninguém, quer tocar. O que interessa é campanha, é briga, vaidades pessoais, a esquisita honra de ter indicado ou impedido a indicação de um técnico. Na volta, se porventura, por acaso, apesar dessa improvisação tôda, der a sorte e formos campeões, a turma que foi a favor deitará falação durante uns sessenta dias e falará no assunto, uma vez por mês, até a “Copa do Mundo” de 1962.

Se não formos os campeões, a turma que foi contra colocará tarja negra, fará discursos fúnebres, falará no “eu não disse” durante sessenta dias e voltará ao assunto, uma vez por mês, até a “Copa do Mundo” de 1962.

Isso, é o que acontece nêsse Brasil que deseja ser campeão do mundo desde 1938 e agora, em 58, não trata dos jogadores, não pensa na equipe e briga por um técnico. Lá fora, mesmo não sendo chamados de reis do futebol, ingleses, russos, húngaros e argentinos, entre outros, trabalham para tentar o título.

(Tribuna da Imprensa, 22/1/1958)

Alguns elementos podem ser destacados no excerto acima. A presença do sentimento de pertencimento a uma “comunidade imaginada” novamente se manifesta, na medida em que o periódico propõe alternativas que objetivam a união, a integração dos diferentes sujeitos e interesses em nome de um objetivo comum que seria conduzir a seleção brasileira à conquista da Copa do Mundo. Além disso, podemos notar novamente a ideia do “país do futebol”, presente no imaginário da imprensa esportiva que constantemente apresenta a discussão atinente aos brasileiros se considerarem os reis do futebol.

Outro aspecto destacado por *Tribuna da Imprensa* refere-se à escolha do presidente da Confederação Brasileira de Desportos e as brigas e embates políticos que o periódico frequentemente apresentava.

Para as entidades que apóiam João Havelange e Paulo Carvalho as eleições não vão ter graça. O “já ganhamos” está sendo cantado há vários meses. Na reta final, todavia, apareceu Carlito Rocha como candidato à presidência, com o vice Osni Melo fazendo forfait antes da oficialização. Mesmo assim, a turma as Situação acha que não vai ter graça alguma.

Sinceramente, gostaríamos que fossem eleitos dois presidentes. Poderiam mesmo chamar esses dois candidatos de dupla de conciliação, mesmo para aqueles que dizem que não brigam. Para nós, o presidente de todos os desportos amadores seria o João Havelange. Quanto ao presidente do futebol...bem, o Paulo de Carvalho não é daqui, é de São Paulo e não nos consta que a CBD queira fazer a sua Brasíliazinha na paulicéia. Logo, por que não deixar que a que a alimentação, os exames médicos e a fé de Carlito Rocha comandem o futebol?

Afinal, o tal do futebol anda tão ruizinho, tão pobre tecnicamente, que, veteranice por veteranice, a do Carlito deve levar nítida vantagem. Depois, convenhamos, nesta época em que tudo é nova geração, em que tudo é renovação de valores, em que tudo é sangue novo, por que não dar uma chance a alguém da velha guarda?

(Tribuna da Imprensa, 9/1/1958)

Nas páginas do jornal udenista as questões atinentes à escolha dos cargos políticos da CBD e do técnico da seleção brasileira eram tratadas como indicativo de uma crise, refutada pelos dirigentes do órgão responsável pelo futebol brasileiro.

Garantiu o coronel Pereira Lira, ontem, “que não há e nunca houve crise na CBD”. Sinceramente, a notícia surpreendeu-nos, pois diante dos fatos que temos noticiado e comentado parecia impossível não haver pelo menos uma forte rusga.

Se a informação é essa, ótimo para a CBD e, sobretudo, ótimo para a Seleção do Brasil.

(Tribuna da Imprensa, 7/2/1958)

Já nas páginas de *Última Hora*, a questão concernente à eleição presidencial da CBD era não só importantíssima, como também o candidato de preferência era bem claro: João Havelange, o mesmo que era constantemente criticado nas páginas de *Tribuna da Imprensa*.

(...) Na sua opinião de homem prático e objetivo, João Havelange aborda o problema [da escolha do técnico] com uma segurança que impressiona, relatando fatos e citando detalhes que bem evidenciam todo seu cuidado consciencioso [sic] dos grandes problemas que o esperam.

Desportista puro, homem mais ligado ao esporte amador, João Havelange, já sentiu que vai entrar num autêntico “círculo de fogo”, onde os interesses

[sic] políticos da maioria dos homens que lidam com o futebol, não permitem escolher meios para chegar ao fim desejado.
O seu grande trabalho vai ser separar o joio do trigo, o que não vai ser fácil, apesar de toda a sua boa vontade.
(Última Hora, 7/1/1958)

Nelson Rodrigues, que à época escrevia uma coluna diária em *Última Hora* também se posicionou favorável à eleição de João Havelange, denominando, inclusive, a eleição deste como a “Revolução Francesa do futebol brasileiro”.

(...) definindo e consagrando o papel de João Havelange nessa Revolução Francesa do futebol brasileiro. Havellange, o moço (...) o defeito que lhe atribuem é, precisamente, a sua melhor e mais atuante qualidade. É moço porque se opõe ao passado e o ultrapassa. Moço porque olha para a frente, enquanto os outros olham para trás.
(Última Hora, 31/1/1958)

João Havelange foi eleito presidente, Vicente Feola escolhido como técnico, e a seleção brasileira não participou do Torneio Rio-São Paulo, mas o que fica evidente no que concerne ao quadro acima é que o futebol transcendia os aspectos esportivos, manifestando tensões e embates políticos constantemente.

Voltando à Copa do Mundo especificamente, o grupo da seleção brasileira para a disputa da primeira fase da competição foi definido, através de sorteio, no mês de fevereiro.

Áustria, Inglaterra e Rússia, pela ordem, serão os adversários que o Brasil deverá enfrentar nas oitavas de final da Copa do Mundo, em junho vindouro, conforme indicou o sorteio das “chaves” procedido, sábado à noite, no “Circo de Estocolmo”. Os países participantes foram divididos em 4 zonas geográficas, desdobrados em grupamentos onde os componentes de um determinado setor do Globo não se encontravam nunca juntos, para evitar que se eliminassem.
(Tribuna da Imprensa, 10/2/1958)

Após conhecer os adversários da primeira fase, era natural que a imprensa esportiva iniciasse os prognósticos acerca das possibilidades que a equipe brasileira teria de se classificar e, conseqüentemente, conquistar o título da competição. Eram comuns, portanto, matérias relacionadas à opinião de especialistas, brasileiros e estrangeiros.

Argentina ou o Brasil ganhará o campeonato mundial de futebol – assegurou o ex-treinador da equipe húngara do Honved, e atual novo assessor técnico do Real Madrid, o húngaro Emil Osterruicher.

Entre outras coisas disse êle: – “Acredito que nos campeonatos mundiais da Suécia, com a ausência da Espanha, tôdas as probabilidades são para os sul-americanos. Com maior precisão: se o Brasil e a Argentina jogarem apenas oitenta por cento do que fizeram ante nós, durante nossa excursão, entre essas duas seleções estará o campeão. No que toca à Hungria, depois da perda de seus grandes valores, não haverá tempo para refazer o conjunto”.

(Tribuna da Imprensa, 7/3/1958)

Algumas vezes foram apresentados trechos de entrevistas com estrangeiros defendendo o favoritismo do Brasil. Uma dessas entrevistas foi dada pelo ex-jogador uruguaio Cabalero.

Não tenho dúvida em apontar o Brasil como campeão do Mundo de 1958, por muitas razões. Com orgulho, tenho sempre contribuído para o esporte brasileiro, embora dentro de minhas possibilidades. Entretanto, sinto que os brasileiros dão a esta contribuição, significação bem maior que a real, tanto que fui honrado com o título de Cidadão Honorário Carioca. Outra razão, esta de ordem sentimental, para apontar o Brasil como futuro campeão do mundo é o fato de minha mulher e filhos serem brasileiros, sem lembrar as demonstrações de carinho com que tenho sido sempre alvo por parte dos desportistas brasileiros e do povo em geral.

(Tribuna da Imprensa, 20/3/1958)

Outra matéria destacada por *Tribuna da Imprensa* apresentava a opinião de um “renomado”, mas não identificado cronista sueco, segundo a qual o Brasil teria grandes possibilidades de conquistar o título da competição.

IMI, um cronista esportivo sueco, escreveu no “*Idrottstidningen*” que “o sucesso internacional do Brasil não está bem à altura do fabuloso padrão de futebol deste país”. Lembra que o Brasil esteve presente a todas as “Copas” e não alcançou um só título. E pergunta: será desta vez?

(Tribuna da Imprensa, 16/4/1958)

Segundo *Última Hora*, “Lennart Crusner, principal comentarista esportivo da Suécia é de opinião que o Brasil deverá levantar a Copa do Mundo dêste ano.” (Última Hora, 29/5/1958)

Contudo, havia também os que defendiam a tese contrária e não acreditavam no êxito da seleção brasileira naquela Copa do Mundo.

Os círculos oficiais do futebol sueco não ousam fazer prognósticos a respeito das chances da Suécia no próximo campeonato do mundo. A única exceção é o técnico do esquadrão sueco, George Faynor, que não hesita em nomear a Suécia como um dos favoritos.

“A Suécia pode muito bem vencer a final”, diz o pequeno inglês que escolheu a União Soviética como o adversário mais perigoso para a Suécia e que não dá aos times da América do Sul muitas oportunidades.

“O Brasil não ultrapassará a primeira fase” diz êle, acrescentando: “Os brasileiros podem ser os melhores jogadores do mundo, mas não terão muitas oportunidades aqui na Europa. O clima é muito adverso para êles e, além disso, seus nervos estarão mais tensos que qualquer outro time”.

(Tribuna da Imprensa, 23/4/1958)

Para além dos prognósticos e de sua possibilidade de concretização, as matérias demonstram a preocupação da imprensa esportiva brasileira com a opinião pública internacional a respeito do desempenho brasileiro na Copa do Mundo, o que, novamente, nos permite identificar a relação entre a identidade e a alteridade na construção da “comunidade imaginada” do “país do futebol”, na medida em que seria necessário o reconhecimento do “outro” para a confirmação do que os cronistas enxergavam a respeito do “nós”.

Na imprensa esportiva brasileira o favoritismo não era tão evidente. Havia ainda certa dúvida, talvez decorrente das derrotas anteriores. O cronista de *Tribuna da Imprensa*, Nilton Ribeiro, apresentava certas ressalvas quanto ao título, muito embora considerasse o sorteio do grupo brasileiro para a Copa do Mundo relativamente auspicioso.

Pouco depois do sorteio da tabela da “Copa do Mundo”, deveríamos ter externado a nossa opinião sobre a chave que acolheu o Brasil. A necessidade de descansar, a oportunidade [sic] de gozar umas férias, impediram, porém, que cumpríssemos o prometido.

Hoje, ao voltarmos, o assunto já foi mastigado demais e não suporta uma longa apreciação. Bastará nossa afirmativa de ficamos com aqueles que acharam ótima a chave do Brasil. Vamos mais longe, dizendo que a sorte nos favoreceu. Áustria, Inglaterra e Rússia serão testes decisivos para as nossas condições, com a vantagem de serem jogos iniciais, quando (...) quando os nervosismos e os chamados fatores psicológicos não terão tanta influência.

Se formos eliminados logo de início, ficará provado que não estávamos credenciados a finalistas. Se passarmos (principalmente ganhando os três jogos) teremos tempo para evitar a máscara e adquirir confiança

(Tribuna da Imprensa, 20/3/1958)

Passados dois meses da publicação do artigo acima, o mesmo cronista posicionava-se da seguinte maneira:

Bem, meus amigos, se a sorte do Brasil dependia dos “cortes” nada mais há a temer.

(...)

Estamos, portanto, com 90% do caminho coberto. O Plano Paulo de Carvalho aí está e com êle a Seleção que o próprio Feola, o técnico, diz não

saber qual é a base. Mas não há razão para temores e nem para pessimismo.

(...)

Hoje, diante do descrédito que ronda a Seleção do Brasil, mais pelos homens que a dirigem que pelos jogadores que a integram, somos forçados a reconhecer que as nossas possibilidades aumentaram. É que, infelizmente, tronou-se hábito no Brasil as equipes que saem desprestigiadas voltarem vencedoras.

(...)

Quando chegarmos na Suécia, a turma se toma de brios e vai fazer em Gotemburgo aquilo que não aprendeu em Poços de Caldas, Araxá, Pacaembu e Maracanã. Não futebol propriamente dito, porque isso a maioria já nasce sabendo, mas como infiltrar-se numa defesa europeia ou numa retaguarda sul-americana, como defender-se do chamado moderno futebol da “Cortina de Ferro” ou do corpo a corpo que na Europa se usa tão bem.

Aí vai aparecer a garra que faltou em 50, a fibra que sumiu em 54 e os russos, ingleses e austríacos vão ficar malucos com tanta classe e tanto futebol. Rebentará então o noticiário daqui e de lá, colocando o Brasil como a grande força, garantindo que desta feita nosso favoritismo será confirmado e que a “Jules Rimet” irá fazer estágio no salão de troféus da CBD.

(Tribuna da Imprensa, 21/5/1958)

A questão atinente ao aspecto psicológico dos jogadores brasileiros voltava à tona às vésperas da Copa do Mundo. No dia 7 de fevereiro, *Tribuna da Imprensa* apresentava uma entrevista com o médico do América, do Rio de Janeiro, opinando sobre a relevância em se realizar teste psicotécnico para os jogadores, bem como da própria presença de uma equipe de profissionais relacionados à psicologia para acompanhar o selecionado brasileiro.

“Não sei qual a utilidade prática do teste psicotécnico, para os jogadores da seleção brasileira e as razões são simples: conforme já está aprovado, o mesmo indivíduo reage diferentemente a diversos tipos de testes.

(...) no futebol, há certos jogadores que de posse da bola não sabem o que fazer com a mesma: isto é, encontram dificuldade em raciocinar. Entretanto, este jogador X tem capacidade física, boa vivacidade, chuta bem, é lutador e não tem medo. De acordo com o teste, estará reprovado, muito embora, o técnico, seja o elemento ideal na formação do conjunto.

Em outros casos, o atleta possui grande raciocínio, visão de jogo, senso de colocação, porém é moroso na execução da jogada, ou não dispõe de condição física e técnica, capazes de agradar aos dirigentes. O atleta em questão está aprovado no teste psicotécnico, mas, não é aceito pela direção técnica.

(Tribuna da Imprensa, 7/2/1958)

Em crônica publicada em *Última Hora*, dia 4 de fevereiro, Nelson Rodrigues também defendia a existência de um psicólogo na delegação brasileira que partiria para a disputa da Copa do Mundo, na Suécia, como forma de fortalecer ainda mais

os aspectos positivos que os jogadores brasileiros possuíam, mas que, na sua visão, eram prejudicados pela falta de alma.

Nós sabemos que alma é tudo. O homem só não anda de quatro, o homem não está trotando na Avenida Presidente Vargas, porque a ele se atribui uma alma e com a agravante: – alma imortal. Retirem-na do sêr humano e ele será incapaz de chupar um chica-bom. E mesmo o escrete brasileiro constitui um exemplo ilustrativo (...) Nós somos derrotados pela alma. Em 50 o que nos faltou, precisamente, não foram as pernas, os pés, o futebol, mas o impulso interior que nos levaria ao triunfo inevitável. O Brasil perdeu pela alma e o Uruguai ganhou pela alma. A nossa superioridade técnica era imensa (...)
Eu disse, mais acima, que devíamos incluir na delegação um psicólogo. Escrevi psicólogo, como poderia ter escrito psiquiatra, padre, psicólogo e, até Balzac. Sim, amigos: – Balzac ou qualquer outro sujeito que, por profissão, estivesse acostumado a lidar com os abismos da alma.
(Última Hora, 4/2/1958)

O aspecto concernente à suposta falta de equilíbrio psicológico dos jogadores brasileiros voltava à tona e denotava as razões pelas quais o jornalista Nelson Rodrigues atribuía a essa desconfiança a noção de “complexo de vira-latas”. As dúvidas em relação às qualidades dos jogadores brasileiros não existiam. Porém, a dificuldade em acreditar na vitória dos atletas derivaria de uma maneira como a imprensa enxergava o Brasil e os brasileiros na interpretação de Nelson.

Para dirimir as dificuldades atinentes a tais questões, fazia-se necessária maior atenção e cautela em relação à preparação dos atletas. Nesta preparação incluía-se a realização de jogos amistosos contra equipes europeias. Dentre estes jogos destacam-se dois que foram realizados na Europa contra, respectivamente, Fiorentina e Internazionale de Milão. A crítica a respeito das partidas foi extremamente positiva, uma vez que os resultados confirmavam a qualidade técnica dos jogadores brasileiros e ampliavam, às vésperas da realização da Copa do Mundo, a expectativa de conquista.

O “scratch” do Brasil ofereceu uma demonstração eloquente de suas possibilidades no “Mundial” (...) A seleção brasileira vem animada e trazendo sempre maiores esperanças à medida que vai jogando. Enfrentando grandes adversários, ontem [contra a Fiorentina], então, realizou a melhor exibição à base do talento individual (...)
(Última Hora, 30/5/1958)

Em relação ao apelo popular da Copa do Mundo, a busca por ingressos demonstra a importância do evento não apenas no Brasil, mas também para os suecos.

Não há mais ingressos disponíveis para os estádios Sandviken, Vaesteraas, Oeregro, Eskilstuna, Boraas, Halmstad e Uddevalla, onde serão disputados, em junho próximo, encontros pelo Campeonato Mundial de Football, segundo informa a Federação Sueca de Football.

Para os encontros a serem disputados no Estádio de Estocolmo, onde será realizada a pelêja final, restam somente uns mil ingressos disponíveis. No próximo sábado, 15 do corrente, a venda de ingressos será definitivamente suspensa.

A Federação Sueca destaca, a propósito, que, recentemente, três britânicos fanáticos de futebol, vieram especialmente a Estocolmo, a fim de vivificar “in-loco”, se seus ingressos tinham sido, efetivamente, reservados para eles. Em seguida, foram verificar, no Estádio de Estocolmo, a localização, a fim de se certificarem de que poderiam assistir aos encontros.

(Tribuna da Imprensa, 14/2/1958)

Em outra matéria, *Tribuna da Imprensa* continua a afirmar a grande procura por ingressos

(...) reina atualmente uma atividade febril no Comitê de Organização, que já estabeleceu o seu “Quartel General” no estádio de Solna, num sobúrbio [sic] desta capital, a fim de aprsentar os últimos preparativos para o grande certame. Desde já está assegurado o êxito financeiro da grande competição e alguns encontros serão disputados com as bilheterias fechadas (...)

(Tribuna da Imprensa, 10/3/1958)

Diante disso, dois aspectos nos chamam atenção acerca da questão financeira. O primeiro deles refere-se à cobrança de taxas por parte da Federação Sueca para as emissoras que fossem realizar as transmissões das partidas, fruto de descontentamento dos órgãos de imprensa brasileiros.

Uma comissão de jornalistas esportivos, ligados às emissoras desta capital, comparecerá hoje ao Itamarati, a fim de solicitar a interferência oficial do governo brasileiro na questão suscitada pelas taxas cobradas pela Federação Sueca de Futebol para as transmissões dos jogos da Copa do Mundo e que foram consideradas proibitivas pelas estações brasileiras (...) presidente da Associação Brasileira de Rádio – fará a entrega de um memorial de protesto contra a taxa de dez mil coroas, estabelecida para cada irradiação.

(Tribuna da Imprensa, 10/3/1958)

Para além das razões dos que pleiteavam a não cobrança ou dos que a consideravam justa, o que podemos inferir do quadro acima descrito é que o futebol, extremamente popular como era e profissional há algum tempo, consolidava-se cada vez mais como mobilizador de grandes contingentes e, portanto, atraía a atenção de pessoas e empresas, transformando-se num negócio.

A comissão de radialistas que se está movimentando no sentido de fazer cair a taxa imposta pela Federação Sueca, para as transmissões esportivas durante a próxima Copa do Mundo, não compareceu ao Palácio Itamarati,

durante o dia de ontem, conforme havia programado, em face de uma comunicação recebida pelo embaixador da Suécia nesta capital. Segundo aquele diplomata, o sr. Gunnar Gorensson, telegrafou-lhe, informando que deverá retornar da Suécia, amanhã, trazendo novas notícias sobre o caso surgido e que poderá mudar o curso dos fatos. (Tribuna da Imprensa, 11/3/1958)

Em matéria publicada no dia 21 de maio, ou seja, a menos de um mês do início da Copa do Mundo, *Tribuna da Imprensa* apresentava novamente evidências que demonstram a oportunidade de lucro obtida com a realização de um evento como a Copa do Mundo.

O troféu que estará em jogo na Copa do Mundo, a Taça Jules Rimet, já se encontra em Estocolmo, onde será conservada – no estádio de Rassunda – até o momento da cerimônia a realizar-se ao término do jogo final, a 29 de junho.
(...)
Numerosas atrações extras estão sendo preparadas para os visitantes estrangeiros que vierem assistir a Copa do Mundo. Trens especiais os levarão a ver o Sol da Meia-Noite, excursões a locais famosos, em toda Suécia, serão organizadas nos dias que não houver jogos, excursões de pesca serão feitas ao norte do país, e um luxuoso navio alemão fará passeios de um dia pelo arquipélago de Estocolmo.
(Tribuna da Imprensa, 21/5/1958)

Não constitui objetivo de nossa pesquisa discutir em que momento e de qual maneira o futebol transformou-se num negócio. Da mesma forma, não temos como afirmar se o que ocorre nas Copas do Mundo aqui analisadas representavam ou não ineditismo. O que nos interessa é tão somente – em decorrência inclusive dos recortes de nossa pesquisa – demonstrar que o futebol adquiria cada vez mais importância e envolvia interesses de diversos grupos, o que, por sua vez, representava para o Brasil, que buscava sua consolidação como grande nação, interessante oportunidade.

O segundo elemento que gostaríamos de destacar refere-se ao auxílio financeiro solicitado pela CBD ao governo federal para a participação em eventos esportivos.

No Palácio do Catete, J.K. receberá esta manhã em audiência especial os presidentes de três confederações (CBD, CBP e CBB), que irão solicitar auxílio financeiro do governo. João Havelange, presidente da Confederação Brasileira de Desportos (...) irão ao Catete acompanhados pelo presidente do Conselho Nacional de Desportos (...) Para a CBD será solicitada uma verba de 18 milhões de cruzeiros, sendo 10 milhões para que o Brasil possa ir à Copa do Mundo na Suécia.
(Tribuna da Imprensa, 31/3/1958)

A crítica ao auxílio financeiro dos órgãos públicos era a tônica do discurso de *Tribuna da Imprensa* desde as competições anteriores e não seria diferente no governo JK, às vésperas da Copa do Mundo de 1958.

Êsse esporte brasileiro que tem o título de bicampeão pan-americano de futebol (...) vive eternamente de pires na mão.

É só pensar na necessidade de participar de um campeonato, de uma competição internacional, de realizar certames nacionais, e lá vai o pobre esporte brasileiro de pires na mão.

Vejam agora, êsse futebol profissional, com rendas enormes em vários clássicos, com receitas enormes em seus certames, mendigando (mendigando bem, esclareça-se) 8 milhões de JK para poder ir à Suécia.

(...)

JK vai receber o pedido, oficialmente, na quinta-feira, dia 27.

(...)

Mas não será essa a última vez que o Presidente da República, o Prefeito da Cidade, diretores de bancos e grandes organizações irão receber a visita de dirigentes cariocas e brasileiros em busca de auxílios e ajudas. O negócio prosseguirá sempre, porque o destino do esporte brasileiro é esse: viver de pires na mão.

(Tribuna da Imprensa, 21/3/1958)

Apesar das críticas acerca da “oficialização” da seleção de futebol como representante do governo, *Tribuna da Imprensa* não reluta em reconhecer, ainda que discordando, a alta importância atribuída pelos brasileiros ao futebol.

Que o futebol é o forte do povo, a cachaa esportiva do povo, ninguém mais discute. Somos de tal forma dominados pelo senhor futebol que um clássico Vasco X Flamengo, num dia de eleições, poderia ser o responsável pelo maior número de abstenções de toda a história eleitoral deste Rio de Janeiro.

É de tal ordem o prestígio do futebol que o povo, por incrível que pareça, mais facilmente acorre a uma partida no Bonsucesso, no Madureira ou em qualquer campo suburbano, que a uma competição internacional de qualquer outra modalidade esportiva.

(Tribuna da Imprensa, 23/5/1958)

Este artigo é de autoria de Nilton Ribeiro, colunista que substituiu Araújo Neto. Da mesma maneira que seu antecessor, era comum nas crônicas escritas por Ribeiro encontrarmos a crítica à maneira como o futebol era tratado pela imprensa, pelos políticos e pela população. Segundo a interpretação corrente em *Tribuna da Imprensa*, havia uma supervalorização do futebol, as já aludidas “patriotadas”.

Em artigo publicado no dia 22 de maio, intitulado “Pecado Original”, Nilton Ribeiro apresenta críticas a um matutino nos seguintes termos:

Lemos ontem num matutino o artigo intitulado “O Pecado Original” e não pudemos conter o riso. Diz o confrade articulista, aliás diretor do citado

jornal: “Há quem ache difícil um selecionador enfrentar o que se convencionou chamar de opinião pública”. E logo depois: “Os selecionadores sempre enfrentaram a opinião que não era pública e sim de outros”].

Adiante, depois de afirmar que é impossível contentar a todos, sentencia: “Assim o caminho a seguir por um selecionador ou uma Comissão Técnica teria de ser a abstenção de interesses clubísticos, regionalísticos ou jornalísticos e radiofônicos. (Está claro que por esquecimento foi omitida a televisão)

Mas, prossegue o autor de “O Pecado Original”: “O que estará em jogo num campeonato do mundo não é o Rio ou São Paulo, o Flamengo ou o Corinthians, um jornal, ou uma estação de rádio (voltou a esquecer da televisão) e sim o futebol brasileiro”.

Depois, afirmando que quando não se pode contentar a todos, sempre se contenta a alguns; que há os que alegam que no fim tudo dá certo; e que a seleção que vai é a melhor na opinião do selecionador e da Comissão Técnica; arremata sensacionalmente: “Não há dúvida de que assim seja. Mas se perdeu tempo, quando não havia tempo, em satisfações que não deviam ser dadas”.

Exato, meu caro cronista. Você têm toda a razão. Perdemos tempo em dar satisfações que não deviam ser dadas (...)

O pecado original deve ser desse moço João Havelange, presidente da CBD. Quando você, no seu jornal (e outros que estavam com você) desancaram o pau em cima de Flávio Costa, deram um aspecto tal de imposição à CBD, que não bastaram os editoriais, os comentários assinados, pois tudo quanto era notícia ficou prejudicada pela parcialidade, pelo comentário, fato completamente superado na imprensa de 1958.

Do outro lado, aqueles que eram e são a favor de Flávio Costa, começaram a fazer fogo contra a candidatura de Fleitas Solich, lamentando o linguajar violento que se produzia contra o técnico de sua predileção e procurando justificar com a condição de estrangeiro e não diplomado, o não aproveitamento de Solich, o que não deixou de ser, igualmente, uma forma de impor à CBD.

(...)

Justamente por querer dar satisfações a dirigentes e cronistas, a federações e clubes, a rádios e televisões, João Havelange arcou, sozinho, com a tremenda responsabilidade de indicar Feola, esse mesmo Feola que agora está sendo criticado pelos que defenderam e acusaram Flávio e Solich. E há um agravante: desta feita não se trata da opinião que não é pública e sim de outros; desta feita é a opinião pública que diz não acreditar em Feola e que se mostra insatisfeita com a Seleção (...)

Resta-nos a esperança e que o milagre de 32, na “Copa Rio Branco” possa ser reproduzido. Que os jogadores superem as dificuldades e tragam a “Jules Rimet” para o Brasil. Porque em caso contrário, João Havelange vai se arrepender muito de ter dado satisfações a tanta gente.

(Tribuna da Imprensa, 22/5/1958)

Percebe-se, a partir do excerto acima, a divergência entre o jornal udenista e o petebista. Como já demonstramos, tal divergência futebolística insere-se num contexto mais amplo de posição ideológica e, portanto, o futebol reverbera um aspecto político maior. Da mesma forma, ainda que com vieses ideológicos diversos, os dois jornais apresentam uma perspectiva que denota a importância do futebol como elemento identitário e a noção de “país do futebol”, ainda que implicitamente, permeia boa parte das discussões e dos embates.

A expectativa do jornal *Tribuna da Imprensa* acerca da participação brasileira na Copa de 1958 era grande. Podemos observar crônica publicada no dia do embarque nos seguintes termos:

(...) Sejam Felizes.

Vocês, rapazes que defenderão o prestígio do futebol brasileiro, não se esqueçam que vão encontrar na Suécia mais 15 seleções, valendo como 15 outros países que, tal como vocês, aspiram também a conquistar o título de campeões mundiais de futebol.

(...)

Vocês, rapazes do futebol brasileiro, não devem esquecer que vão representar o mais popular esporte do nosso país. Mas, pelo amor a Deus, não estufem o peito com patriotadas, não se julguem salvadores da Pátria, não se enrolem na Bandeira Nacional para criar ânimo. Pensem no Brasil como futebol brasileiro. Nada mais.

Se vocês obtiverem o título máximo, peguem então a Bandeira, dêem [sic] a volta olímpica, ergam hurras, vibrem, mas só depois que o apito final do último jogo der a vocês tal condição. Desde 8 de junho, quando a Áustria será o primeiro obstáculo, até o encontro final, não pensem em patriotadas e não deixem que os patrioteiros os deprima [sic] com discursos, com gaiatices, como aquelas do Prefeito em 1950.

(Tribuna da Imprensa, 24-25/5/1958)

Percebemos no excerto acima a lembrança viva da derrota em 1950 e novamente a crítica do jornal udenista ao uso político do futebol, denominado por eles de “patriotadas”. Contudo, além da crítica o excerto também demonstra a importância dada ao futebol, na medida em que, se era cogitada a possibilidade de utilização dos símbolos nacionais associados ao esporte, é porque tal prática encontraria ressonância na sociedade e nos jogadores, indicando mais uma vez o sentimento de pertença a uma “comunidade imaginada”. Na sequência do mesmo artigo, *Tribuna da Imprensa* retifica essa percepção, uma vez que o próprio jornal adverte para que, em caso de vitória, a bandeira, a volta olímpica e os gritos de comemoração seriam “permitidos”.

Nelson Rodrigues, por sua vez, continua apresentando visão consideravelmente otimista acerca das possibilidades brasileiras de conquistar o campeonato.

Vejam vocês as ironias do futebol: o escrete vaiado, xingado, humilhado, deu, ontem, no Velho Mundo, o segundo banho (...) Ontem, após a vitória, um colega meu, de olho rútilo e lábio trêmulo, veio dizer-me: – “É chato ser brasileiro!” Olhei para o companheiro e concordei. Realmente, e se me permitem o têrmo, está começando a ficar chato (...) Mas já estão surgindo os prudentes lúgubres que sussurram – Cuidado com a máscara!” A minha esperança é a seguinte: depois de 50, qualquer brasileiro, do Presidente da

República ao apanhador de papel, escabriadíssimo [sic] E não vai ser agora que o brasileiro vai ser tão imbecil como na tarde de 16 de julho de 1950. (Última Hora, 2/6/1958)

Outro aspecto chama atenção na matéria do jornal. Trata-se da discussão atinente à ideia de o Brasil ser o “país do futebol”.

(...) Essa história de que somos os maiores do mundo é brincadeira. É mais um “porque me ufano” que nós os cronistas, juntos com os homens das arquibancadas e os dirigentes, inventamos e até hoje alimentamos. E não pensem que assim falando estamos dizendo que vocês tem a obrigação de ser campeões do Mundo. Bobagem. Se vocês perderem ninguém deixará de ver futebol. Se vocês não forem campeões do Mundo não deixarão de existir os campeonatos paulista e carioca. Se vocês forem eliminados logo no início, haverá muita onda, muita raiva, mas no fim tudo passará. Como passou em 38, como passou em 50 (aqui em casa), como passou em 54.

(...)

Vocês sabem que jogam bom futebol. Vocês sabem que essa história de “medrar” é um fato. Mas vocês sabem também que, precisando, querendo, essa história de nervosismo é bobagem, pois vocês se dominam, jogam o que sabem e quem quiser triunfar vai ter que jogar muita bola.

(...)

Já imaginaram quanta gente vai encher os ouvidos de vocês? Quantas vozes abalizadas vão incutir na cabeça de vocês que a “Copa do Mundo” não vai ter graça? Pois é aí que nos preocupamos. Se ninguém oferecer lugares de deputados e vereadores a vocês; se ninguém antecipar bichos em dólares; se ninguém programar uma excursão à Paris; se ninguém, enfim, conseguir enfiar a máscara em vocês, a coisa até que poderá ir bem melhor do que se pensa.

(...)

Nascemos com a mania de campeões do Mundo e só vamos perdê-la quando tivermos o título em casa.

(Tribuna da Imprensa, 24-25/5/1958)

Em nosso ponto de vista, o trecho acima reforça a tese que apresentamos de que o Brasil precisaria se consolidar como “país do futebol” vencendo a Copa do Mundo. Ainda que consideremos a popularidade do esporte, ainda que consideremos o poder do futebol em mobilizar grandes contingentes, ainda que levemos em consideração a singularidade do jogo praticado pelos brasileiros, todos estes elementos requereriam, na visão dos cronistas esportivos, um título de campeão mundial de futebol. Seria a consolidação, por assim dizer, de um sentimento que já se manifestava, mas que ainda era colocado em dúvidas em decorrência dos maus resultados obtidos nas competições anteriores.

Nas páginas de *Última Hora* a ideia do “país do futebol” era não só defendida como exigida por Nelson Rodrigues. Para o cronista era indispensável que os

brasileiros jogassem com a certeza de serem os melhores para, assim, conquistar o título de campeões mundiais.

(...) somos um povo tão deprimido que custamos a admitir, mesmo por hipótese, o nosso triunfo no Mundial. Ora, ninguém vence por acaso (...) O brasileiro, lacerado de dúvidas, precisa de certezas. Sem certeza não se faz nada na vida. O sujeito só atravessa a rua porque está certo de que vai chegar ao lado de lá. E o escrete só precisa, realmente, de uma coisa: – A certeza de que será campeão do mundo. Certeza prévia e compacta, viril, militante, agressiva.
(Última Hora, 4/6/1958)

Antes da estreia oficial na Copa do Mundo, a seleção brasileira realizou dois jogos amistosos contra as equipes italianas da Fiorentina e da Internazionale. Em ambos os jogos a exibição dos jogadores brasileiros foi aclamada pelos críticos, evidenciando um crescimento no otimismo em relação ao êxito do selecionado.

Um público numeroso, assistiu a estréia do Brasil em gramados europeus, ontem de noite, no Estádio Comunal, que inaugurou, em jornada de gala, os seus refletores. Apresentava-se o Estádio, com uma iluminação perfeita (...) uma das mais eficientes, vistas até hoje e considerada a melhor da Europa. Público entusiasta, que não se cansou de aplaudir e incentivar o quadro brasileiro, nas suas jornadas mais brilhantes e vaiar, inclusive, o juiz e seus auxiliares, quando das marcações errôneas, contra o selecionado verde e amarelo.
(Tribuna da Imprensa, 31/5-1/6/1958)

As vitórias mostraram-se tão convincentes que a expectativa em relação ao Brasil aumentava também entre os europeus.

Um nome surge nos lábios dos torcedores de futebol na ocasião de dar um palpite sobre o possível vencedor do Campeonato Mundial de 1958: trata-se do Brasil. E não é que se desconheça o valor das outras equipes competidoras, como a Inglaterra, a União Soviética, a Hungria, a Iugoslávia sobretudo que recentemente venceu os ingleses por 5x0 e que vai ver-se privada de um dos seus melhores jogadores, contundido faz uns dias. Não é que se esqueça as outras equipes latino-americanas, como a Argentina, o Paraguai e o México, especialmente a Argentina, mas porque o Brasil foi um dos quadros mais fortes do campeonato mundial realizado há 4 anos na Suíça e quantos o viram pensam que deve ser o mais temível competidor.
(Tribuna da Imprensa, 2/6/1958)

Entretanto, a expectativa que cercava a opinião pública internacional não era refletida nas crônicas de Nilton Ribeiro. No mesmo dia da publicação da matéria acima, Ribeiro escrevia:

Começa amanhã a grande jornada da VI Copa do Mundo (...) Infelizmente o ambiente não é tão bom para os brasileiros. De cambulhada com a notícia que afirma que o arroz passou a ocupar o lugar do feijão,

chegam também informações de que os dirigentes da delegação do Brasil não estão se entendendo e de que o técnico anda às turras com um jogador.

Ontem ouvimos um locutor paulista afirmar que tudo quanto se mandou dizer a êsse respeito é mentira, é onda, mas a verdade é que não podemos (pelo menos por enquanto) crer mais em “A” do que “B”. Temos que respeitar as informações para mais tarde saber quem mentiu ou acobertou os fatos.

Mas falando de jôgo, vamos dizer que apesar das notícias desagradáveis sobre Pelé e Oreco, e dessa possibilidade de balbúrdia, mantemos a nossa impressão de que o Brasil deve vencer a sua chave e que a Áustria será o adversário mais difícil.

(...)

Vamos dizer que pelo futebol internacional que já se viu desfilar aqui pelo Brasil, pelo muito que os filmes (isso agora está na moda) têm mostrado e pelo que mandam informar as agências telegráficas, ficamos com o Brasil, Argentina e Paraguai para lutar pelo título com a Iugoslávia, Áustria e Tchecoslováquia. Somos dos que acham perfeitamente possível, os três sul-americanos entre os quatro finalistas.

Só não acreditamos numa coisa: que o Brasil seja vice-campeão. Se passarmos realmente pelas “oitavas”, ou acabaremos como campeões do mundo ou voltaremos com o 3º lugar. Tal opinião, dedução ou palpite, como queiram, admite que o Brasil só perderá nas semifinais ou irá invicto buscar o título.

(Tribuna da Imprensa, 7-8-/6/1958)

Percebe-se um otimismo reticente em relação ao desempenho do Brasil. Novamente os fatores psicológicos somados à má administração política eram vistos como possíveis empecilhos para o bom desempenho do Brasil.

O primeiro jogo do Brasil na competição ocorreu no dia 9 de junho e acabou com uma vitória brasileira sobre a Áustria pelo placar de 2 a 0.

O diário “Dagens Nyheter” comentou o jôgo Brasil X Áustria, dizendo:

“A poderosa e hábil equipe austríaca – que deixou de lado a escola clássica vienense e adotou a técnica moderna de jôgo – não bastou ante êsses fenomenais mestres do futebol, cujas armas principais eram uma velocidade incrível e uma defesa eficaz (...)

(...)

A maioria dos torcedores suecos consideram que o Brasil ganhará o campeonato mundial. Numa enquete realizada pelo matutino “Dagens Nyheter”, 30 por cento dos votos foram a favor do Brasil. Em seguida a Rússia com 12,5 por cento; Iugoslávia com 10 por cento; Suécia com 9 e Argentina com 8,2 por cento.

(Tribuna da Imprensa, 10/6/1958)

A segunda partida ocorreu no dia 11 de junho contra a Inglaterra, os “inventores do futebol”. Era a segunda vez na história que as duas equipes se enfrentavam. A primeira, já mencionada anteriormente, terminou com vitória inglesa por 4 a 2. Era a oportunidade de o Brasil consolidar sua ascensão futebolística e comprovar seu favoritismo.

Inglaterra e Brasil farão hoje o mais importante jogo da 2ª rodada das oitavas de final. Para o Brasil a vitória valerá a classificação. Para a Inglaterra a derrota pode significar a eliminação. Os ingleses estão torcendo para que as chuvas não cessem e os brasileiros estão pedindo para que o Sol apareça.

(...) acreditamos numa vitória do Brasil, com Sol ou com chuva e com qualquer onze que Feola venha a escalar.

(...)

Estão insistindo muito na questão racial dentro da seleção do Brasil. Afirmou-se mesmo que por isso Djalma Santos e Zózimo não são titulares e que por isso Canhoteiro e Jurandir acabaram cortados. Afirmam também que Didi apesar da cor está como titular porque seu reserva está muitos furos aquém de sua classe e categoria.

Será verdade? Não sabemos. A CBD, principal atingida nessa onda de notícias, não deu um pio para desmenti-las. Aquêles que acreditam no “quem cala consente” já devem estar apostando como é verdade.

(...)

Dizem que na delegação do Brasil foi um moço que é psicólogo, psicotécnico ou psiquiatra. Qualquer coisa que comece com “psi” e que deverá cuidar dos nervos e da moral dos elementos da representação nacional.

Ao que tudo indica o moço já falhou duas vezes. Primeiro quando não controlou os nervos e as emoções dos homens da direção que, empolgados com a Itália, acabaram mandando a relação dos jogadores para a Suécia sem os números. Por isso as camisas do ataque estão com homens da defesa e vice-versa (...)

Segundo, o tal estado de Dida (de acordo com os telegramas que estão vindo da Suécia e os comentários daqueles que lá se encontram), física e tecnicamente em ótima condição, mas que estaria com os nervos em pandarecos.

(Tribuna da Imprensa, 11/6/1958)

O jogo terminou empatado em 0 a 0 e *Tribuna da Imprensa* relatou da seguinte forma a partida:

Primeiro, diremos que acreditávamos na vitória do Brasil sobre a Inglaterra e que o empate, para nós, foi surpresa. Não queremos com isso desmerecer os ingleses ou desvalorizar o trabalho dos brasileiros. Dizem os cronistas que estão lá na Suécia que o jogo foi duríssimo, que os ingleses jogam otimamente bem e que os nossos, embora empatando, fizeram a sua melhor exibição na Europa.

(...)

Vamos aguardar o jogo com a Rússia. Para que sejam decididas as posições do Grupo “D”, existem nada menos de nove hipóteses e dessas, em apenas uma, o Brasil será eliminado sem qualquer outra chance.

(...)

Podemos jogar bem contra a Rússia e até vencê-la com placar convincente. Se os russos tem um futebol científico, um preparo físico excepcional, os brasileiros tem um futebol de primeira qualidade para superar as vantagens soviéticas. O único perigo é que a direção técnica cisme de aparecer justamente nesse jogo ou que os jogadores resolvam reparar no desnível intelectual ou na diferença potencial entre os dois países.

(Tribuna da Imprensa, 13/6/1958)

O último jogo da primeira fase ocorreria contra a União Soviética, equipe apontada por muitos especialistas como uma das principais favoritas para a

conquista da competição. O Brasil poderia se classificar até com um empate, dependendo dos outros resultados. Contudo, a expectativa era de vitória.

Somos realmente uma potência mundial, em futebol, mas uma potência que tem que lutar contra outras potências com as mesmas chances de ganhar e perder, talvez levando a vantagem de ganhar mais e perder menos. Mas não somos os reis do futebol. Esse título, mal dado e pior assimilado pelo povo, é que nos faz sofrer tanto nas derrotas e valorizar tão pouco um vice-campeonato.

(...) Vice-campeonato no Brasil é ridículo, incomoda, havendo gente que prefere um último lugar à posição tão honrosa. É por isso que nós não gostamos do título de “reis do futebol”

(Tribuna da Imprensa, 14-15/6/1958)

O resultado da partida foi mais uma vitória brasileira por 2 a 0 e, como não poderia deixar de ser, a repercussão foi muito grande nos meios de comunicação e nas ruas da capital federal. *Tribuna da Imprensa* retratava que, com uma verdadeira “lição de futebol aos russos, o Brasil classificou-se para as quartas de finais do 6º Campeonato Mundial de Futebol.” (Tribuna da Imprensa, 16/6/1958)

Quando Garrincha estava treinando para ganhar um lugar na Seleção do Brasil, já estava cansado de ouvir falar no “Sputnik” que a Rússia lançara. Ouvia também dizer que no futebol os homens eram fabulosos, tinham um preparo físico fora do comum e que jogavam um futebol científico. Garrincha ouviu e não comentou. Depois, na hora do embarque, Garrincha, no aeroporto, viu um satélite artificial: “Isso deve ser o tal do “Sputnik” – comentou. Na semana passada, Garrincha fez um apelo: estava louco para jogar contra os russos. E jogou. Fez miséria. Enlouqueceu a calma torcida sueca. Deu um “baile” na defesa russa. E depois, satisfeito, explicou: “Eu passei a “Sputnik” até entre as pernas dêles”.

(Tribuna da Imprensa, 16/6/1958)

A ginga, a molecagem e a capacidade de improvisação de Garrincha eram enaltecidas pelos jornais e eram apresentadas como uma característica peculiar do próprio povo brasileiro. Na mesma edição, o jornal apresentava a euforia gerada pelo futebol jogado pelos brasileiros na Europa.

O ambiente no vestiário brasileiro, após a partida, era realmente todo alegria e felicidade, pela magnífica e estupenda vitória sobre a Rússia. O público, do lado de fora, ovacionava e aguardava a saída dos brasileiros, a quem chamavam de “artistas da bola”.

(Tribuna da Imprensa, 16/6/1958)

No Brasil a euforia não era diferente. Semblantes de alegria, ruas repletas de pessoas, foguetórios e outros elementos de vibração e contentamento demonstram que a vitória era percebida como de todos os brasileiros, “artistas da bola”.

Toda a multidão está eufórica. Todos os semblantes são de alegria incontida e confiança inabalável. O céu está coberto de foguetões multicores (...)

As calçadas transbordando sorrisos alvares (...) as fachadas inundadas de luz, os rádios exuberantes de vozes, os bares bramando [sic] como nunca (...) os melancólicos contando histórias de rir, os lares gordos, os morros, a cidade, o país, tudo tão verde e amarelo, tudo tão bem. E me aparece pela frente o pé frio de sempre:

- É sempre assim, sabe, seu Cavaca! Primeiro nós si classifica! A dispôs é qui nós tira u Vici!

(Tribuna da Imprensa, 16/6/1958)

Na edição seguinte, *Tribuna da Imprensa* informava que o número de telegramas enviados aos jogadores brasileiros que estavam concentrados na Suécia demonstrava bem como a mobilização em torno dos jogos e das seguidas vitórias empolgava a “comunidade imaginada” composta por jogadores, torcedores e jornalistas esportivos.

Um dilúvio de mensagens de felicitações está chegando ao hotel em que se aloja a delegação do Brasil, como resultado de sua imponente vitória sobre a Rússia, no Campeonato Mundial de Futebol.

A pequena agência do Correio desta localidade não dá vazão aos telegramas recebidos do Brasil e de outras partes do mundo. No hotel, os telegramas são pregados numa parede de vidro, perto da entrada, enquanto jogadores e dirigentes se reúnem ali para ler e reler as mensagens que chegam a todo momento.

“Se os brasileiros continuam jogando assim, não haverá espaço no hotel para colocar novos telegramas” – afirmou um dos três sócios do estabelecimento.

(Tribuna da Imprensa, 17/6/1958)

A euforia mudou também o discurso. As antes desconfiadas matérias publicadas por *Tribuna da Imprensa* deram lugar a textos que comentavam a real possibilidade de título brasileiro.

Você, fã do futebol, acha possível que o Brasil seja campeão mundial? Acha? Nós também. Quando fizeram o sorteio dos quatro grupos, dissemos que a situação era ótima, pois pegando uma chave difícil, de início, tínhamos a chance de chegar em primeiro lugar demonstrando o bom futebol que possuímos. Dissemos que o Brasil deveria chegar invicto, no máximo perdendo um ponto que julgávamos seria tirado pela Áustria.

Depois, quando a seleção partiu, fizemos as nossas despedidas afirmando que confiávamos tremendamente nos jogadores (...)

(...)

Porque já entramos, de domingo para ontem, na fase do “porque me ufano”. Já começam as crônicas faladas e escritas, os comentários de esquina e os bate-papos amigos, para garantir que desta vez não vai ter graça. Seremos os campeões do mundo. Ora, nunca como em 58, tivemos uma performance tão boa, tão regular. Nem mesmo em 50, aqui em casa, ou antes, em 38, na França, fomos tão regulares em nossa produção. Mas isto nos dá o direito de voltar a festejar uma conquista antes do último jogo?

Que os entendidos ou os semientendidos nos chamem de derrotistas. Não interessa. Já escrevemos a nossa opinião. Afirmamos a convicção de que o Brasil seria o vencedor invicto de seu grupo. Afirmamos o nosso receio de uma semifinal frente ao Paraguai ou à Argentina, agora eliminados. E dissemos também que não cremos em outro vice-campeonato. Desta feita, ou passamos direto para a final, ou venceremos a última partida lutando pelo terceiro lugar.

Você, fã de futebol, deve concordar que temos um grande futebol. Que tivemos três exhibições boas. Que ganhamos otimamente da Rússia, dando "show" de bola, dando um baile limpo, um baile de classe nos soviéticos. Mas, por isso, vamos subestimar os adversários que faltam, julgá-los mais fracos e repetir a palhaçada de 50? Vamos, por isso, esperar que os partidos políticos enviem seus mensageiros à Suécia para contratar candidaturas de futuros vereadores, deputados, senadores? Vamos, enfim, ser transformados em prefeitos de 50, deitando falação patriótica, confundindo Pátria com esporte e dizer a esses moços: ou título ou nada?

Não amigo fã do futebol, nada disso. Vamos continuar certos de que o Brasil possui um futebol de grande categoria, de alto nível técnico, de invejável característica própria; vamos reafirmar de temos classe e condições de conquistar o título; vamos gritar que essa rapaziada já fez mais do que nós esperávamos e que poderá chegar até onde nós desejamos.

(Tribuna da Imprensa, 17/6/1958)

O Brasil estava classificado para a segunda fase (quartas de final) da Copa do Mundo. Em partida realizada contra a seleção do País de Gales, os jogadores brasileiros conseguiram uma vitória pelo placar mínimo de 1 a 0 e a consequente classificação para a semifinal da competição.

Pipocando bombas e foguetes; cobrindo o centro da cidade com milhares de papéis picados e jornais rasgados; com os veículos buzinando furiosamente; com gente pulsando, dançando e se abraçando nas ruas, nas repartições e em todos os locais de trabalho, o carioca festejou ontem o 1x0 sobre o País de Gales como se o Brasil tivesse conquistado o título máximo (...)

Quando o jogo terminou, o trecho da avenida Rio Branco entre a Galeria Cruzeiro e a rua do Ouvidor, ficou totalmente tomado pelos papéis atirados de todos os edifícios e pela fumaceira do espocar de fogos, enquanto as janelas enchiam de gente que berrava Brasil, Brasil, Brasil. Um carnaval legítimo que faz imaginar o que será a chegada da Seleção se obtiver o título de campeão mundial.

(Tribuna da Imprensa, 196/1958)

Faltavam apenas duas partidas para a concretização do título. A adversária na semifinal era a seleção da França que até então havia goleado implacavelmente vários de seus adversários, possuindo o melhor ataque e o artilheiro da competição.

Hoje é o dia da semifinal. Em Estocolmo, jogarão Brasil e França, partida que, para nós, é a encruzilhada da luta pelo título máximo. Pelo retrospecto, os franceses com um ataque bem mais efetivo que o nosso, e os brasileiros, ainda pelo retrospecto, com a defesa mais segura. Consequentemente, uma luta igual entre a ofensiva nacional e a retaguarda gaulesa. Cremos que no

velho paralelo de futebol por futebol, devemos vencer pelo menos, podemos vencer.

(Tribuna da Imprensa, 24/6/1958)

De fato, como antevia a matéria acima, o Brasil venceu a França pelo elástico placar de 5 a 2, numa partida que ficou marcada pelas brilhantes exibições de Pelé, Garrincha e Didi, dois negros e um mulato que sintetizavam não apenas a miscigenação presente na sociedade brasileira, mas, principalmente, a ginga, a habilidade, a improvisação que apenas o futebol brasileiro seria capaz de fazer com tanta eficiência.

Num jogo em que se exibiram com a precisão e a eficácia de uma companhia de ballet – segundo os comentaristas estrangeiros, – os brasileiros derrotaram, ontem, os franceses, na Copa do Mundo, por 5 x 2, e ainda tiveram 2 gols anulados por um juiz que foi estrondosamente vaiado pelos espectadores (...) Essa maravilhosa exibição foi acompanhada, ontem, por quase todos os cariocas. Até na Câmara dos Deputados foi motivo de aparte. Chuva de papeizinhos, fogos, multidões reunidas em torno de alto-falantes e vibrando a cada passo traduziram a participação da cidade no grande feito dos brasileiros, ontem, na Suécia. E a vitória do Brasil paralisou a cidade.

(Tribuna da Imprensa, 25/6/1958)

O “ballet” dos brasileiros em campo, capaz de desmontar as defesas adversárias, era motivo de orgulho entre os torcedores brasileiros e de admiração entre os europeus.

Desde a saída do estádio “Rassunda” até a estação ferroviária – de onde regressaram a Hindas – os brasileiros foram ovacionados pelo público, que não se fartou de festejar a bela exibição de futebol apresentada pelos jogadores nacionais, ontem, contra a França.

Por sinal, o Brasil captou a simpatia da platéia sueca, logo em sua estréia na VI Copa do Mundo, quando enfrentou a Áustria.

(Tribuna da Imprensa, 25/6/1958)

A vitória por goleada (5 a 2) contra a França consistiu numa fervorosa demonstração de otimismo e satisfação. Acreditava-se que o desempenho dos jogadores brasileiros era motivo de orgulho, na medida em que o mundo inteiro teria muitos motivos para reconhecer que éramos detentores de um dos melhores futebolis do mundo.

Meu caro fã de futebol, neste momento em que não sabemos qual é a sua opinião, vamos dar a nossa: estamos satisfeitos.

Mesmo que outro vice-campeonato venha bater em nossas portas (no que, honestamente, não acreditamos) estamos plenamente satisfeitos.

Emergindo de tremenda luta política entre dirigentes, onde até órgãos da crônica falada e escrita tomaram partido, os jogadores brasileiros, otimamente assistidos por Hilton Gosling e Paulo Amaral, já escreveram a mais bela página do nosso futebol, em todos os tempos.

(...)

Se a vitória que o retrospecto admite, vier na partida final, estaremos felicíssimos e, então sim, irmanados com as comemorações que este país, essencialmente futebolista, há de proporcionar aos novos campeões do mundo. Mas se a lógica não vigorar, se perdermos, estaremos igualmente a postos para festejar a campanha do Brasil em 58 que em nada poderá ser desmerecida, se mais um vice-campeonato coroar os esforços desses rapazes.

(Tribuna da Imprensa, 25/6/1958)

A sensação de satisfação e orgulho extravasava as folhas dos periódicos e contagiava as ruas das grandes cidades brasileiras, tomadas pelo carnaval fora de época. São Paulo, Recife, Rio de Janeiro são as demonstrações mais concretas deste quadro.

Com o povo nas ruas, vibrando, e as edições extras dos jornais correndo de mão em mão – assim comemoraram os paulistanos a sensacional vitória contra a França. O paulista típico, frio por natureza, mas entusiasta e bairrista nos grandes momentos, pensou ontem só em futebol. A cidade acompanhou atenta o jogo até quando Pelé marcou o terceiro “goal”, delineando a vitória. Daí para a frente, e com o quarto e quinto tentos, também do menino santista, houve gritaria, papel picado caindo dos prédios e carnaval. Nem parecia a São Paulo “industrial” famosa. A “Folha da Noite” e “A Gazeta Esportiva” tiraram edições minuto após o jogo, com venda certa, em poucos minutos, de cerca de 100 mil exemplares cada. Em Santos, onde jogam Pelé e Zito, os artífices da vitória, a vibração não foi menor, e a massa de torcedores engrossou da cidade até à praça de esportes do Santos F. C. Para a final de domingo, espera-se ainda vibração maior, caso o Brasil ganhe finalmente o cetro do futebol mundial.

(Tribuna da Imprensa, 26/6/1958)

Na mesma edição, *Tribuna da Imprensa* relatou da seguinte forma a repercussão da vitória nas ruas de Recife.

Também nesta capital o público vibrou com a sensacional vitória do Brasil, frente a França. Grande massa afluiu as principais ruas onde estavam instalados altos-falantes [sic]. A cada “goal” do Brasil os torcedores estouravam numa demonstração de vivo entusiasmo. (...)

E a euforia foi tão grande que na altura do quarto tento do Brasil por intermédio de Pelé o trânsito parou devido à agitação do público.

(Tribuna da Imprensa, 26/6/1958)

O Brasil disputaria a segunda final de Copa do Mundo de sua história. Os “traumas” e os “fantasmas” da derrota de 1950 poderiam ser extirpados na partida final em 1958, contra a seleção anfitriã.

Em duas oportunidades anteriores (38 e 50) o Brasil e os jogadores que o defenderam estiveram para conquistar a “Taça Jules Rimet” e as medalhas de ouro oferecidas pela FIFA. Entretanto, por motivos diversos, o título máximo nunca foi alcançado e a torcida teve que se contentar (se é que se contentou) com as colocações imediatas. Oito anos após o melancólico vice-campeonato de 1950, o Brasil conseguiu novamente ser finalista da Copa do Mundo, mercê de uma campanha excepcional em gramados suecos. Mesmo que não vençam o jogo decisivo, amanhã, contra a Suécia, os jogadores brasileiros já se tornaram merecedores do respeito e admiração geral. Não obstante, todos acreditam sinceramente que, desta vez, a “Taça Jules Rimet” ornamentará nos próximos quatro anos a sala de troféus da C.B.D.

(Tribuna da Imprensa, 28-29/6/1950)

Na mesma edição, *Tribuna da Imprensa* comenta a expectativa para a partida final nos seguintes termos:

Chegamos ao fim da jornada. Os craques brasileiros enfrentarão os suecos, amanhã, na tentativa de dar ao futebol brasileiro o seu mais ambicioso troféu: a taça “Jules Rimet”

Talvez que êsse dia de São Pedro venha a superar em ansiedade e emoções, aquele sempre tristemente lembrando 16 de junho de 1950. Não porque naquela época tivéssemos menos interesse pelo título, mas porque possuímos muito mais certeza na vitória e não admitíamos a derrota.

Hoje, quando essa rapaziada está a um passo da mais bela página do futebol brasileiro, sente-se, ouve-se mesmo, a esperança de uma vitória final, não faltando até os mais otimistas com marcadores amplos e com goleadas arrasadoras. Estes, possivelmente, serão os únicos decepcionados se a lógica não for a nosso favor. Porque a grande maioria, não temos dúvida, nunca esteve tão bem preparada para aplaudir um vice-campeonato.

Pela primeira vez na história, observa-se que a torcida não está exigindo que o título de campeão venha para o Brasil. Reparem no que dizemos: a torcida não está exigindo o título. Desta feita, entusiasmada com o trabalho dos que estão envergando a camiseta do Brasil, a torcida está torcendo realmente pelos seus jogadores. Ficamos todos, que gostamos, acompanhamos ou vivemos com o futebol, numa torcida louca, distante, para que a vitória final possa coroar a dedicação do selecionado brasileiro.

Na briga para escolher técnico, para indicar dirigentes, para contornar as dificuldades políticas, os jogadores sentiram-se assistidos, mas desamparados. Deixaram o país mais ou menos desacreditados, embora o embarque concorrido e amigo de um público numeroso. E isso deve tê-los influenciado, tremendamente.

(...)

Se não fosse por parecer exagerado, diríamos que o espírito dos campos amadoristas afetou a esses profissionais de forma benéfica. Ninguém discute que eles sabem o quanto irão ganhar, se trouxerem o título, ou quanto serão valorizados. Interessa, agora, que eles estão jogando para defender a Seleção do Brasil e demonstram que tem orgulho nessa missão. Sem patriotadas e sem atitudes mercenárias.

Ontem, quando o nosso companheiro Arthur Parahyba, entusiasmado, dizia que o povo é que está torcendo para que o título seja dos jogadores, sentimos o quanto de verdade havia na explosão do colega de trabalho. A seu lado, o Ernesto Santos, chefe dos fotógrafos, ria a-toa para explicar o estado de ânimo dos nossos craques.

(...)

E se isso não vale para ser “rei do futebol” pelo menos atesta a regularidade de produção nas copas.
(Tribuna da Imprensa, 28-29/6/1958)

Percebemos no excerto acima o enaltecimento das características singulares adquiridas pelo futebol no Brasil. A popularização do futebol não se manifestava apenas na prática esportiva, mas também na influência dos campos amadores na prática dos profissionais. Havia como que uma reciprocidade entre os que praticavam e apreciavam o esporte. Seleção e população brasileiras integravam-se e formavam um todo – “comunidade imaginada” – no qual o título de “reis do futebol” seria apenas uma consequência de uma trajetória que já orgulhava a todos.

No dia 29 de junho de 1958 ocorria a tão esperada partida final da competição. A vitória brasileira por 5 a 2 coroava o futebol brasileiro. As ruas se encheram de pessoas para comemorar a conquista. Nas páginas dos jornais retratava-se um verdadeiro carnaval.

A emoção que o VI Campeonato Mundial de Futebol vem trazendo desde nossas primeiras atuações nos campos de futebol e que até penetrou no Congresso Nacional com um aparte de um deputado a outro que tratava de assunto completamente diferente, atingiu, hoje, às 11 horas da manhã, o seu ponto mais elevado.

Os telefones, as campainhas de qualquer residência no Rio e até mesmo as chamadas para hospitais e delegacias, demoraram a ser atendidas depois das 11 horas. Ninguém atendia telefone, que muitas vezes foram tirados dos ganchos (...)

Nas ruas em frente aos alto-falantes espalhados pelas principais praças, na Cinelândia, Presidente Vargas e inúmeras ruas do subúrbio, as aglomerações eram enormes. Os lances mais emocionantes do ataque brasileiro produziam indiscutíveis atitudes no povo torcedor. As fisionomias se transformavam e até mulheres pulavam, esquecendo de suas saias.

Nem mesmo os turistas que costumam visitar os pontos turísticos da cidade saíram de seus hotéis. Corcovado, Pão-de-Açúcar, Alto da Boa Vista e outros pontos interessantes, e os escritórios ficaram vazios. Os rojões espocavam assustadoramente.

Se hoje não fosse domingo, o Rio teria ficado mergulhado num mar de papel picado. Como domingo ninguém trabalhou e os escritórios ficaram vazios não houve ninguém para jogar papel picado dos edifícios do centro da cidade. Em compensação, as ruas, geralmente calmas nesses dias, nunca tiveram tanta concentração popular.

Apesar da fome e sede o carnaval nas ruas foi completo. Ninguém pensava no almoço. O estômago vazio nada impedia e todos só se preocupavam com o jogo. Quando Garrincha pegava na bola com seus célebres “bailes” (...) os gritos, os pulos e até roupas eram jogadas para o alto.

(...)

Como se estivessem fugindo de um incêndio irrompido repentinamente todas as pessoas que estavam ouvindo rádio em suas casas, saíram como verdadeiros loucos para o meio da rua. Aí o “carnaval” se completou. Ninguém mais se entendia. Era o “carnaval” que estava na sua na sua plenitude.

Uns choravam de emoção. Outros pulavam mais que Ademar Ferreira da Silva. Até os cangurus ficariam com inveja dos saltos
(Tribuna da Imprensa, 29/6/1958)

O êxtase, a euforia, a loucura que tomavam conta das ruas da capital brasileira demonstravam o quão importante era para as pessoas a conquista da Copa do Mundo. Embora de certa forma a ideia de “país do futebol” já ocupasse considerável papel no imaginário da imprensa e da sociedade brasileiras, a vitória coroaria a concretização desse sentimento de orgulho e autoafirmação.

(...)

Enquanto os balões subiam e os fogos e os fogos espocavam, músicas foram improvisadas: era o brasileiro que podia, enfim, expandir uma alegria recalcada desde o campeonato brasileiro de 1950.

O preço deste carnaval e das emoções do jogo foram dois enfartes, 339 queimaduras e mais de 300 feridos atendidos nos hospitais da cidade – o que em ponto menor também aconteceu em São Paulo.

(Tribuna da Imprensa, 30/6/1958)

Até mesmo Carlos Lacerda, sempre crítico aos apelos que o futebol atingia na sociedade brasileira, reconhecia o feito esportivo do Brasil, feito este que transcendia os aspectos atinentes ao esporte e que demonstrava aspectos positivos da própria identidade brasileira. O excerto abaixo, apesar de longo, permite-nos inferir tal perspectiva.

Afinal, uma boa notícia. A vitória dos jogadores brasileiros, na Suécia, traz ao Brasil, depois de muitos anos, a Copa do Mundo. E, com ela, uma série de lições e de motivos para reflexão. Não será este o momento para aprendê-las e fazê-las, porque é um dia de alegria pura e solta. Mas, quem sabe alguém quererá aproveitá-las, como nós, em benefício de si mesmo e dos demais?

Aos onze que trazem a vitória para o esporte brasileiro correspondem, no vestiário, na arquibancada e na sede da CBD, muitos mais, que criaram condições para a escolha de um bom time, a sua viagem e estadia, os seus treinamentos, o seu moral e a sua disposição física e espiritual.

Não foi com base num patriotismo histérico e sim nesse sentimento contido, consciente, amadurecido, de amor ao esporte e de compreensão das responsabilidades numa disputa dêsse vulto, o que dispôs a infra-estrutura desse time de campeões. Não foi a basófia das construções monumentais, como o Maracanã na Copa do Mundo, nem a esperteza comercial do sr. Ademar de Barros, nem a filança do sr. Kubitschek querendo roubar o “show” dos jogadores. A vitória é deles e do povo, de mais ninguém.

E foi uma bela vitória. Como diz aquela música, ontem mesmo lançada na rua, eles dançaram samba com a bola nos pés. Foi a feliz combinação dessa capacidade que tem o brasileiro de improvisar, com o método e a inflexível determinação que tantas vezes nos faltam, o segredo da eficácia da administração de João Havelange, foi essa justa e oportuna combinação o que deu aos grandes jogadores ânimo e técnica para disputar lealmente e vencer com indiscutível superioridade e inatacável espírito esportivo.

O que há de mais belo na vitória dos brasileiros, ontem, é precisamente êsse caráter nitidamente desportivo de sua luta, essa disposição de vencer a esse afã, esse empenho em trazer a Taça para a sua terra. Ao mesmo tempo, a modéstia e a segurança com que Havelange e seus companheiros, depois de devolverem ao esporte a sua dignidade e a sua independência, dispuseram-se a trabalhar para que a seleção brasileira pudesse vencer.

Essa lição de preparo e de método, de entusiasmo desportivo imperturbável para exploração política e pelas misturas de tipo totalitário – daquelas que impõem aos desportistas vencerem em nome da nação, da classe ou do partido dominante – é a grande lição da vitória de ontem.

Isto pôsto, gozemos à vontade a vitória da seleção brasileira. Para quem há tanto tempo não tem boas notícias sobre a situação do Brasil, essa que vem de Estocolmo é uma grande notícia. Pois, afinal, teve, o Brasil uma vitória. Foi no futebol – mas foi em alguma coisa.

Já podemos continuar, mais animados, a enfrentar a maluquice de Brasília e a cretinice do falso nacionalismo. Já podemos encarar, ao menos por hoje, com mais coragem, o dólar a 137 cruzeiros e os comissários da concordata desembarcados no Galeão para darem uma espiada no país antes de saber se podem ou não emprestar mais dinheiro para os corruptos se encherem.

Os onze moços brasileiros que dançaram o samba com a bola nos pés deram aos políticos, aos militares, aos “técnicos” – autênticos ou falsos –, a tôda gente uma bela lição. De coesão, de disciplina, de esforço, de compostura, de animação, de perícia e, sobretudo, de verdadeiro patriotismo. Pois êste consiste em fazer o melhor possível aquilo que somos encarregados de fazer. Ou seja: o contrário do que fazem no Brasil os encarregados de fazer alguma coisa por êle.

A melhor notícia que essa vitória nos traz é precisamente aquela que sempre esperamos receber e da qual nunca descremos: a de que os brasileiros são mais capazes do que pensam aqueles que o governam. A questão é não atrapalhar.

(Tribuna da Imprensa, 30/6/1958)

Também as empresas se aproveitavam da vitória como forma de divulgar, além de seus produtos, sua presença e participação na “comunidade imaginada” do “país do futebol”. A *Frota Carioca S.A. e Companhias Associadas* publicava um texto propagandístico parabenizando os jogadores brasileiros pela conquista.

(...)

Sofremos nas expectativas, vibramos nos embates, exultamos nas vitórias. A cada jornada víamos que, quanto mais perto se colocava o título, mais se agigantavam os perigos. Por isso sempre lhe tocávamos o ombro dizendo “Parabéns” e cochichávamos em vosso ouvido “Cuidado!”.

Nunca estivestes sós, homens de amarelo. Estivemos sempre no vosso coração e no vosso pensamento. Sofremos convosco e exultamos convosco. Eis porque, agora, podemos dizer que o que fizestes neste junho de 1958 a nenhum outro, em tempo algum, foi dado o privilégio de fazer. E por isso podemos voz dizer, de maneira enfática, o que nunca, por mais que o desejassemos, pudemos dizer a quaisquer outros.

Porque vós destes, na Suécia, o mais altissonante grito de brasilidade. Um grito que, partindo de um estádio de futebol ecoou pelo mundo todo (...)

(Tribuna da Imprensa, 29/6/1958)

O que se percebe na congratulação-propaganda é o enaltecimento de valores identitários como “brasilidade” e sentimento de “pertencimento”, o “nunca estivestes sós, homens de amarelo” transmite a ideia de que a vitória brasileira era a vitória do povo brasileiro, não apenas do esporte, mas da nação brasileira.

A empresa *Santos Vahlis* também se manifestou enaltecendo elementos concernentes ao povo brasileiro. Vencíamos e demonstrávamos as qualidades que possuíamos enquanto povo, enquanto nação.

Enfrentando, no Velho Continente, as equipes esportivas mais poderosas do mundo, em clima e local estranhos, nossos jogadores mostraram a vocação da raça brasileira para a universalidade.

O Brasil venceu porque era mais forte e adestrado. A esta vitória, nós nos associamos e, partilhando da alegria do povo, dirigimos a todos os craques e ao seu devotado técnico esta saudação: Jogadores do Brasil, campeões da Copa do Mundo de 1958, nós lhes agradecemos esta vitória que é de todos nós.

(Tribuna da Imprensa, 29/6/1958)

Os elementos enalticidos eram os elementos antes criticados. A falta de coragem dos jogadores brasileiros dava lugar a um “povo forte e adestrado”, a derrota outrora imputada às “patriotadas” dos dirigentes da CBD dava lugar ao enaltecimento da “vocação da raça brasileira para a universalidade”. A nação grande, pujante, tinha no futebol sua demonstração mais concreta. O orgulho pela vitória era partilhado por todos, os jogadores brasileiros foram felizes, dizia o cronista e “fizeram feliz o Brasil inteiro, êsse imenso Brasil que abaixo de Deus ama o futebol sôbre todas as coisas.” (Tribuna da Imprensa, 1/7/1958)

O sentimento de pertencimento a uma “comunidade imaginada” se manifestaria ainda na recepção aos jogadores brasileiros.

Para receber festivamente os campeões mundiais de futebol, a cidade paralisa, hoje, praticamente tôdas as suas atividades, com o Congresso Nacional e Câmara Municipal fechados.

Haverá interrupção do trânsito e, apesar de não ter sido decretado feriado, o comércio, a indústria e os bancos fecharão espontaneamente suas portas na hora da chegada dos jogadores brasileiros, para que os seus empregados possam participar das homenagens que lhes serão tributadas pelo povo carioca. Também não funcionarão as repartições federais e municipais, tendo sido decretado “ponto facultativo”.

(Tribuna da Imprensa, 2/7/1958)

A mobilização de um grande número de pessoas para recepcionar os campeões do mundo não ocorreu apenas no Rio de Janeiro. Também nas cidades de São Paulo e Recife, grande multidão se concentrou para recepcionar os atletas.

(...) em São Paulo, a cidade vai parar. O prefeito anunciou que decretará feriado. Um cortejo de carros irá do Aeroporto ao centro da cidade. Virão também as escolas de samba (...) O Carnaval tomará conta da cidade.
(Tribuna da Imprensa, 2/7/1958)

No Recife, a recepção aos atletas foi retratada da seguinte maneira:

Chegaram, ontem, os campeões do mundo, os atuais e legítimos reis do futebol mundial. O Carnaval que Recife e Rio assistiram justifica plenamente a campanha efetuada em gramados da Suécia e traduz a enorme alegria do povo brasileiro em ver o seu futebol dono da famosa taça “Jules Rimet”. Amigos, ainda é cedo para falarmos do que houve por lá, ainda é cedo para distinguir os que realmente fizeram jus a essas explosões de alegria. Não estivemos na Suécia, não ouvimos os bastidores. Por enquanto, a nossa opinião é a mesma exercida antes de a seleção embarcar. Hoje, quando São Paulo repetir Recife e Rio, prestando apoteótica homenagem aos craques que foram à Suécia, preferimos abordar outros pontos de importância que talvez sejam esquecidos nessa tremenda e justa euforia da vitória.
(...) Agora não é apenas a fama de bom futebol que sempre possuímos, que precisamos zelar. Agora, o futebol brasileiro é de fato e de direito o campeão do mundo. (...)
Dissemos uma vez que só título dar-nos-ia o direito de ser os reis, os maiores, e lembramos também que esse reinado estaria restrito ao período de 58 a 62. É por isso que hoje, quando ainda os craques recebem as palmas dos seus patrícios, abrimos espaço para esse assunto. Não é uma opinião definitiva, caprichosa, pois saberemos ouvir outras opiniões e chegar, inclusive, à adoção de outra idéia.
(Tribuna da Imprensa, 3/7/1958)

Também na capital da República, a mobilização e a festa foram grandes, indicando o apelo que o futebol possuía e a importância que foi dada ao título de campeões da Copa do Mundo em 1958.

Quando o grande capitão Belini apareceu na portinhola do avião e exibiu para o povo comprimido no Galeão a Taça “Jules Rimet” (de ouro) conquistada pela equipe brasileira na Suécia, uma ovação impressionante o acolheu. Pela primeira vez na história esportiva do Brasil, nossa seleção conquistara a Cpa do Mundo, afirmando-se ao mesmo tempo como a que possui os melhores jogadores do mundo. Do Galeão até o Catete, uma massa humana de, aproximadamente, um milhão de pessoas, saudou, delirantemente, os jogadores. O desembarque foi às 17,10, e só às 21,10 o cortejo conseguiu alcançar o Catete, onde o Presidente da República esperava os campeões, num palanque oficial. Um misto de carnaval e festa junina dominou a cidade. Dançava-se e cantava-se no meio da rua, enquanto fogos estouravam no ar. Durante todo o percurso do cortejo, os craques foram aclamados em verdadeiro delírio, tendo-se, registrado cenas emocionantes.
(Tribuna da Imprensa, 3/7/1958)

O último elemento que gostaríamos de destacar refere-se à extirpação do trauma da derrota em 1950. No dia 16 de julho de 1958, aniversário, portanto, da

derrota brasileira para os uruguaios na Copa do Mundo de 1950, *Tribuna da Imprensa*, apresentava a seguinte matéria.

Amigos, esta página que hoje, dia 16 de julho de 1958, TRIBUNA DA IMPRENSA dedica ao futebol brasileiro, é mais uma homenagem aos campeões do mundo e mais um preito de justiça aos rapazes que disputaram a “Copa de 50”.

É este o primeiro 16 de julho, desde 1950, em que podemos recordar com ânimo novo, com a alma lavada, aqueles 2x1 que levaram a “Jules Rimet” de volta ao Uruguai. Anualmente, nesta data, tínhamos que falar em recordações tristes e na esperança sempre latente de que um dia a “Copa do Mundo” seria do Brasil.

Hoje é diferente. Como tão bem grita aquela marchinha gravada pelos “Demônios da Garoa”, em São Paulo, podemos repetir cheios de vento: “A Taça do Mundo é Nossa”. Aquela mágoa de 50, aquele traumatismo moral que imobilizou tanta gente, é agora, apenas, um episódio movimentado da história do futebol brasileiro.

Agora, dentro ainda da euforia em que vivemos pela conquista do título máximo, resta-nos somente lamentar que um mr. Ellis tenha intervindo [sic] decisivamente na “Copa de 54” e que um general, também, prefeito, tenha quebrado o espírito de competição dos craques de 50, fazendo com que a demagogia e a exploração política inibissem o Brasil de conseguir mais cedo a “Jules Rimet”(...)

Hoje, amigos, neste 16 de julho de 58, o mais belo 16 de julho destes últimos oito anos, rendamos nossas homenagens a essa rapaziada que foi à Suécia e cumpriu tão brilhante campanha, mas façamos também justiça aos craques de 50, contemplados apenas com um vice-campeonato, graças à intervenção dos demagogos, dos exploradores políticos que hoje, igualmente, também querem passar por donos da enchente.

(Tribuna da Imprensa, 16/7/1958)

Era a consolidação do “país do futebol”. A ideia não nasce em 1958, conforme demostramos. Muito pelo contrário. Já estava presente no imaginário da imprensa e da sociedade desde a popularização do futebol no Brasil. Contudo, a busca pela vitória evidencia a necessidade de consolidação do “país do futebol” a partir do reconhecimento perante os outros países do mundo.

Na visão da imprensa esportiva, a vitória era da nação brasileira, a vitória era do povo brasileiro, a vitória era da pátria brasileira. Após a Copa do Mundo de 1958, o Brasil ainda conquistaria mais quatro títulos e encantaria o mundo do esporte outras vezes com atletas habilidosos e com equipes que jogavam um futebol por assim dizer único. No contexto em que nos propusemos a estudar, a conquista era símbolo de um novo Brasil que nascia e que queria se mostrar ao mundo como uma grande nação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme procuramos demonstrar, o futebol passou por um processo de popularização a partir de sua chegada ao Brasil, no final do século XIX. Tal processo ocorreu de maneira intensa nos primeiros anos, não obstante o amadorismo e o elitismo existentes nos grandes clubes. A partir das décadas de 1920 e 1930, a resistência dos jogadores negros e mestiços, provenientes das classes trabalhadores, fomentou a popularização e a profissionalização do futebol no Brasil. Os clubes e a seleção passaram a participar cada vez mais de competições, as pessoas passaram a se interessar cada vez mais pelos resultados dos jogos e a imprensa, por sua vez, ampliou significativamente a cobertura dos eventos esportivos. Neste contexto, entre as décadas de 1930 e 1940, o futebol adquiriu caráter oficial durante a Era Vargas, constituindo-se como elemento difusor da identidade nacional.

Nesta perspectiva, a participação da seleção nas competições internacionais, especialmente nas Copas do Mundo, incentivou a relação entre o futebol e a brasilidade, fazendo emergir e se consolidar a ideia de que, por possuir um estilo de jogo singular, decorrente da característica de sua população miscigenada, o Brasil transformava-se no “país do futebol”.

A realização da Copa do Mundo no Brasil, em 1950, representou o momento de consolidação do “país do futebol”. Contudo, a derrota da seleção na final contra o Uruguai acabou adiando a concretização do referido objetivo, que seria alcançado apenas oito anos mais tarde com a conquista da Copa do Mundo de 1958, na Suécia. Não obstante, o sentimento de pertencimento a uma “comunidade imaginada” foi o cerne dos discursos produzidos pela imprensa esportiva, ainda que se pesem os diferentes posicionamentos político-ideológicos que os veículos de comunicação de massa aqui estudados possuíam, fruto de um quadro de tensões e embates partidários na década de 1950.

Nossa pesquisa procurou trazer as temáticas do futebol, da política e da identidade nacional através da análise documental aqui realizada. Por ser um recorte esperamos contribuir para o debate com outros trabalhos que tenham abordado a mesma temática, ainda que com perspectivas e conclusões diferentes. Também foi nosso intuito trazer uma contribuição acerca do papel da imprensa na

sociedade brasileira, especialmente na construção dos discursos atinentes à cultura política e à identidade nacional. O corpus documental aqui analisado insere-se num contexto de intensa luta partidária, cenário importante para a compreensão das tensões presentes na sociedade brasileira durante a década de 1950. Tais tensões reverberaram no futebol da mesma maneira que o próprio esporte influenciou e serviu como elemento para a ação dos diversos atores envolvidos nas tensões e nos embates.

Hoje, o futebol brasileiro continua sendo uma das mais importantes manifestações culturais de nossa sociedade. Neste esporte, o Brasil consolidou-se como o maior vencedor de Copas do Mundo e como berço de inúmeros craques que desfilaram nos gramados do mundo inteiro sua técnica, habilidade e capacidade de improvisação, características construídas na relação destes jogadores com as práticas e as experiências típicas dos campos de várzea, das ruas e dos mais variados lugares onde se pratica o esporte no Brasil.

Desta forma, analisar e compreender o futebol na perspectiva que aqui nos propusemos, contribui para explicarmos também importantes aspectos da sociedade brasileira – sua cultura popular e as identidades construídas acerca de seu povo. O “país do futebol” não nasce num único momento, mas é fruto de um processo de construção longo e que ainda se consolida na sociedade contemporânea, na medida em que, permanece frequente no discurso da imprensa e dos fãs do esporte. Do mesmo modo, aqueles que não se inserem nestes dois grupos – imprensa e torcedores – acabam por se relacionar com a referida percepção de “país do futebol”, uma vez que o esporte (hoje transformado em negócio) ocupa papel de destaque no cotidiano das pessoas, das empresas e dos veículos de comunicação de massa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA JUNIOR, Antonio Mendes. **Do declínio do Estado Novo ao suicídio de Vargas**. In.: FAUSTO, Boris. (org.) **História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano, v.3: sociedade e política (1930-1964)**. 3ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. **“Com brasileiro não há quem possa!”** Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues. Editora Unesp: São Paulo, 2004.

_____. **Nelson Rodrigues e a emancipação do homem brasileiro**: de vira-latas a moleque genial. In.: COSTA, Márcia R.; FLORENZANO, José P. (et al.) (orgs.) **Futebol**: espetáculo do século. São Paulo: Musa Editora, 1999.

AZEVEDO, Cecília. **Identidades compartilhadas**: a identidade nacional em questão. In: **Ensino de História**: conceitos, temáticas e metodologia. Martha Abreu e Rachel Soihet (orgs.). Rio de Janeiro: FAPERJ e Casa da Palavra, 2003.

BALAKRISHNAN, Gopal. (org.) **Um Mapa da Questão Nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

BENEVIDES, Maria Victoria de M. **O Governo Kubitschek**: desenvolvimento econômico e estabilidade política, 1956-1961. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

CAMPOS, Flávio de. (org.) **Futebol – Objeto das Ciências Humanas**. São Paulo: Casa da Palavra, 2014.

CAPELATO, Maria H. R. **Multidões em Cena**. Propaganda Política no Varguismo e no Peronismo. 2ª. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

_____. **Os Arautos do Liberalismo**. Imprensa Paulista. 1920-1945. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto (Coleção Repensando a História), 1988.

CARONE, Edgar. **A Quarta República (1945-1964)**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1980.

CASTRO, Ruy. **Estrela solitária**: um brasileiro chamado Garrincha. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **A história cultural - entre práticas e representações**. São Paulo: Difel, 1990.

_____. **Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico**. In.: **Estudos históricos**. Vol.8, nº 16, Rio de Janeiro, 1995.

D'ALESSIO, Marcia B. M. **Estado-Nação e construções identitárias**. Uma leitura do período Vargas. In.: SEIXAS, Jacy A.; BRESCIANI, Maria Stella. BREPOHL, Marion. (orgs.) **Razão e paixão na política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.

D'ALESSIO, Marcia B. M. **Intervenções da memória na historiografia: identidades, subjetividades, fragmentos, poderes**. Revista Projeto História, 1998.

DELGADO, Lucília de A. N.; FERREIRA, Jorge (orgs.) **O Brasil republicano**. Vol.3: o Tempo da Experiência Democrática. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FERREIRA, Jorge. **Trabalhadores do Brasil: O imaginário popular (1930-1945)**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2011.

_____. **João Goulart: uma biografia**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FERREIRA, Jorge; GOMES, Angela de C. Populismo: o nome e a coisa. In.: FERREIRA, Jorge (org.) **O populismo e sua história – debate e crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FONSECA, Pedro C. D. **Vargas: o capitalismo em construção**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

FRANCO JR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, Fabio. **As raízes do país do futebol: Estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950)**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História da FFLCH-USP, 2000.

_____. **Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais do futebol brasileiro(1919-1938)**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. **Da expectativa fremente à decepção amarga: o Brasil e a Copa do Mundo de 1950**. Revista de História, nº 163. São Paulo, 2010.

GILARDI, Juan José Torres. **1950: o olhar da imprensa**. Revista Contemporânea, nº10, 2008.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In.: **Mitos, Emblemas e Sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOMES, Angela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1988.

GOMES, Angela M. de Castro. (et al.) **O Brasil republicano: sociedade e política (1930-1964)** – In.: **História Geral da Civilização Brasileira**, tomo III, v. 3 – 3ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

GUIBERNAU, Montserrat. **Nacionalismos: o estado nacional e o nacionalismo no século XX**. Tradução: Mauro Gama; Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Guarareia Lopes Louro. – 11 ed. – Rio de Janeiro, DP&A, 2006.

HAUSSEN, Doris F. **Rádio e Política**. Tempos de Vargas e Perón. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

HEIZER, Teixeira. **O jogo bruto das Copas do Mundo**. Rio de Janeiro: Mauad, 1997.

HOBBSAWN, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780: Programa, mito e realidade**. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

_____. **Sobre História**; tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HOBBSAWN, Eric.; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LAURENZA, Ana Maria de A. **Batalhas em letra de forma: Chatô, Wainer e Lacerda**. In.: LUCA, Tânia R. de.; MARTINS, Ana L. (orgs.) **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2018, p.179-206.

LUCA, Tânia R. de. (org.); MARTINS, Ana L. (org.) **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2018

MORAES NETO, Geneton. **Dossiê 50**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

NEGREIROS, Plínio J. L. **A Nação entra em campo: o futebol nos anos 30 e 40**. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História da PUC. São Paulo, 1998.

NETO, Lira. **Getúlio: dos anos de formação à conquista do poder (1882-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **Getúlio: do governo provisório à ditadura do Estado Novo (1930-1945)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. **Getúlio: da volta da consagração popular ao suicídio.** (1945-1954). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

PERDIGÃO, Paulo. **Anatomia de uma derrota.** São Paulo: L&PM Editores Ltda, 1986.

PIERUCCI, Antonio F. de O. (et al.) **O Brasil republicano: economia e cultura (1930-1964)** – In.: **História Geral da Civilização Brasileira**, tomo III, v. 3 – 3ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

RODRIGUES, Nelson. **A pátria de chuteiras.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

SODRÉ, Nelson W. **História da Imprensa no Brasil.** São Paulo: Mauad Editora, 1999.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio a Castelo.** 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **Uma História do Brasil.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor: a americanização no Brasil na época da Segunda Guerra.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.